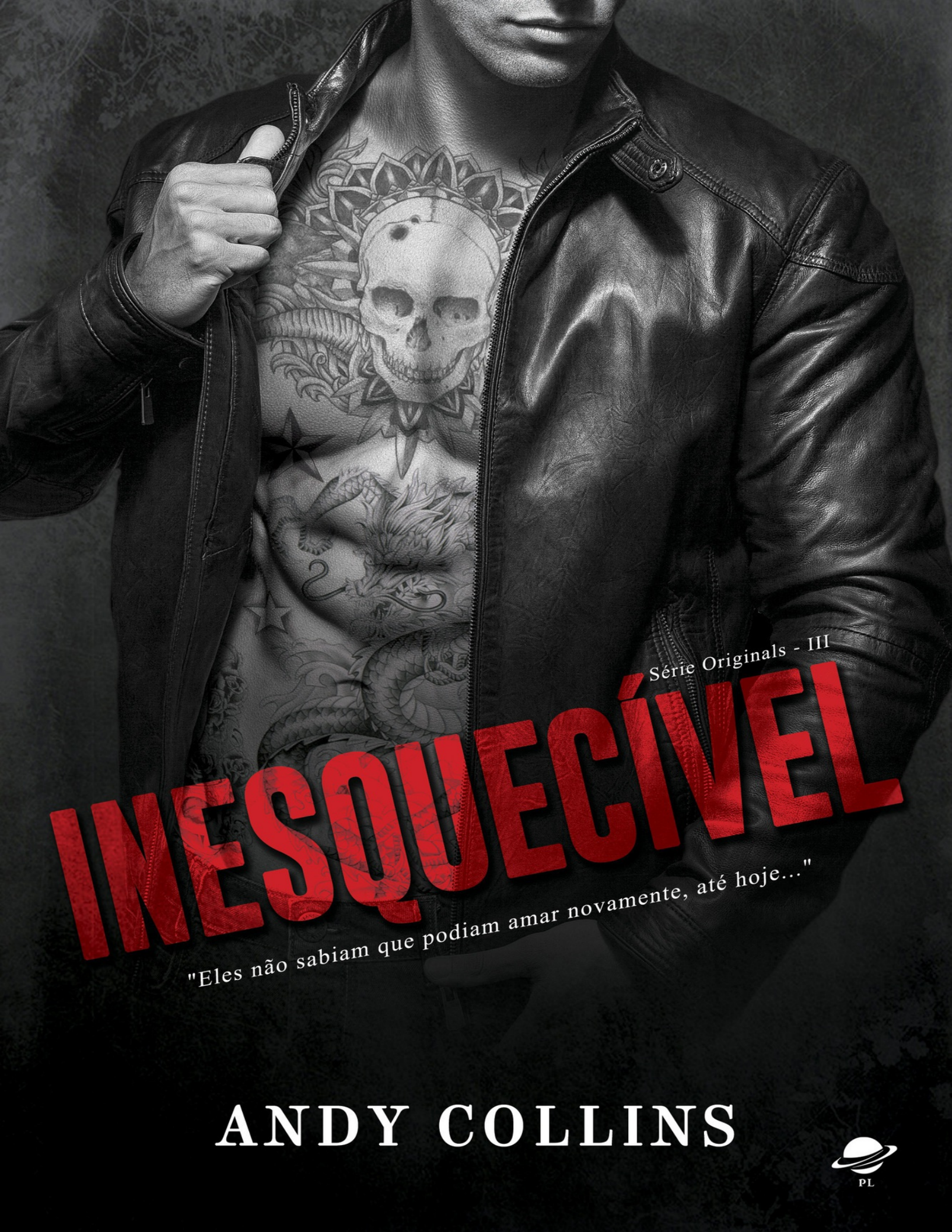




Série Originals - III

INESQUECÍVEL

"Eles não sabiam que podiam amar novamente, até hoje..."

ANDY COLLINS





Série Originals - III

INESQUECÍVEL

"Eles não sabiam que podiam amar novamente, até hoje..."

ANDY COLLINS



Copyright © 2018 Editora PL
Copyright © 2018 Andy Collins

Diretor editorial: Editora PL

Capa: Dri K.K.

Revisão e Preparação de Texto: Samantha Silveira

Diagramação Digital: Carla Santos

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial da obra sem a permissão da editora.

SUMÁRIO



[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Nota da autora](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

[Agradecimentos](#)

[Playlist](#)

[Biografia](#)

[Obras](#)

[Saiba mais sobre a Editora PL](#)

NOTA DA AUTORA



Desde o início, quando decidi escrever essa série, todos tinham seus caminhos traçados; com alguns pontos alterados ao longo do caminho. Mas a base, a essência nunca mudou.

Inesquecível não é um livro homo, hétero ou de poliamor, não escrevi para levantar uma causa ou algo do tipo. Essa série fala sobre diferenças, superação, preconceito, família e – acima de tudo – de amor, em todas as suas formas. Amor entre duas pessoas, entre seres humanos que colocam seus sentimentos acima de tudo. Então, quando começarem a leitura, eu só peço que tenham paciência, e que estejam de coração e mentes abertas para todas as emoções que estou tentando transmitir.

Tenha uma ótima leitura.
Andy Collins

Devemos nos preocupar mais com o que pensamos
de nós mesmos ou com o que queremos,
e não com que os outros querem.
Às vezes precisamos nos lembrar disso.
Mi Feliciano – Pick a Book

PRÓLOGO



*“It won't go away
These aching memories still dance around me
Spilling over everything with beauty
I see your face in everything before me
Your voice is haunting me”
Don't Leave me Behind – We Are The Fallen*

Não acredite em nada do que dizem sobre ter seu coração partido, que entendem, que sabem o que você está sentindo.

ELES

NÃO

SABEM

PORRA

NENHUMA.

Meus amigos não sabem como é ter o coração arrancado do peito, com tanta força que te deixa incapaz. Respirar dói, andar, falar, porra... Até me alimentar dói. E é apenas um coração, certo? Errado.

É mais que isso, é algo que não conseguia explicar até descobrir que não posso viver sem. Infeliz ditado aquele que diz: as pessoas só dão valor depois que perdem.

Odeio ditados, porque sempre dão um jeito bizarro de se encaixarem na minha vida.

Volto a pegar a garrafa de uísque – que já está quase vazia – mas que até agora não foi de muita serventia. Porque ainda dói a ponto de me fazer querer fechar os olhos, aqui mesmo, e nunca mais abri-los.

Uma bela ironia se levarmos em conta onde estou.

Sentado ao lado do portão de um cemitério, sem ter coragem suficiente para entrar. Algumas pessoas passam, mas me ignoram. Sou apenas um bêbado sentado na porta do cemitério com uma garrafa na mão, uma garrafa

que custa metade do salário de muitos deles. Mas, e daí? Ninguém nem me olha duas vezes mesmo.

— Feliz aniversário... de morte. — Ergo a garrafa e a bato no portão, fazendo um brinde. Um brinde com um maldito cemitério.

Hoje faz seis meses que meu coração foi arrancado, e eu simplesmente não sei mais como continuar vivendo. *Irônico, não?*

— Que tipo de idiota comemora aniversário de morte? — grito para o cemitério, sendo covarde demais para entrar. Covarde demais para ver o nome dele gravado naquela merda de lápide.

Olho para o anel no meu dedo, tenho uma vontade insana de jogá-lo dentro desse lugar. Para que fique enterrado junto com tudo o que ele significa. Aqui é o local onde se enterram os mortos, não é? Esse anel não passa disso, um lembrete do que perdi, a constante recordação do que eu podia ter.

— Eu te odeio! — grito novamente — Eu já disse isso hoje? — Levanto, agarrando as grades. Vejo o porteiro se aproximar, mas ignoro. Já sou um frequentador assíduo desse portão, e desconfio que os caras o estejam pagando ele para me deixar em paz.

— EU ODEIO VOCÊ! — Mais gritos. — Eu te odeio por ter me deixado!

Caio de joelhos, ainda segurando nas grades, as últimas palavras saem como um sussurro, que misturado as lágrimas se transformam em gritos desesperados, e antes que eu perceba, alguém está estendendo a mão para me ajudar a levantar.

— Já chega por hoje. — Passo uma mão no rosto e com a outra, seguro a mão estendida. Micah é quem me ajuda a levantar. — Hora de ir para casa — diz ele, mas meu único pensamento é: que casa?

Eu me inclino para pegar a garrafa e quase caio. *Agora que essa merda começa a fazer efeito?*

— Deixa eu pegar isso — é Gael quem está falando, ele pega a garrafa da minha mão, mas tem certa dificuldade para conseguir tirá-la de mim, já que eu a aperto com força contra o peito.

Deixo escapar um sorriso irônico quando olho para eles, não passa despercebido o fato que de estamos todos juntos novamente. A turma toda reunida. *Que maravilha...* É tudo que eu precisava agora. Fico tentado a bater palmas.

— Não, eu preciso dela. — Não sei se ele entende o que eu falo, as palavras mal conseguem sair da minha boca.

— Não, você não precisa. — Ele é enfático.

— Você não sabe o que eu preciso. — Aponto o dedo na direção do rosto dele e dou um passo à frente, Micah me segura para que eu não caia.

— Eu sei, porque nós também estamos precisando disso. Mas, mais importante ainda, estamos precisando uns dos outros.

Eu só encaro os dois, meus amigos. Meus irmãos. Estão aqui, vieram por mim. Entrego a garrafa para Gael, mas antes de sair, eu me viro e olho mais uma vez para o cemitério e grito:

— EU ODEIO VOCÊ!

Volto a olhar para os meus amigos, e com a cabeça baixa eu os sigo, mas não sem antes sussurrar para o vazio: eu amo você.

CAPÍTULO 1

JOSH

*“Come to me
Can't you see
You're all I ever wanted
Now it's true
I need you
Every day
Every night”*

Come to me – Sebastian Ekstrand

Já se passaram oito meses desde que ele se foi e tudo o que sinto é apenas dor. A dor da culpa, do arrependimento, de saber que perdi a única pessoa que – verdadeiramente – importava para mim.

Braden me amou por inteiro, mas eu só retribuí com insegurança. Esse sou eu, um moleque. Exatamente como os caras costumam dizer, acho que no fundo estavam certos.

Se essa dor vai passar, não faço a menor ideia. A única certeza nisso tudo é que eu nunca mais vou tê-lo de volta, e isso acaba comigo – pouco a pouco.

Todo santo dia.

A cada maldita hora.

Abro os olhos tentando focar no rosto bem na minha frente, ele parece cansado dessa merda tanto quanto eu.

— Para onde a sua mente foi? — pergunta sem tirar os olhos de mim.

— Para o mesmo lugar de sempre. — Dou de ombros.

— Preciso que seja mais específico, seus pensamentos ultimamente andam por muitos lugares.

— Na noite, na merda daquela noite. — Levo as mãos ao cabelo e seguro com força. — Eu consigo ouvir tudo, a voz dos médicos, a conversa. Cada maldita palavra que foi dita naquele dia está aqui. — Bato na minha cabeça. — Tudo, e parece que não quer sair.

— Do que mais você se lembra?

— De tudo.

— Passou meses desde que tudo aconteceu. Nunca mencionou essas lembranças, não em detalhes, mas quero que faça isso agora.

— Você não é o psicólogo legal? Aquele que fica ouvindo música enquanto fuma? — reclamo, irritado.

— Ah, nós vamos chegar lá! Mas primeiro, preciso saber para onde a sua mente vai quando tem esses apagões.

Dr. Hunt não cede, sua expressão determinada me dá arrepios e sem pensar muito começo a falar.



— *Nunca me senti tão cansado. — Alongo o corpo na cama, seus olhos me encaram ainda cheios de desejo. — Você não está pensando em sexo, está?*

— *Por que não? — E se aproxima.*

— *Oh, cara, eu gosto disso... Gosto muito disso. — Seus olhos brilham quando notam a minha excitação.*

— *Está preparado para o que tenho para você? — Ele se posiciona, pairando em cima de mim. E merda, está tão duro quanto eu. O ônibus balança um pouco e Braden solta um palavrão.*

— *Odeio esse ônibus. — Não posso discordar.*

— *Esqueça a droga do ônibus, me mostre o que você tem. — Meu quadril se eleva e ele sorri.*

— *Ah, eu tenho muitas coisas para você. — Beija meu pescoço. — Mas antes, preciso saber de uma coisa.*

— *Do quê? — pergunto curioso feito uma criança, e excitado como um adolescente.*

— *Casa comigo? — Paro de me mexer. Ele me encara com tanta intensidade, tanta expectativa, e porra... medo, é medo o que eu vejo nos olhos dele?*

— *Eu...*

O ônibus balança mais uma vez, porém, não é suave como antes, o barulho que vem em seguida é ensurdecedor. Nossos corpos são separados

pelo impacto e eu não entendo nada.

Sou lançado várias vezes de um lado para o outro. Levo uma forte pancada na cabeça e antes de ser consumido pela escuridão, ouço meu nome.

Não faço ideia de quanto tempo passa até que consigo abrir os olhos, está quente, e meu corpo inteiro dói. Viro o rosto tentando entender o que está acontecendo. Então, eu vejo.

O ônibus, tombado. Pegando fogo.

Olho ao redor atordoado, as chamas estão longe, mas perto o bastante para sentir um calor infernal. Ouço alguns gemidos e tento me levantar.

— Porra! — grito de dor.

— Josh? — Ouço alguém gritar meu nome, mas não consigo identificar a voz. Parece ser o Micah, porém não tenho certeza. Nossa como a minha cabeça dói.

— Puta merda! — A voz dele está mais próxima e agora consigo vê-lo, Micah está abaixado na minha frente, o rosto coberto de fuligem e rastros de sangue. — Consegue se mexer? — pergunta ele ao mesmo tempo em que ouvimos outro gemido.

— Braden? — Micah olha na direção de onde veio o som e vai até lá.

— Merda, cara! PORRA! PORRA! — Ouço sua voz falhar, tento me levantar, mas a dor me impede, minha perna esquerda está machucada. Então, eu me arrasto até onde Micah está. E quando consigo enxergar o que ele está vendo, meu coração para.

Meu corpo já não sente mais nada porque eu me levanto e manco depressa para me aproximar, e desabo assim que chego ao lado dele.

Oh, Braden...

Ele está com uma barra de ferro enfiada no estômago.

— Vou pedir ajuda — consigo falar — Vai ficar tudo bem. — Coloco a mão sobre a dele e sinto ele apertar.

— Acho que as coisas estão bem feias por aqui — murmura, mas não soa como fosse a voz dele.

— Será só mais uma cicatriz, e vai ficar bem sexy. — Tento brincar para tranquilizá-lo, mas ele tosse, cuspiendo sangue. Braden aperta minha mão novamente.

— Eu te amei a cada segundo, cada momento — Ele tosse de novo. — ... cada briga. — Vejo seu peito subindo ao tentar respirar e ele solta um gemido excruciante de dor.

— Não, porra!!! Para com essa merda de despedida!!!

— Puta que pariu!! Alguém ajuda aqui! — Micah grita quando ouve a ambulância, ainda não vimos onde está o Gael, ou se está bem, mas eu simplesmente não posso sair daqui.

— Nós temos um filho lindo — Braden diz sobre AJ. — Obrigado. — Ele fecha os olhos.

— Não! NÃO, PORRA! Você não vai me deixar — grito.

Não, não, não, não!!!

— Bolso — sussurra ele, tosse mais uma vez e abre os olhos. — Tem uma coisa no meu bolso, pega.

Alcanço seu bolso e retiro uma caixa. Abro e encaro os dois anéis de platina. Assustado, segurando os anéis, levanto o olhar para o seu. Os cantos de sua boca se curvam, é o sorriso mais lindo e mais triste que já vi em toda a minha vida.

Não, Braden... por favor, não me deixa! Eu te amo! Sim, eu vou me casar com você...

Porém, não tenho chance de dizer nada disso porque Braden fecha os olhos de novo, pela última vez.



— Você apagou. — Dr. Hunt me traz de volta ao presente.

— Não, eu só estava me lembrando.

— Você não falou tudo em voz alta. Ele te pediu em casamento e depois você apagou por causa do acidente, foi isso?

— É.

— Quais são as outras memórias, depois desse momento. Do que você se lembra?

— Eu me vejo sentado no cemitério, segurando os nossos anéis.

— Isso é real ou algo criado pela sua cabeça?

— E o que isso importa?

— Preciso saber se está enchendo a cara e depois indo vagar em um cemitério sozinho.

— Pra quê? Pra você poder contar a todos? — Minhas mãos apertam a cadeira com força. Não faz muito tempo que saí da porta do cemitério sendo

carregado por Micah e Gael, era aniversário de seis meses de morte do Braden, e como sempre, eu estava lá.

— Só assim eu posso tentar te ajudar.

— Você está me ajudando.

— Está fazendo terapia há algum tempo e não fez qualquer progresso. Me diga, você chega perto da lápide pelo menos?

— Não. — *Por que fui concordar em fazer essa porcaria de terapia?*

— Pode me explicar por que não?

— Não quero ler o que está escrito nela.

— E por que não quer ler? — Porra, ele está me pressionando.

— EU. NÃO. QUERO. LER. O. NOME. DELE. ENTENDEU?! — Praticamente cuspo as palavras. — Não quero olhar naquela maldita pedra e ver o nome do Braden escrito nela!!!

Grito as últimas palavras e levanto. Eu preciso de ar, preciso sair dessa porcaria de sala.

Merda, eu preciso *dele*.

Deixo o consultório porque esse lugar, o hospital, é muito para mim agora. Estou me sentindo sufocado.

Saio pelo corredor e sigo em direção ao elevador. De uns tempos para cá, parece que esse hospital tem se tornado a nossa segunda casa. Gael e Hanna ainda fazem terapia com Dr. Hunt, Micah e Callie fazem acompanhamento com a Blue, e agora eu.

Tudo uma grande merda do caralho, se me permite dizer.

Aperto o botão do elevador e conforme aguardo, noto algumas pessoas passando, os enfermeiros já me conhecem, então me evitam. Não sou aquela pessoa amigável de antes, não suporto mais conversa fiada. Sem contar a minha aparência. Meus cabelos estão compridos, porém presos com um elástico que peguei da Blue, e ao menos fiz a barba. Callie fez o serviço, ela me ameaçou com a lâmina se não a deixasse me barbear. E posso estar completamente fodido, mas aquela Garota Malvada me dá arrepios.

Pego o isqueiro do bolso e começo a abrir e fechar, o barulho me ajuda a relaxar enquanto o elevador não chega.

— Desculpe senhor, mas é proibido fumar aqui. — Uma voz me assusta. Olho na direção da voz. Uma enfermeira com um rosto familiar, mas não consigo lembrar quem é.

— E por um acaso está vendo algum cigarro aceso? — pergunto de forma grosseira e guardo o isqueiro no bolso.

— Você é o Josh, não é? — Ela me olha um pouco confusa. Tudo bem, além do cabelo longo, eu posso ter perdido alguns quilos também.

— Sim.

— Meu nome é Jannet, eu sou a enfermeira que cuida da Blue. — Minha vontade é de dizer que não tenho nada a ver com isso, mas ela está com a mão estendida e a porcaria do elevador não chega logo.

— Não reconheci você. — Cumprimento a mão dela.

— Não tem problema. — Ela é educada demais.

— Essa não é a sua ala, é? — Pareço um pouco intrometido, mas que porra! Essa mulher vai ficar plantada feito uma estátua ao meu lado?

— Bem, na verdade, estou aguardando a minha irmã. Ela tem uma consulta aqui e está subindo.

— Ah, legal. — Dou de ombros, e ela apenas sorri.

Quando eu acho que ela vai tentar falar mais alguma coisa, o elevador abre. *Até que enfim*, penso e solto um suspiro de alívio, aguardando as pessoas saírem.

— Com licença — digo para a enfermeira e entro no elevador, sem paciência para esperar que todos terminem de sair. Pego o isqueiro novamente e quando olho para frente, vejo ela abraçada a uma mulher. E pelo som das risadas, parecem bem felizes.

Suas risadas me incomodam, toda aquela lembrança do acidente está muito fresca, e eu só quero sair desse lugar. Mas, estranhamente, o som dos risos permanece na minha cabeça mesmo depois que as portas se fecham e enquanto estou descendo até o estacionamento.

Meu celular toca assim que dou partida. Penso em ignorar, mas sei que seria bem pior porque Gael é um pé no saco quando quer.

— Fala. — Meu tom sai um pouco mais rude do que eu gostaria.

— Já saiu do hospital? — Que pergunta mais idiota. Nós dois sabemos que ele sabe que já sai. Estão me mantendo sob vigilância constante desde a cena no cemitério.

— Já, estou no carro.

— Certo, então vem direto pra cá. Estamos te esperando, precisamos conversar.

Precisamos conversar? Ele parece o meu pai.

— Olha, Gael, não estou a fim de fazer essa coisa de melhores amigos hoje, tá legal? Eu só quero ir para casa.

— Aqui é a sua casa, sabe disso.

— Você quer dizer, a casa do Micah. — Solto uma respiração frustrada.
— Eu nem sequer tenho uma casa.

— Está falando besteira, Josh. Isso nunca foi problema para você e o Braden ficarem aqui. — Ouvir o nome dele me faz fechar os olhos por um segundo.

— Mas ele não está mais aí, Gael. Qual é o sentido disso tudo agora?

— A casa é sua, não vou discutir a esse respeito. Venha até aqui, conversaremos, e então, você decide se quer passar à noite ou não.

— Como se eu tivesse alguma opção — resmungo.

— Você tem o seu apartamento, se estiver preparado para voltar lá, não vamos te impedir.

— Estou indo, tá bom? Mas não vou ter qualquer tipo de conversa sem uma garrafa cheia de álcool por perto. — Meu apartamento é o último local que eu gostaria de ir agora, eu não voltei lá desde o acidente, se não estou na casa do Micah ou do Gael, eu estou em algum quarto de hotel.

— Você bebeu e está dirigindo, Josh?

— Tecnicamente, ainda estou parado no estacionamento do hospital. E não, papai, eu não bebi. — *Ainda*.

— Estamos esperando por você.

Gael desliga e eu olho para frente. Através do reflexo da minha mão segurando o volante vejo o anel de platina zombando da minha situação.

Um lembrete do que eu tive.

Uma punição por não ter dado o devido valor.

Engato a marcha e saio, indo direto para o apartamento do Gael. Não faço a menor ideia do que eles querem conversar, mas pelo tom, deve ser algo importante.

Merda, não tenho cabeça para nenhuma conversa importante agora, talvez nunca mais tenha. Eu só quero beber, deitar na cama e – quem sabe – levantar amanhã.

Estaciono o carro na minha vaga, em seguida, vejo outro carro estacionar um pouco mais afastado. Não preciso nem olhar para saber quem é. São os seguranças que me seguem sempre que eu saio.

Micah e Gael acharam prudente colocar dois brutamontes na minha cola desde o dia daquela briga que me envolvi em um bar. Na verdade, só estava respondendo à altura. De todas as besteiras que meu pai me ensinou quando era criança, pelo menos uma serviu para alguma coisa.

Nunca leve desaforo para casa.

E bem, aquele dia não ia ser o primeiro. Não importa com quantos hematomas eu fiquei. Pelo menos, os outros caras estavam piores, acho. Porra, estava muito chapado para me lembrar de qualquer coisa.

Mas sei que se eu bati, foi porque tinha motivos.

Subo para o apartamento e ao entrar, me deparo com três rostos sérios. Gael, Micah e Troy parecem concentrados em um monte de papelada. As garotas não estão por perto.

— Josh, senta aqui — Micah diz, apontando para um lugar vazio no sofá.

— Primeiro, eu preciso de uma bebida. — E saio na direção da cozinha. Ninguém me impede, eles sabem que realmente preciso disso nesse momento. Pego uma garrafa de Jack Daniels no armário, abro e tomo um merecido gole.

Bem, agora eles podem despejar qualquer merda em cima de mim.

— O que tá pegando? — Sento no lugar que Micah indicou e olho na mesa de centro, uma pilha de papéis está toda esparramada sobre ela.

— Troy quer conversar com a gente a respeito do que pretendemos fazer daqui pra frente.

— Como assim? — pergunto confuso.

— A banda, Josh — responde Gael. — Tudo isso aqui — e aponta para a pilha de papel. — São ofertas referentes a banda.

Eu solto uma gargalhada. Isso só pode ser uma piada. Será que esse bando de sanguessugas não percebe que a banda não existe mais?

— Vocês sabem a minha opinião. — Tomo mais um longo gole.

— É muito dinheiro — comenta Troy e meu sangue ferve.

— Por acaso estamos falidos? — Olho para Micah e Gael, eles não dizem nada. — Não precisamos de dinheiro, não existe mais banda.

— Josh, você precisa ao menos pensar sobre isso. — Gael tenta ponderar.

— Não tem o que pensar. — Levanto. — A banda morreu, ela está enterrada na droga do cemitério faz oito meses! — grito as últimas palavras. — Se fosse a Hanna, você ia querer cantar, Gael? — Ele apenas balança a cabeça. — E se fosse a Callie? Hein, Micah? Ou a Blue naquele dia da cirurgia?

— Já chega, seu moleque! — Micah levanta e segura minha camisa me erguendo com tudo do sofá, fazendo a garrafa cair. — O que você quer dizer com isso? Que Braden não era importante pra mim? Pra todos aqui? Eu amava aquele filho da mãe! E sempre vou amar! Mas, caralho, Josh!!! — E me dá um chacoalhão. — Você acha que era isso que ele ia querer?! Hein?!

Que nós desistíssemos de tudo?? Responde, porra!!! — grita antes de me jogar de volta no sofá.

— Vocês são uns babacas. Todos vocês! — Aponto para os três. — Eu perdi o Braden! Eu perdi TUDO! Essa banda foi o sonho dele, sem ele... — Respiro fundo tentando engolir o nó na garganta. — Mas se quiserem continuar com essa merda, vão em frente! Eu estou fora!!!

Pego a garrafa do sofá e vou para o meu quarto. Eles resmungam alguns palavrões, mas eu não me importo. Porra, como vou conseguir subir em um palco sem ele? Olho a tatuagem de âncora que tenho no meu pulso, deito na cama e as lembranças daquele dia em que a fizemos me assaltam.



— *Você fez mesmo isso? — Olho para a pequena âncora tatuada no dedo anelar.*

— *Cara, você está sorrindo como se eu tivesse gravado o seu nome no meu pau. — Braden sorri.*

— *Bem, ninguém fez nada parecido por mim, então, estou meio que me sentindo, sabe... É como se meu nome estivesse realmente gravado no seu pau. — Olho para ela mais uma vez. — Por que uma âncora?*

— *Porque eu sei que se um dia eu estiver à deriva, você vai me manter no lugar. — Ele segura minha nuca com uma das mãos, e me puxa até nossas testas encostarem. — Eu te amo, cara. Então não fode esse momento com essas piadas ridículas. — Ele sorri.*

— *Não ia fazer piada, mas estou falando a verdade, Braden. — Olho em seus olhos — Nunca ninguém fez nada assim por mim.*

— *Não achei que você fosse se importar tanto, meu corpo é quase todo coberto de tatuagens.*

— *É, mas essa é diferente. — Engulo em seco. — Agora me leva nessa porra de estúdio que eu vou fazer uma também. — Ele sorri.*

— *Não precisa fazer isso.*

— *Você disse que se um dia estiver à deriva, eu vou manter você no lugar. — Eu me afasto um pouco. — Estou sempre à deriva, Braden. A minha âncora vai ser uma forma de saber que só ficarei perdido se eu quiser.*

— *Podia transar com você agora, mas acho que quer muito ir fazer essa*

tatuagem, não é? — Ele sorri.

— Acho que o estúdio pode esperar um pouco, nós dois com tesão, não.

Eu o beijo, forte, intenso. Sempre que a minha boca toca na dele, eu sinto como se fosse o nosso primeiro beijo, e eu sempre quero mais.



Uma batida na porta me acorda. Passo a mão no rosto e percebo que está molhado. Porra, chorei de novo enquanto dormia.

A garrafa está pela metade largada ao meu lado na cama, acho que é a única companhia que tenho levado para a cama desde o acidente.

Aperto a ponta do nariz, levanto e vou abrir a porta.

— Garota Malvada. — Cruzo os braços e encosto no batente.

— Dodô?! — Uma voz meiga me chama e eu olho para baixo. Droga, a Blue está aqui.

— Isso é golpe baixo — murmuro para Callie.

— Você não pode fugir dela para sempre, Josh. Nem dela, nem do AJ. — Sinto o sangue drenar do meu rosto.

— Ele está aqui? — pergunto assustado, olhando em volta. Eu sei que meus amigos poderiam fazer muitas coisas ruim para mim, mas isso não.

Desde o acidente, eu me afastei de várias pessoas. O nosso filho foi uma delas, e eu simplesmente não estou preparado para encarar ele ainda. Eu o vejo aparecendo em algumas capas de revistas, fotos tiradas por *paparazzi* quando Mag sai com ele.

O filho de Braden Sanders é o título das manchetes. E, porra, não tem como negar. AJ se parece tanto com Braden que dói olhar. Por isso não consigo me aproximar dele, porque sei que vou vê-lo no nosso filho. O filho que ele nem mesmo teve a chance de curtir.

— Não, Josh. AJ não veio, mas você sabe que isso não será para sempre.

— Callie me olha com compaixão. — Viemos chamar você pra jantar.

— Dodô quer colo! — Blue estica os braços e sorri.

— Ei, princesa. — Eu me agacho para ficar no mesmo nível de seus olhos.

— Pega ela no colo, Josh, não vai doer. — Callie me encoraja, porém deveria me detestar por hesitar em pegar sua filha. Mas, caramba, eu me sinto tão tóxico. Um bêbado, viciado que não devia ficar perto de ninguém, muito

menos de uma criança.

— Dodôôôôôôôô! — Blue se aproxima e me abraça.

Merda! Fecho os olhos por um momento. Consigo fazer isso, não consigo? É só a Blue, e eu sou o tio dela, o Dodô.

— Vamos lá, princesa, tem comida nos esperando. — Eu levanto com ela nos braços, e logo a entrego para Callie.

Ela me olha triste, mas não questiona. Blue parece se contentar com esse pequeno momento e também não reclama.

— Eu preciso de um banho — digo como uma desculpa por não ter continuado com a Blue no colo.

— Tudo bem, vamos esperar lá embaixo.

— Tchau, Dodô — diz Blue quando Callie vira antes de descender as escadas.

Respiro fundo, fecho a porta e vou até o banheiro. Esfrego um pouco a âncora no pulso me sentindo estranho. É tão esquisito eu me sentir perdido no meio dos meus amigos. Cacete, nós praticamente crescemos e passamos a maior parte do tempo juntos, tivemos uma banda.

E ainda assim, sem o Braden aqui, estou completamente à deriva outra vez. Só que agora, eu não tenho onde me fixar.

Minha âncora se foi, meu porto seguro. O cara que era a única razão por me manter são.

Preciso de um cigarro.

Preciso de uma bebida.

Mas eu largaria essa merda toda, se ele só estivesse sentado na cama me esperando para irmos jantar quando eu saísse do banho.

CAPÍTULO 2

JOSH

*“My world was broken in two
I’d pray that you were here
To hold my heart
I’d hide myself in our bed
And cry myself numb”
Miss You – W.A.S.P*

Desço para jantar e encontro todos sentados, vou até o meu lugar de costume, mas não consigo deixar de notar a cadeira vazia ao meu lado. É normal ainda doer tanto só de olhar para uma cadeira vazia?

— Dodô! — Blue bate palmas quando me vê, o que me faz sorrir. Todos me olham apreensivos aguardando pela minha reação. Antes, eu a teria pego e colocado ao meu lado, dividindo a minha comida com ela apenas para irritar a Callie.

Mas agora, a única reação que tenho é um sorriso forçado.

Todos notam, mas não falam nada. Eu não quero que falem, já estou cansado de sermões sobre seguir em frente, sobre agradecer por estar vivo.

Mas eu não estou vivo, caralho!

Perdi uma parte de mim... A *melhor* parte de mim, e isso dói. Mais do que esperava, porém, menos do que mereço.

— Você vai passar à noite aqui? — pergunta Hanna. Seu tom é gentil, ela é sempre paciente comigo.

— Não sei. — Coloco um pouco de comida na boca, sem prestar atenção no que é.

— Sinto falta de acordar com o cheiro das suas panquecas. — Hanna sorri.

— Eu também sinto — confesso. — Acho que posso ver sobre isso. — Dou de ombros e Hanna sorri, concordando.

O resto do jantar se resume a Callie tentando fazer Blue comer tudo, Gael

e Micah conversando e Hanna me encarando.

O tempo todo.

— Tudo bem aí, Garota do Tempo? — sussurro apenas para que ela ouça.

— Estava te encarando, né? — Ela parece envergonhada.

— Muito — não minto. — Quer me perguntar alguma coisa? — Ela suspira.

— Nada de mais, só que... — Ela espera um momento. — Pode dormir aqui hoje? Por favor? — Seu tom é de preocupação.

— Não está tramando nada, está? — pergunto desconfiado.

Às vezes, eles tentam armar para mim, fazer com que eu fique para encontrar casualmente com Mag e AJ. Foi difícil convencê-los de que isso me machucava. Mas, enfim, eles respeitaram minha posição e não forçaram mais a barra.

— Podemos conversar lá em cima? — pergunta ela. Concordo e levanto da mesa. Meu prato está praticamente intocado.

— Daqui a pouco eu volto. — Ela se despede de Gael e me acompanha.

Subimos em silêncio até o quarto dela. Hanna senta na borda da cama e me chama para que me sente ao seu lado. Ela está com a expressão de quem vai me passar um sermão.

Me acomodo ao seu lado e ela pega a minha mão. Um gesto de carinho que me deixa um pouco desconcertado.

— Sei que já deve estar cansado de ouvir o que vou te perguntar, mas vou tentar fazer isso de um jeito diferente, tudo bem? — Faço que sim com a cabeça. — Se pudesse fazer uma pergunta para o Braden agora, qual seria?

Penso na sua pergunta e em tudo que ela significa.

— Perguntaria se ele está bem. — Engulo em seco.

— Não sou muito de acreditar em outras vidas, ou no paraíso e no inferno. Mas tem uma coisa que eu acredito, Josh — Ela olha nos meus olhos. — Tenho certeza de que ele ia querer saber a mesma coisa. E se existe vida após a morte, aposto que ele não está feliz de te ver assim.

— É só que... — Não consigo falar.

— Eu sei o que é crescer sendo esquecida pelos pais. — Ela aperta mais um pouco a minha mão. — Sei o que é ser diferente daquilo que se espera. E eu sei o que é ter um porto seguro. Gael é isso para mim.

— Mas você não sabe o que é perder esse porto. Estou tão perdido, Hanna. E tão cansado de tudo — confesso. — Não sei mais como agir.... Não sei mais onde é o meu lugar, entende?

— Eu entendo, Josh, mas também sei que você tem as melhores pessoas ao seu redor. Gael me contou sobre a proposta da Banda.

— Não existe mais banda — afirmo, rispidamente.

— Eu sei, todos nós sabemos. Mas também sabemos que você ama tocar. — Ela respira fundo. — Você se lembra do que disse para o Gael quando ele sofreu aquele acidente? — Balanço a cabeça. É claro que lembro, fui um escroto com todos naquela época. — Você não queria voltar pelo dinheiro, mas pela sensação de tocar, não é?

— Sim.

— Não estou dizendo para a banda voltar, mas tente, Josh... Tente tocar novamente, se você conseguir, já será o primeiro passo.

— Sou um desastre, Hanna.

— Mas é o nosso desastre. — Ela sorri. — Ninguém está esperando nada de você, mas todos nós estamos devastados em te ver desse jeito. Entende o que quero dizer?

— Não sei o que fazer.

— Seja simplesmente você, Josh... Só você. — Ela beija o meu rosto. — E estamos aqui, sempre que precisar. Todos nós.

— Obrigado.

— Ainda quero as minhas panquecas — brinca ela.

— Só se me deixar dormir aqui. — Pisco e Hanna sorri.

— É disso que estou falando!!! — exclama, referindo-se a minha brincadeira, depois beija o meu rosto mais uma vez e nos levantamos.

Quando descemos, Micah já tinha ido embora com a Blue e Callie, e Gael está sentado olhando alguns papéis. Eu me sento ao seu lado e observo os rabiscos.

— Músicas? — pergunto distraidamente.

— Algumas letras — Ele dá de ombros.

— Suas ou do Playboy? — Ele tira os olhos do papel e me encara. Não diz nada, mas eu entendo.

Pego uma das folhas, e meus dedos tremem quando começo a ler.

Minha metade desgastada

A sombra que se move comigo

Um coração confuso, com certezas incertas

Um vazio cheio de pessoas

Mas nenhuma delas era você

Minha metade desgastada

*Meu paraíso particular
Um olhar e eu soube
Não haveria mais ninguém
O espaço se fechou
Haviam rachaduras que talvez nunca se fechassem
Minha metade desgastada estava rachada
E ainda que eu me sentisse completo
Sabia que jamais seria suficiente
Minha metade desgastada, nunca poderia ficar completa*

Fico olhando o papel na minha mão. Tentando compreender quando ele escreveu isso. Essa música é sobre a gente? Porra, não estou conseguindo respirar.

Saio da sala em disparada e vou direto para o quarto, nem percebo que o papel cai da minha mão. Sinto a cabeça girar, parece que meu corpo está sendo dilacerado por dentro.

Eu vou vomitar.

Corro para o banheiro e despejo o pouco de comida que consegui engolir durante o jantar. Em seguida, vasculho o armário em busca de algo que ajude a aliviar tudo que estou sentindo.

Quero esquecer que li aquela música.

Esquecer que ela me machucou.

Quero esquecer dele.

Porra, Braden, eu te odeio.

Acho um pacote escondido atrás de um frasco de loção pós-barba. Prendo o cabelo com um elástico, e derramo o conteúdo branco na bancada. Procuro algo para me ajudar, não encontro nada. Enfio as mãos no bolso da calça jeans e pego uma nota de vinte dólares.

Enrolo ainda com as mãos trêmulas, as fileiras também não ficam perfeitamente alinhadas, mas não me importo. A última coisa que eu me lembro é de aspirar três carreiras de cocaína e do meu último pensamento antes de cair na cama. O quanto eu sinto a falta dele.

Caralho, Braden, como eu te amo.



O barulho do bip me acordou. O cheiro familiar me deixa tonto, e ao mesmo tempo, em alerta.

Tento abrir a boca, esse mínimo esforço requer muita força. Meu corpo está dolorido, abro os olhos e tento descobrir onde estou. Está tudo borrado e confuso.

— Onde estou? — consigo falar, ou acho que consigo.

— Hospital Central. — Ouço a voz do Gael e pisco algumas vezes até que sou capaz de enxergá-lo. Ele não é o único que eu vejo. Micah também está aqui, e me olham com cara de poucos amigos.

— O que eu fiz? — fecho os olhos novamente, porque sei que seja lá o que aconteceu para eu ter vindo parar aqui, foi resultado de alguma merda que fiz.

— Dessa vez... você quer dizer o que fez *dessa vez* — Gael é quem me responde. Ele arrasta uma cadeira e a coloca bem próximo da cama, e faz isso de forma nem um pouco silenciosa. — Você tem ideia de como ficamos preocupados? De como a Hanna ficou apavorada quando entramos no seu quarto?

Ah, agora eu entendi. Ele não está preocupado comigo, mas com a Hanna. Foda-se.

— Vocês todos podem ir se foder — digo sem pensar, mas me arrependo no momento em que Micah avança na minha direção.

— Vai se foder, você, seu moleque! O que pensou que estava fazendo? — Micah grita.

— Era só um pouco de pó, porra. Por que tanto drama?

— Eu não acredito nisso. — Micah passa a mão pelo cabelo. — No que depender de mim, esse babaca sai daqui direto para uma clínica — afirma para o Gael, que continua me encarando.

Nem pensar.

— Josh, você não está bem. Não acordava, nunca tinha te visto assim antes. Foi horrível, angustiante — desabafa Gael.

— Porque está sendo gentil com ele? Porra, Gael, nós pensamos que ele tinha se matado, merda! — Micah volta a gritar, e quando me olha, vejo que seus olhos estão vermelhos. Também percebo mais em seu olhar, desespero e tristeza. — Você nos assustou, seu idiota! Assustou pra caralho! — Aponta um dedo na minha direção e depois sai do quarto batendo a porta.

— Você precisa sair dessa, Josh. — Gael se aproxima mais, apoiando os braços na cama. — Eu sei quanto o Braden significava para você, mas

acredite em mim, ele significava muito para todos nós. Era como um irmão pra mim, e eu não consigo me ver em cima de um palco sem que ele esteja lá, ao meu lado. Conosco.

— Mas você quer voltar com a banda — resmungo.

— Não vou mentir, eu quero, mas não sei como fazer isso sem você e o Micah juntos. Nós já perdemos o Braden, não queremos perder você também, Josh. Não quero perder mais um irmão.

Gael aperta minha mão, em seguida, sai do quarto. Fecho os olhos e penso nas palavras dos meus amigos. Eu não tentei me matar, não conscientemente, pelo menos. Mas caramba, a ideia era tentadora. Muito tentadora.

Cansado, fecho os olhos. Parece que essa é a palavra do momento na minha vida. Como sinto falta dele e de tudo que sentia quando estávamos juntos. Até mesmo quando beijei Braden pela primeira vez, mesmo sendo o primeiro cara que eu tenha beijado na vida, não foi estranho. Nunca foi desconfortável. E eu não sabia explicar direito o motivo. Ele sempre teve esse efeito, fazia tudo à nossa volta desaparecer.

Queria assumir nossa relação, mas foi o olhar do meu pai que me fez recuar. Quando nossa primeira turnê terminou, cada um voltou para sua casa para um período de férias. Estávamos todos eufóricos, em êxtase com o sucesso da turnê. Dinheiro não era mais problema, nunca foi na verdade, mas depois daquela turnê... caramba, ganhamos mais dinheiro do que qualquer um de nós jamais imaginou que seríamos capazes de conseguir.

Os garotos que tocavam nas festas da escola, agora tocavam nos melhores estádios do país. Era muito, muito foda.

E foi nesse clima que Braden foi comigo para casa. Era só um fim de semana, ele ia embora na segunda pela manhã. Só que dois dias foram suficientes para que o meu pai entendesse tudo que estava acontecendo.



— Não acredito nisso, Josh. Uma banda de rock, não basta? Você não acha que já nos envergonha demais andando por aí, desse jeito, tocando bateria para um bando de drogados. Agora, isso?

— Do que está falando, pai? — Parei de abrir a geladeira para ouvi-lo.

— Esse cara, que está lá em cima.

— “Esse cara” tem nome, pai. Você já o conhece. Sempre conheceu, qual é o problema com o Braden agora?

— O problema é que eu não quero tipos como ele dormindo na minha casa.

— Tipos como ele? — Coloco o copo no balcão com mais força do que o necessário, fazendo a água espirrar. — Explique, por favor.

— Não se faça de desentendido, Joshua! Vi como ele olha pra você. E o pior de tudo, é ver como você olha para ele. — As palavras dele me pegam de surpresa.

— E como eu olho para o seu filho? — A voz do Braden faz meu pai se sobressaltar. — Com amor? É assim que eu olho pra ele? Porque, senhor, se não for isso que vê quando eu olho para o Josh, então, devo estar fazendo errado, porque se existe uma coisa da qual tenho certeza absoluta é de que estou apaixonado por ele.

Vejo a cor sumir do rosto do meu pai. Pouco a pouco. Chega até a ser engraçado, mas todo humor se esvai no momento em que eu olho para a porta e vejo a minha mãe, com a mão na boca. Ela ouviu tudo.

Meu pai desaba na cadeira, e ela vem ao seu socorro. Também me aproximo, mas ele não me deixa tocá-lo, e isso me entristece. Ele nunca foi um pai amoroso, e sempre fui motivo de dor de cabeça, toda vez fazendo o oposto do que ele desejava. Mas agora, sabia que seria demais.



O irônico de me lembrar da primeira vez que o Braden disse que estava apaixonado por mim, é que foi no mesmo dia que meu pai teve seu primeiro princípio de infarto.

Pois é, ele literalmente quase morreu do coração quando soube que o filho era gay, ou bissexual. Mas na mente quadrada do meu pai, ser bissexual era ainda mais bizarro.

Um barulho chama a minha atenção, e vejo que tem uma enfermeira no quarto. Nossa, apaguei mesmo porque nem notei que tinha alguém aqui.

— Desculpe se te acordei, senhor Riley. — Fecho os olhos de novo, eu odeio esse sobrenome. Isso me faz lembrar do meu pai, ele é o senhor Riley, eu sou apenas o Josh.

— Apenas, Josh, por favor.

— Eu sei o seu nome, já nos encontramos algumas vezes aqui. — Abro os olhos e a encaro, pensando bem, sim, acho que já nos vimos antes.

— Jannet, certo? — Ela sorri.

— Sim. Mas trabalho na ala da pediatria, algumas enfermeiras estão fazendo um curso e estou apenas cobrindo para elas.

— E caiu logo comigo? — Tento aliviar o clima.

— Pois é, nenhum trabalho é perfeito, não é mesmo? — Ela sorri e pisca.

— Bom, pelo que vejo aqui, está tudo bem com você. Acha que está bem para se levantar um pouco?

Eu queria dizer que não, que não estou bem e que acreditava que não ficaria. Mas só balancei a cabeça. Jannet me ajudou a levantar e consegui ir ao banheiro. Quando fechei a porta e me olhei no espelho, realmente me assustei com o que vi.

Caramba, eu sou a verdadeira materialização da palavra bagunça humana.

— Consegue tomar banho sozinho? Não sente tontura? — pergunta ela através da porta.

— Está tudo bem — grito de volta.

Olho na bancada e vejo alguns itens de higiene, que, com certeza, foram trazidos pelo Gael. Certo, mãos à obra. Tomo banho sem pressa, escovo os dentes e saio.

Quando abro a porta do banheiro, me deparo com Jannet sentada na poltrona com um livro na mão, e se levanta imediatamente quando me vê.

— Por que continua aqui? — pergunto confuso.

— Preciso garantir que esteja bem, e como não tem ninguém aqui para acompanhar você. — Ela dá de ombros.

— Meus amigos estão um pouco irritados para bancarem a babá hoje.

— Acho que seus amigos se preocupam. E para ser bastante sincera, também estou recebendo um pagamento extra para cuidar de você.

— Está recebendo para tomar conta de mim? Isso não é ilegal?

— Ilegal não, imoral? Talvez. Mas não precisa me olhar com essa cara, não sou nenhuma enfermeira traficante de órgão. Estou fazendo um favor para Callie e Hanna, elas me pagarem por isso é um bônus.

— Tudo bem, não é como se eu fosse um exemplo de ética.

— Não pense que isso me ofende.

— Longe disso. — Eu me sento na cama. — E então, que horas o médico vem me dar alta? — Ela olha para o relógio.

— A qualquer momento, você quer que eu vá chamá-lo?

— Você faz um ótimo serviço de babá, sabia? Vou acrescentar um bônus extra.

— Meu plantão terminou há duas horas, Hanna me ligou e pediu esse favor. Não é como se eu estivesse extorquindo ninguém. Meu Deus, isso soou bizarro.

— Só estou te zoando, peço desculpas.

— Bom, minha irmã está vindo para uma consulta, então apenas uni o útil ao agradável.

— E ao rentável.

— Dinheiro nunca é demais, não é mesmo?

— Quem disse isso? — pergunto irônico.

— Alguém que precisa muito dele — ela responde séria.

— Desculpa, dei outro fora.

— Não foi um fora, mas a sua cara foi engraçada. — Seu telefone toca e ela sorri quando vê quem é. — Só um minuto, eu preciso atender.

Ela se afasta um pouco e atende à ligação, pelo que escuto é a irmã avisando que já chegou. Sua expressão leve de antes, muda durante a conversa, ficando séria e preocupada.

— Algum problema? — pergunto quando ela desliga.

— Minha irmã já está aqui e... — Ela olha no relógio. — Acho que você ainda vai ter que esperar alguns minutos pela alta.

— Eu sei me virar, Jannet. Pode ir.

— De jeito nenhum, eu dei a minha palavra a Hanna que não ia tirar os olhos de você e... — Suas palavras morrem quando percebe o que acabou de falar.

— Não está sendo paga, está? — pergunto sério. — Você está mesmo fazendo um favor para as suas amigas, me vigiando? Para ter certeza de que não vou fazer nenhuma besteira.

— Olha, eles estão preocupados com você, e...

— Cala a boca. Não acredito nisso. — Eu me levanto. — Eu juro que preferia que você estivesse sendo paga a ter que ser vigiado por algo que não quis fazer.

— Você se drogou muito, Josh. Ficou desacordado por um longo tempo, eles estão com medo.

— Não preciso da pena deles, nem da sua.

— Eu não sinto pena, Josh. Mas se eu posso ajudar, não vou dizer não.

— Sua irmã está esperando, você pode ir. Eu não vou me matar, *fique tranquila*.

— Ela está vindo para cá, não se preocupe.

— Ótimo, porque eu vou me trocar e não será no banheiro, e a sua irmãzinha vai ter uma visão inesquecível.

— Não, ela não vai.

— Quer apostar?! — E ergo uma sobrancelha.

— Não vai ter uma visão *inesquecível* porque ela não pode ver, Josh. Ela é cega. — Eu perco a fala, as palavras dela me pegam desprevenido. — Pois é, a coisa mais legal sobre a vida é que nem tudo gira ao nosso redor, e não somos os únicos que tem problemas. Irônico, não acha?

Caralho...

Porra, que tapa na cara.

E ela nem chegou perto do meu rosto.

CAPÍTULO 3



LILLITH

*“How unfair it’s our luck
Found something real
That’s out of touch
But if you’d search the whole wide world
Would you dare to let it go?”
Not About Angels – Birdy*

Porque as pessoas são tão teimosas? Não sei o motivo de ainda me dar ao trabalho de fazer essa pergunta já que eu sou a encarnação da própria teimosia. Pelo menos era o que eu ouvia todos os dias dos meus pais desde que me mudei para Nova Iorque para morar com a minha irmã, Jannet.

Mas não foi a minha mudança que os incomodou, e sim o motivo dela. Eu queria ser apenas uma garota normal. Não que não me sentisse assim, mas é difícil estar confortável consigo mesma quando todos ao seu redor parecem se preocupar o tempo todo com você, ou em como está se sentindo, e então, começam a questionar suas escolhas.

Eu não sou estúpida, muito menos me considero limitada. Houve um tempo, logo no início que me deixava aflita a respeito da minha nova condição. Alguém que perde a visão abruptamente nunca está preparada para enfrentar o que vem pela frente.

Não é só sobre limitações físicas, nossos outros sentidos ficam mais aguçados, principalmente a audição, o que nos faz ouvir melhor. E talvez, com a visão normal eu tenha deixado de perceber muitas coisas. Estava tão focada nos detalhes fúteis, na aparência do meu cabelo, ou se estava com olheiras porque fiquei até tarde na internet. Que acabei deixando passar certas coisas que aconteciam ao meu redor.

Uma delas foi a crise no casamento dos meus pais. Eu nunca tinha escutado eles brigarem antes, mas alguns meses depois do meu acidente, eu ouvi. E continuei ouvindo muito mais pelo tempo que se seguiu.

Não só brigas de casal, mas brigas sobre mim. Eu também ouvia as pessoas cochichando na escola, e isso fez algo despertar dentro de mim e me fez querer ser mais. Se eu não podia ver, tentaria viver e tirar o melhor proveito disso. Assim, fui atrás da minha independência. E como uma coisa leva a outra, acabei descobrindo sobre uma cirurgia com possibilidade de voltar a enxergar.

Isso foi no ano passado, já fazia quatro anos que eu tinha perdido a visão e não lembrar mais de algumas coisas como: as cores, formas ou a cor dos olhos da minha mãe, era algo que começava a me incomodar.

Mas a gota d'água para a minha decisão, foi algo que escutei. E pela primeira vez, desejei não apenas ser cega, mas também desejei ser surda.

E agora, estou no hospital em que a minha irmã trabalha como enfermeira, passando por uma consulta com um dos melhores médicos daqui. Ele é amigo da Jannet, e está nos ajudando. Mas a sua primeira consulta não foi tão animadora, e mesmo com toda a ajuda que estava disposto a nos oferecer, eu ainda precisava de cinquenta mil para fazer a cirurgia.

Odeio como Jannet se preocupa, na verdade, odeio como todos se preocupam. Acho que é por essa razão que decidi fazer isso. Dizer que estou nervosa com tudo é um eufemismo, mas a minha vontade de voltar a enxergar e não ser mais um fardo para todos supera meu medo de morrer.

Uma das enfermeiras, amiga da minha irmã me ajuda a chegar até o andar que Jannet está, e pelo que entendi, ela está com um paciente que é amigo de uma de suas amigas. Algo assim, minha irmã consegue ser muito confusa às vezes.

— Vou avisar que está aqui, tá bom? — Nadja, a amiga da minha irmã diz quando chegamos ao que eu acredito ser o lugar onde minha irmã está.

— Tudo bem. — Sinto ela me dar um tapinha no braço, e em seguida ouço a voz da minha irmã.

— Lilly! — Jannet diz, alegre.

— Oi, maninha. — Ela me abraça e eu retribuo.

— Chegou bem? — Ela alisa meu cabelo e, se eu pudesse enxergar, tenho certeza de que ela está analisando meu rosto, corpo ou qualquer pele que esteja à mostra.

— Estou inteira, Jannet, não precisa me analisar. — Eu sorrio.

— Só checando. — O sorriso é nítido no seu tom de voz. — Será que pode me esperar alguns minutos aqui fora? Estou esperando o médico chegar para dar uma alta e depois disso, estou livre.

— Você está livre, não preciso de babá. — Uma voz masculina nos interrompe. Pelo movimento do ar, parece que alguém acabou de atravessar por uma porta, ou melhor um homem saiu de um quarto e a julgar pelo seu tom de voz, ele está irritado.

— O médico já está vindo, Josh — Jannet diz em um tom profissional.

— Ele pode vir, mas eu já estou indo embora — responde, curto e grosso.

— Você o quê? — Jannet grita e eu me assusto. Raramente eu a ouço gritar, mas se pensar bem, nós não convivemos juntas já faz muito tempo, esse pode ser um lado dela que desconheço.

— Não vou mais esperar, e você já está dispensada. Por favor, Jannet, saia da minha frente. — o cara diz novamente.

— Nem pensar! Não vou sair até o médico chegar e termos a certeza de que você pode mesmo ir. — Ela é enfática, e nossa, esse parece ser um embate interessante. Eu acabo pensando sobre suas expressões. Como será que elas estão? Já não consigo me lembrar de como eu fico quando estou irritada. Será que ela franze a testa? Os olhos mudam de cor? O rosto fica vermelho? Não faço mais ideia.

— Jannet, o Dr. Pharrel precisa falar com você — Nadja interrompe a discussão. Onde ela estava esse tempo todo?

— Falarei com ele daqui a pouco.

— Você pode ir agora — o homem diz bravo.

— Ah é, espertinho, e quem vai ficar aqui com você? — Minha irmã retruca com ar de desdém.

— Eu posso ficar — digo sem pensar.

— Vou fingir que não ouvi isso, Lillith — Jannet respondi e eu cerro os punhos. — De jeito nenhum.

— Qual é o problema, Jannet? Não é só fazer companhia até o médico chegar? Posso fazer isso, sou capaz de fazer companhia para o... — Viro na direção que ouvi a voz dele. — Como é mesmo o seu nome?

— Josh — responde ele e eu sorrio.

— Eu sou a Lillith. — Estendo a mão e espero, parece uma eternidade até que ele finalmente me cumprimenta. É um aperto hesitante, um pouco trêmulo, e me pergunto se a saúde dele está tão frágil quanto parece.

— Lillith, você não vai ficar, você não pode e...

— Pare, Jannet — eu a advirto, não noto que ainda estava segurando a mão dele até sentir um leve aperto.

— Tem um sofá aqui, ela pode ficar comigo enquanto espero pelo médico

— Josh sugere, ou melhor, cede, porque até então estava bem resistente sobre ir embora, e isso me causa espanto. Por que ele está fazendo isso? Seria por minha causa? Não pode ser, porém seu aperto na minha mão, é como se estivesse dizendo que está tudo bem.

— Não acho que... — Jannet começa, mas é interrompida.

— Vai ser rápido, Jannet. Você sabe que o doutor Pharrel só quer repassar alguns procedimentos conosco e como ele sabe que ainda está aqui, quer aproveitar e conversar com todas. — Nadja comenta.

Ouçõ quando minha irmã respira fundo. Sei que ela está em um impasse, atender ao tal médico e me deixar aqui, ou me levar junto.

Sorrio internamente, porque já sei qual decisão vai tomar. Minha irmã sempre cumpre sua obrigação.

— Não vou me demorar — Jannet resmunga e ouçõ quando ela se afasta. Viro em direção a Josh, ou melhor, na direção que eu acho que ele está.

— Oi, de novo. — Dou um sorriso. — Onde fica o sofá?

— Do outro lado do corredor, um pouco mais para a direita.

— Certo. — Viro e dou dois passos à frente, então eu paro. Depois volto a cabeça na direção de onde veio sua voz. — Você não pretende ir embora assim que eu me sentar, pretende?

— É uma ideia tentadora, mas acredito que não me deixarão sair sem a alta. — Seu tom de voz parece entediado.

— Ótimo. — Estico a bengala novamente e vou até o sofá. A direção que ele me deu foi perfeita, e não tenho dificuldades de encontrá-lo. Quando eu me acomodo, sinto o sofá afundar ao meu lado. Pelo cheiro do perfume é o Josh.

— Como você faz isso? — Há uma curiosidade sincera atada à sua voz.

— Isso o quê? — Fico confusa.

— Caminha com tanta segurança.

— Anos de prática. — Recolho a bengala.

— Você já nasceu... — ele não termina de falar, as pessoas nunca conseguem concluir esse comentário.

— Cega? Pode falar, eu não me ofendo e nem é algum palavrão. Mas respondendo à sua pergunta, não nasci cega, algo estúpido aconteceu quando eu tinha dezessete anos.

— Bem, pelo seu tom, parece que não gosta de se lembrar disso?

— Não gosto de me lembrar das pessoas envolvidas, só isso — respondo um pouco hesitante, poucas pessoas falam comigo sobre o acidente e tudo

que aconteceu depois.

Não é difícil conversar sobre algo que eu nem me lembro como foi, e que assim que acordei, tinha perdido a visão. O mais doloroso foi o que veio depois.

A reação das pessoas me machucou muito mais do que a cegueira.

— E você, por que está aqui? — pergunto tentando tirar o foco de mim.

— Fiz algo estúpido e agora... estou meio que de castigo. — Sua resposta soou um tanto irônica.

— Hum, estúpido quanto?

— Dei um susto nos meus amigos. Mas em minha defesa, eu não imaginava que acabasse indo longe demais, não é como se tivesse cheirado algumas carreiras pela primeira vez.

— Então, o algo estúpido foi usar drogas?

— Na verdade, foi a consequência do uso. Bem, parece que eu quase morri. — Sua voz agora parece melancólica.

— E você queria?

— Queria o quê?

— Estou perguntando se você queria morrer? — Repito a pergunta.

— Honestamente? Não sei. — Seu tom de voz muda como se funcionasse através de um interruptor. Ele foi de irritado a curioso para melancólico a derrotado. Parece um camaleão.

— Acho que entendo você, pelo menos, em partes. — Aperto a bengala na mão.

— Espero sinceramente que não me entenda. Não é algo bonito de se ver.

— Ah, mas eu não enxergo, lembra? — brinco. Escuto um barulho e acredito que seja dele tentando abafar um sorriso.

— Você sempre faz isso? — Seu tom agora soa mais leve.

— Não sei do que está falando. — Dou de ombros, mas eu sei. Não entendo o motivo de compreender suas perguntas vagas, mas sei exatamente do que ele está falando.

— Piadas sobre a sua cegueira.

— Sou cega, não idiota. — Suspiro cansada. — Gosto de ver o lado positivo disso tudo, e brincar um pouco não é tão ruim.

— Costumava pensar assim também. — Quem parece cansado agora é ele.

— Ah, é? Não gosta mais de ver o lado positivo das situações? — pergunto curiosa.

— Vamos continuar com esse jogo de perguntas e respostas por muito tempo? — responde a minha pergunta com outra, mas não parece irritado. Bom, pelo menos não como quando estava falando com a Jannet.

— Depende de quanto tempo ficaremos esperando. Poderia contar os ladrilhos da parede para matar o tempo, mas sabe como é... — Balanço a bengala.

— Sei, você não enxerga. — Ele não parece divertido agora, e eu bato na minha cabeça mentalmente. Às vezes eu me esqueço que meu humor não agrada a todos.

Meus pais viviam me dizendo isso.

— Desculpe, de vez em quando sou um pouco sem noção e então acabo abrindo a boca...

— Normalmente, eu teria feito uma piada sobre isso — comenta divertido. Esse tom parece combinar mais com ele.

— Jura? E como seria essa piada? — instigo, primeiro porque gostei de ouvir o tom da sua voz mais leve. E segundo, não tenho nada mais interessante para fazer até Jannet voltar, e conversar com um estranho no corredor de um hospital parece ser a coisa mais emocionante que fiz desde a mudança. Quer dizer, até o momento, porque logo que sair da consulta, vou direto para minha primeira entrevista de emprego.

— Sobre a sua boca... Eu faria alguma piada sobre ela.

— Com a minha boca? — Eu não entendo, mas ouço o seu bufar como se estivesse entediado.

— Uma piada sexual — esclarece, e eu fico boquiaberta. De um jeito que certamente serviria para ele fazer uma piada sexual.

Ouçó passos no corredor e fecho a boca tão rápido que meus dentes batem, Josh ri baixinho enquanto esfrego o maxilar. Caramba, isso doeu e não foi nenhum pouco engraçado.

— Preciso ir. — Sinto o movimento no sofá e me levanto. O médico de Josh deve ter se aproximado e eu nem mesmo percebi. — Desculpa, não prestei atenção no seu nome quando a sua irmã mencionou. — Eu sorrio e estendo a mão.

— Oi, meu nome é Lillith. — Ele me cumprimenta de novo, dessa vez seu aperto é mais firme. — E caso tenha se esquecido, já é a segunda vez que eu me apresento a você.

— Foi legal conversar com você, Lillith — diz e solta a minha mão.

— Também achei legal conversar com você, Josh.

— A gente se vê por aí. — Sinto ele se afastar.

— A gente se fala — eu o corrijo, não tendo a certeza do quanto ele se distanciou. — E, Josh?

— Sim?

— Obrigada.

— Pelo que? — pergunta confuso.

— Por ter sugerido ficarmos aqui no sofá conversando, e por não fazer eu me sentir uma inútil. — Sorrio sincera. Eu me assusto um pouco quando sinto um corpo muito próximo ao meu, então ele diz num tom sereno.

— Obrigado por me fazer sorrir.

Ele se afasta e eu fico ali parada, no meio do corredor com um sorriso bobo no rosto, provocado por um cara que acabei de conhecer, e que tenho certeza de que nunca mais verei outra vez.

Sento novamente no sofá e espero até Jannet terminar de conversar com eles. O tempo agora não parece tedioso, porque preciso pensar em como contar para minha irmã que tenho uma entrevista logo mais. Ela não vai gostar, mas não é uma decisão que cabe a ela. Eu só preciso fazê-la entender isso, sem magoá-la.

— Tudo bem por aqui? — pergunta assim que se despede do médico e de passar algumas orientações a Josh. Ouvi parte da conversa, e sorri com cada resposta torta que ele deu. Era óbvio que ele não ia fazer nada do que estava recomendando.

— Só conversamos, Jannet. Não é como se ele fosse sumir comigo do hospital — respondo um pouco chateada, porque sei que a pergunta dela está disfarçada de uma preocupação infundada.

— Desculpe se eu me preocupo.

— Vamos, já estamos em cima da hora. — Eu me levanto. — E eu o achei bem legal.

— Ele é o oposto de legal, Lillith. — É impressão minha ou isso foi um aviso?

— Você precisa parar com isso, Jannet.

— Parar com o quê? De me preocupar com você?

— Não, precisa parar de julgar as pessoas.



Já é fim da tarde quando chego ao The Rock, Jannet está sem falar comigo desde que contei a ela sobre os meus planos. Às vezes, parece que quem tem vinte e dois é ela. Minha irmã sabe ser infantil quando quer.

— Sabe, se não conversar comigo, não poderemos comemorar meu emprego novo. — Tento aliviar o clima quando o carro para.

— Ainda não conseguiu esse emprego — ela me corta.

— Você não se intrometeu, né? — pergunto. Eu sei que ela é amiga da dona do bar, mas eu a fiz me prometer que não ia dizer nada.

— Não, Lillith. O fato de ser contra essa loucura não significa que iria te sabotar. — Suspiro aliviada.

— Obrigada.

— Mas eu não concordo, você não precisa fazer isso, nós...

— Nós *nada*, Jannet — eu a interrompo. — Você viu o que o médico disse hoje, minhas chances são boas, os resultados dos meus exames foram bons, então só preciso juntar algum dinheiro. Andei pesquisando e aqui eles pagam bem.

— Mas...

— Por favor, minha irmã, não vamos entrar nessa discussão de novo. Eu consigo fazer isso, e você sabe.

— Não vou poder vir te buscar todas as noites, Lillith, e fico muito preocupada com isso.

— E é por isso que eu tenho que fazer isso, entende? Não quero mais que as pessoas se preocupem se eu posso ou não chegar em casa em segurança.

— Tá bom, Lillith — diz resignada.

— Vai me desejar boa sorte? — pergunto, sorrindo.

— Eu sempre te desejei isso. — Nós nos abraçamos. — Tem certeza de que não quer que eu vá junto?

— Não, se eu conseguir passar nessa entrevista, quero que seja porque sou capaz e não por ser sua irmã.

— Tudo bem. — Ela me abraça mais uma vez e eu saio do carro.

Jannet me explicou o caminho, e como ela parou bem na frente do The Rock, não tenho dificuldades de chegar até a porta.

Nas minhas pesquisas, esse é um dos melhores bares da cidade, e estão

contratando cantores fixos para as noites de quarta-feira. Fico um pouco nervosa quando bato na porta, porque até onde sei, a Callie, a dona daqui é amiga da Jannet e é esposa de um famoso guitarrista, mas minha irmã não me passou muitas informações, pelo que percebi eles estão passando por um momento bem complicado. É só o que sei, além de pagarem muito bem, e é nisso que eu foco.

Com o dinheiro que eu tenho, mais o que vou ganhar aqui – se eu conseguir a vaga – levarei seis meses no máximo para conseguir o que preciso para bancar a minha cirurgia. Pensar nisso me dá um novo ânimo e eu bato na porta de novo, dessa vez com mais força.

Dou um passo para trás quando escuto alguém se aproximar da porta. Sinto as mãos começarem a suar de nervoso. É algo que não consigo controlar, mesmo sendo constrangedor ao cumprimentar alguém.

— Posso ajudar? — uma voz masculina pergunta assim que a porta abre.

— Eu vim para a entrevista — digo receosa. — Meu nome é Lillith e agendei com a senhora Prescott.

— Senhora Donovan — rebate.

— Como? — pergunto confusa. Ray, meu amigo que fez as pesquisas de emprego me disse a respeito da senhora Prescott, Callie Prescott.

— Quando o marido dela estiver por perto, chame ela de senhora Donovan. Aquele idiota adora. — Eu sorrio com as suas palavras.

— Entendido.

— Pode entrar, Lillith, eu vou te levar até a Callie. — Ouço a porta se abrir mais. — Meu nome é Dean, sou o gerente do The Rock.

— É um prazer, Dean. — Estico a mão e ele me cumprimenta.

— Precisa de ajuda? — Ele é gentil.

— Eu posso me virar com a bengala. Mas gostaria que me indicasse a direção.

— Tudo bem.

E assim me guia. Dean me orienta até chegarmos ao que ele diz ser o bar. Eu me sento em um banco enquanto aguardo pela Callie. Uma música suave toca ao fundo e tento me concentrar nela para afastar o nervosismo. Canto alguns versos baixinho, até me sentir mais calma. Respiro algumas vezes e de repente ouço alguém batendo palmas.

— Sua voz é muito bonita — diz uma mulher. — Você é a Lillith, certo?

— Sim — digo sem jeito, estava cantando alto? Giro o corpo na direção de sua voz e estendo a mão para cumprimentá-la.

— Eu sou a Callie. — Ela me cumprimenta, e sinto minhas mãos começarem a suar de novo, puxo antes que eu acabe passando vergonha.

— Desculpe se eu cantei alto.

— Não se preocupe. Você veio fazer o teste, né? — Aceno com a cabeça, concordando. — Então, acho que começou muito bem. — Há a insinuação de um sorriso na voz dela. — Mas eu gostaria de ouvir você no palco, pode ser?

— Claro. — Desço do banco.

— Vai precisar de algum instrumento? — pergunta ela.

— Você tem algum?

— Querida, você está no The Rock, nós temos de tudo aqui. — Meu sorriso se expande, eu acho que morri e fui direto para o céu dos músicos. — Vem, vou te levar até o palco. — Callie segura meu braço com delicadeza. Podia dispensar sua ajuda, mas estou com meus sentimentos flutuando em uma névoa de felicidade e nervosismo que não confio nos meus sentidos nesse momento.

— Posso pegar nos instrumentos antes de escolher?

— Claro. — Ela parece confusa, mas não sei como explicar essa característica minha.

Música sempre foi algo que aconteceu naturalmente na minha vida, meu pai tocava piano e minha mãe é uma cantora lírica. Então, sempre achei que não corre sangue nas minhas veias, mas sim notas musicais.

Desde que me entendo por gente, eu toco algum instrumento. Piano é o meu predileto, o violino era como um amante, que eu tocava quando precisava de uma fuga. É injusto que depois do acidente, ele seja o único instrumento que não consigo mais tocar. E eu não entendo o porquê.

Callie me acompanha, eu toco os instrumentos com a ponta dos dedos. Ela tem razão, eles têm de tudo: baixo, violão, guitarra... Meus dedos percorrem as cordas. Violino, bateria e... um piano.

Meus dedos passam suavemente pelas teclas, e quando um dó maior soa, eu sei que é com ele que vou cantar.

— Eu vou tocar o piano. Tudo bem? — pergunto.

— O palco é seu. Estarei lá embaixo te ouvindo.

— Tudo bem, obrigada.

— Mostre pra mim do que você é capaz, garota. — Ela coloca a mão no meu ombro e me ajuda a encontrar o banco do piano.

Ouçó seus passos se afastando, depois respiro fundo e toco as teclas novamente, fazendo meus dedos se lembrarem do que os meus olhos não

podem mostrar.

Toco algumas notas aleatórias, até que começo a tocar de verdade.

*Just gonna stand there
And watch me burn
But that's alright
Because I like
The way it hurts
Just gonna stand there
And hear me cry
But that's alright
Because I love
The way you lie
I love the way you lie*

A letra de “Love The Way You Lie” do Eminem com a Rihanna sai naturalmente dos meus lábios. Adoro essa música, e não preciso de muito esforço para cantá-la.

Canto com a alma, a cada toque dos meus dedos nas teclas, eu me sinto tão viva. Assim que a música termina, estou ofegante. E levo um susto quando ouço alguém aplaudir, e então assobiar. Ou melhor, aplausos e assobios, no plural. Parece que não foi só a Callie que me ouviu cantar.

— Está contratada — um cara grita.

— Você não manda no meu bar, Playboy — Callie responde, e noto que está perto de mim. — Você foi espetacular, Lillith — diz e eu viro o rosto na direção do som da sua voz.

— Sério? Você gostou?

— Adorei, e pelos aplausos efusivos do meu marido e do meu gerente, eles também gostaram. Queria conversar um pouco sobre esse trabalho, pode ser?

— Claro. — Devo ter soado patética, mas não havia outra forma de reagir. Queria gritar e pular e abraçá-la, tudo ao mesmo tempo. Porém, acho que não seria de bom tom para alguém que estava indo conversar sobre seu possível contrato de trabalho.

— Vem comigo. Você já conheceu o Dean, vou te apresentar ao meu marido, o Micah. — Quando ela diz o nome, lembro das palavras do Dean. *Donovan*. Micah Donovan, o famoso guitarrista.

— O guitarrista da Originals. — As palavras escapam da minha boca antes mesmo que eu posso impedi-las.

— Sim, mas aqui ele é só o dono do The Rock, tá bom? — Ela soa um pouco triste.

— Tudo bem. — Engulo minhas próximas palavras, mas não consigo segurar todos os pensamentos que me atropelam.

Micah Donovan. Originals.

Aí, caramba! Esses caras arrasavam, sou fã da banda.

Porém, até onde eu sei, a banda não existe mais.

CAPÍTULO 4

JOSH

*“I’m frozen in the spot where
I once held your hand
Breathe in and breathe out,
This heartache will pass
Falling in sadness, I’m sinking way too fast
Ho’s gonna catch me when I break down?”
Breakdown – Saliva*

Tem alguma coisa fora do lugar. Estou olhando para isso através do reflexo no espelho nesse exato momento, dentro do banheiro de uma boate. Lavo o rosto mais uma vez tentando aliviar a tensão. Uma parte de mim não quer estar aqui, a outra está cansada de tudo.

Não fui para casa quando sai do hospital, discuti com Gael pelo telefone depois que informei ter dispensado os seguranças que estavam me seguindo. Não preciso deles, muita gente já não consegue me reconhecer na rua.

E, porra, nem eu me reconheço.

— Tudo bem aí? — Uma voz me faz saltar, tinha me esquecido por completo da mulher que estava aqui comigo. — Preparado para uma segunda rodada? — Sua mão vai direto para a minha virilha, mas permaneço imóvel.

— Acho que já chega. — Afasto sua mão e fecho o zíper.

— Você estava bem animado agora há pouco. — Ela senta na bancada abrindo as pernas, sua saia é tão curta que tenho uma ampla visão. E levando a calcinha no chão em consideração, não resta muito para a imaginação. — Hora de retribuir o favor, não acha? — Ela passa a língua entre os lábios.

— Não, acho que não. — Apesar de ter deixado que ela me chupasse até eu perder os sentidos, não tenho vontade de tocá-la. — Desce daí. — Estendo a mão para ajudá-la, mas ela recusa.

— Você é um escroto, sabia? — Ela desce, pega a calcinha e a joga no lixo. — Isso custou caro, viu? — Ela aponta na lixeira, e eu só queria mandar

ela calar a maldita boca.

— Então deveria escolher melhor o lugar antes de tirá-la da próxima vez.

— Caminho até a porta, mas antes de sair consigo ouvi-la me xingar.

O pior de tudo? Não me sinto mal, nem empatia. Eu simplesmente não sinto nada.

O som está alto, não é o melhor lugar que já frequentei, mas certamente não é o pior. Eu queria algo que não me trouxesse lembranças, um lugar que a gente não tinha ido juntos. Esse buraco parecia ser ideal.

Mas, o que muita gente não sabe sobre recordações é que não importa onde você está, nem com quem esteja. Se fechar os olhos, elas aparecerão. Estão enraizadas na memória, e no meu caso, no coração.

— Que se dane — murmuro quando me sento no bar e peço mais uma bebida.

A iluminação do lugar é péssima, e a bebida também, não me lembro de ter tomado algo assim desde a adolescência quando roubava bebida barata do armário do meu pai.

— É uma droga, não é? — um cara fala ao sentar do meu lado.

— Tá falando de quê? — Bebo tudo que tem no copo e peço mais.

— A bebida, o lugar, as pessoas. Escolha uma das opções.

— Não estou nem aí. — Sou sincero.

— Dia ruim? — Viro-me para olhá-lo, ele parece tão fora do lugar quanto eu. Camisa de botão, enrolada até o antebraço, nenhuma tatuagem à vista e cabelo arrumado. O cara parece ter vindo direto do trabalho.

— Acho que não foi pior que o seu. — Pego a bebida que o barman acabou de colocar na minha frente e a viro. O líquido desce bem melhor dessa vez.

— Bem, não sei você, mas não pretendo ficar aqui por muito tempo — comenta ele e eu o olho de novo, ele está me encarando, esperando pela minha resposta.

Bom, eu já mandei tudo a merda hoje mesmo.

— Seja lá o que for, deve ser melhor do que esse buraco. — Dessa vez eu pego a bebida que estava na mão dele e tomo de uma vez. Aceno para o garçom trazer a conta e entrego meu cartão.

Meia hora depois estamos dentro de um taxi.

É engraçado como algumas coisas acontecem. No táxi, fico sabendo que o cara se chama Paul, trabalha em uma corretora de valores, e estava lá para um encontro às cegas. Que por uma infeliz coincidência, era com a mesma

mulher que fez um boquete em mim, mais cedo no banheiro.

O mais irônico de tudo é que quando estávamos saindo, Lanna – a garota do banheiro – reconheceu Paul, fingiu que nunca tinha me visto e, agora está sentada entre nós dois no táxi, a caminho do apartamento de um amigo do Paul.

Se entendi direito, ou sei lá, estou muito bêbado para falar algo coerente nesse momento.

— Então, Josh, o que faz da vida? — Paul pergunta quando saímos do táxi, Lanna está espantada com o prédio luxuoso, e olha em todas as direções. Já eu? É tudo igual, sempre.

— Nada. — Tiro o celular do bolso enquanto esperamos o elevador e o desligo.

— Nada? Sério? Você não parece o tipo de cara que não faz *nada*.

— Ah, parece sim — Lanna entra na conversa, sorrindo. Paul apenas balança a cabeça e dá risada.

Quando chegamos ao andar da festa, Lanna está de braços dados com Paul, e eu apenas caminho ao lado deles. O lugar é impressionante, tem bastante gente. Pessoas da classe alta.

E que provavelmente podem me reconhecer.

— Merda — resmungo.

— O que foi? — Paul pergunta.

— Nada, vou procurar alguma coisa pra beber.

— Espera. — Ele segura meu braço. — Pode deixar que eu vou, preciso falar com algumas pessoas. Vai querer o que?

— Qualquer coisa. — Dou de ombros e ele faz a mesma pergunta a Lanna antes de se afastar.

— Esse é o encontro às cegas mais bizarro que eu já tive — diz ela quando encontramos um sofá vazio.

— Não brinca — desdenho.

— Olha só, o que aconteceu antes não precisa ser mencionado, tá bom? Foi só um lance e fim de papo.

— Eu não ia falar nada, acredite em mim.

— Ótimo, significa que não é tão babaca quanto parece. — Antes que eu possa responder, Paul aparece com as bebidas.

Ele pega Lanna e os dois saem para se socializar. *Socializar*, que piada! Esse lugar só serve para uma coisa, e uma coisa apenas: ficar chapado e trepar. Fico sentado com o copo de uísque na mão, observando os rostos

desconhecidos. Ou nem tanto, acho que já vi pelo menos três pessoas conhecidas, duas delas transou com Gael ou Micah, ou até comigo e com Braden. Jamais saberemos o volume da rotatividade de mulheres naquele apartamento antes da Hanna entrar em cena, só sei que era digno de Oscar.

Que maravilha, saí de um buraco e caí direto no inferno.

Estou quase indo embora quando Lanna e Paul voltam, e se jogam no sofá, deixando-me entre eles.

— Hora da diversão. — Paul me entrega um comprimido que reconheço na hora. Êxtase.

— Tô fora. — Devolvo o comprimido.

— Qual é, além de babaca é careta também? — ironiza Lanna e em seguida pega um e o engole.

— Ah, Josh, só um! Você vai curtir e relaxar, não vai morrer por causa disso. — Paul coloca o comprimido na minha mão e eu fico a encarando.

Eu sei que não vou morrer tomando isso, mas quase morri por causa de drogas e não tem nem vinte quatro horas que aconteceu.

— Anda, Josh, vamos nos divertir. — Ele desce a mão na minha virilha e eu fico tenso.

— Você se divertiu no banheiro, não se divertiu? — murmura Lanna no meu ouvido, passando a língua pelo lóbulo, mordiscando.

— Isso aí faz mágica com você. — Paul se inclina e beija o meu pescoço.

Eu fecho os olhos.

Só quero uma noite normal, uma noite de diversão.

Mas quando os lábios dele encostam na minha pele ao mesmo tempo em que Lanna acaricia o meu pau, eu sinto a decepção correr pelas veias. A saudade pulsar junto com a batida da música. E a verdade zombar da minha cara.

Não vou conseguir, porque nenhum deles é quem eu procuro. Quem eu preciso.

— Eu tô fora. — Levanto tão rápido quanto os meus reflexos permitem.

— Você. É. Um. Covarde! — Lanna diz em voz alta, pontuando cada palavra. Paul encosta a cabeça no encosto do sofá e solta várias gargalhadas. Já está mais louco que o Batman.

— Você não tem a mínima ideia de quem eu sou. — Jogo o comprimido no colo dela e saio da festa.

Fora do prédio, sem saber aonde ir. Ainda é madrugada e não quero voltar para o apartamento do Gael, então eu me lembro de um lugar que me faz

sentir em casa, um que faz tempo que não vou.

O apartamento da Mag.

Pego o celular, pressiono o botão e espero ligar. Penso se devo ou não avisá-la, mas tiro esse pensamento da cabeça, está tarde e ela provavelmente me mataria por acordá-la. Pego as chaves que estão no bolso e vejo que ainda tenho uma da casa dela. É um bom plano, uma noite de sono ao lado da Diaba Ruiva é tudo o que eu preciso agora.

Chamo um táxi por um aplicativo e não demora muito até que me encontro, com muita dificuldade, tentando abrir a porta da casa da Mag.

Não tenho sucesso, acho que a quantidade de bebida começou a fazer efeito e estou vendo tudo em dobro, ou em triplo, dependendo do ângulo. Com o álcool a todo vapor no meu organismo, e falhando para abrir a porta, não me resta outra opção a não ser bater.

E o legal de estar bêbado, é que não tenho noção da força, ou do volume dos meus gritos até Mag abrir a porta.

— Porra, Josh, dá pra parar de gritar? — Ela parece surpresa ao me ver.

— Diaba Ruiva. — Eu me joga em cima dela, e a abraço.

— Você está bem? — Seu tom é preocupado, e ela retribui o abraço com receio.

— Ótimo. Vim dormir com você. — Eu a abraço apertado, ela tem o cheiro tão bom quanto eu me lembro. — Me leva pra nossa cama, Mag.

— Josh, não ach...

— Shhhh. — Eu me afasto um pouco e coloco o dedo nos lábios dela impedindo que continue a falar. — Está muito sexy hoje. — Desço o olhar por seu corpo, e vejo que não está vestindo nada sensual, na verdade. Só um pijama de algodão, mas o corpo dela é algo que conheço bem, e sei que ela é sexy mesmo usando pano de chão.

— Você não pode ficar aqui, Josh.

— Por que não? — Seguro seu rosto com as mãos. — Estava com saudades dessa boca. — Eu a beijo. Ela não reage e logo me afasta.

— Josh, não! — Seu tom é firme, e eu pisco confuso.

— Por quê? — Olho em volta atordoado, ela nunca disse não antes.

— Não posso. — Lágrimas começam a rolar pelo seu rosto. — Não podemos mais, Josh.

— Do que você está falando? — Tento me aproximar.

— Você está bêbado.

— É por causa disso? Mag nós já fizemos isso antes, não é como se você

estivesse abusando de mim. — Dou risada.

— Josh, você não vai encontrar o que está procurando, aqui. — As palavras dela me atingem com força.

— Você não sabe do que está falando — acuso.

— Não vai encontrar o Braden em mim, Josh. Da mesma forma que eu não vou encontrar ele em você. Consegue me entender? — Ela chora copiosamente, e então, sinto as minhas próprias lágrimas molhando meu rosto.

— Você está falando merda, Mag! Nós temos um filho juntos, uma vida... Nós... — Como ela pode dizer aquilo?

— Sem ele, não existe um nós, Josh. Você sabe disso melhor do que eu.

Perco a fala, dando um passo para trás. Ela só pode estar brincando, mas não está. Eu enxergo seus olhos tomados pela dor.

— Isso é besteira. Essa merda toda que você disse.

— Não é, e você sabe disso! — responde aos berros.

— Porra! — Soco a porta. — Caralho! — E continuo a socar repetidamente até sentir a mão dela segurar meu braço.

— Para, Josh! Você está se machucando — choraminga.

— Eu já estou machucado! — Viro para encará-la. — Estou machucado desde o dia em que ele ... — Respiro fundo tentando dizer as palavras que sempre machucam mais que qualquer agressão física que já sofri. — Desde quando ele morreu e parece que isso não vai sarar nunca.

— Mag? Mag... Está tudo bem? — Uma voz me faz recuar, ela enxuga os olhos com a costa da mão e vira para responder.

— Está tudo bem, Dean. — *Cacete, o gerente? Sério?*

— Então, *esse* — aponto o dedo para o Dean. — É o motivo de estar me dispensando? — Não consigo me segurar e começo a rir.

— Josh, você está bêbado, vou relevar o que acabou de insinuar. Mas não abuse.

— Não insinuei nada. Você está trepando com ele, é só uma afirmação.

— Você está passando dos limites, Josh. — Dean se coloca na frente da Mag de forma protetora.

Ele está a protegendo de mim?

— Acho que quem não tem noção de limite aqui é você, não é mesmo? — Dou um passo para frente. — Ela é a mãe do meu filho, e a minha conversa é apenas com ela. Cai. Fora. — Aponto o dedo no rosto dele. Que não se intimida, pelo contrário, abre um largo sorriso.

— Você não quer fazer isso.

— Pode apostar que eu quero — rebato.

— Já chega! — Mag intervém. — Ninguém vai brigar com meu filho dormindo a poucos metros de distância.

— Nosso filho! — grito, porque quero esfregar isso na cara dele.

— Nosso filho que estava com febre mais cedo. O filho que você se recusar a ver, Josh! — Suas palavras são duras, ela está mais que magoada, está decepcionada. — Você não tem o direito de dizer “nosso filho” se não está disposto a sequer vê-lo.

Mag enxuga o rosto mais uma vez, suas palavras me atingem em cheio e eu recuo. Ela tem razão. Mas que inferno! Coloco a mão na cabeça, sentindo-me perdido e sem saber o que fazer.

— Como ele está? — Consigo dizer.

— Bem, é apenas um resfriado. — Quem responde é Dean porque parece que Mag não consegue parar de chorar. Nunca a vi desse jeito.

Havia me afastado de todos, completamente imerso na minha própria dor que não percebi que não foi só eu que tinha perdido alguém que amava.

Mag também perdeu. Ela amava o Braden, e agora consigo ver isso claramente.

— Me perdoa, Mag — murmuro enquanto me aproximo, Dean se afasta nos dando um pouco de espaço e eu a puxo para um abraço sufocante. Ambos sufocados pela dor e tristeza. — Me perdoa, me perdoa. — Fico repetindo enquanto choramos nos braços um do outro.

Choramos pela nossa perda. Pelo amor de nossas vidas que foi arrancado de nós sem qualquer aviso.

Não faço ideia de quanto tempo ficamos assim, mas algum momento meu corpo sucumbe ao cansaço e pego no sono no sofá. Quando acordo, ela está na minha frente segurando uma xícara de café.

— Você gosta de forte, né? — Ela me oferece. Esfrego os olhos e alongo o corpo. Percebendo que a Mag deve ter tirado meus sapatos. *Ah, Diaba Ruiva, como isso foi acontecer com a gente!? Por quê?*

— Bom dia. — Pego a xícara de café da mão dela.

— Josh, eu...

— Por favor, Mag. Agora não, a minha cabeça ainda está uma bagunça.

— Você sabe que precisamos conversar.

— Eu sei. — Respiro fundo. — Mas você merece mais do que conversar comigo de ressaca. — Ela dá um sorriso fraco.

— Dean saiu com o AJ. Se quiser vê-lo, pode esperar, mas se acha que ainda não está pronto, é melhor terminar seu café bem depressa.

Penso na oferta enquanto ela me olha pacientemente. Mag sabe que isso é difícil para mim, e é por isso que gosto dela, sempre foi uma mulher diferente de todas que já conheci.

— Você não está errada em seguir em frente — digo.

— Dean apenas me ajudou com AJ, Josh. Está sendo um amigo. — Ela senta-se ao meu lado. — Não sabia que precisava tanto de um até agora. — Seu tom é triste, mas eu entendo. Mag sempre foi a mulher mais independente que eu já conheci, mesmo depois do nascimento do nosso filho, ela sempre fez questão de administrar tudo, inclusive aconteceu uma tremenda briga entre ela e Braden quando ele quis que ela fosse morar com a gente.

Mag era o que chamamos de espírito livre, e nós aprendemos isso naquele dia.

— Não sabia que era apaixonada por ele — comento me referindo ao Braden.

— É complicado explicar.

— Eu, com certeza, entendo isso. — Bebo o café. — É difícil pra você olhar para ele?

— Ele quem? O AJ? — pergunta ela e assinto com a cabeça. — Agradeço todo dia por ter um pedaço dele aqui com a gente, Josh. Então, respondendo a sua pergunta, não é difícil olhá-lo, pelo contrário é o que torna meus dias mais felizes. — Ela sorri.

— Um dia vou conseguir pensar assim também. — Levanto e entrego a xícara a ela, pego meu sapato no chão e volto a olhá-la. — Mas, não agora, dê um beijo nele por mim, tá bom? — Beijo seu rosto e vou até a porta. — E, Mag?

— Sim?

— Nunca me enganei com você. É a mulher mais incrível que eu já conheci. — Ela enxuga o rosto molhado outra vez pelas lágrimas. — Braden sabia disso também, sabia que não existia ninguém melhor para ser a mãe do filho dele, foi por essa razão que ele aceitou quando eu sugeri tudo. — Me ligue se precisar de alguma coisa. — Dou um longo beijo em sua testa e saio.

Escuto ela tentar abafar um soluço quando fecho a porta, evito o elevador porque estou com medo de encontrar com meu filho. Assim que começo a descer as escadas, percebo que Lanna tinha razão, eu sou um covarde.

Ao chegar no apartamento do Gael, minha recepção não é nada menos que *adorável*. Gael e Micah estão sentados no sofá, com cara de que querem matar alguém, e esse alguém deve ser eu pela forma que me encaram quando abro a porta.

— Se divertiu ontem? — Gael pergunta sarcasticamente e eu franzo o cenho.

— A intenção era essa. — Largo as chaves na bancada e vou até a sala.

— Devia ser, as fotos mostram isso de forma bastante clara. — Micah joga o tablet na minha direção e eu quase não consigo segurar.

Quando vejo a tela, sinto o rosto esquentar de raiva. Vejo uma foto, bem grande em um site de fofocas onde mostra minhas aventuras na noite passada. O bar de quinta categoria e a festa no apartamento. Paul e Lanna me beijando no sofá.

Sinto o estômago revirar e o café que tinha acabado de tomar, subir na garganta. As fotos, os dois me tocando, é muito para suportar. Solto o aparelho no sofá e corro até a pia da cozinha.

Sarah vai me matar, mas não consigo segurar e vomito dentro da pia. Em seguida, meus joelhos cedem e caio no chão, me sentindo deplorável. Exatamente o que sou hoje.

— Os seguranças voltarão a te acompanhar novamente, Josh. — Olho para cima e Gael estende um copo de água, eu aceito.

— Não preciso disso.

— Se quiser se divertir, não tem problema, mas os seguranças estarão juntos. Ninguém vai chegar perto de você assim de novo. — Caio na gargalhada com as suas palavras.

— *Assim* como? Para me beijar? — Levanto-me do chão. — Vai colocar seguranças no quarto comigo quando eu estiver transando, também? — grito e jogo o copo do outro lado da cozinha, o som do vidro estilhaçando soa como música nos meus ouvidos.

— Estavam se aproveitando de você, sabiam quem era — Gael grita de volta.

— E DAÍ, PORRA? — Ergo As mãos no ar.

— *E daí?* E daí, Josh?! A gente se preocupada com você — responde Micah num tom tão calmo. Se eu ligasse para qualquer merda nesse ponto da minha vida, agora seria a hora de recuar. Porque se tem uma coisa que alguém deveria ter medo é do Micah falando nesse tom, sereno. Mas como eu disse, já não ligo mais para porcaria nenhuma. Estou cansado de tudo, das

peessoas me dizendo o que fazer, desse lugar, dessa vida, das lembranças, do vazio no meu peito... De sentir falta dele!

— Não me diga, e desde quando? — digo, entredentes.

— Não fala besteira, Josh. — Esse tom do Micah está começando a me irritar de verdade.

— Vou dizer o que eu quiser! Já estou cheio de vocês, dessa porra toda de cuidado. Não sou de vidro, caralho! Eu sei me cuidar muito bem! — cuspo as palavras, sentindo o coração bater no ouvido.

— Você tentou se matar, cacete!! — berra Gael, agarrando minha camiseta pelo colarinho, me sacudindo.

Não me contenho. Meu punho voa direto para o rosto dele. E uma enorme confusão começa na cozinha.

Eu o soco no estômago e o vejo se contorcer, mas logo ele me acerta também. Sinto gosto de sangue na boca, e, em vez disso me fazer parar, funciona como uma brasa sendo jogada num rastro de gasolina. Ficamos rolando entre socos e palavrões, até que Micah consegue interferir. Eu o acerto também, mas ele não revida. Ele me segura com um mata-leão, o que me impede de continuar.

— Eu não tentei me matar! — grito, apontando o dedo para Gael. — Você me ouviu? Quantas vezes vou ter que repetir isso? — Continuo gritando. Repetindo várias vezes que não tentei essa merda. Mas lá no fundo, já não sabia mais se estava tentando convencer aos meus amigos ou a mim mesmo.

— O que está acontecendo? — Hanna entra na cozinha e encara a cena assustada.

Micah ainda está me segurando, e Gael está ofegante com a mão segurando na lateral do corpo. Ela corre até ele e segura o seu rosto com preocupação. Cacete, olhar os dois dói. Dói demais, e eu não quero ser aquele que tem inveja ou ciúmes do que não pode ter. Do que nunca mais vai ter.

— Preciso sair daqui — digo mais calmo. Micah me solta de seu aperto.

— Você vem comigo. — Micah pega o meu braço e saímos do apartamento.

Ele não diz nada durante o caminho até a casa dele, meu corpo ainda dói e sinto o rosto sangrar. Tenho certeza de que Callie vai ter um ataque quando me ver assim.

— Todo esse tempo — Micah começa a falar quando estaciona o carro na garagem. — Nós estivemos do seu lado. — Ele respira fundo e aperta o volante com força. — Mas você não está facilitando as coisas em nada,

moleque.

— Não estou pedindo ajuda — digo na defensiva.

— Não, não está pedindo... — Sua voz calma é assustadora. — Está *gritando* por ajuda, mas se nega a enxergar isso. — Ele vira e me encara, seus olhos estão frios como o Ártico. — Uma hora a gente vai acabar se cansando e vai parar de ouvir os seus gritos.

Micah abre a porta do carro e a fecha, batendo com força. Dá a volta pela frente do carro e abre a minha.

— É melhor me acompanhar, ou a sua cara vai precisar de uma plástica quando eu acabar com ela.

CAPÍTULO 5



LILLITH

*“There's only one life It's right here,
it's right now
What is pain
Do you really wanna live this way?”
One Life – Wrethov*

Há muitas coisas sobre Nova Iorque que ainda preciso aprender, Jannet não tem muito tempo para brincar de guia turístico, e poucas vezes me arrisquei sozinha na rua, a não ser ir no hospital. Mas hoje, sinto uma energia diferente, depois da conversa que tive no The Rock, é como se uma porta de oportunidades tivesse sido aberta. E, agora, estou louca para explorar.

Callie me explicou como vai funcionar, serei a atração fixa das noites de quarta-feira, o que não é um dia cheio, mas pagam bem e, talvez, eu tenha gritado um pouco quando passou o valor do salário e ainda me perguntou se posso ficar de sobreaviso para cobrir caso outra atração falte.

Somente Jannet sabe que estou guardando dinheiro para a minha cirurgia – e se os meus planos derem certo, baseado no salário que a Callie comentou –, acredito que dentro de seis a oito meses conseguirei realizá-la. O que me enche de energia.

Quando minha irmã sai, vou para o quarto trocar de roupa. Esse momento é um pouco estressante. Antes de perder a visão, era algo que amava fazer, experimentava várias roupas e desfilava na frente do espelho. E tudo para encontrar a peça ideal para agradar o Drew, meu namorado na época, mais conhecido como o homem que nunca mais pretendo ver.

Tudo isso foi trocado por praticidade. Minha mãe passou a me ajudar com as escolhas das roupas, nada muito revelador ou provocante, era complicado ser sensual sem conseguir enxergar. Mas eu também não queria me anular como mulher. Então, sempre optávamos por algo moderno e elegante. Quando chegávamos em casa, minha mãe colava etiquetas com formatos

diferentes em cada peça para que eu pudesse identificá-las. Levei um ano para me adaptar a essa nova forma de comunicação. Demorei, mas consegui.

Escolho algo prático, uma saia na altura do joelho, uma blusa rosa e botas. Também aprendi a fazer minha maquiagem, mas nunca fico segura o suficiente, e sem Jannet aqui, um brilho labial vai ter que servir.

Quando fico pronta, pego meu celular, bolsa e as chaves. Meu coração acelera quando chego na porta do prédio, espero sinceramente que as pessoas na rua sejam tão pacientes quanto as que encontrei desde que cheguei.

Com a ajuda da bengala, começo a explorar as ruas de Nova Iorque.

Algum tempo depois, entro em um café. Tudo aqui parece incrível: os cheiros, os sons, até mesmo os barulhos dos carros são impressionantes. Mesmo estando esgotada mentalmente, a sensação de satisfação por ter chegado até aqui sozinha é fantástica.

— Boa tarde, o que gostaria de pedir? — pergunta a garçonete. Estava com o que certamente era o cardápio deles nas mãos, mas não senti sinais em braile.

— Por acaso, será que vocês têm um cardápio em braile? — Acredito que uma cidade tão desenvolvida como esta, deve estar preparada para todas as pessoas.

— Desculpa, senhorita. Infelizmente, não temos. — Acho que me enganei, até Nova Iorque tem suas falhas.

— Tudo bem, então acho que vai precisar me ajudar e dizer o que têm no cardápio. — Fecho o cardápio e espero ela falar.

— Tudo? Você quer que eu diga tudo que temos? — Sua voz é assustada, sinto vontade de rir, mas estou morrendo de fome e não faço ideia do que servem aqui.

— Ah, quero sim. Estou faminta e apesar de não parecer, sou cega. — Tento brincar, mas faço uma careta quando meu estômago ronca alto. *Ops!*

— Oh, peço desculpas, senhorita. Não tinha percebido.

Consigo sentir sua vergonha da minha cadeira. Ela não tem culpa que, talvez, o dono desse lugar não tenha pensado nesse tipo de situação, afinal de contas. Estou prestes a dizer a ela que está tudo bem quando uma voz masculina a interrompe.

— Posso ajudar?

— Está disposto a fazer uma boa ação e ler o cardápio para mim. Se sim, então, por favor, pode começar agora mesmo porque estou morrendo de fome — brinco tentando aliviar a tensão da garçonete. Quem quer que seja salta

uma gargalhada alta, e eu sorrio. Ótimo, assim é melhor.

— Pode deixar, eu leio pra a senhorita esfomeada — responde ele com a voz divertida.

— Não precisa se incomodar, senhor, eu posso resolver isso e... — diz a garçonne preocupada.

— Vou ler e chamo você assim que terminar — avisa em um tom que não dá brecha para argumentos. — Vou me sentar com você, tá bom? — Dessa vez ele se dirige a mim.

— Fique à vontade. — E aguardo.

— Tudo bem, por onde começo? — Ouço a cadeira afastar-se e pelo barulho, acredito que sentou à minha frente.

— Que tal pelo seu nome, seria bem legal.

— Desculpa. — Ouço ele rir novamente. — Às vezes é estranho falar com alguém que não me reconhece. Meu nome é Gael. — Ele pausa, em seguida, continua. — E minha mão está estendida bem na sua frente.

— Meu nome é Lillith. — Estendo a minha e o cumprimento. — Por que disse que as pessoas reconhecem você?

— Sou Gael Malloy. — Já estava com um sorriso no rosto, agora tenho certeza de que quem vai passar vergonha sou eu, porque acho que meu rosto vai se partir ao meio de tanto que ele abriu.

— O vocalista da Originals — afirmo e, minha nossa, não consigo disfarçar o tom reverente na minha voz. *Recomponha-se, Lillith!*

— Não vai gritar, vai? — Seu tom é divertido.

— Posso? — Não consigo abrandar o sorriso no rosto nem que minha vida dependesse disso.

— Só se você quiser que a garçonne narre o menu para você.

— Tudo bem, vou tentar controlar o meu lado fã — resmungo na brincadeira, e finalmente consigo acalmar meus nervos por estar diante de um dos meus cantores favoritos.

— Então, vamos lá. — Ele pigarreia e começa a dizer o que tem no menu, a gente ri quando ele comenta o que é bom e o que não é. Por fim, escolho um bolo que ele garante ser o melhor da casa — já que a esposa dele sempre pede — e um café.

— Obrigada pela ajuda — agradeço com sinceridade.

— De nada. Ah, gostaria que soubesse que eu te reconheci.

— Me reconheceu? Como assim? — Fico confusa.

— Micah me enviou um vídeo seu cantando no The Rock. A sua voz é do

caralho, se me permite dizer.

Fico sem palavras. Gael Malloy – vocalista da Originals – elogiou a minha voz. Caramba, estou chocada, e acho que vou explodir de felicidade.

— Você está bem? — Ele parece preocupado.

— Desculpa, meu lado fã tentou me possuir, mas eu já o dominei. — Ele ri.

— Tenho que ir, só passei para pegar algumas coisas para a minha esposa. Você vai ficar bem? Seu pedido não deve demorar.

— Está tudo bem, muito obrigada.

— Mora aqui perto?

— Não, na verdade, eu saí um pouco para explorar a cidade.

— Hum. — Conheço bem quando alguém faz esse *hum*. — Eu vim de carro, porém preciso ir, mas tem outro com dois seguranças. Se quiser uma carona posso deixar a sua disposição.

— Seguranças? Me levar? Não precisa. — E o lado protetor e preocupado é acionado.

— Tem certeza? — diz

— É sério, Gael, não precisa. Não vou ter problemas para ir embora. — Mesmo sabendo que pode ser inútil, eu tento argumentar.

— Então vou indo. Tchau, Lillith, foi um prazer conhecer você. — Ele se aproxima e beija meu rosto.

Ouçó quando ele se afasta, e fico boquiaberta com tudo o que disse enquanto coloco a mão no rosto, sobre o lugar que ele beijou.

Acabei de conhecer Gael Malloy. E *ele* beijou meu rosto.

AI, MEU DEUS! AI, MEU DEUS! AI, MEU DEUS!

Acho que vou gritar. *Controle-se, Lillith*. Respira, inspira.

Meu pedido chega e não perco tempo, mesmo estando nas nuvens. Meu estômago agradece. O bolo é muito bom, ele estava certo. Assim que termino e peço a conta, descubro que já foi paga. Mas é claro que ele seria cavalheiro assim.

Quando saio, penso nas dificuldades que tive para chegar aqui e apenas pedir um lanche. E como é difícil alguém com as minhas limitações sair apenas para um passeio. Pessoas agitadas, passando rapidamente por você, quase perdi o equilíbrio pelo menos duas vezes. Sem contar a disposição para dar uma informação. As pessoas pareciam estar com pressa, o tempo todo. Num ritmo totalmente frenético.

Cansada, passo o endereço para o motorista do táxi, que me leva embora.

No caminho, fico recordando sobre meu encontro casual, foi surreal. Achei o lance da conta bem legal, como nesses contos de fadas em que a gata borralheira é salva pelo príncipe, só que nesse caso, o príncipe tinha um carro e já tinha uma princesa. Que pena.

Já em casa, deitado na cama e lembro da primeira vez que escutei a música deles. Drew foi quem me mostrou, e no meu aniversário de dezesseis anos, conseguimos ir a um show que fizeram na nossa cidade. Meus pais só permitiram por ser meu aniversário, e confesso que a maior parte do show, passei com Drew me beijando. Na época, foi o melhor momento da minha vida, hoje é apenas uma lembrança da qual gostaria de esquecer.

Não tenho noção do tempo quando Jannet bate na porta do quarto. Acho que peguei no sono em meio aos pensamentos.

— Estava dormindo? — pergunta quando entra.

— Acho que cochilei um pouco.

— Você saiu? — praticamente grita.

— Fui dar uma volta. — Dou de ombros.

— Uma volta, Lillith? Sozinha? — diz incrédula.

— Sim, Jannet. Uma volta sozinha, algum problema? — Será que ela não entende que essa atitude dela me sufoca?

— Tem problema sim, Lillith. Todos os problemas! E não me faça enumerar cada um deles.

— Você está sendo dramática. Só dei uma volta, tomei um café e comi um bolo maravilhoso, devo acrescentar, e depois voltei para casa. Sã e salva.

— Porque não me avisou que queria sair? Podia ter me programado e ido com você.

— Você trabalha, Jannet. Não foi nada demais, só uma volta e ainda vim para casa de táxi.

— Táxi? Você entrou em um carro com um desconhecido? — Sinto o colchão se afundar e sua mão no meu braço. Respiro fundo, essa vai ser uma daquelas conversas que odeio.

Contei do passeio, omitindo algumas partes para que ela não ficasse mais superprotetora ainda, contei sobre o café, a garçonete constrangida e do Gael. Minha irmã ouviu tudo, e milagrosamente, não me interrompeu.

— Então, já conheceu Micah, Gael e Josh — comenta pensativa.

— Josh? — pergunto confusa. — Não, conheci apenas dois integrantes da banda, não conheci o restante. — Tenho certeza de que me lembraria disso, não lembraria?

— Conheceu o Josh naquele dia do hospital. — Suas palavras me pegam de surpresa.

— O quê? Está falando sério? Aquele era o baterista?

— Quero que me escute com atenção, Lilly. — Ela segura a minha mão, e já sei que vai dizer algo que não vou gostar porque me chamou de Lilly. — Mantenha a distância deles. Sei que foi contratada para cantar no The Rock e eu gosto muito da Callie, mas me prometa que vai ficar longe do pessoal da banda.

— Eles me trataram muito bem, Jannet. Além de ridícula, está sendo uma exagerada.

— Eles pensam que podem tudo, acredite em mim. E depois da morte do baixista, estão indo ladeira abaixo, principalmente o Josh. Você quis sair para trabalhar e juntar dinheiro mesmo eu dizendo que não precisava, tive que respeitar e aceitar. Agora, peço o mesmo de você. Por favor, Lilly, faça o seu trabalho lá, e em hipótese alguma se envolva com eles. Estou falando sério.

— Não sou nenhuma criança, Jannet. Para de me tratar assim. — Solto a mão dela e me levanto. — Pare de tentar decidir com quem posso ou não conversar, pare de escolher as minhas amizades.

— Só estou tentando te proteger.

— Você está me sufocando, é isso o que está fazendo. Nem o papai ou a mamãe me tratavam dessa maneira.

— Por se sentirem culpados, deixaram você fazer o que bem queria. — Ela aumenta o tom de voz.

— Você está falando besteira — retruco.

— Não, e você precisa aprender a me escutar. Lembra de quantas vezes eu te avisei sobre o Drew?

— Isso é golpe baixo, Jannet. Até mesmo para você.

— Tanto faz, mas enquanto eu puder, farei o que for preciso para protegê-la — diz incisiva, e então ouço a porta bater.

— Filha da mãe — digo para o nada, porque ela simplesmente saiu sem me dar a chance de responder.

Odeio isso, detesto saber que ela tem razão sobre Drew, abomino que tenha razão sobre os nossos pais. Mas ela ter razão não significa que é verdade.

Infelizmente, a pior cegueira é a do coração. Quando ele nos faz perder a razão e agir por impulso. Esse foi meu problema com o Drew. Ele era meu namorado desde o colegial. Jannet nunca gostou dele, mas eu achava que era

apenas implicância de irmã mais velha. Eu namorava com o garoto mais popular da escola, e que em breve seria um dos melhores jogadores de hóquei. E ele sempre fez com que eu me sentisse especial.

O acidente aconteceu na noite da nossa formatura do Ensino Médio. Drew foi me buscar, a aparência dele naquele dia é algo que nunca saiu da minha cabeça. O smoking perfeito, o sorriso deslumbrante. Eu também estava à altura. Seria a nossa noite, quando eu finalmente me entregaria a ele.

Eu o amava profundamente, e ainda mais, por ele ter sido tão paciente e esperado até que eu estivesse preparada. Mas tudo naquela noite, assim que saímos de casa, foi um desastre.

Drew ficou furioso porque não ganhamos como rei e rainha do baile, na época eu também fiquei, nós éramos “o casal”, aquele que todos invejavam, portanto não acreditávamos no resultado. Depois disso, acabamos em uma outra festa na casa de um dos amigos do Drew. Muitas bebidas, pegação, música alta. Mas nada disso me incomodou, ele estava ao meu lado e estávamos com nossos amigos. Só que o momento que era para ser perfeito, foi estragado porque Drew quis subir para um dos quartos. Eu não quis, planejamos essa noite e tudo estava certo para acontecer na casa dele, que estaria vazia.

A experiência foi ruim, eu chorei e ele me ignorou. Então, disse que eu estava chata demais e ia me levar embora. Foi quando tudo aconteceu. Drew estava bêbado e bateu o carro. Ele teve algumas escoriações superficiais, mas eu perdi a visão.

Os dias que se seguiram entre o período que passei no hospital e a aceitação da cegueira, ele me deixou, usando a desculpa de que se sentia culpado e que não estava sabendo lidar com tudo.

Provavelmente teria acreditado, se não tivesse descoberto que ele saiu do hospital, de braços dados com Elisa – minha amiga, *nossa amiga* – no mesmo dia em que terminou comigo. E pelas fofocas que ouvi, estão juntos até hoje.

Ignoro a tristeza que ameaça me possuir, é tão difícil lidar com essas memórias. Tudo que aconteceu depois que perdi a visão, as dificuldades que consegui superar não foram tão ruins quanto a reação das pessoas. A garota popular da escola, se tornou digna de pena. A casa, antes cheia de amigos, passou a receber apenas dois; Ray que sempre me ajuda quando preciso, e Sam, que é minha melhor amiga.

As pessoas não sabem conviver com as restrições das outras, em um mundo perfeito e colorido, quem enxerga preto é excluído. Felizmente, eu

aprendi que na ausência do visual, os sons são mais interessantes, os cheiros têm mais significados e a textura tem mais importância. Eu me arrisco a dizer que depois do primeiro ano em que tive, não só dificuldades em me ajustar, mas também de me aceitar, sou muito mais feliz.

Meu celular toca, avisando que recebi uma mensagem. Sorrio, porque sei que é da minha irmã. Deve ter mandando um áudio, ela costuma fazer isso quando está com raiva de alguma coisa e finge que está me ignorando.

Ouçõ o áudio dizendo que o jantar chegou, então vou para o banheiro. Um banho agora é o que preciso, antes mesmo da comida.

— Prometo que da próxima vez te aviso se eu resolver sair — digo quando termino de comer, ela praticamente me ignorou o jantar todo.

— Não quero que se sinta sufocada, Lillith, mas seria legal me avisar quando decidir se aventurar pelas ruas de Nova Iorque.

— Preciso que confie mais em mim, irmã. Já foi muito difícil esses anos com nossos pais me tratando como se eu fosse de vidro, só quero um pouco de normalidade, entende?

— Eu sei querida, eu sei. — Ela vem para o meu lado e segura a minha mão. — Conquistou muitas coisas nesses anos, minha irmã, e eu me orgulho demais de você.

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Você é contra a minha cirurgia? — Ela suspira e demora um pouco para responder. — Pode dizer a verdade.

Desde que contei a ela sobre a possibilidade de voltar a enxergar, Jannet foi solícita. Passando todas as informações pertinentes e ajudado com médicos, mas nunca pensei em perguntar isso de forma direta.

— Como enfermeira, conheço os prós e contras, e sei que seria excelente para você.

— E como minha irmã?

— É um risco que não queria que você corresse — responde, e é o suficiente para que eu saiba que ela não é a favor, mas, pelo menos, sabe que isso é uma decisão que só cabe a mim.

— Eu te amo, irmã.

— Também amo você. Desculpe por ter mencionado o Drew — diz soando arrependida.

— Não se preocupe, mesmo você não comentando sobre ele não significa que eu o esqueci.

— Ainda gosta dele? — Seu tom é de surpresa.

— Não, credo, não. — Sorrio. — A única coisa que eu sentia por ele, era, sei lá...

— Tesão?

— Também não. — Dou risada. — Éramos o casal perfeito. E ele sempre me tratou como uma princesa. Não sei, talvez foi algo natural naquela época.

— Mas ele não ficou quando mais precisou, ficou?

— Pois é. Então nunca foi amor, né? Amor é quando as pessoas estão com você nos piores momentos. Porque nos bons, todos estão.

— Tem razão, só fica quem realmente se importa.

— Acho que o meu acidente foi isso, um crivo de amor. — Pena que poucas pessoas passaram nessa peneira, esse é um pensamento que guardarei pelo resto da vida.

— Estarei com você em qualquer decisão que tomar, tudo bem? — diz e eu concordo com a cabeça. — Só não me mate do coração durante o processo.

— Isso eu não posso prometer. — Sorrio. — Aí! — grito quando ela belisca meu braço. — Como você é chata.

— A louça é por sua conta, senhorita. — Ela levanta, rindo e eu fico esfregando a mão sobre o beliscão.

A coisa mais legal sobre irmãs é isso, uma briga pode ser resolvida em cinco minutos, principalmente se as duas estiverem de estômago cheio.

Vou lavar a louça, mas antes abro o aplicativo de músicas no celular e escolho uma seleção para ouvir. Canto baixinho enquanto lavo os pratos, lembrando-me da apresentação no The Rock, de como foi conhecer o Micah, da surpresa em conhecer o Gael, e principalmente, lembro-me de quando Josh me agradeceu.

A voz dele é algo impossível de se esquecer. E mesmo não me lembrando dele fisicamente, só a voz, o toque hesitante das mãos dele e a nossa conversa fiada é o suficiente para me fazer sorrir enquanto faço aquilo que mais odeio. Lavar louça.

CAPÍTULO 6

JOSH

*“I’m letting go
Surrender to the battle
Another rising tide
Another storm to fight
Come and take me
I’m just a skipping stone”
Skipping Stones – Claire Guerreso*

Quando você está no fundo do poço, só há um caminho a seguir. Para cima. Pelo menos era isso que as pessoas sempre diziam, mas como eu costumo dizer “foda-se esse lance de subida”, não quero subir, não quero voltar para a superfície onde tudo é brilhante e todos são felizes.

Mas finjo, pelos meus amigos, eu faço de conta que está tudo bem. Só não sei até quando serei capaz de suportar essa farsa.

Faz duas semanas desde o incidente que me levou ao hospital, mas aquilo na realidade foi o quê, a quarta vez? Não tenho a mínima ideia, só que já estava virando cliente VIP daquele lugar. E também teve o fiasco na casa da Mag, aquilo sim, foi novidade. Infelizmente ela tinha razão, eu fui lá pelos motivos errados. Queria algo que me lembrasse dele, queria dormir com ela apenas para me lembrar dele.

O que seria injusto, inclusive com ela. E no meio de todo meu egoísmo, não percebi que a Mag estava sofrendo tanto quanto eu. Por isso, estou me segurando nesses últimos dias, e agora eu me encontro sentado no consultório do doutor Hunt, encarando-o.

Ele aceitou me atender fora do hospital, o que é um alívio porque não tenho intenção de voltar lá. Pelo menos, por um bom tempo.

— Então, estava me contando sobre a Mag estar em um novo relacionamento. — Ele me traz de volta dos meus devaneios. Tenho feito muito isso ultimamente, ficar perdido dentro da minha própria cabeça.

Fingir que está tudo bem é a única coisa que tenho feito, porém, a cada dia que passa fica mais e mais difícil. Gael, Micah, Braden e eu, sempre funcionávamos como uma extensão um do outro. E quando algo não ia bem, nós sempre sabíamos.

— Eu não disse isso. — Ou disse? Fico confuso, esse cara é um mestre nisso.

— Você contou que no dia que foi na casa da Mag, Dean estava lá.

— Sim, mas isso não quer dizer que estão juntos — digo sem muita convicção, tenho a impressão de que nem eu acredito nessa *afirmação*.

— Que horas foi isso?

— Não sei, estava quase amanhecendo, acho.

— Ela costuma receber visitas cedo assim? — Eu o encaro. *Que filho da mãe!*

— Certo, você é bem mais esperto do que eu. E daí? O que isso tem a ver com qualquer coisa aqui.

— Te incomoda?

— Incomoda o quê? Ela transar com o gerente da Callie?

— O fato de ela estar seguindo em frente, *sem* você?

— Deveria me incomodar?

— Não sei, quem tem que me dizer isso é você. Foi procurá-la naquela noite, em busca de alguma coisa, e não teve. Portanto, isso *te* incomoda?

— Você é um pé no saco, sabia? — Dr. Hunt ergue uma sobrancelha, mas não diz nada. Recosta-se na cadeira, esperando que eu continue. Babaca. — Não, isso não me incomoda. Nós nunca tivemos um relacionamento sério. Mag sempre foi livre para ficar com quem quisesse.

— E quando ela disse: sem ele não existe um nós, como foi que se sentiu?

Suas palavras me pegam de surpresa, e nesse momento estou arrependido de ter contado tudo a ele. Mas, porra, esse é o trabalho dele, não é? Ouvir toda a merda que confunde a minha cabeça.

— Como se eu tivesse perdido mais uma parte dele — confesso, porque foi exatamente assim que me senti.

Mais um golpe que eu não esperava levar.

— Você não perdeu, Josh. Mag não é a sua válvula de escape.

— Eu sei disso. — *Agora.*

— E o seu filho, quero saber o que sentiu quando soube que ele estava doente.

Suas palavras ficam se repetindo na minha cabeça. Nossa, como aquela

noite foi confusa. O desespero, o álcool, a realidade sobre os sentimentos da Mag e, por último, a constatação de eu ser um péssimo pai.

— Não tenho ideia de como me senti. — A frustração é evidente na minha voz.

— Tem sim, Josh. E quanto mais cedo aceitar isso, melhor.

— Quer que eu diga o quê?! — Eu me levanto, ele me acompanha. — Que eu me sinto um lixo como pai? Que sem o Braden aqui não faço a menor ideia do que fazer ou de como agir? — Arrasto a cadeira e me afasto da mesa.

Eu não quero aceitar merda nenhuma, nada dessa confusão toda que está acontecendo. Isso não faz nenhum sentido, então por que sou obrigado a aceitar? E por que todo mundo insiste em dizer isso?

— Seu filho precisa de você e você precisa enfrentar esse medo que tem de encará-lo.

— Não consigo. — Sinto as mãos tremerem apenas com a lembrança. A última vez que vi AJ, eu ainda estava em choque, foi depois do enterro e estávamos indo para casa. Mag entrou no carro junto comigo e AJ estava no colo dela. Passei todo percurso olhando para ele, que não fazia ideia do que estava acontecendo. Depois disso, não consegui mais vê-lo.

— Consegue, desde quando ele nasceu, vocês só deram amor para ele. AJ não só perdeu Braden, ele está te perdendo também.

— É só que... ele é a cara do Braden, e eu não...

— Ele é a parte do Braden que você não perdeu, mas se continuar assim, vai perdê-lo. Pense nisso. — Ele me acompanha até a porta.

— Nosso horário já terminou? — pergunto confuso, acho que entrei aqui só tem trinta minutos.

— Nós já terminamos.

— Eu pago por uma hora. — Cruzo os braços.

— Seu empresário paga, e ele não está aqui “fiscalizando”, além do mais, eu te dei algo para pensar. E tenho um encontro. — E pisca para mim antes de abrir a porta.

Ele me enxota e praticamente bate a porta no meu rosto. Mesmo com tudo o que disse sobre AJ e todo o resto, só consigo pensar em quem diabos aceitaria ir a um encontro com esse velho esquisito conforme caminho até o carro.

Pego o celular e reviro os olhos, tem mais de trinta mensagens no grupo do *Whatsapp*. Meu Deus, eu odeio a Hanna por ter sugerido isso.

Hanna: Que tal sairmos hoje?

Callie: Vocês deveriam vir aqui no bar.

Gael: Por que não podemos ficar em casa?

Hanna: Porque ficamos em casa nos últimos meses.

Micah: Tem uma cantora nova no bar, acho que vão curtir. Vou reservar uma mesa.

Hanna: Cadê o Josh?

Gael: No doutor Hunt.

Hanna: Coitado...

Micah: Do médico?

Hanna: Não, do Josh.

Callie: Nos vemos mais tarde?

Hanna: Siíííim.

Gael: Droga, sim.

Micah: Ok, avisem o Josh.

Penso em responder recusando o convite, mas pela animação da Hanna, não seria legal fazer isso. Ela tem sido meu ombro nesses dias e a última coisa que eu quero fazer é decepcioná-la, então digito minha resposta.

Josh: Tô dentro.

Não demora muito para que as meninas enviem vários *emoticons* de corações, isso me alegra um pouco. Talvez, uma boa noite de diversão seja o que todos nós precisamos nesse momento.

Sigo para a casa do Micah. Estou, praticamente, vivendo na casa dele e na do Gael. Braden e eu tínhamos o nosso apartamento, que só passamos a usar depois que a Hanna se mudou para a casa do Gael, e mesmo assim, eram raras às vezes que ficávamos lá. Só que ainda não consegui dormir naquele lugar.

Nosso quarto, nossas coisas, tudo ali doía demais quando eu olhava. E o pior, eu sabia que precisava empacotar as coisas dele, roupas que podem muito bem ser doadas ou até mesmo leiloadas para beneficiar alguma instituição, mas ainda não estou preparado para isso. Acho que jamais estarei.

E essa virou a minha rotina, fico pulando de uma casa para outra. E continuo me sentindo deslocado. É como se eu não pertencesse mais a lugar nenhum.

Micah está no The Rock, ele liga avisando que vai trocar de roupa por lá mesmo, e que ele e a Callie estão nos esperando. Dispensando a carona do Gael e da Hanna porque assim que cheguei fui direto na coleção de bebidas do Micah e virei algumas doses tão necessárias. Portanto, algum felizardo do

Uber será o “motorista da vez”.

As palavras do psicólogo maluco entram e saem da minha cabeça, e a cada dose que bebo, a realidade se mistura à ilusão. Uma ilusão que eu desejo manter.

Mesmo tentando ficar na linha nos últimos dias, a bebida ainda é um mal necessário. Não me lembro de uma noite que tenha dormido sóbrio. Mas honestamente, eu prefiro assim, apagar sob o efeito do álcool para acordar sem me lembrar de nada. Porque toda vez que tento dormir sóbrio, duas coisas acontecem: sonho com o Braden ou com o acidente. E o resultado disso é mais álcool – ou drogas – o que encontrar primeiro.

Antes de sair bebo, tomo mais um gole de uísque para me preparar para o que enfrentarei hoje. Uma noite com meus amigos, sem ele.

Chego e entro pelos fundos do The Rock, Micah e Callie prepararam essa entrada para clientes como nós. Sim, não somos os únicos famosos que frequentam o lugar. Callie fez um trabalho e tanto com o bar e ele é um dos mais requisitados de Nova Iorque.

— Onde estão todos? — pergunto para o segurança quando ele abre a porta.

— Próximo ao palco, na mesa de sempre. Quer que alguém te acompanhe até lá?

— Não, tranquilo. Obrigado. — Bato no ombro dele e caminho até meus amigos.

Estão todos lá; Hanna está sentada ao lado do Gael, com os cabelos trançados, como de costume, e está usando um vestido azul justo que marca cada curva de seu corpo. E, é claro que meu amigo não para de olhar feio para os caras ao redor. Callie como sempre está no melhor estilo *rock and roll*; jaqueta de couro e calça jeans rasgada nos joelhos. Está sentada no colo do Micah, com uma bebida na mão. O Playboy está com a mão na sua bunda, sorrio com a cena. E então vejo a Mag. Seu cabelo ruivo está solto, caindo sobre os ombros, está vestindo um top tomara que caia, um que já vi caindo várias vezes. Olho ao seu lado e vejo o lugar vago, imediatamente uma tristeza se apodera de mim e eu pego uma bebida do primeiro garçom que passa pela minha frente.

É bom estar aqui, é maravilhoso que estejamos todos juntos. Mas, falta alguém, nosso grupo não está inteiro e esse buraco jamais se fechará.

— E aí — cumprimento a todos e sento ao lado da Mag, beijando seu pescoço. Ou, talvez tenha sido mais para um esfregão de lábios. Acho que

exagerei antes de sair do apartamento do Micah. Quer saber, estou nem aí. Mas é um velho hábito que tenho e penso que ela não se importará. Porém, apesar de tentar sorrir com meu gesto, sua resposta parece preocupada. Ou será que estou enxergando torto?

— Já chegou bêbado, Josh? — E me empurra com os ombros de brincadeira.

— Está atrasado — recrimina Micah. — E mamado — conclui.

— Relaxa, *papai*... Estou aqui, não estou? — respondo irônico.

— O que está bebendo? — Mag olha para o meu copo.

— Não sei. — Dou de ombros, ela pega e toma um gole.

— Credo, Josh. — Ela faz uma careta. — Onde pegou isso?

— Sei lá, peguei do garçom, deve ter sido o seu *namorado* que fez. — Não perco a oportunidade de alfinetar. E talvez tenha exagerado na pronúncia. Ah, foda-se!

— Idiota — ela me xinga, mas não consegue disfarçar o sorriso.

— Será que se eu dançar com você, ele vai ficar com ciúmes?

— Acho que vai testar essa teoria, mesmo se eu não quiser dançar.

— Você me conhece tão bem, querida. — Pisco para ela, viro o resto que sobrou daquela bebida horrível e me levanto. Puxo sua mão e a levo para pista de dança enquanto nossos amigos ficam conversando.

Depois de dançar três músicas, confesso que toquei de forma bastante ousada em algumas partes do corpo dela com o intuito — único e exclusivamente — de provocar o Dean, que está no bar essa noite, fingindo não se incomodar. O som para, e é substituído pela atração da noite.

— Vem, vamos ficar perto do palco. — Mag pega minha mão.

— Pra quê?

— É a tal garota nova que o Micah e a Callie não param de falar. A atração de hoje não pôde vir, então a chamaram. Ela canta aqui nas noites de quarta.

— Mag, vou ficar no bar. — Viro para o bar, mas ela puxa meu braço na direção contrária.

— Não, senhor. Você fez seu showzinho tentando provocar o Dean, sendo que não temos nada, agora vai comigo até o palco. E seria bom manear na bebida também — diz firme, às vezes eu me esqueço de como ela é aterrorizante quando quer.

— Vou pegar só mais uma bebida e te encontro lá na frente.

— Não ouse me enrolar, Josh.

— Isso nunca passou pela minha cabeça. — Beijo seu rosto e vou para o bar, minha ideia inicial é de me sentar aqui e só levantar quando for embora. Mas isso logo é esquecido quando a música começa a tocar.

Ela é realmente boa.

— O que vai querer? — pergunta Dean, estava tão distraído ouvindo a música que não notei ele se aproximando.

— Qualquer coisa forte.

— Pretende entrar em coma alcoólico? — E ergue uma sobrancelha.

— Pretende pegar minha mulher quando eu apagar?

— Não sabia que ela era de alguém. — Ele pega um copo e coloca uma dose de uísque. — Na verdade, não sabia que pessoas são posses. — E me entrega a bebida.

— *Na verdade*, ela pertencia a dois, e é a mãe do nosso filho. — Bebo um generoso gole.

— Olha, Josh, seja lá o que você quer fazer, não vou entrar nesse jogo — avisa e se afasta.

— A Mag não é mulher para brincadeiras. — Ele escuta minhas palavras e volta.

— Não era eu quem estava brincando com ela — diz em um tom firme e sai.

Porra, ele tem razão.

Passo alguns minutos ouvindo a música e bebendo resto do meu uísque. Minha cabeça gira com uma avalanche de pensamentos confusos.

Mag.

Dean.

Meu filho.

Mag com Dean.

Braden.

Brincamos com ela.

Porra. Merda. Cacete. Caralho.

Começo a perder o raciocínio quando presto atenção na música.

*I'd climb every mountain
And swim every ocean
Just to be with you
And fix what I've broken
Oh, 'cause I need you to see
That you are the reason*



— Já pensou em escrever as letras das músicas? — Braden está deitado, estamos no nosso quarto. Micah trouxe uma música para fazer os arranjos, a que ele escreveu para a Blue.

— Existe algo sobre escrever as letras, elas têm que ter um significado, sabe? Gosto das músicas que vem da alma, que dizem alguma coisa.

— Não é sua praia? — pergunto, desde que começamos a banda, Micah e Gael compõem, Braden e eu fazemos os arranjos e melodias.

— Tenho algumas coisas escritas, são palavras ainda soltas. Quando terminar de escrever tudo, pode ser que eu mostre.

— Vai esconder isso de mim? — Ele sorri.

— Todos temos segredos, né? Mas, sabe, falando sobre letras e essas coisas, tem uma música que ouvi faz pouco tempo, e não foi feita por mim, mas a letra parece que foi feita para mim.

— Qual?

— *You Are The Reason* do Calum Scott.

— Então, você tem uma razão? — pergunto sorrindo. Ele vira e cobre meu corpo com o seu.

— Você é minha razão. — Braden começa a me beijar, como se nada mais no mundo importasse, a não ser aquele momento, aquele beijo. Nesse dia, eu soube. Ele também era a minha razão.



*There goes my hands shaking
Cause you are the reason
My heart keeps bleeding
And I need you now*

Não percebo meu corpo se movimentar, não presto atenção nas pessoas à minha frente, dançando, se beijando. Nem nos meus amigos, dentro da sua própria bolha de amor. Nem na Mag com a cabeça encostada no ombro do

Troy, que não faço ideia de quando chegou.

A única coisa que me move agora é o desespero para que essa música pare de tocar. Então eu grito, tão alto que todos ao redor me olham. Mas a cantora não percebe, e eu explodo. Pego a primeira coisa que as minhas mãos tocam. Ergo uma cadeira e a atiro com força, ela quebra na calda do piano. As pessoas começam a gritar.

— Para de cantar essa merda! Porra! — grito mais uma vez.

Tudo acontece tão rápido e ao mesmo tempo em câmera lenta. E, de repente, sinto meu corpo – que antes estava adormecido num mar de angústia – despertar e ficar sóbrio.

Vejo quando a cantora se assusta, levantando de uma vez. Ela perde o equilíbrio e o banco do piano tomba, levando-a junto.

PORRA!

— Já chega, Josh. — Micah está na minha frente. — Larga essa garrafa. — olho na minha mão e vejo uma garrafa.

— Droga. — Eu a solto e ela cai no chão, não sei como ela foi parar ali. E que merda eu pretendia fazer com isso?

— Vamos para casa. — Gael tenta pegar no meu braço, mas eu me esquivo.

— Eu estou bem — respondo sem ter muita certeza disso.

— Não, Josh, você não está. — Pisco algumas vezes e olho ao redor. Micah, Gael e Troy estão me cercando, enquanto várias pessoas me olham assustadas. Os seguranças também estão aqui, olho para o palco e vejo Hanna, Mag e Callie ajudando a cantora.

— O que foi que eu fiz? — pergunto, porque não consigo assimilar metade do que aconteceu aqui. — Eu a machuquei? — Empurro Micah e Gael da minha frente e corro para o palco. Sem pensar, apoio as mãos na beirada e pulo. Quando tento me aproximar delas, Callie me impede.

— Josh, pare — diz Callie e eu a ignoro. Minha cabeça fica martelando. Cacete, será que joguei alguma coisa nela?

— Só quero saber se ela está bem.

— A Lillith está bem — responde Hanna e a garota entra no meu campo de visão. Ela está passando as costas da mão sobre os olhos. Seu rosto está molhado de lágrimas.

— Lillith? — pergunto confuso.

Esse nome...

— Josh? — diz, tirando a mão do rosto e quando eu vejo quem é, meu

coração se aperta.

Droga! A garota do hospital.

— Merda. Merda. Merda. — Passo a mão pelo cabelo.

— Josh, vamos. — Hanna segura no meu braço. — As meninas vão ajudá-la a descer.

— Só quero saber se ela está bem! — grito e saio do alcance da Hanna. Lillith parece tão confusa quanto eu.

— Ela está, só ficou assustada. Ela é cega, Josh, e não sabia o que estava acontecendo. — diz Hanna em um tom firme. Droga, a minha noite só piora.

— Eu sei — respondo.

— Sabe? — pergunta confusa.

— Sim, eu a conheço. — Ignoro o olhar da Hanna e me desvencilho dela. Vou até onde Lillith está, perto das escadas. E com a ajuda de Mag e Callie, ela começa a descer. — Você está bem? — pergunto e ela vira o rosto na direção da minha voz.

— Foi só um susto — responde, mas não soa convincente.

— Lillith, me desculpa — peço com toda sinceridade.

Ela me dá um pequeno sorriso, em seguida, volta a descer. Sento no chão enquanto a vejo sair do palco. Ela parecia assustada, e jamais me esquecerei da expressão em seu rosto. Uma expressão de medo, angústia. Tudo isso causados por mim.

— Vem, Josh, vamos embora. — Gael está estendendo a mão para me ajudar a levantar. Olho para cima e vejo Micah e Troy ao seu lado. Eles não me olham com raiva, ou pena. Estão sofrendo tanto quanto eu.

— Você precisa de ajuda, cara — diz Micah quando me levanto.

— Não acho...

— Josh, serão apenas alguns dias. Você precisa sair do meio de tudo isso. Pelo menos por um tempo — diz Troy. Olho para Gael e, pela sua expressão, tem a mesma opinião.

Em toda a minha vida, cada burrada que já fiz, só vi meus amigos me olharem assim uma vez. Quando meu pai disse que não queria me ver nunca mais. Naquele dia, eles compartilharam a minha dor.

— Não sei o que fazer. — Coloco as mãos na cabeça, e eu me seguro para não chorar. Mas é impossível. Dói demais. *Por que, Braden? Por que você me deixou?*

De repente, Micah me envolve em um abraço. Gael se aproxima, e nos abraça. Sinto uma mão apertar meu ombro, ergo o olhar e vejo Troy

acenando a cabeça. Meus amigos estão me segurando, mantendo-me de pé. Enquanto que a única coisa que eu realmente desejo, é cair. Sucumbir ao breu do abismo mais próximo.

— Estamos aqui, Josh. Estamos com você. Sempre — murmura Micah com a voz embargada.

— Se você cair, nós vamos te ajudar a levantar — afirma Gael e eu olho para cada um dos meus amigos. Não preciso de ninguém, eu preciso *dele*.

Merda.

Eu preciso de todos eles.

A única reação que tenho é de concordar com a cabeça porque eles estão certos. Tenho que me afastar de tudo por um tempo.

CAPÍTULO 7



LILLITH

*“I wish that I had all the answers
And I could walk you down your road
For all the times those times you feel like
You don’t matter
There’s just one thing you gotta know
You better believe, you better believe”
You better believe – Train*

Meu coração bate acelerado a cada passo que dou ao descer as escadas. Callie está me ajudando, mais duas mulheres estão com ela. Meus pensamentos estão confusos, ainda não faço ideia do que estava acontecendo.

Quando ouvi um barulho de algo quebrar, eu me assustei, ouvindo gritos para que eu parasse de cantar. Meu Deus, nunca vou conseguir esquecer os gritos dele. Eram de agonia. E nessa confusão, eu me levantei depressa demais e tombei com o banco para trás.

— Está tremendo, tem certeza que está bem, Lillith? — pergunta Callie quando chegamos ao escritório.

Queria dizer que não, que estou nervosa com tudo que aconteceu, mas não consigo.

— Estou sim, foi só um susto. — Forço um sorriso, e espero que – no mínimo – seja convincente.

— Ela se machucou? — pergunta uma voz desconhecida.

— Aparentemente não, Hanna — responde Callie, não sei com quem ela está falando.

— Hanna, Troy avisou que estão indo e que o motorista está nos esperando — avisa outra mulher enquanto Callie me leva até uma cadeira.

— Tudo bem — responde Hanna. — Foi um prazer conhecer você, Lillith, eu espero que possamos te ouvir cantar em outra oportunidade.

Não consigo responder nada, ainda estou atordoada com essas pessoas em

volta de mim, e apenas sorrio. Minutos depois, ouço a porta fechar.

— Você me diria se não estivesse bem? — Callie se aproxima.

— Claro, é só que... é muita coisa para assimilar. Quem eram essas mulheres?

— Vou acreditar em você. As meninas eram a Hanna, a esposa do Gael, e a Mag, mãe do filho barra namorada barra sei lá o quê do Josh.

— Como? — Fico mais confusa.

— Vou resumir, Mag é a mãe do filho do Braden e do Josh. Braden faleceu, você já deve saber disso.

— Ah! Ela tem um filho com cada um? — Por mais que eu amasse a banda, nunca fui de bisbilhotar sobre a vida pessoal deles.

— Não, ela só tem um filho, que é dos dois. Mag tinha um relacionamento com os dois.

— Ahhh! — Fico boquiaberta.

— Pois é, eu a chamo de sortuda. — Ouço uma leve risada vindo dela. — Vem, vou levar você para casa, já encerramos por hoje.

Callie pega a minha mão e eu me levanto. Ainda estou chocada com a quantidade de informação que tive em poucos minutos, mas não é isso que me incomoda agora.

— Por que ele queria que eu parasse de cantar? — pergunto me referindo ao Josh. Escuto ela respirar fundo antes de responder.

— Josh sofreu a maior perda de todos. E ele não está sabendo lidar com tudo isso. E pelo que estou vendo, as coisas se agravaram mais ainda já que o álcool agora é seu único companheiro.

— Ele não estava bem — murmuro.

— Ele nunca está. — A voz dela parece triste. — Mas desejo todos os dias que ele fique melhor. Vem, nossa noite foi longa, vou pedir ao Dean para avisar a sua irmã que vou te deixar em casa.

Aceito a carona de bom grado, e só espero que Dean seja discreto o suficiente para não mencionar o que aconteceu. Jannet não veria essa situação com bons olhos.

Assim que chego em casa, vou direto para cama. O cansaço me atinge em cheio, e não é só o físico – minhas costas ainda estão doendo um pouco por causa do tombo, mas principalmente o emocional. Fecho os olhos tentando dormir, mas os gritos dele continuam reverberando pela minha cabeça. Sua voz rouca e entrecortada quando me perguntou se eu estava bem. Josh parecia confuso e desorientado. E, caramba, eu sei muito bem como é se sentir assim.

Nossas perdas certamente não são iguais, mas dor e amargura é um sentimento que conheço muito bem. É algo que nos deixa impotente, incapaz de ver beleza em qualquer que seja a situação. Decidi sair dessa escuridão quando percebi que deixar meu coração morrer era bem pior do que não conseguir enxergar.

Sem sono, os sonhos não vieram. A noite foi passada em claro, revirando na cama e lembrando dos gritos. E o fato de ser musicista e a facilidade que tenho de gravar sons não ajudaram em nada.

Quando o alarme soa, berrando que amanheceu, a única coisa que quero fazer nesse momento é me enfiar embaixo das cobertas e tentar contar carneirinhos.

— Está acordada? — sussurra Jannet entrando no quarto.

— Não. — Cubro o rosto.

— Tem visita te esperando na sala. Não está acordada mesmo? Tem certeza? — O cansaço da falta de sono é substituído instantaneamente pela curiosidade e saio debaixo das cobertas. Não faço ideia de quem seja, não sou do tipo de garota que costuma receber visitas. Mas depois da loucura da noite passada...

— Quem é? — pergunto mais desperta.

— Ray — responde minha irmã e consigo notar o sorriso em sua voz. Ela sempre gostou do Ray.

— Ah... Hum... Tá certo, eu já vou lá — digo atrapalhada. *Por que não estou tão animada quanto deveria estar?*

— Você tá bem? — pergunta preocupada.

— Sim, claro. — Atrapalhada deveria ser meu nome do meio agora. — Só preciso de um banho.

— Entendi, mas você está um pouco estranha — comenta Jannet antes de sair do quarto, me deixando com meus pensamentos. Meu coração dá um ligeiro aperto.

Mas que inferno, quem eu esperava que fosse?

Tomo banho e troco de roupa o mais rápido que posso, apesar de Ray ser um dos homens mais pacientes que conheço, não o vejo há algum tempo e deixá-lo esperando, não é legal. Assim que eu piso na sala, sou recebida com um grande assovio.

— Já estava me preparando para ir resgatar a princesa. — Ray se aproxima e me abraça. — Senti sua falta.

— Também senti a sua. — Eu o abraço de volta. — E não seja grosseiro,

o dia mal começou e eu precisava de um banho.

— Tudo bem, você sabe como eu gosto de ser dramático — brinca. — Você está linda. Essa cidade parece que está te tratando bem. — Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Tão bem quanto eu mereço. — Sorrio.

— Então, já é um monte de coisa, porque você, garota, merece simplesmente o melhor. — Meu sorriso se alarga com as suas palavras. — Vem, vamos nos sentar, preciso de café.

Ray segura a minha mão e vamos para a mesa. Jannet está longe de ser vista – quer dizer – ouvida. Será que ela me deixou sozinha de propósito?

— Quais são as novidades? — pergunto enquanto sirvo a nós dois. Jannet sempre arruma a mesa do café do mesmo jeito, assim consigo ter o máximo de autonomia. Ela também programa a máquina de café para que caia a quantidade exata na xícara, então não preciso me preocupar se vai transbordar ou não.

Para mim, coisas quentes sempre foram um obstáculo. Perdi as contas de quantas vezes queimei as mãos, mas ainda bem que tudo pôde ser adaptado.

— Consegui um trabalho.

— Jura? — Essa novidade é boa, Ray estava tentando encontrar algo aqui já faz um bom tempo.

— Nada muito grande, mas estou bem animado. Vou trabalhar em um escritório de arquitetura.

— Isso é ótimo. — Não consigo conter o sorriso no meu rosto. — Era isso que estava buscando, não era? E a Sam? O que ela achou?

— Ela ficou feliz, e depois terminou comigo — diz sem rodeios.

— Como? Tá de brincadeira comigo?

— Não, esse é um dos motivos da minha visita.

— E eu aqui pensando que meu amigo estava vindo apenas para me ver.

— Eu disse *um* dos motivos, você é o segundo.

— É uma honra vir em segundo lugar para você, Ray — brinco com ele.

— Vai me ajudar nisso? — pergunta aflito.

— Juro por Deus que se eu não for a madrinha desse casamento, nunca mais converso com vocês dois. — Tomo um gole de café.

— Primeiro, ela precisa voltar comigo, depois você pensa no resto. Agora é a sua vez, quero que me conte o que anda aprontando.

Durante o café, conto tudo que aconteceu nos últimos dias. Sam e eu conversamos, quase todo os dias, mas na correria do cotidiano, sempre

esqueço de contar algo, e parece que ela também, já que nos falamos há dois dias e ela não mencionou que terminou com Ray.

— Então, conseguiu a vaga? — Ele menciona sobre a vaga de cantora no The Rock enquanto lava a louça do café.

— Consegui, e é incrível, Ray! E, sério, não sei nem como posso te agradecer por ter me contado sobre isso.

— Não foi nada, conheço um cara que trabalha lá e quando eu estava na cidade, ele comentou comigo que estavam precisando de alguém.

— Ei, você nunca me contou quem era o seu contato.

— Pois é, na verdade, acho que o meu contato não gosta muito de mim.

— Não acredito que exista uma pessoa nesse mundo que não seja capaz de gostar de você. — comento surpresa.

— Dean não gosta de ninguém.

— Você está me dizendo que o seu contato é o Dean? O gerente do The Rock. — Ouço um barulho de louça e Ray pragueja baixinho.

— Olha só, Lillith, por favor não fala nada pra ele do que eu te contei, tá bom?

— Falar o quê? Você não me disse nada. — Cruzo os braços, e escuto ele suspirar, em seguida, segura o meu braço e caminhamos até na sala para sentarmos no sofá.

— Dean é meu primo. — Eu fico chocada. — Mas não nos falamos muito, ele se afastou da família tem bastante tempo e mesmo com a nossa diferença de idade, ainda me lembro de como ele era legal.

— Ele é legal — afirmo.

— Bem, isso é bom, significa que ele concentra o ódio apenas na família dele.

— Do que você está falando?

— De coisas que não devem ser ditas, Lillith. Só, por favor, não conte que você sabe do nosso parentesco. Sou um dos poucos familiares que ele ainda conversa, mesmo que seja só nessas situações ao acaso, como aconteceu dessa vez.

— Tudo bem, pode ficar tranquilo. Não vou dizer nada — garanto para aliviar sua tensão. — Vocês se parecem? — pergunto curiosa.

Lembro do rosto do Ray, a pele escura e o cabelo *black power*. Ele era um dos garotos mais populares da escola, cheio de estilo e confiança.

— Não. — Ele da risada. — Somos como café e leite, se é que me entende. — E continua rindo. — Dean se parece com o pai dele, meu tio

Will, e eu como você sabe puxei para a família da minha mãe.

— Ah... que pena, estava tentando dar um rosto para o cara que tem sido muito bacana comigo nos últimos dias.

— Isso ainda te incomoda? — pergunta ele e não precisa dizer mais nada, eu sei que ele quer saber a respeito da cegueira.

— Não como no início, sabe. — Dou de ombros. — Mas às vezes, eu sinto falta de observar as expressões das pessoas. Porque, às vezes, basta um olhar para conseguirmos ver muitas coisas.

— Bom, confesso que algumas expressões eu realmente gostaria de não ver.

Sorrio com a sua observação. Penso em como podemos ler as pessoas apenas observando seus rostos. De como os traços se iluminam quando sorrimos, ou os olhos alertando que algo não está bem só pelo brilho. Ou a ausência dele.

Eu sinto falta disso. Mas então me lembro dos gritos da noite passada. Da voz carregada de tristeza. Da forma como ele me agradeceu no hospital. E percebo que pela primeira vez não desejo ver a expressão no rosto de uma pessoa, eu desejo apenas ouvir um pouco de felicidade naquela voz tão bonita.

Passamos o resto do dia juntos. O que é uma benção porque consigo uma folga da minha rotina tão sem graça. Ray me leva para passear e almoçar fora. Em troca, eu o torturo com ligações para Sam, sem contar que ele está comigo.

No fim da tarde, assistimos a um filme. O que é um máximo, já que sempre rola dúvidas sobre isso.

Cegos podem assistir filmes? É o que sempre me perguntam. Bom, é claro que podemos. Nós ouvimos. Podemos não ver as cenas, mas temos a vantagem de ter uma audição muito mais apurada e aproveitamos as sensações dos sons muito mais.

Ray vai embora logo depois do filme, e me faz jurar pela minha vida que jamais tocarei no nome dele na frente do Dean. O que nem seria necessário, porque além de eu ter percebido que é um assunto bastante sério, não é da minha conta. Jannet, milagrosamente sumiu durante o dia, e mesmo sabendo que Ray e a Sam têm uma história, ela nutre uma esperança boba de que algum dia possa acontecer alguma coisa entre nós dois. Mas acontece que Ray e eu somos apenas amigos. Melhores amigos.

É tarde, mas ainda estou na sala – sem sono para variar – e fico passando

pelos canais de TV até que escuto algo que me chama a atenção.

Fontes afirmam que Josh Riley, baterista da extinta banda de rock “Originals” foi visto dando entrada em uma clínica de reabilitação para dependentes químicos. A clínica é famosa por tratar de artistas renomados do show business, só nos resta desejar que fique bem e aguardar sua recuperação.

Ele se internou? A pergunta fica martelando na minha cabeça, até que crio coragem e pego meu telefone. A única pessoa que pode me passar uma informação verdadeira agora é a Callie. E ela não demora para atender.

— Oi, Callie. É a Lillith, peço desculpas por ligar tão tarde, mas queria conversar com você. Pode falar?

— Oi, Lillith. Aconteceu alguma coisa? — pergunta ela parecendo preocupada.

— Desculpa se estou sendo intrometida, mas acabei de ouvir na TV que o Josh foi internado, e eu... — Nossa, nem sabia o que dizer. — Olha, se foi por causa de ontem, preciso te dizer que está tudo bem, de verdade.

— Oh, Lillith! — Ela respira fundo. — Josh percorreu um longo caminho até ontem à noite, acredite em mim. Aquilo foi exatamente o que faltava para que fosse tomada uma decisão. Como diz o ditado: há males que vêm para o bem. Não que deixamos de nos preocupar com você, é claro. Poderia ter se machucado feio.

— Mas ele está bem? — *Que pergunta mais idiota, Lillith!*

— Ele vai ficar. É o que nós todos esperamos.

— Certo, então... me desculpe mais uma vez pela ligação tarde da noite e por o-

Ela me interrompe.

— Lillith, não tem problema. Sobre ontem... Bem, a noite passada foi uma loucura para todos, mas não se preocupe com isso, tá bom? Vejo você na quarta. Até mais.

— Até. — Desligo o telefone, mas a sensação de pesar não passa.

O quão mal ele estava para ter chegado a esse ponto? Não faço ideia, mas uma coisa é certa. Essa noite, mais uma vez dormirei me lembrando de seus gritos.

CAPÍTULO 8

JOSH

*“Nobody will say I’m perfect
Even I can see I’m flawed
I feel like there was too much pressure
And deep inside you were lost
It’s a long and lonely feeling
When this day comes to let you go
It hurts and makes believing
Seems like I’ve seen your ghost”
Wasting My Time – Bridge to Grace*

Meu corpo inteiro tremia por causa do desconforto, é madrugada e o suor escorrendo pelo meu rosto é um sinal do que o meu corpo quer, mas que estava sendo negado. Eu já tinha passado por isso antes.

Na primeira vez que estive aqui foi uma internação coletiva. Gael, Micah, Braden e eu. Foi uma época em que achávamos que éramos deuses imortais. Muito dinheiro, sexo e drogas ao alcance da mão.

Naquele tempo, Micah foi o único que teve uma recaída e acabou voltando, agora era minha vez. E estava sendo um inferno. Diferente de antes, não consigo me recordar de um único dia desde a morte do Braden que eu não passei bêbado, ou drogado. Talvez, os dois.

A forte dor de cabeça que estou sentindo agora, os tremores e o suor são o reflexo disso. Porra, estou muito ferrado.

Com apenas dois dias de internação, eu só consigo pensar em sair desse lugar. Não bebia porque meu corpo pedia, ou me drogava. Era tudo para não sentir a dor.

A falta que sinto do Braden não vai parar. E, inferno, nem quando estava chapado essa dor diminuía. Agora, então?

Sentia tudo em dobro.

— Me tira daqui!! — Levanto e esmurro a porta do quarto. Estou

sufocando aqui dentro e eu quero ir embora. Quero ir para casa. — Pooorrraaa!! Abram essa merda!!

Bato repetidas vezes até que ouço alguém se aproximar e abrir a porta.

— Eu quero ir embora. — Começo a andar de um lado para o outro, passando a mão na cabeça. Meu cabelo foi cortado assim que cheguei, esse lugar parecia uma maldita prisão.

— O senhor precisa se acalmar. — Uma voz suave tenta explicar os motivos de eu estar tão inquieto. Eu já sei, exatamente, o motivo de estar assim.

Preciso dele. Preciso do Braden comigo.

— Ligue para o meu empresário. — Eu me viro para encará-la. — O nome dele é Troy, ele... Ele vai me tirar daqui. — Passo a mão na cabeça de novo, e ando em direção a cama, depois volto na direção da porta. — Ou melhor, esqueça o Troy, aquele babaca deve estar adorando me ver aqui. Foi ideia dele me trazer para cá, acreditada nisso? — Sorrio.

— O senhor está confuso, e isso é normal, mas...

— Ligue para o Braden, ele é o meu namorado, vai saber o que fazer. — Vou até o armário onde ficam as minhas coisas e começo a remexer — A gente vai se casar, sabia? — *Cadê a merda do meu celular?*, penso. — Você sabe onde está o meu celular? Droga, não consigo me lembrar do número dele. — Esfrego as mãos no meu rosto. Cacete, está molhado de suor. — O ar-condicionado aqui é uma merda — resmungo.

— Vou chamar o médico.

A enfermeira sai, e eu fico procurando a porcaria do meu celular. Droga, qual é o número do Braden? E por que diabos não consigo me lembrar?



Duas semanas de internação e acredito que estou enlouquecendo. E não do tipo louco engraçado, mas do tipo louco “quero enforcar cada pessoa que sorri na minha direção”.

A primeira semana aqui foi uma viagem para o inferno com direito ao capeta me espetando com o tridente. De acordo com o médico, no segundo dia, eu fiquei tão confuso que não distinguia o que era real ou não. Foram necessários alguns medicamentos para me acalmar.

Acho que preciso de um pouco mais daquilo.



Oito semanas. Puta que pariu, exercícios diários, alimentação saudável. Meu corpo está com mais massa muscular do que estou acostumado. Mas ainda sinto falta dele, todos os dias, a cada maldita hora.

— Você parece bem. — É aquele velho esquisito que fala, voltamos as nossas consultas semanais quando completei um mês aqui.

— Clínica para milionários esconderem suas merdas fazem isso com você. — Dou um sorriso torto.

— E você? Conseguiu esconder as suas merdas? — pergunta, me encarando.

— Estou pronto para ir embora, doutor Hunt. — Eu me inclino para encará-lo. — Faça isso acontecer ou eu juro que vou surtar se ficar mais um dia aqui.

— O objetivo dessa clínica é que você pare de surtar, Josh.

— Fique preso aqui e depois você mesmo pode me dizer se isso funciona ou não.

— Porque está sendo agressivo, Josh? — Porra, não estava sendo agressivo, eu só queria ir embora.

— Sinto falta de casa, sinto falta dos meus amigos. Não foi assim da primeira vez, passamos apenas seis semanas aqui e eu já estou há oito — resmungo.

— Da primeira vez foi como uma colônia de férias, Josh. Agora, as coisas foram mais longe. Lembra o que te trouxe até aqui? — Seu tom é sério.

— Algumas doses a mais. — Dou de ombros.

— Muitas doses a mais, Josh. Uma tentativa de suicídio. — Eu me levanto, mas ele aponta o dedo de forma ameaçadora, eu volto a me sentar. — E um surto no The Rock que podia ter acabado muito mal, poderia ter machucado gravemente uma pessoa.

O quê? Ele não pode estar falando sério.

— Eu não machuquei ninguém. — Sou enfático. Naquele dia, quando as meninas voltaram, Callie me garantiu que não tinha acontecido nada, que tudo não passou de um susto.

— Mas podia, Josh. E se os seus amigos não estivessem ali, você sabe como poderia ter terminado.

— Eu me desculpei, já estou sóbrio tem dois meses. O que mais preciso fazer aqui? — Levanto os braços, frustrado.

— Qual a primeira coisa que vai fazer quando sair daqui?

— Ir para casa — respondo o óbvio.

— E o que mais? — pressiona ele.

— Não sei, ver TV, ir à praia, qualquer merda assim.

— Seu filho? Seu apartamento? O cemitério? Nenhuma dessas opções passaram pela sua cabeça? — Eu congelo. Caralho! — Você não está de férias, Josh. Não está aqui somente para cuidar de alcoolismo ou adicção, você também está se tratando de uma forte depressão causada pelo luto e pelo TEPT.

— Pelo quê? — Pisco, tentando assimilar tudo. — Eu bebia um pouco, usava cocaína às vezes, mas não sou alcoólatra. Muito menos tenho depressão. E que merda é de TEPT?

— Você bebia todos os dias porque não conseguia superar a perda. Não saia de casa, não consegue ver o seu filho. Tenho uma lista aqui, posso continuar, se quiser.

— Você é um péssimo psicólogo — resmungo, mas sei que o que ele disse é verdade.

— Vou te fazer uma pergunta — diz ao mesmo tempo em que começa a arrumar as coisas, eu nem me dou ao trabalho de olhar a hora. — Quando estavam juntos, antes da Mag entrar na vida de vocês, sempre foi só vocês dois?

— Nunca teve ninguém fixo — respondo a verdade.

— E acha que se ele estivesse vivo, seria somente vocês dois, caso a Mag resolvesse seguir com a vida dela?

Penso por alguns instantes, a conclusão que começa a se formar é extremamente incômoda e a sensação de sufocamento começa a tomar conta de mim. Levanto da cadeira atordoado, doutor Hunt me encara, sei que ele não espera uma resposta, pelo menos não nesse momento.

— Nossas consultas estão suspensas.

— Do que você está falando?

— Estou suspendendo as nossas consultas, mas quero que você pense sobre o que acabei de te perguntar. Volto daqui a um mês, Josh, e vou querer uma resposta. Só então, conversamos sobre a sua alta.

Ele bate no meu ombro e vai embora, me deixando parado como uma estátua congelada no meio do consultório.

Tenho vontade de gritar, dizer que essa pergunta não fazia nenhum sentido. Mas quanto mais eu tentava, menos força minha voz tinha. Porque no fundo, eu sabia a resposta, e a constatação daquilo estava me rasgando por dentro.

Saio do consultório e vou direto para área externa. Algumas pessoas estão se exercitando ao ar livre e eu me sento no gramado para observá-las. Pego meu maço de cigarros, pelo menos um vício que pude manter, e acendo um. A fumaça me distrai, e logo sinto meu corpo relaxar, não preciso pensar agora, então me concentro apenas no cigarro e na turma de Ioga.

— Pode me dar um? — Uma mulher senta ao meu lado.

— Claro. — Pego o cigarro e o isqueiro, e passo para ela.

— Obrigada — agradece e, logo em seguida o acende soltando um suspiro quando a fumaça entra em seus pulmões. — Estava precisando disso. — Ela sorri e me devolve o isqueiro. — Está aqui a quanto tempo? — pergunta, mas não parece curiosa.

— Oito semanas — respondo e viro o olhar na sua direção, ela tem o cabelo castanho e está preso em um rabo de cavalo, sem maquiagem e as sardas se destacam em seu rosto. — E você?

— Seis. — Ela sorri sem graça. — Qual o seu crime? — pergunta se referindo ao motivo da minha internação, os pacientes aqui costumam fazer esse tipo de piada.

— O clichê de sempre, drogas, álcool... — Deixo de fora o restante do diagnóstico do doutor Hunt. — E o seu?

— Sem drogas ou álcool. Meu médico acredita que ficar aqui, por algum motivo que eu ainda não sei, vai me fazer bem. — Ela suspira e dá uma tragada, eu faço o mesmo.

— Está funcionando?

— Sinceramente? Não sei. — Ela me dá um sorriso fraco. — Storm é um idiota por ter sugerido isso.

— Storm? — pergunto confuso.

— Desculpa. Storm é o meu psicólogo, foi ele quem sugeriu a internação. — Ela traga e exala a fumaça devagar, olhando para a turma de Ioga. — Às vezes eu o odeio por causa disso. — Sua voz soa triste.

Não deixo de notar o tom de familiaridade que ela diz o nome dele. E que ela disse Storm, e não *doutor* Storm. Interessante.

— Também sinto o mesmo, vez ou outra. Não pelo Storm é claro. — Ela sorri com a minha brincadeira. — A propósito, meu nome é Josh. — Estendo a mão.

— Elizabeth. — Ela retribui meu cumprimento e passamos o restante da tarde observando as pessoas se exercitarem.

E foi nesse dia, que eu descobri sobre alguns tipos de perdas, e culpas. Elizabeth estava aqui por causa de uma depressão e síndrome do pânico, ela atropelou a sobrinha de dois anos, que acabou morrendo. Pela descrição dela, foi um terrível acidente, ela não viu a criança ao dar ré. Mas a culpa estava vívida nas suas palavras, e de culpa eu entendia muito bem.

Não tínhamos os mesmos problemas, mas pela primeira vez, percebi que cada um sentia a dor de formas diferentes. E mesmo assim, a tempestade que se forma dentro de nós é avassaladora.



Cinco semanas depois, Elizabeth se tornou uma companhia constante. Era fácil de conversar, não havia perguntas sobre o passado, ou sobre o que aconteceu. Uma desconhecida que se tornou minha amiga mais improvável. Seu médico também veio vê-la, e o brilho que vi nos olhos dela quando o viu entrar na sala de espera, era algo que raramente tinha a oportunidade de ver. Mas não era assunto meu, jamais julgaria alguém depois de ter sido o réu em inúmeras situações.

Depois de todas essas semanas, doutor Hunt voltaria com as sessões. Ele se surpreendeu porque liguei para ele pedindo que trouxesse Troy quando viesse. Desde que cheguei, não quis nenhum contato com os caras, mas eles estavam cientes da minha condição. Troy era o único com quem eu me comunicava, esporadicamente, e estava contente dessa forma.

Micah e Gael eram como irmãos mais velhos para mim, só que chegou a hora do caçula da turma crescer, e eu sabia que não faria isso com eles por perto.

— Alguém parece ansioso — comenta Troy assim que aparece no corredor.

— Porra, é bom ver você. — Eu o abraço.

— Cara, sabia que estava melhor, mas o que estou vendo aqui vai além

das minhas expectativas.

— Sempre pensando menos, não é mesmo, seu engomadinho? — Sorrio.

— E você sempre me surpreendendo. Seu médico já está te esperando no consultório.

— Porra, por que ninguém me avisou antes?

— Estou aqui avisando, não estou? Por que pediu para que eu viesse? — pergunta ele confuso. Quando eu o chamei, pedi que não contasse a ninguém. Mas também não expliquei o motivo do porquê pedi para ele vir.

— Porque eu vou para casa hoje. — Sorrio para o meu amigo, que retribui com um sorriso enorme e me acompanha até o consultório.

Troy fica aguardando do lado de fora enquanto eu entro para conversar com doutor Hunt. É incrível como esse velho continua sempre do mesmo jeito, com a cara um pouco mais louca, mas com os mesmos traços. Se a expressão tomar formol fosse verdadeira, ele seria um exemplo. O cara não envelhece.

— Precisei cancelar um encontro, portanto, acho bom ter algo que valha a pena o meu tempo. — Ele está sentado olhando para os papéis, parecendo entediado. Coloco as duas mãos na mesa chamando sua atenção.

— Eu já tenho a sua resposta. — Minha expressão é séria.

— É mesmo? — Consigo ver a sombra de um sorriso no rosto dele, mesmo mantendo o semblante entediado.

— Sim. Faça a pergunta outra vez — incito.

— Tá bom. — Ele se levanta da cadeira e fica na mesma posição, é como se estivéssemos nos enfrentando. Meus batimentos começam a acelerar, porque sei que só vou conseguir sair daqui se ele disser sim. — Se o Braden estivesse vivo, seria apenas vocês dois, ou teria mais alguém?

Respiro fundo e fecho os olhos. Nunca disse em voz alta o que estou prestes a dizer agora. Mas esse médico sabe a verdade, meus amigos também. O Braden sabia a verdade.

— Não, nunca seríamos só nós dois. — Sinto o coração apertar e meus batimentos no ouvido. Eu me seguro para não vacilar porque a dor ao admitir isso é excruciante.

— E por que? — pressiona ele.

— Porque nunca senti que poderia dar tudo que ele merecia. Braden merecia alguém por completo e não um covarde como eu. — Minha voz vacila e eu respiro profundamente antes de continuar. — E ele sabia, sempre soube que por mais que eu o amasse, que desse a minha vida por ele, nunca

seríamos apenas nós dois.

Eu desabo na cadeira, atordoadado com a força e a sinceridade contida nas minhas palavras.

— Sobre o pedido de casamento, o que ia responder? — continua me pressionando. Ele quer ouvir tudo. E agora que eu comecei, preciso ir até o fim.

— Eu teria aceitado, teria me casado com ele, mas não pelas razões certas.
— *Inspira, expira, Josh. Você consegue.*

— Quando diz que nunca seria somente vocês dois, está se referindo a se envolverem com homens ou mulheres?

— Mulheres.

— E pode me explicar o motivo disso?

— Elas me mantinham em algum lugar entre o que eu fui ensinado a acreditar e a minha negação.

— Sua negação em quê? — *Porra!* Ele vai me fazer ir até o fim da questão.

— Em aceitar que o que eu sentia por ele era muito mais do que tesão. Era amor, sempre foi.

Mas essa percepção veio tarde demais, penso.

— Estou indo assinar sua alta, Josh. — Ele me dá um sorriso e em seguida, sai da sala.

Olho para as minhas mãos, elas estão tremendo.

CAPÍTULO 9



LILLITH

*“Someday I'll wish upon a star
Wake up where the clouds are far behind me ee ee eeh
Where trouble melts like lemon drops
High above the chimney tops that's where you'll find me
Somewhere over the rainbow blue birds fly
And the dream that you dare to, why, oh why can't I?”
Somewhere over the rainbow – Israel Kamakawiwo'ole*

Estou apaixonada. Completamente envolvida por essa cidade, apesar de amar a Filadélfia, é aqui que estou me sentindo em casa. Os sons, o ritmo frenético das pessoas. As sensações são tão intensas, é como um vício.

É isso, Nova Iorque é viciante e eu já me tornei dependente.

— Como está o som? — pergunta Dean quando eu me sento no bar. É final de tarde e estava ensaiando para a apresentação da noite.

— Ficou muito melhor, obrigada — agradeço. Mais cedo tivemos problemas com alguns alto-falantes, mas Dean é um mestre em resolver esse tipo de problema.

— Que bom, vai querer beber alguma coisa?

— Apenas uma água. — Logo ele me entrega uma garrafa com água, que eu bebo com vontade. — Nossa, estava precisando disso — digo quando termino.

— Imagino, estava dando duro lá em cima.

— Preciso fazer por merecer, Callie foi maravilhosa em me colocar fixa por duas noites.

— Não precisa agradecer, Callie reconhece o seu talento. E você tem sido muito requisitada ultimamente.

— Jura? — pergunto surpresa. Depois do fiasco que foi aquela noite cerca de três meses atrás, o bar ficou um pouco agitado, muitas notícias estavam saindo na mídia, mas ninguém da Originals aparecia quando o bar estava

aberto, nem mesmo o Micah.

Callie vem só durante o dia, Dean é quem toca tudo durante a noite, somente nas últimas semanas que as coisas parecem ter se acalmado, e não há um enxame de repórteres na frente do bar esperando para ver algum integrante da banda.

— Juro. — Ele dá risada. — Então, não agradeça, isso é mérito seu.

— Obrigada, Dean. Isso significa muito, você não tem ideia do quanto.

— Sua irmã mencionou que pretende fazer uma cirurgia. É verdade? — Giro a garrafa entre as mãos, as pessoas aqui sempre mostraram se importar comigo, como verdadeiros amigos. Não é justo esconder isso, até porque é a verdade.

— Sim, eu vou fazer uma cirurgia.

— E está juntando a grana para isso? — diz em um tom leve.

— Você deduziu isso ou foi a minha irmã que contou também? — Eu sorrio.

— Se pudesse ver como o seu rosto fica quando faço seu pagamento, saberia que deduzi sozinho.

— Sou tão óbvia assim? — Cubro o rosto com as mãos, envergonhada. Fico surpresa quando ele segura meus braços e gentilmente, descobre meu rosto.

— Não tenha vergonha dos seus sonhos, Lillith. Você está batalhando por eles, e fazendo isso honestamente. — Meu sorriso é instantâneo, seu toque é suave e o carinho em suas palavras fazem meu coração bater de emoção. — Espero de verdade que consiga realizar esse seu desejo em breve.

— Estou no caminho — confesso, apesar de tentar não gastar, precisei investir um pouco de dinheiro em roupas novas para as apresentações, e isso não é tão barato quanto imaginei.

— Tenho fé em você. — Sua voz é firme, ele solta a minha mão e eu contendo um suspiro.

Uma coisa é certa sobre essa cidade, além de viciante, os homens daqui são bem mais intensos. Por diversas vezes, tenho que prender alguns suspiros por causa de gestos de gentileza ou das palavras de carinho.

Deus do céu, como estou carente!

— E como está a Callie? — Mudo de assunto.

— Enlouquecendo por ter que ficar em casa tanto tempo.

— E por que ela não vem pra cá? Pelo que ouvi, não tem mais um enxame de repórteres fazendo plantão na entrada do bar.

— Aqui não tem mesmo, mas ainda é um pouco difícil para eles saírem nas ruas. Callie outro dia apareceu em uma revista mostrando o dedo do meio para um fotógrafo enquanto carregava a Blue no colo.

— Nossa, não fazia ideia de que as coisas estavam assim — comento assustada.

— Estão doidos para pegar algum furo, e como o pessoal ficou mais recluso, qualquer volta no parque é motivo para uma enxurrada de fotos. Não quero nem ver quando o Josh voltar da clínica.

— E ele já tem data para sair de lá? — pergunto curiosa, desde o dia em que ouvi a notícia da sua internação, nunca mais ouvi falar sobre ele.

Jannet ficou uma fera quando soube dos acontecimentos daquela noite, eu a ouvi reclamar durante dias. Ray disse que meu rosto não chegou a aparecer nas manchetes, mas nem isso foi capaz de acalmar a *Dona Onça*. Seu único consolo era saber que Josh estava fora de vista.

— Nada certo, e sinceramente acho que quanto mais tempo ele ficar por lá, melhor será para ele, e para todos aqui fora. Vou preparar tudo para abrir, vai ficar bem?

— Sim, qualquer coisa eu chamo.

— Tudo bem.

Dean vai embora e eu fico sentada refletindo sobre suas palavras. Pelo que me contaram durante esse tempo em que trabalho aqui sobre o Josh, e posso garantir que não foi pouca coisa — já que cada garçom conhece uma história e cada segurança tem uma lembrança — não sei se ficar afastado da família e dos amigos faz bem.

Bem, pelo menos no meu caso, nunca fez.

O toque do meu celular dispersa meus pensamentos, um sorriso se forma no meu rosto, porque essa música significa que a Sam está me ligando.

— Quem é vivo, sempre aparece — digo assim que atendo.

— Essa cidade está deixando você dramática. — Ela dá risada. — Liguei para avisar que chegaremos em duas horas, no máximo.

— Está vindo com o Ray? — pergunto, mesmo já sabendo a resposta.

— Tenho alternativa?

— Vai ser bom estarmos os três juntos novamente — comento melancólica. — Seu namorado vive choramingando que sente a sua falta.

— Ex. Ex-namorado e foi ele quem me largou para viver nessa cidade.

— Nova Iorque é linda, você deveria dar uma chance — brinco com ela. Sam ama demais a Filadélfia, e se nem Ray conseguiu fazê-la sair de lá,

minhas chances de conseguir isso são praticamente nulas. — Poderíamos morar juntas.

— Você sempre fala a mesma coisa, mas na hora que isso rolar, vai me largar pelo primeiro cara bonitão por quem vai se apaixonar.

— Isso não vai acontecer.

— O quê? Me largar ou se apaixonar?

— Os dois. — Ela solta uma gargalhada com a minha resposta. — E amo a cidade e eu *me* amo. No momento, eu sou a prioridade aqui.

— É muito amor para uma pessoa só, amiga. Uma hora você vai ter que dividir isso.

— Não me jogue a praga do amor — brigo com ela, o que a faz sorrir ainda mais.

— Com meus poderes de bruxa, eu declaro que em breve a senhorita Lillith Mitchell vai se apaixonar, e entrará para o famigerado grupo dos que se esquecem dos amigos, e viram adeptos dos que passam os fins de semana assistindo séries no sofá. — Ouço Ray rir no fundo, e não consigo conter a gargalhada.

— Isso foi péssimo, Sam, até para você.

— Não subestime meus poderes, vou esperar ansiosa sua ligação durante uma madrugada dessas.

— Boba, mas eu já disse, estou apaixonada por mim mesma. — Respiro fundo antes de continuar. — Tenho feito coisas aqui que nunca imaginei que pudesse fazer, Sam. Tem noção do quanto isso é importante?

— Eu sei. Ray e eu estamos muito orgulhosos de você. Queria muito ter a sua coragem, sabia? — diz chorosa.

— Vocês me ajudaram a encontrá-la, também ajudarei a achar a sua.

— Ótimo, agora vou começar a chorar e estragar toda a maquiagem. — Ela funga.

— Tá bom, certo... nada de choro, vou esperar vocês aqui, tudo bem? Basta informar o nome de vocês ao segurança e entrarão sem problemas.

— Ah, eu amo uma amiga com bons contatos. — Ela volta a rir.

Nos despedimos, em seguida vou até a sala que uso para trocar de roupa. Dean disponibilizou um espaço aqui para que eu pudesse me preparar para cada apresentação. O que facilitou muito a minha vida.

A noite passa voando e depois da minha apresentação, vou para o bar onde me encontro com Sam, Ray e Jannet. Minha irmã estava de folga e finalmente teríamos uma noite de diversão.

— Eu simplesmente amei esse lugar — comenta Sam, sua voz levemente embargada por causa do álcool.

— Amo o The Rock. — Sou sincera. — As pessoas aqui, o clima, me dão energia.

— Você está muito bem, melhor do que da última vez que vim aqui.

Sam veio me visitar no mês passado, mas como não era uma noite que eu me apresentaria, apenas curtimos o dia passeando pela cidade. Eu estava cansada, ainda me adaptando a nova rotina e aquela semana tinha sido um inferno.

Duas vezes eu me perdi nas ruas, e um dia consegui pegar o metrô errado.

— Como você e Ray estão? — pergunto, meu amigo e minha irmã estão na pista de dança.

— Eu o amo, você sabe. Quero me casar com ele e ter todos os bebês como dita a tradição, só que na Filadélfia, não aqui. — Ela não dá o braço a torcer.

— Você não acha que deveria ceder um pouquinho? Pelo menos, tentar?

— Não. — Ela é curta e grossa.

— Tudo bem, mas sabe que fazer bebês morando em cidades diferentes é meio complicado, não sabe? — Tento aliviar o clima.

— Não quando os exercícios triplicam de intensidade cada vez que a gente se encontra. — Posso jurar que fiquei vermelha com o excesso de informação.

— Acho que preciso de uma bebida. — Sam ri da minha reação, em seguida, pede o mesmo que ela está bebendo.

Jannet e Ray não demoram para se juntar a nós. Quando Sam veio no mês passado, minha irmã percebeu que Ray e Sam eram completamente apaixonados um pelo outro, e qual era o meu papel nisso tudo – um cúvido. Porém, não conseguiu esconder a decepção na sua voz, o que foi cômico.

Passamos o restante da noite entre risadas, álcool e dança. Inclusive eu, que raramente me arrisco a dançar, fui algumas vezes com Ray para a pista. Era fácil quando tocava uma música em que eu podia ser conduzida.

Já estava tonta quando Ray nos deixou em casa, Sam e ele foram para o apartamento dele, e combinamos de almoçar juntos amanhã antes de ela voltar para casa.

— Você parece tão bem — comenta Jannet quando sento ao seu lado no sofá, estou com um copo de água na mão e ofereço a ela.

— Acho que não me lembro da última vez que tive uma noite tão divertida

assim.

— Eu também não — responde e sinto ela se movimentar, acho que deitou no sofá. — Mas confesso que amanhã à tarde estarei um caco para ir trabalhar. — Escuto a sua risada.

— Você precisa de férias.

— Em breve. — Isso chama a minha atenção.

— Como assim, *em breve*? Nunca te vi sair de férias antes.

— Estou pensando nisso tem um tempo, mas só depois da sua cirurgia. Podemos fazer uma viagem, o que acha?

— Acho que se você não cumprir isso, ficarei muito, mas muito chateada.

— Então, prometo a você que depois da sua cirurgia vou tirar férias e sairemos pelo mundo.

— É um bom plano.

— Um excelente plano — diz ela —, mas agora, preciso que me ajude a levantar porque tudo começou a girar.

Começo a rir, nunca vi a minha irmã bêbada, e como também estou um pouco “alegre”, minha risada não para até que estamos rindo como duas lunáticas na sala.

Acordo com o sol no rosto. Não me lembro se não ouvi o despertador tocar, ou se simplesmente ignorei. Mas a dor de cabeça que começo a sentir é um lembrete da pequena farra da noite anterior.

— Droga. — Não sinto vontade de levantar.

— Já acordou? — Jannet entra no quarto.

— Mais ou menos, que horas são? — pergunto confusa.

— Quase meio-dia. — Ouço seus passos se aproximando. — Sente na cama, eu trouxe um analgésico, deve estar com dor de cabeça.

— Não brinca?! — Dou um sorriso fraco e tomo o remédio.

— Sam ligou perguntando se poderíamos cancelar o almoço, acho que ela e Ray pretendem passar o dia em casa.

— Graças a Deus. — E me deito novamente.

— Eu sabia que você ia gostar dessa notícia. — Ela soa divertida. — Agora vai, chega um pouco pra lá, eu ainda posso dormir algumas horas antes de ir trabalhar.

Jannet deita ao meu lado, e logo estamos no mundo dos sonhos. Dormir o dia todo é algo que não gosto de fazer, é como se meu tempo estivesse sendo desperdiçado. Mas, uma folga dessa rotina maluca de vez em quando, não fará mal.

Assim, espero.

CAPÍTULO 10

JOSH

*“I’ve seen a fear of rejection inside your eyes
Whisper of truth, lost in the quiet night
I know it’s more than you can bare
It may seem like no one cares
When your world is the darkest
Remember the sun will rise”
Forgettable – Project 46*

A sensação de sair da clínica é indescritível. Demorou um pouco para que todos os trâmites fossem feitos e eu conseguisse a minha liberação. Mas com Dr. Hunt e Troy, ninguém se atreveu a prolongar minha estadia por mais tempo.

Elizabeth teve alta há dois dias, por isso, não havia ninguém em particular que eu desejasse me despedir. Na verdade, minha vontade era de dar um grande “vá se foder” para esse lugar.

— Nunca mais piso nessa espelunca — digo enquanto olho pela janela, Troy está dirigindo concentrado na estrada.

— Eu espero que não — responde.

— A primeira vez foi diferente.

— Primeira vez? Quando todos ficaram internados juntos?

— Sim, aquela que *você* internou a todos nós — enfatizo que ele foi o responsável pela questão toda da internação.

— Estava vendo vocês pulando de cabeça em um poço sem fundo, queria que eu fizesse o quê? Ficasse de braços cruzados enquanto assistia os meus amigos se acabando até não restar mais nada? — ele diz cada palavra sem tirar os olhos da estrada.

— Pensei que tivesse feito isso pela banda — digo sinceramente. Troy sempre foi o mais ambicioso, por isso é nosso empresário.

— Não. — Ele ri, mas sem qualquer humor. — Vocês são meus amigos,

os únicos. Eu confesso. — O sinal fecha e ele me encara. — Jamais vou permitir que nada de ruim aconteça com nenhum de vocês se eu puder evitar, Josh. Vi vocês caindo cada vez mais, eu tinha poder pra tomar uma atitude e fiz exatamente o que era preciso na época. Dinheiro não compra amizade e confiança, Josh.

— Acho que te julguei mal — confesso.

— Não se preocupe, eu também posso ter te julgado mal... Algumas vezes.

— Algumas vezes? — brinco.

— *Muitas* vezes. — Ele dá risada e o sinal abre. — Para onde vamos? Gael ou Micah? — Penso na minha reposta, eu sei para onde quero ir agora, mas as palavras não saem com a facilidade que eu esperava.

— Eu quero ir para casa. — Vejo Troy respirar fundo, ele entendeu o que eu quis dizer.

— Tudo bem, mas antes, precisamos passar em algum lugar para comprarmos algo para você comer porque não deve ter nada lá.

— Não precisa.

— Josh...

— Porra, cara! Eu ligo para um restaurante, não vou passar fome. Relaxa. — Bato no ombro dele.

— Tá bom, você quem manda. Não quer parar na casa do Gael antes?

— Ainda não, e também não quero que conte a eles que eu já saí da clínica.

— Por que não? — Dessa vez ele fica surpreso.

— Preciso resolver algumas coisas antes de enfrentar o Micah e o Gael. Imagino como deve ter sido difícil pra eles porque eu fui um merda esse tempo todo, preciso ficar sozinho agora, Troy. Preciso disso, e quero que você me ajude.

— Olha, Josh, eu vou te ajudar, mas tenho que te avisar que se eu perceber alguma coisa errada...

— Não vai hesitar em chamá-los, eu sei. E, é por isso que eu conto com você. — Aperto o ombro dele, Troy apenas acena com a cabeça, concordando.

— Se não quer que eles saibam que já voltou, não tenho como mandar seu carro para o seu prédio, mas se quiser, pode ficar usando o meu.

— Essa barata que você chama de carro? Nem pensar — resmungo.

— É um carro esportivo, idiota.

— É um carro minúsculo.

— Os outros carros estão na garagem, você pode ir buscar.

— Não. Gael saberia, ele controla as saídas com medo que um de nós pegue um dos dele. — Sorrio, nós pagamos um galpão particular para guardar alguns carros, tenho dois e uma moto guardados lá, Micah tem uma coleção invejável de cinco motos e mais três carros, Gael tem sete carros e Braden tinha mais dois. Fora os que ficam nas vagas dos apartamentos.

É, ter dinheiro é muito foda.

— Nesse caso, posso alugar um se quiser, só me diga o modelo.

— Não sendo um minúsculo como seu, qualquer um serve.

— Sério que vai ficar implicando com isso?

— Só acho que você devia comprar um maior. — Dou de ombros. — Preciso que providencie uma passagem aérea também.

— Tudo bem. Nada do jatinho da banda, então?

— Não.

— Para onde?

— Para a fazenda.

— A fazenda dos Sanders?

— A própria.

— Olha, Josh... — Troy começa a falar nervoso — Vou te ajudar com o voo, mas não posso te acompanhar até lá, tá bom? Tenho muitas coisas pendentes para resolver aqui, e...

— Cara, qual é o seu problema?

— Meu? Nenhum, só estou adiantando que não posso ir com você.

— Não pedi sua companhia, imbecil. Só pedi uma passagem. E por que ficou tão nervoso?

— Não fiquei nervoso. — Ele engole e aperta o volante com força.

— Você gaguejou, deu explicações rápidas demais e parece que até está começando a suar. — Ele tira uma mão do volante e passa na testa. Um carro passa ao nosso lado buzinando e ele se assusta. — E você quase saiu da pista nesse exato momento.

— Idiota — resmunga ele. — Não estou nervoso.

— A fazenda te deixa nervoso, Troy? Ou seria uma certa veterinária que te deixa assim?

— Ela não é veterinária. Não chegou a se formar, e você sabe disso.

— Jura? E como sabe que é da Mac que eu estava falando?

— Eu odeio você, Josh.

— Ah, qual é, ela é como uma irmã pra mim. Portanto, eu tenho o direito de saber qual é o lance entre vocês dois.

— Não tem lance nenhum. Mackenzie e eu não temos nada.

— Pode não ter hoje, mas aposto que já teve. Antes ou durante o casamento dela, é o que eu ainda vou descobrir. — Meu corpo balança para o lado quando ele puxa o carro para fora da pista. — Porra, Troy, está tentando nos matar?

— Nunca toquei na Mackenzie quando ela estava casada, Josh. Ela não é desse tipo de mulher, sabe muito bem disso. — Ele parece furioso, o que garante alguns pontos positivos para ele. Bom, muito bom.

— Olha, a primeira coisa que eu vou fazer quando chegar naquela fazenda é implorar para ela voltar a estudar e se formar porque você, meu amigo, é um jumento. — Bato no ombro dele de novo. — E só uma veterinária será capaz de cuidar de você. — Sorrio.

Troy me encara incrédulo, em seguida, começa a rir descontrolado.

— Porra, estava com saudades desse seu lado, moleque. — Ele tira o cinto e me abraça. — Bem-vindo de volta.

Sorrindo, eu retribuo o abraço, mas em silêncio. Também senti falta disso, das piadas e dos momentos de descontração. E graças ao esforço que estou fazendo consigo manter os pensamentos longe do vazio.

Estava apenas brincando com ele sobre a Mac. A primeira coisa que eu vou fazer quando chegar na fazenda não é pedir para ela voltar a estudar, será pedir perdão para a família do Braden, a família que sempre me acolheu e que eu abandonei por covardia.

— Sabe de uma coisa — diz quando afivela o cinto novamente. — A Mackenzie pode ter perdido o irmão de sangue dela — ele me encara esperando algum tipo de reação por ter mencionado o Braden —, mas eu estou feliz que ela tenha você, Josh. Ela precisa de alguém para protegê-la.

— Sou o irmão de coração, e mais novo, acredita mesmo que ela me ouve? Acho que ela precisa de algo mais, ou alguém com um sentimento mais profundo...

Troy fica em silêncio, e continuamos a viagem. Não me atrevo a mencionar a Mac novamente, e espero ter plantando alguma coisa na cabeça dele. Porque eu posso não saber o que aconteceu, mas conheço o olhar que eles lançam um para o outro sempre que estão juntos. E eu vi em primeira mão o estado deplorável que ele ficou no dia do casamento dela.

Braden também desconfiava de algo, mas se tinha uma coisa que ele

sempre foi bom era em respeitar a privacidade das pessoas. Ele perguntou para Mac uma vez, mas ela não disse nada, então ele apenas a deixou ciente que estaria ao lado dela, sempre que precisasse. Agora, eu? Prefiro ser mais invasivo.

Quando finalmente chegamos na garagem do prédio, toda a coragem que eu tinha ameaça se esvaír. Olho para a porta do carro, em seguida para Troy, ele não me pressiona.

— Obrigado pela carona.

— Vou te ligar com frequência — avisa ele em um tom sério.

— Eu sei e agradeço por isso.

— Vou providenciar tudo que me pediu, assim que estiver pronto, eu te aviso.

— Tudo bem. — Respiro fundo.

— Tem certeza de que não quer que eu suba com você? — pergunta preocupado.

— Não, acho que esse é o meu primeiro passo pra aprender a caminhar sozinho.

— Ninguém precisa caminhar sozinho, Josh.

— Eu sei, mas precisamos primeiro saber como é caminhar sozinho. Só assim, daremos importância quando estivermos caminhando acompanhados.

— Gostei. Se cuida, garoto. — Ele bate no meu ombro e eu saio do carro.

Pego minha mala e observo Troy sair da garagem. Merda, fico olhando para o elevador como se fosse um monstro que vai me levar para um lugar desconhecido

Alguns minutos passam até que eu, finalmente, entro na maldita coisa. É estranho, uma sensação familiar assustadora. Cada vez que o número no painel muda, sinto as pernas tremerem cada vez mais.

— Vamos, Josh. Você consegue — sussurro.

Vigésimo sexto andar. Meu coração acelera, sinto um vazio no estômago que me faz sentir mal.

Está tudo igual quando as portas do elevador abrem. O mesmo tapete no chão, os quadros. Tudo limpo e impecável. Quando pego as chaves para abrir a porta, faço os movimentos tão lentos quanto possíveis. Sei que estou apenas adiando a dor, só que, mesmo podendo sair daqui agora, não farei isso. Fugir é o que tenho feito por toda a minha vida.

Abro a porta e o apartamento está vazio. Não de móveis, mas de vida. Não existe mais um lar, talvez nunca tivesse existido realmente, mas havia algo

aqui que era nosso. Tinha vida, alegria. Risadas, choro de bebê. E sons que fazíamos juntos... Os sussurros no ouvido.

Hoje, o único som é o da minha mala caindo no chão.

Não me dou ao trabalho de ir na cozinha, sei que não tem nada, muito menos estou com fome. Vou direto para o sofá, sento e tento descobrir o que fazer da minha vida a partir de agora. Olho para algumas fotos que estão próximas a TV e uma em particular me chama a atenção. É do dia que AJ nasceu, Braden e eu estamos segurando ele na sala de parto. Vou até lá e a pego, já sei o que vou fazer. Pego o celular e procuro pelo nome dela nos contatos.

— Josh? — pergunta quando atende.

— Oi, está na sua casa?

— Sim, cheguei agora pouco. Está tudo bem? Está ligando da clínica?

— Está tudo bem, eu saí hoje.

— Sério? — grita entusiasmada. — Caramba, isso é ótimo. Por que ninguém me disse nada? Você está na casa da Hanna? Estou indo aí.

— Calma, Diaba Ruiva — respondo sorrindo. — Me escuta, tá bom?

— Certo. Mas paciência não é meu forte, Josh.

— Eu sei, e também sei que já testei demais a sua.

— Verdade, mas pode falar, prometo que vou ouvir.

— Já jantou?

— Que tipo de pergunta é essa? — Ela ri. — Ainda não, acabei de chegar em casa.

— Topa jantar comigo?

— Com você? — pergunta desconfiada.

Respiro profundamente antes de responder. Eu preciso fazer isso.

— Sim. Você, eu e... o AJ.

— Está falando sério, Josh? — Não há diversão na sua voz agora.

— Estou, Mag. Acabei de sair da clínica, estou no meu apartamento e sei que a primeira coisa que eu preciso fazer para não voltar mais para lá, é ver meu filho. Posso ver ele?

— Porra, Josh, está perguntando se pode ver o seu filho? É claro que pode. Eu... Eu... Nem sei o que te dizer.

— Você já disse o suficiente, eu chego aí em uma hora, com o nosso jantar.

— Combinado.

— E, Mag? Não fala pra ninguém sobre isso, tá bom? Quando eu chegar

aí vamos conversar.

— Tudo bem.

Desligo o telefone e uma sensação de alívio me invade. E o nervoso toma conta de mim, mas por uma razão completamente diferente agora. Vou ver ele! AJ, o meu filho, o *nosso filho*. Porra, não consigo acreditar.

Ligo para o meu restaurante favorito e encomendo o jantar. Enquanto isso, pego uma roupa na mala que larguei no chão da sala e vou para o banheiro. Como ainda não quero entrar no quarto, o banheiro social vai ter que servir.

Tomo um banho rápido, e logo já estou na rua chamando um táxi, pronto para buscar nosso jantar e ir ver o meu filho.

Como de costume, não preciso sair do táxi, um dos garçons traz a comida até o carro. Uma das vantagens de ser famoso, mesmo não tendo feito pedidos aqui ultimamente. Por isso, não demora até que eu esteja na porta da Mag, de novo. Mas dessa vez, tocando a campainha.

— Deu pra sentir o cheiro dessa comida assim que você saiu do elevador.

— Espero que esteja com fome, tem bastante coisa aqui — comento e entrego uma das sacolas a ela.

— Estamos — diz ela e sorri, me olhando dos pés à cabeça. — Gosto do que estou vendo, Josh. Você está muito bem. — Ela sorri de forma carinhosa.

— Você também, Mag, está linda como sempre. — Beijo o rosto dela. Mas ela logo me puxa para um abraço, a sacola de comida bate na minha costa, porém não me importo. É um abraço de “bem-vindo de volta”.

— É muito bom abraçar você e não sentir o cheiro de álcool — diz assim que nos afastamos.

— Estou tentando melhorar.

— E está conseguindo, não diminua seu esforço — elogia e vai até a cozinha levando as sacolas de comida.

— Sua bunda continua grande — grito da sala.

— E você continua um babaca tarado — responde, gritando. Eu sorrio, é como se tudo estivesse voltando ao normal.

Observo a sala enquanto ela ainda está na cozinha. Tem uma foto do AJ, que acredito ser recente, ela está em cima da mesa de centro, mas não está em nenhum porta-retrato. Acho que a Mag esqueceu aqui.

— Pronto para o de carne e osso? — Sua voz me assusta.

— Eu...

— Respira, Josh. Ele está igual a foto que você está vendo. Só que andando, e falando.

— Falando? — Fico espantado.

— Sim, algumas palavras. Pronto para vê-lo? — Concordo com a cabeça, não verbalizando com medo das palavras saírem diferentes do que eu quero. O medo pode tomar conta e em vez de dizer que estou pronto, posso dizer que não estava. Mag percebe a dica e sai para buscar AJ.

Fico congelado no lugar. Um, dois, três... cinco minutos se passam? Ou dez? *Quem consegue contar a porcaria do tempo quando está tão nervoso?* Ouço quando eles se aproximam, Mag está falando com ele, mas não presto atenção, porque as batidas do meu coração estão altas demais.

E quando eles surgem na sala, eu caio de joelhos diante daquela figura minúscula. Só tenho olhos para ele. O cabelo castanho e cacheado na altura do queixo. Os olhos em um tom de mel com algumas manchas verdes, o nariz fino. Porra, ele é tão parecido com o Braden.

— Papa. — Ele aponta para mim e sorri, segurando um dinossauro na mão, ele caminha devagar na minha direção, e eu só consigo abrir os braços. — Dino, papa. — Ele me entrega o dinossauro, e então, me abraça.

Eu o abraço de volta. Deus, eu precisava tanto disso, desse abraço, desse cheiro. Do meu filho. Poderia abraçá-lo por uma eternidade. Mas ele se afasta primeiro.

— Oi, AJ — digo com lágrimas nos olhos. Ele me olha com olhos curiosos, em seguida, seu dedinho toca o meu rosto, e limpa uma lágrima. Ele sorri, e eu tento segurar para que mais lágrimas não caiam.

— Dino. — Ele aponta para o brinquedo.

— Você quer o dinossauro de volta? — E eu entrego o bichinho para ele.

— Não, papa. — Ele me devolve.

— Acho que ele te deu o dinossauro — diz Mag, e eu olho para cima a tempo de vê-la limpando o rosto com um lenço.

— Obrigado, AJ. — Ele sorri, eu o pego no colo e levanto. — Como ele sabe? Quero dizer, como ele me reconheceu? — pergunto confuso. A última vez que vi AJ ele era um bebê de colo, agora anda e fala.

— Você está um pouco diferente, mas sempre mostrei fotos suas para ele e o ensinei a chamá-lo de pai. Fotos suas e do Braden, também.

— Ele sabe quem é o Braden? — pergunto espantado.

— Uhum — murmura e seus olhos ficam vermelhos de novo. — Ele sabe que tem dois pais, Josh, e que eles o amam muito.

— Porra, eu... — Engulo em seco.

— Poua — repete AJ, Mag para de chorar no mesmo instante e eu olho

surpreso para ele.

— Isso não foi legal — repreende ela.

— Eu achei maneiro. — Olho para AJ que sorri. — Fala “papa” de novo, garoto — incentivo.

— Papa. — Mag sorri.

— É, papa está aqui, moleque. E não vai mais embora. — Beijo o rosto dele e ele se aconchega nos meus braços e boceja.

— Você quer colocá-lo para dormir enquanto eu arrumo a mesa? — pergunta Mag.

— Posso? — pergunto porque mesmo sabendo que sou seu pai, eu preciso fazer por merecer. Eu deixei os dois na mão por tempo demais, agora precisava provar que merecia estar na vida deles.

— Ele é seu filho, Josh.

— Precisa fazer alguma coisa antes?

— Não. Ele já escovou os dentes, está de fralda trocada e de pijama, é só pôr no berço.

— Certo, eu consigo fazer isso.

— Eu sei que consegue, você já fez isso muitas vezes antes. É como andar de bicicleta. — Mag sorri e eu levo AJ para o quarto.

A decoração mudou, não é mais de bebê, já tem algumas formas e cores que acho que combina mais com a idade dele. Tem muitos baús com brinquedos, também. Quando coloco ele no berço, seus olhos já estão fechados.

— Sabe, eu tinha tanto medo de te ver. — Passo o polegar no rosto dele, contornando seus traços. — Sabia que você seria exatamente assim, igualzinho ao seu pai Braden. — Pego seu cobertor. — Mas é muito mais que apenas semelhanças físicas, sabia? — Ajeito o coberto sobre ele. — Tem o coração dele, a mesma forma de olhar. Você transmite paz, garoto. — Beijo sua testa. — Eu te amo, e nunca mais vou te abandonar. — Dou mais um beijo nele. — Me perdoa por ter sido um babaca.

Observo ele dormir por mais alguns minutos, em seguida, saio do quarto. Mag já está com a mesa arrumada, apenas me esperando. Não consigo me conter, vou até ela e a puxo para um abraço.

— Não sei como te agradecer, Mag. Por tudo que fez, por ter segurado essa barra com AJ sozinha.

— Não precisa me agradecer, Josh. — Ela se afasta e segura meu rosto com as mãos. — Você só precisa ficar com a gente, por você, pelo AJ.

Apenas fique conosco, está bem? Seja você mesmo, de novo.

— Eu estou tentando, Mag. Juro que estou.

— Estou vendo, e fico muito feliz, Josh.

— Pensei que meu coração fosse sair pelo peito quando eu o vi entrar na sala, mas assim que disse “papa”. Porra, queria ter gravado isso. — Passo a mão na cabeça.

— Tenho alguns vídeos dele falando, acho que está na hora de mandar pra você.

— Você tem? — pergunto surpreso.

— Claro, sou daquelas mães babonas que gravam qualquer besteira que os filhos fazem. — Ela ri.

— Quem diria, Diaba Ruiva... Pra quem dizia que não tinha nenhuma gota de maternidade no corpo — brinco com ela.

— E não tinha. — Ela olha em direção ao quarto. — Mas já olhou para ele direito? Impossível não surtar! E aqueles cachos? — Ela coloca a mão no coração, rindo.

— Nosso filho é lindo — digo com orgulho.

— Ele é, só não o ensine a falar palavrão. — Ela bate no meu ombro e vamos para a mesa. — Agora, pode começar a me contar o motivo de eu não poder contar a ninguém sobre o seu retorno.

Caramba, ela não esquece. Passo o jantar todo contando a ela sobre como foi o período que passei internado. E sobre os meus planos agora que estou de volta.

— Josh, eu entendo você, juro mesmo. Mas tem certeza de que não quer falar com eles antes? — pergunta se referindo a Micah e Gael.

— Tenho, eles são como irmãos pra mim, Mag, e eu fiz eles viverem um inferno junto comigo. Quero falar com eles depois de ter resolvido algumas merdas que fiz.

— Certo, e quando pretende ir na fazenda?

— Ainda não sei, mas o Troy está vendo isso.

— Se quiser, pode ficar aqui — oferece ela.

— Não precisa, vou ficar no apartamento. Mesmo assim, obrigado — agradeço a oferta. — Mas o seu namorado, ele não ficaria com ciúmes?

— Não tenho namorado — responde e pega um copo de água, bebe demoradamente.

— Então, você e o Dean? Nada? — Ela faz que não com a cabeça, sem parar de beber a água. — Uma hora essa água acaba e vai ter que falar. — Ela

dá risada e deixa o copo na mesa.

— Então, AJ, fazenda, o que mais? — Ela muda totalmente o foco.

— Preciso pedir perdão para uma pessoa.

— Quem?

— Lillith — digo o nome dela. Eu não me esqueci, jamais vou me esquecer do nome dela, nem de sua expressão assustada.

— Lillith? — pergunta confusa.

— Sim, a garota que eu quase machuquei naquele dia no The Rock.

Mag não diz mais nada, porém seu olhar é de aprovação. Ela pode não entender meus motivos, na verdade, nem eu mesmo entendo. Só que tenho essa sensação de que preciso pedir perdão a ela. E não da forma que falei no bar, ela me desculpou naquele dia, mas o sorriso que deu era hesitante. Eu queria o verdadeiro, o que vi no hospital.

Esse seria o meu objetivo para o dia de amanhã.

CAPÍTULO 11

LILLITH

*“You better believe, you better believe
Like my father said to me
Just give it some time, look for a sign
And you'll be just fine”
You Better Believe - TRAIN*

Antes do acidente, as maiores dúvidas que permeavam minha cabeça eram sobre qual roupa usar, as notas da escola, ou até se meu cabelo estava bom. Tudo isso desceu pelo ralo no dia que acordei em uma cama de hospital e ao abrir os olhos, tudo que consegui enxergar foi um breu total.

Sem cores, nada de formas. Apenas escuridão.

Lembro-me de cada emoção que senti naquele momento, minha família estava comigo, bem ao meu lado. Meus pais e minha irmã. Só que aquela escuridão era algo perturbador. Sem saber para onde olhar, o que dizer, minha mente estava tão confusa que a única coisa que consegui dizer foi: “Quem eu sou?”.

Houve uma comoção generalizada na sala, minha mãe chorou, meu pai perguntou para os médicos se eu estava com problemas na memória. Quando na verdade, só queria saber quem eu era a partir daquele dia.

Ignoro as lembranças que vagueiam pela minha cabeça e tento me concentrar em tudo que o médico está me falando.

— Seus exames estão perfeitos, acho que isso não é novidade. — Jannet aperta minha mão. — Estou muito confiante com a sua cirurgia, Lillith.

— Eu também. — Não consigo conter o sorriso.

— Mas, e os riscos? — pergunta minha irmã, apreensiva.

— Bom, como conversamos, os riscos são os mesmos, porém, para que possamos ter uma chance maior de sucesso, gostaria de fazer a cirurgia o mais breve possível. — Respiro fundo.

— Para quando? — pergunto receosa.

— Temos um potencial doador, Lillith. — Eu congelo, aperto levemente a mão da minha irmã porque sei o que isso significa.

— Eu não posso agora — digo a verdade, mesmo que essa seja uma oportunidade rara, não sou financeiramente capaz de bancar essa cirurgia agora. Ouço quando ele respira fundo.

— Como está indo com a questão do dinheiro? — Desde o início, confidenciei a ele sobre estar guardando o dinheiro para a cirurgia. Dr. Morgan tem sido como um anjo.

— Ainda estou guardando.

— Posso pegar um empréstimo, Lilly. Podemos fazer isso se quiser — sugere Jannet.

— Não, não quero envolver você dessa forma. — Giro o corpo para ficar de frente para minha irmã, e sei que ela faz o mesmo. Seguro suas mãos na minha. — Isso é algo que eu preciso fazer sozinha, Jannet. Você me entende?

— Não, mas respeito a sua decisão.

— Eu sei que respeita. — Dou um leve sorriso e volto o corpo na posição que estava antes, ficando de frente para o médico de novo. — Quanto tempo acha que pode demorar para surgir outro doador compatível?

— Um dia, um mês. Um ano. Não tenho como afirmar isso, sabe como funciona, Lillith, mas gostaria que pensasse em todas as possibilidades. Para quando surgir outra oportunidade, você não a perca.

— Vou pensar nisso.

— Tudo bem. Vou liberar os testes para outro paciente que está na espera, então. — Isso me anima.

— Posso saber a idade? Ou o sexo? — pergunto curiosa.

— Não deveria falar, mas acredito que um garoto enxergará pela primeira vez na vida.

Meu coração se enche de felicidade. Posso ter perdido a minha chance, mas certamente esse garoto não vai perder a dele.

— Essa foi a melhor notícia que tive hoje. — Sorrio.

— Sua alegria é genuína, Lillith. É admirável. Espero que consiga o dinheiro logo, mas pense nas outras opções também.

— Prometo que pensarei.

— Entrarei em contato caso haja alguma novidade. Por hora, só precisa voltar se sentir alguma mudança, tudo bem?

— Mudança do tipo voltar a enxergar? — Tento amenizar o clima.

— Bom, sabemos que isso é quase impossível.

— *Quase*. — Enfatizo sua palavra e o escuto sorrir.

— Espero, de verdade, que da próxima vez que nos virmos seja para verificar seu pré-operatório.

— Eu também espero, doutor. — Um fio de esperança surge na minha voz e eu me apego a ele.

Ouçõ a cadeira arrastar e sei que a consulta terminou, ele nos acompanha até a porta e depois de me despedir, Jannet permanece em silêncio.

— Você não costuma ser tão silenciosa — comento quando estamos fora do hospital.

— Eu só não entendo porque você é tão teimosa, Lilly. — Ela parece frustrada. — Sua chance estava ali, eu podia fazer um empréstimo e com as economias que tenho, daria para pagar.

— Jannet — eu paro de andar —, eu te amo, minha irmã, mas jamais vou fazer isso. Estou trabalhando e guardando tudo que posso.

— Que ainda não é nada. — Posso jurar que ela revirou os olhos.

— Eu sei, vou me esforçar mais. Quem sabe, tentar trabalhar com outra coisa para conseguir guardar mais. Mas não vou deixar você se enfiar em um empréstimo e gastar as suas economias.

— E se aparecer outro doador logo?

— E se não aparecer? São possibilidades, Jannet. Hoje uma criança vai voltar a enxergar, você não ficou feliz com isso?

— Juro que queria ser tão altruísta como você. Aliás, quando foi que a minha irmãzinha fútil se tornou essa mulher tão sábia? — Sorrio.

— Quando ela percebeu que o mundo era muito mais do que o próprio reflexo no espelho.

— Eu te amo, e mesmo contrariada, vou respeitar sua decisão. Mas...

— Ops, temos um *mas*?

— Sim, temos. — Ela dá risada. — Não quero que se sobrecarregue, tá bom? Vou continuar repetindo o mantra “tudo no seu tempo” para não surtar, mas precisa me prometer que não vai se sobrecarregar de trabalho apenas para guardar dinheiro.

— Prometo. Palavra de escoteiro! — E bato continência, brincando.

— Lillith... — ela chama minha atenção, sabendo que minha promessa não foi verdadeira.

— Tá bom! Vou me esforçar.

— Agora ficou melhor. Vamos, preciso de uma boa dose de comida antes de deixar você no The Rock.

Rindo, nós saímos juntas de mãos dadas, como se nada no mundo fosse capaz de tirar o sorriso no nosso rosto. Só que no fundo, eu sabia que ela não estava feliz com a minha decisão, e se fosse para ser verdadeiramente honesta comigo mesma, por mais sincera que fosse a minha felicidade, era impossível não sentir uma ponta de frustração. Não por abrir mão da cirurgia nesse momento, mas sim por ainda não ter conseguido o dinheiro necessário.

Precisava pensar em algo, meu tempo está se esgotando, eu sabia disso. Quanto mais demorar, menos chance tenho de voltar a enxergar. Só não sabia o que fazer para sair dessa situação.

Às vezes, a vida era mesmo uma droga, por mais que me esforçasse em pensar o contrário.

Chego em casa e tomo um longo e merecido banho, preciso recuperar as energias para noite, e mais ainda, tenho que ligar para os meus pais. Coisa que estou protelando.

Enquanto eu me arrumo, penso em tudo que passei para chegar até aqui, cada lágrima de tristeza, cada obstáculo que surgia do nada nos momentos menos oportunos. *Se eu consegui superar?* Bem, estou aqui, em pé e lutando, então acredito que nada é por acaso.

Inclusive a minha cegueira.

Lembro da primeira vez que toquei uma música inteira no piano, foi alguns meses depois do acidente. Eu estava em casa, sozinha. Ficar sozinha não era uma opção enquanto eu morava na casa dos meus pais, aquele dia foi raro e especial de diversas maneiras.

A emoção que senti ao ouvir o som das notas fluírem com facilidade. Meus dedos deslizando através das teclas, como se fôssemos um único ser.

A música estava preenchendo um vazio que eu nunca pensei que existisse. Ainda estava vivendo meu momento de raiva do mundo, rancor pelas pessoas que se afastaram, impaciência pelo cuidado excessivo dos meus pais, revolta pela minha condição.

Mas a música? Deus, aquilo era a minha terapia, e o começo de um novo sonho. Foi através da música que me redescobri e soube que nada era impossível.

— Lilly? — A voz da minha irmã me faz retornar ao presente. — Você está bem?

— Estou. — Minha voz vacila, e sinto ela se aproximar.

— Não vou perguntar novamente porque posso ver em seu rosto.

— Não é o que está pensando, Jannet. E só que... — Não consigo

terminar.

— Está tentando processar tudo. Eu sei — diz, me abraçando em seguida.

Não falamos mais nada, não é necessário. Eu só a abraço tentando permanecer forte, e mantendo meus pensamentos positivos.

— Nem sempre ser forte é saudável, Lilly. — Ela praticamente adivinha meus pensamentos.

— Eu preciso ser, ou não vou ser nada, Jan. — Minha voz é firme e me afasto, limpando algumas lágrimas do rosto. — Acho que ficar lamentando não vai me ajudar, ou que meus problemas se resolverão milagrosamente.

— Não, mas apesar de ser uma “supergirl” você é humana, lembre-se disso.

— Eu sei. — Tento sorrir.

— O que acha de começar a planejar nossas férias?

— Tem certeza? — Isso me anima.

— Sim, como você está determinada a não usar meu dinheiro, acho que podemos começar a planejar tudo.

— Seria o paraíso — confesso.

— Então, temos um novo objetivo. — A alegria na voz dela me deixa ainda mais animada. — Mas primeiro, precisa ligar para a mamãe. Ela ligou mais cedo e queria falar com você.

— Droga — reclamo em voz alta e imediatamente levo a mão à boca. — Desculpe, eu vou ligar.

— Posso te pedir mais uma coisa? — Não sei porque ela ainda pergunta, sei muito bem que ela vai pedir, independentemente da minha resposta.

— Sim. — Ouço ela respirar fundo e sei que o que vem em seguida não será bom.

— Quero que pense no que o médico falou mais cedo, caso apareça outro doador.

— Jannet...

— Não, me escuta. — Ela segura minhas mãos com carinho. — Sou sua irmã mais velha e te amo, e nossos pais também.

— Você contou para eles? — pergunto perplexa.

— Conteí, mas não tudo. Eles sabem que você está nessa empreitada para guardar dinheiro, mas não sabem que perdeu uma chance hoje.

— Você não deveria ter contado nada.

— Sim, eu deveria. Somos a sua família, quando vai entender que estamos do seu lado? Nós só queremos o melhor para você.

— O melhor, Jannet, é eu não ser um fardo para vocês. E se eu aceitar esse dinheiro, continuarei sendo. Porque você melhor do que ninguém, sabe de todas as probabilidades dessa cirurgia. — Minhas palavras saem um tanto rudes.

— Eu sei que a nossa opinião não conta e que você já tem uma decisão formada sobre isso. Mas se surgir uma chance, não se negue a receber ajuda da sua família porque é orgulhosa demais. E, se já estiver pronta, podemos ir.

Jannet solta a minha mão e sai do quarto. Deixando o peso das suas palavras no ar me esmagando.

Ela não sabe de todas as vezes que ouvi nossa mãe chorar por não saber lidar com a minha deficiência. Ou como nosso pai sempre estava preocupado com o fechamento das contas. Ou como a tristeza na voz deles me atingiu como uma pancada quando avisei que não ia para faculdade.

Agora, tento me concentrar para não esquecer do rosto deles, de como eram seus sorrisos, a cor de seus olhos. Como era a expressão do meu pai quando eu chegava tarde em casa?

Ou da minha mãe quando me colocava de castigo?

Essas memórias estavam ficando cada vez mais escassas, mas não contava isso a ninguém, porque estava determinada a tê-las de volta. Nem que para isso, eu precisasse arriscar a minha vida na mesa de cirurgia.

Minha cegueira foi causada por um acidente estúpido. Não aceitaria perder essa batalha.

Saio do quarto e Jannet já está a minha espera. No caminho para o The Rock, verifico algumas atualizações no Facebook pela *hashtag* #PraCegoVer que explica em forma de texto o conteúdo de uma imagem, e desde que meus amigos descobriram essa ferramenta, sempre usam nas fotos, e eu me sinto um pouco inclusa no mundo deles.

É incrível o poder da tecnologia, e ainda assim, a quantidade de pessoas que a usam para o bem é mínima. Redes sociais são para interação, aproximação de pessoas, e não o contrário. E graças a tecnologia, tenho acesso não só a isso, mas também aos livros. Não só os audiolivros, mas existem inúmeros aplicativos para leituras. Um universo cheio de possibilidades que, infelizmente, é pouco explorado e que apenas uma pequena cota tem acesso.

Quando o carro estaciona, Jannet e eu nos despedimos com um forte abraço e eu sigo para mais uma noite em busca do meu sonho.

CAPÍTULO 12

JOSH

*"I made some mistakes
That cannot be erased
But darling people change
I need a chance to try
I don't want to play you
I just want to stay true"*

Make It Right – The George Twins

Estava nervoso, olhando a cada dois segundos para o bastão que estava na mão da Mag. Ela parecia tão nervosa quanto eu, já o Braden... caralho, eu nunca o vi daquele jeito. Andando de um lado para o outro, fumando sem parar. Era para um de nós estar calmo, não?

— Porra. Essa espera está me matando — diz ele apagando o cigarro antes de jogá-lo no lixo.

— Você está nos matando com essa fumaceira toda — resmunga Mag, nervosa. Sei que ela exagerou, Braden mal acende o cigarro e em seguida o apaga. Nem chega a tragar direito, quem dirá expelir fumaça suficiente para causar algum dano ao bebê.

Isso "se", ela estiver esperando um bebê, já que é o que estamos esperando descobrir. Ficamos olhando ansiosos para o maldito teste de gravidez.

— Acho que não será tão rápido — comenta ela, mas acredito que conhece o próprio corpo melhor do que ninguém, é obvio que está grávida. Poucos meses depois de tomarmos a decisão de que teríamos um filho, o corpo dela mudou, seu apetite por sexo aumentou consideravelmente. Quem no mundo consegue cansar dois caras durante o sexo? Bem, essa mulher era a Mag. Daria um prêmio a ela, se existisse um.

— Sinceramente? Acho que não existe mulher mais grávida do que você nesse momento. Não sei porque insistiram em fazer esse teste.

— Cala boca, Josh. — Ela está irritada.

— Ei, Diaba Ruiva — sorrio —, tem algo aparecendo nesse bastão. — Aponto para o objeto na mão dela. Braden se aproxima e ficamos os três, estáticos esperando por um positivo. Que eu sei que aparecerá.

— Oh, porra! Merda. Merda. Merda!! — Mag pula do sofá segurando o bastão no peito, ela fica de pé na nossa frente.

— Conseguiu ver? — pergunto para o Braden.

— Não vi nada, ela bloqueou a visão. — Nós olhamos para ela ao mesmo tempo, sua expressão não diz nada, até que um lento sorriso começa a se formar em seu rosto.

Eu sinto um arrepio correr pela minha espinha, olho para o Braden e ele está olhando para Mag. Seus olhos estão fixos na barriga dela. O lugar onde temos certeza de que o nosso filho está.

— Espero que vocês estejam preparados para serem os melhores pais que essa cidade já viu. — Ela joga o bastão e eu o pego.

Positivo!

Olho para Braden a tempo de ver seus olhos ficarem vermelhos, ele enfim me olha e nós sorrimos. De início, a ideia foi minha, mas tanto ele quanto Mag embarcaram nisso. Sempre vi como Braden ficava em torno de crianças, dos sobrinhos. Via como ele pegava Blue no colo. E cacete, eu queria muito que ele tivesse isso.

Ele é o primeiro a levantar e ir até ela. Senti meu peito se expandir de orgulho quando o vi se ajoelhar e beijar a barriga dela.

— Você terá a melhor família — murmura ele, depois se levanta e a olha nos olhos. — Não sei quando foi a última vez que admirei tanto uma pessoa, Mag. — Sua voz está embargada e eu levanto para me juntar a ele. — Você não vai se arrepender disso, eu te prometo.

Braden segura o rosto dela com as mãos e a beija. Observo os dois, aguardando e respeitando esse momento que pertence a eles. Quando se separam, Braden segura minha mão.

— Foi a melhor ideia que você já teve. Eu já disse isso? — Ele sorri, Mag também.

— Parabéns, mamãe. — Eu a beijo, enquanto minha mão direita toca a barriga dela e a esquerda segura a mão do Braden.

— Não gosto de sentir tudo que estou sentindo agora — confessa. — Esse medo de falhar, não é algo que estou acostumada a sentir. — Suas palavras saem em meio a uma risada.

— Ei, você não estará sozinha nessa. — Eu seguro a sua mão e Braden segura a outra.

— Somos uma família estranha. — Ela ri.

— Somos estranhos, porém felizes. Não se esqueça disso — assegura Braden. Deixo que suas palavras penetrem em mim.

Não somos estranhos, somos apenas felizes. Repito mentalmente. Mesmo sabendo o circo que a mídia vai montar em torno disso.

— Isso vai ser uma festa para a imprensa — comento.

— Bem, já me chamam de prostituta mesmo, não é? — Mag dá de ombros, ela parece não se importar com o que falam dela nas revistas, mas eu sei como Braden é afetado com cada palavra que sai nos jornais.

A imprensa divulga que ela tem um relacionamento com a gente. Quando na verdade, nossa relação vai muito além. É uma relação que envolve nós três de forma completa. Não como um triângulo, e sim como um círculo. E o principal motivo disso é a minha covardia em assumir meu relacionamento com Braden publicamente.

— Vamos lidar com esses idiotas quando chegar a hora. — Braden encerra o assunto. — Acho que precisamos comemorar.

— Eu gosto do som disso. — Olho para ele e vejo o fogo em seus olhos começar a acender. Mag tem a mesma expressão. Ela aperta minha mão, um sinal inconsciente de que está dentro. Tenho certeza de que faz a mesma coisa com Braden.

— Não querem dar a notícia para os outros primeiro? — Ela finge desinteresse.

— É o que você quer? — pergunta Braden e olha para Mag, analisando-a dos pés à cabeça. Caralho, o som da voz dele manda um sinal claro para o meu pau.

Sexo. O melhor sexo.

— Ainda estou em estado de choque — confessa.

— Vamos te ajudar a assimilar tudo isso. — Ele me olha e eu sorrio. Solto a mão dele e vou para trás do corpo dela, envolvendo a mão por sua cintura, puxando-a para o meu corpo e fazendo-a sentir minha ereção.

— Ajudaremos da melhor forma. — Beijo seu pescoço. Ela vira um pouco de lado para me dar mais acesso. Adoro beijar o pescoço dela.

— Abra as pernas, Mag. — Braden começa a comandar o show. Ela obedece.

Ouçó-a gemer, e vejo quando ele começa a levantar seu vestido, passando

a mão pelas coxas, subindo até a bunda, roçando meu pau suavemente. Porra! O jeans começa a me incomodar.

Ele se ajoelha, deslizando a calcinha dela no processo.

— Quer nós dois dentro de você, Diaba Ruiva? — Seguro e acaricio seus seios, eles estão inchados, eu já havia notado essa diferença. Belisco as pontas e ela geme.

— Sim. — É a sua resposta. — Ohm Deus — grita se contorcendo. Eu seguro seu corpo com mais firmeza. Braden está com a boca na boceta dela, enquanto beijo o pescoço e belisco seu mamilo. — Merda, preciso gozar.

— Vamos para cama — manda Braden e ela reclama. Ele se levanta e tira o vestido dela, deixando-a nua entre nós dois. — Quer mais um pouco? — pergunta, sinto-a balançar a cabeça, em seguida geme. Tombando o corpo para frente, ela envolve os braços pela cintura dele, esfregando o quadril na perna do Braden.

— Cacete, ela está se masturbando em você? — pergunto, pressionando minha ereção na bunda dela, doido para me livrar desse jeans.

— Meus dedos — murmura ele, e ela geme de novo.

— Vai deixá-la gozar? — brinco, passando a mão pelos quadris dela.

— Só se você quiser.

— Não brinquem comigo, idiotas — diz, brava. Eu me afasto um pouco, passo a mão mais uma vez em sua bunda. Caramba, como eu amo essa parte do corpo dela. Abro a mão e dou um tapa, não forte, mas sei que arde porque o corpo dela fica tenso antes dela aumentar o ritmo de seus movimentos.

Mudo de lugar, indo até o Braden e beijo sua nuca. A cabeça dele inclina um pouco para trás, e eu não resisto a sua boca. Minha mão envolve sua garganta e eu o beijo, profundamente.

Braden retribui cada movimento da minha língua, ao mesmo tempo em que faz Mag gozar. Já estou no meu limite quando nossas bocas se afastam, preciso gozar. Desesperadamente.

— Cama. — Dessa vez ela não argumenta, tiro o jeans e meu pau pula para fora como se estivesse sufocado. Provavelmente estava. Braden sorri quando o vê, e me toca. Envolvendo meu pau com uma das mãos, faz um movimento leve, para cima e para baixo.

Uma.

Duas.

Três vezes.

Sorri, quando percebe que vou gozar a qualquer momento. Eu amo esse

sorriso.

— Cara, eu amo você, mas se não continuar não sei do que sou capaz. — Fecho os olhos e ele aperta minhas bolas. — Sério, Braden, não é hora de brincadeiras.

— Eu te amo — ele se declara, sussurrando no meu ouvido. — E hoje sou o homem mais feliz da porra desse mundo. Você fez isso, Josh. — Abro os olhos. — Você e a Mag. — Olho para Mag que está na cama, deitada, esperando por nós como sempre fez.

Ela sabe que não fica em segundo plano, não quando estamos juntos. Mas sempre respeitou nossos momentos.

— Vamos mostrar para ela nossa gratidão, então — digo sorrindo. Ele concorda e caminhamos até ela. — Você disse que queria nós dois dentro de você, não é? — pergunto, Mag senta na cama. Expectativa dança em seus olhos.

— Vamos encher você, Mag. Até que goze outra vez, gritando nossos nomes — avisa Braden, puxando-a para um beijo. Sem deixar de beijá-la, ele se movimenta rapidamente, e em segundos está deitado com Mag por cima. Ela abre as pernas e Braden a penetra. Ouço quando ele geme, eu acaricio o meu pau enquanto assisto a nossa garota cavalgar meu namorado.

Porra, eu amo isso.

Eu me aproximo da cama, fico de joelhos com as pernas abertas e seguro o quadril dela. Alcanço a mão em seu clitóris e o massageio, usando sua umidade para lubrificar meu dedo antes de trazê-lo para outra entrada e prepará-la para mim. Mag está em êxtase, receptiva e relaxada, o que facilita minha penetração, já que não pretendo usar nenhum lubrificante agora.

Quando a sinto preparada, começo a penetrá-la. Bem lentamente, ela ofega a cada avanço que meu pau faz, entrando todo o caminho. Paro por alguns instantes para ela se acostumar e controlar um pouco sua respiração. Olho para Braden e quando nossos olhares se cruzam, sinto nossas almas mais que pegarem fogo, elas se conectam como uma só.

É hora do show. Eu recuo, ele a penetra novamente, sincronizando nosso ritmo. E não paramos, até que nós três estamos gozando enlouquecidamente. Celebrando o amor e a vida.



Acordo sobressaltado. Com a mão no meu pau, e coberto de porra. Merda, gozei enquanto dormia. Sem me dar conta de onde estou, eu me viro e despenco no chão.

Puta que pariu!

Grito de dor, cheguei bem tarde da casa da Mag e simplesmente me joguei no sofá. Agora, não só estou sujo de porra, como também com uma dor do cacete no quadril por causa do tombo.

Que maneira maravilhosa de começar o dia.

Eu me levanto e vou até o banheiro. Olho meu reflexo no espelho, e noto o quanto pareço cansado.

— Cara, você ainda consegue me fazer acordar com tesão — digo olhando para cima. Um sorriso involuntário surge no meu rosto.

É a primeira vez que sonho com ele e acordo sem me sentir sufocado. E por mais que eu deseje uma bebida agora, não quero esquecer o que estou sentindo. Olho mais uma vez para o meu reflexo antes de ir para o chuveiro.

O banho ajuda a acalmar o turbilhão de sensações que meu corpo está experimentando. A ânsia pelo álcool, a vontade de não sentir saudade. O desejo misturado a lembrança do corpo dele. Do beijo dele. Sem perceber, lembrando do som da voz do Braden começo a me masturbar enquanto a água corre livre pelo meu corpo.

Já é quase fim de tarde quando meu celular toca. Estou assistindo uma série na Netflix quando vejo quem é. Troy. Eu deveria deduzir que ele não ia largar do meu pé.

— Sim, *General*? — Ouço ele bufar. — Você faz esses barulhos quando está transando?

— Nossa... Estamos de bom humor hoje? — ironiza.

— Basicamente. — Mordo minha pizza.

— Só verificando como você está. Precisa de alguma coisa?

— Tá tudo certo — respondo de boca cheia. — Mas preciso abastecer a geladeira.

— Tudo bem, vou providenciar isso.

— Cudo guem — murmuro entre as mordidas só para encher o saco dele.

— O quê? — Engulo antes de falar novamente.

— Eu disse, tudo bem.

— Pode, por favor, para de comer enquanto fala comigo? — Coloco mais pizza na boca só pelo prazer de irritá-lo.

— Dão.

— Imbecil. — Mastigo e engulo antes de responder.

— Jumento. — Ele não diz nada por alguns segundos, mas sei que entendeu a indireta. Tinha me esquecido de como era bom azucrinar o Troy.

— Já aluguei seu carro, a empresa vai deixá-lo a qualquer momento na sua garagem. As chaves estarão na portaria.

— Uau, é por isso que te pagamos bem.

— Vocês não me pagam bem.

— Considere um bônus extra ser nosso amigo. — Mesmo dizendo isso de brincadeira, a gente sempre soube que sem o Troy para comandar tudo ou puxar os freios quando necessário talvez não teríamos chegado onde chegamos.

— Sei...

— Falando nisso... — deixo o restante da pizza de lado. — Você não disse nada, não é? Para o Micah ou Gael?

— Não, eu te falei que não iria contar. — Ele parece ofendido.

— Ceeeeerto. Só confirmando.

— A gente se fala depois.

— Troy? — chamo antes que ele desligue.

— Sim?

— Sabe me dizer se aquela garota ainda está cantando no The Rock?

— Que garota?

— A da confusão. A Lillith. — Fico esperando por sua resposta por alguns *intermináveis* segundos. — ALÔÔÔÔÔ? — grito.

— Porra, seu idiota!

— Precisava saber se estava vivo.

— Estava tentando me lembrar, maluco.

— E, então?

— Acho que sim.

— Preciso saber se ela está ou não ainda trabalhando lá.

— O que pretende fazer? — Respiro fundo, são tantas coisas que preciso fazer agora, mas por enquanto, pedir desculpas seria um bom começo.

— Preciso pedir desculpas a ela por causa daquela confusão toda.

— Como pretende conversar com ela no The Rock se não quer que

ninguém saiba que voltou?

— Deixa isso é comigo, tá? Só confirma se ela ainda está por lá e me avisa.

— Beleza, eu te aviso quando descobrir.

Desligo e jogo o celular no sofá, voltando minha atenção na TV e para a pizza. Queijo sempre foi uma das minhas paixões, mas comer pizza com as mãos sentado no sofá, em completo silêncio é bem... diferente.

Não demora muito para Troy me enviar as informações que preciso. Adoro a eficiência do cara; ele descobriu que horas ela sobe no palco, que horas o show termina e até o horário que ela sai. E o mais importante, Micah e Callie não estarão no The Rock hoje.

Ele merece um aumento, um de verdade. Mas nunca vou dizer isso em voz alta.

Às oito em ponto, estou na garagem encarando um enorme Jeep Hummer. Pego o celular e mando uma mensagem via SMS para Troy, afinal “ainda estou” na clínica e não quero correr o risco de alguém me ver *on-line* no aplicativo de mensagens.

Eu: Belo carro, babaca.

Troy: Grande como seu ego.

Eu: Não, é grande como meu pau.

Guardo o telefone no bolso e entro no carro. A caminho do bar, penso no que realmente quero fazer. Caramba, nunca fiquei nervoso assim, só de lembrar como ela me olhou naquele dia e a possibilidade de que eu poderia a ter machucado ou outra pessoa de verdade, é perturbador.

Ligo o rádio para tentar acalmar meus nervos, mas o que ouço quase me faz bater no carro que está parado na minha frente no sinal.

— Merda! — Eles estavam tocando a nossa música. Era a música que estávamos trabalhando na última turnê. — Essa droga ainda faz sucesso? — resmungo.

Não sei o que sentir. A voz do Gael cantando, o som da minha bateria, a guitarra, o baixo.

— Porra! — Bato no volante, depois respiro fundo tentando manter a concentração. — Caralho, Braden! Sério isso, cara? — Olho para cima, como se por algum milagre ele fosse me ouvir.

Inconscientemente, enquanto estou dirigindo, minha mão esquerda começa a fazer os movimentos como se estivesse tocando uma bateria. *É a porra do dom*, Braden sempre me dizia isso quando me flagrava fazendo

esses movimentos. Eu nem percebia, até agora.

A música acaba no momento que estaciono carro. Penso em entrar, mas me lembro que o gerente *estressadinho* está lá e não estou com vontade de ver a cara de bunda dele. Então, desligo a porcaria do som – só por precaução porque já chega de mensagens subliminares por hoje – e fico vigiando, atento a entrada até dar a hora da Lillith sair.

CAPÍTULO 13

LILLITH

*“And I'll reach you wide out
why am thanking you
it's cause now I can live like I should”
Reason Why – Nastasia*

Um péssimo dia, era isso que eu estava tendo. Desde que Jannet me deixou no The Rock, a minha concentração não estava cem por cento. Muito dispersa, perdendo o tempo da música. E só fui perceber isso quando Dean me perguntou se eu estava bem para me apresentar hoje.

Foi nesse mesmo momento que notei o quão afetada fiquei com tudo que aconteceu. A notícia do médico mexeu comigo mais do que imaginei. Por um lado, estava feliz, porém, eu me sentia despedaçada por dentro.

Não gostei de me sentir assim. Essa pequena dose de tristeza era o que eu sempre tentava evitar. Algumas pessoas costumam dizer que tristeza não mata, mas será que sabem como ela pode doer?

Toco mais uma vez no copo, não tomei uma gota da bebida que pedi. Minha apresentação já tinha acabado tem algum tempo e vim direto para o bar. Estou sentada num dos cantos, matando o tempo enquanto aguardo a ligação da minha irmã para saber se teria ou não carona para casa.

— Pelo visto a bebida não está boa? — pergunta Bettany, uma das garçonetes, Dean está ocupado, então foi ela quem me serviu.

— Não é isso, sou eu. Acho que não estou no clima. — Dou de ombros.

— Sua irmã ainda não ligou?

— Não, mas é normal. Os horários dela, às vezes, se tornam confusos.

— Sei bem como é. — Ela soa divertida.

— Acho que vou esperar lá fora. — Deixo o copo no balcão e desço do banco, esticando a bengala.

— Quer que peça para alguém te fazer companhia? — Tento não revirar os olhos.

— Não precisa, o lugar parece bem movimentado. Ficarei bem.

— É, estamos cheios hoje. — Ela solta um suspiro.

— Ficarei bem, prometo. Tchau, Bettany. — Viro-me para ir embora e ouço quando ela grita tchau.

Uma coisa não muito prática – na minha condição – é sair de uma boate lotada usando uma bengala para guiar o caminho. É estressante, confuso. Já esbarrei em bebidas suficientes desde quando comecei a trabalhar aqui. Só peço mentalmente que isso não aconteça hoje, não faria muito bem para o meu ego já abalado.

Saio do bar e tento me orientar. Preferindo não arriscar, eu permaneço no lugar de sempre, onde algumas vezes aguardo pela Jannet. Aquiles, o segurança que fica na porta, me cumprimenta quando saio. Enquanto espero, aperto a jaqueta um pouco mais contra o corpo.

— Droga, lá dentro não estava tão frio. — Estremeço e encosto na parede. Ouço algumas pessoas conversando, certamente estou perto da fila da entrada. Provavelmente uma fila enorme, como sempre, é o que ouço dizerem.

— Lillith? — Pulo ao ouvir meu nome, minha bengala cai no chão fazendo um barulho estridente tão alto que se sobressai as vozes conversando. — Droga, não queria te assustar. — A voz dele é calma, um pouco diferente da última vez que ouvi. Mais serena, talvez? Mais suave? Definitivamente mais intensa.

— Josh? — Giro o corpo na direção do som de sua voz.

— Então você se lembra de mim? — Não parece uma pergunta, há um tom de diversão nas suas palavras.

— Pelo visto, tanto quanto você se lembra de mim, já que disse meu nome primeiro. — As palavras saem da minha boca de forma apressada. Droga, por que estou nervosa? Meu coração continua batendo acelerado por causa do susto.

— Por que está aqui fora?

— Esperando a minha irmã, e você?

— Vim conversar com você. — Ele é direto. *Muito direto.*

Uau.

Balanço a cabeça para organizar os pensamentos. Não faz sentido nenhum ele vir até aqui para falar comigo porque mal trocamos algumas palavras, e isso já faz tanto tempo.

— Lillith? Oi? — Josh chama minha atenção e percebo que me perdi no

meio dos meus próprios pensamentos por alguns segundos.

— Desculpe, mas... Você tem certeza de que veio falar comigo? — Ouço-o abafar uma risada.

— Certeza absoluta — responde sem hesitar.

— Bem... — Balanço a cabeça mais uma vez. Droga, eu devo parecer uma idiota com problemas no pescoço. — Não tenho muito tempo, estou esperando a Jannet e... — balbucio enquanto me agacho, tateando o chão em busca da bengala.

Não demora para que eu sinta uma mão tocar a minha, e sem seguida, outra é colocada por cima. Quente, reconfortante.

— Aqui está. — Josh coloca a bengala na minha mão, ele deve ter se agachado também porque o calor de seu rosto perto do meu é perceptível.

— Obrigada. — Ele afasta as mãos da minha, mas apenas para trocar de lugar, segurando-me pelos braços e me ajuda a levantar.

Ele está sendo tão cuidadoso nesse momento que sinto vontade de rir, e de dizer que não vou quebrar. Mas, alguma coisa nessa situação não me deixa desconfortável como normalmente deixaria.

— Tudo bem aí, Lillith? — grita Aquiles, da portaria.

— Sim, Aquiles. Obrigada — grito de volta. — Quer entrar? — pergunto para Josh.

— Não, eu só queria conversar com você, de preferência, não aqui. — Sua afirmação me pega de surpresa.

— Hum... — Não tenho tempo de terminar meu raciocínio, pois o toque do meu celular interrompe minhas palavras. — Desculpe, preciso atender, é a minha irmã. — Ele murmura um tudo bem e eu atendo a ligação.

— Oi, Jannet, onde você está? — Ela é rápida ao responder, e por fim, fico sabendo que aconteceu um grave acidente no metrô e que o hospital está lotado. Alguns pacientes precisaram ser transferidos para lá, e ela não vai poder me dar uma carona para casa. *Ótimo.*

— Aconteceu alguma coisa? — Meus pensamentos estavam tão longe que por um momento eu me esqueci que Josh estava aqui.

— Desculpe, preciso voltar lá pra dentro e pedir para o Dean chamar um táxi para mim. — Odiava quando isso acontecia, mas sempre que Jannet cancelava minha carona, eu precisava recorrer ao Dean. Ou a qualquer outro funcionário. Infelizmente, não podia confiar em qualquer taxista que parasse na minha frente.

— Se precisa de uma carona para voltar para casa, eu posso te levar —

oferece.

— Não precisa se incomodar. Não quero atrapalhar a sua noite, Josh. Sério, eu posso me virar. — Sorrio, e o sinto segurar minha mão.

Meu coração acelera de novo.

Seria de receio? Medo de conversar com um cara que mal conheço e que tem uma péssima reputação do lado de fora do bar? Ou seria ansiedade por gostar dessa conversa estranha mais do que deveria?

Não faço ideia.

— Não é incômodo nenhum, Lillith — responde, e seu tom não esconde a sinceridade.

— Certeza que não vou atrapalhar? — Tento mais uma vez convencê-lo a mudar de ideia.

— Absoluta. Além do mais, não sei se você se lembra, mas eu disse que vim até aqui para conversar com você. — Tento não sorrir.

— Tudo bem. — Josh é amigo da Callie e do Micah, certo? Não corro perigo. Acho.

— Me dê só um minuto, tá bom? — pede e eu concordo com a cabeça. Ouço seus passos quando se afasta. Posso jurar que só se passam poucos segundos e ele está de volta, segurando a minha mão e me guiando até o carro.

— Nossa, você foi rápido.

— Só fui avisar ao Aquiles que estava te dando uma carona, ele não parava de olhar. Acho que pensou que eu estava te sequestrando.

— Isso foi legal, obrigada.

— Não tem de quê. — Ele abre a porta e me ajuda a entrar no carro. Eu me assusto quando ele se inclina para afivelar o meu cinto de segurança.

— Só colocando seu cinto. — Josh me tranquiliza.

— Obrigada. — Ele fecha a porta e pelos ruídos de porta abrindo e fechando, percebo que se acomodou no bando do motorista.

O carro tem um cheiro estranho e passo alguns segundos tentando identificar, mas não consigo. Pelo menos, espero que não seja nada bizarro.

— Tem algum animal morto aqui dentro? — pergunto quando ele liga o carro.

— Não, mas vai ter quando eu encontrar o Troy — resmunga.

— Por que?

— Ele alugou esse carro, e não sei o que diabos fizeram aqui, mas parece que um gambá andou mijando nos bancos. — Coloco a mão na boca para

tentar abafar o som da minha risada.

Fracasso com sucesso.

E ele me acompanha. Caímos na gargalhada enquanto tento explicar onde moro.

— Então, estou curiosa para saber o que quer conversar. — Ele respira fundo.

— Vou te explicar assim que parar o carro, tudo bem? Não gostaria de conversar com você enquanto estou dirigindo.

— Certo — concordo, porque sinceramente, não há outra opção.

— Como está indo no The Rock? — Essa é uma pergunta que me anima instantaneamente.

— Está fantástico. Melhor do que esperava. Estou como cantora fixa nas quartas e quintas, e recentemente consegui as sextas-feiras, também.

— Isso é bom, mas deveria pedir as noites de sábado — sugere, e eu suspiro. As noites de sábado são as melhores, e mais bem pagas.

— Bem que eu gostaria — murmuro sem querer que ele ouça.

— E por que ainda não pediu? — Mas ele me ouve, e dessa vez sou eu quem respira fundo.

— Não sou ninguém, Josh. Apenas uma desconhecida cantando pela grana. — A sinceridade nas minhas palavras me assustam. — Por favor, não pense que não gosto de cantar e tocar porque eu amo, é só que...

— Jamais te julgaria por qualquer coisa, Lillith. Não sou esse tipo de cara. — Alívio me inunda. — Ninguém que canta como você, faz isso só por causa de grana. Confia em mim.

— Confiar? Acredito que já fiz isso. — Dou risada. — Estou no seu carro afinal de contas, não estou? — Tento aliviar a tensão.

— Sabe que eu tinha me esquecido de como você é espertinha. — Ele parece se divertir.

— Eu tento. — Dou de ombros e rimos novamente.

— Você parece legal, nunca mude isso — diz. Seu tom de voz é intenso, e juro que sou capaz de sentir o calor do seu olhar em mim.

— Você diz isso de uma maneira estranha — comento.

— Como assim?

— Não sei, seu tom de voz mudou um pouco, mas também tem algo de melancólico. — Ele não diz nada, eu quase dou um tapa na testa por ter falado demais. — Desculpe se falei besteira, às vezes as coisas que saem da minha boca têm vida própria.

— Você notou a diferença no meu tom de voz? — pergunta curioso.

— É meio estranho, não é? Mas, sim. Não sei se o fato de gostar de música influenciou, porém, costumo notar os diferentes tons nas vozes das pessoas. Consigo identificar reações, sentimentos, esse tipo de coisa. — Dou de ombros, como se não fosse algo importante.

— Isso é bem foda. Por isso reconheceu a minha voz?

Basicamente...

— A voz é algo que nunca me esqueço. — Sou sincera. — Hoje, a sua está um pouco diferente do dia que nos conhecemos.

— Não estava nos meus melhores dias — confessa, e eu me recordo do dia que ouvi sobre sua internação. Penso se seria conveniente perguntar como ele está, ou algo assim. Mas antes que eu possa fazer qualquer coisa, o carro para. — Acho que chegamos.

— Gostaria de subir? — *Que tipo de pergunta é essa, Lillith?* — Disse que queria conversar, então se quiser, pode subir.

Santo Deus, agora ele deve pensar que quero levá-lo para a cama.

— Vou soltar o seu cinto, tudo bem? — pergunta e eu ouço o clique. Caramba, que maneira estranha que me expulsar do carro. — Pode virar o rosto na direção que estou? — pede e eu obedeço sem proferir uma palavra, porque não consigo articular nada sensato. Essa situação toda é muito bizarra. — Obrigado.

— Não fiz nada. — Fico confusa.

— Agradei por ter feito o que pedi. Quero conversar com você e queria olhar para o seu rosto enquanto fizesse isso.

Uau.

— Sobre o que quer falar?

— Quero conversar sobre o dia que eu fui um babaca no The Rock e que quase machuquei você. — Cada palavra que sai de sua boca é cheia de determinação.

— Josh, não aconteceu nada. Eu não me machuquei. — Ouço ele exalar uma longa a respiração, em seguida, ele segura a minha mão.

O toque é diferente de quando estávamos na frente do bar. Ele aperta de maneira suave, mas firme. Eu poderia dizer tanto sobre como ele está se sentindo agora, só com esse simples gesto.

— Aquele dia, fui para o bar determinado a ter um pouco de normalidade. — Ele começa a falar com sua mão ainda segurando a minha, mas agora, traçava círculos nos nós dos meus dedos. — Ouvi você cantar, estava

sensacional.

— Obrigada — agradeço, nervosa.

— Mas então, você começou a cantar aquela música. Ela trouxe memórias que eu queria esquecer.

— Porque queria esquecer? — Não faço ideia do que ele está falando, mas reconheço um pouco desse sentimento.

— Não queria mais sentir tudo que estava sentindo, Lillith. — Ele parece cansado, porém continua fazendo círculos nos meus dedos. Será que ele está consciente do que está fazendo?

— Não sei o que, ou quem estava tentando esquecer — minto, ouvi algumas histórias sobre como ele não estava sabendo lidar com a perda do baixista da banda. — Mas se tem algo que aprendi depois do meu acidente, Josh... É que, por mais que doa, algumas memórias não devem ser esquecidas. São partes de quem somos, entende? Perdi a visão, no entanto, tento me lembrar todos os dias do rosto da minha irmã, dos meus pais, e até dos meus amigos. É isso que me faz lutar, as memórias. — Aperto a mão dele.

— As minhas lembranças não eram...

— Boas? — termino a frase dele.

— Isso... Quer dizer... — Ele afasta as mãos da minha. — Droga, eram boas. Não, eram maravilhosas. E se eu deixar de ser um covarde, tenho que admitir que eram as melhores lembranças que tenho na droga da minha vida. — Sorrio, estendo a mão na esperança de que ele entenda a dica e a pegue.

Ele entende.

— Então, abraçe essas lembranças e abra um sorriso toda vez que elas vierem até você. — Aperto a mão dele mais uma vez.

— Alguém já te disse que você é muito especial, Lillith? — diz e meu coração se aquece.

— Sim. Eu, todos os dias. — Dou risada e ele faz o mesmo.

— Desculpe por ter sido um idiota naquela noite.

— Deixe-me ser sua amiga, e você está desculpado. — Ele ri, mas não com o mesmo humor de segundos atrás.

— Acho que não sou o tipo de cara que quer ter como amigo.

— Que tal deixar isso para que eu decida?! Posso abrir uma exceção no quesito amizade e prometo pegar leve com você — brinco, mas logo fico séria. — Antes de ficar cega — começo a divagar —, eu era a garota mais popular da escola, minha casa sempre era cheia de gente.

— E agora? — pergunta.

— Como eu disse, a casa era cheia de gente, não de amigos. — Não menciono Sam e Ray porque estão em um outro nível de amizade para mim. — Aprendi a diferenciar isso com o tempo, os que ficaram são os aqueles que realmente importam na minha vida.

— As pessoas se afastaram de você, Lillith. Não foi o meu caso, eu acabei afastando as pessoas de mim.

— Acho que a ordem dos fatores não altera o produto, afinal.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que no final a gente se isola, Josh. — Seguro firme a mão dele, respiro profundamente e giro o rosto para a frente. Não tenho ideia do que está na frente, carros? Semáforos? Postes de iluminação? Pessoas andando? — No final, a gente *escolhe* se isolar.

— Ficar sozinho pode ser bom — comenta e isso me entristece um pouco.

— Também achei isso no começo. Quando estava com raiva das pessoas.

— Não sente mais raiva?

— Se eu disser que não sinto mais estarei mentindo, mas não é isso que me motiva, Josh. Qual é o sentido de ficar remoendo sentimentos que não me fazem bem? Tenho poucos amigos, e desde que me mudei para cá, esses poucos aumentam gradativamente.

Ele não diz nada por alguns instantes, tenho certeza de que está refletindo sobre o que acabei de dizer. Não é fácil admitir para mim mesma que às vezes me sinto assim, e que abaixo da superfície de uma mulher forte – que está lutando para voltar a enxergar – existe um ser humano, frágil como qualquer outro.

— Quantos anos você tem? — pergunta e ri, percebendo a gafe.

— Nossa, que coisa feia, Josh! — finjo estar ofendida, mas não aguento a caio na risada. — Pareço uma senhora falando, não é?

— Não, só parece alguém que já sofreu muito. — Engulo em seco, porque no fundo não concordo com ele.

— Não acho que...

— Que não sofreu? — Ele bufa. — Se tem algo que aprendi quando estava internado é que não posso comparar a dor de ninguém com a minha. Cada um sofre de forma diferente, nem mais, nem menos que os outros. Apenas diferente.

— Quem é o sábio agora? — brinco com ele.

— Espertinha! Então, voltando ao assunto principal, você me desculpa ou

não?

— Não tenho nada para desculpar, Josh. Você teve uma reação e...

— Uma reação de merda — ele me interrompe.

— Sim, mas, mesmo assim, foi uma reação. Acho que você já sofreu as consequências disso — digo me referindo a internação.

— Pode apostar que sim — resmunga.

— Agora esqueça isso, é passado. E vou te liberar do seu calvário, nem precisa ser meu amigo. — Acho que estou nervosa demais por que não consigo parar com as piadinhas sem graça. Sinto sua mão se afastar da minha, e só então percebo que *eu* estava segurando a mão dele esse tempo todo.

— Deveria assumir o cargo do meu psicólogo. — Ele ri. — Obrigado por me ouvir.

— Sempre às ordens. — Levo a mão até a maçaneta do carro. Só que antes de abrir, giro o corpo novamente para que ele possa ver meu rosto. — Sempre que precisar ter conversas profundas com uma estranha dentro de um carro fedido, já sabe onde eu moro.

Sinto o carro vibrar quando ele começa a gargalhar.

— Sabe, talvez acabe não matando mais o Troy por causa dessa catinga.

— Acho uma boa ideia. — Abro a porta. — Até, meu mais novo não amigo.

— Lillith...

— Não se preocupe, sei como encontrar meu apartamento. — Termina a frase que sei que ele ia falar.

— Não era isso que eu ia dizer. — Ele, como sempre, me deixando confusa. — Só ia te agradecer por me fazer rir. De novo.

— Você não ia perguntar se vou chegar bem em casa? Ou se preciso de ajuda? — Fico espantada.

— Não, por quê?

— Bem, é que... — Caramba, ainda estou surpresa. — Todo mundo costuma me perguntar isso. Até os taxistas, quer dizer, a maioria deles tentam me ajudar a chegar em casa.

— Não sou todo mundo. — Impossível não se contagiar com tom divertido na voz dele. — E como eu disse antes, não sou um bom amigo.

— Acho que não se dá o devido crédito. E penso que você me vê como ninguém mais.

— E como é que eu te vejo?

— Como uma pessoa normal. — Meu coração acelera com essa

afirmação. As pessoas têm o hábito de serem extremamente cuidadosas comigo. Josh é diferente, ele não está me protegendo do mundo. Talvez algumas pessoas podem achar isso ruim, mas eu não. É simplesmente a melhor coisa que alguém já fez pra mim.

Paro de abrir a porta e me inclino na direção dele, já estou acostumada com esse tipo de movimento, porém espero que ele não se mova. Ergo a mão direita e toco o braço dele. Vou subindo-a até o rosto. Ele fica tenso, e tento me controlar para não rir. Quando minha mão alcança o rosto dele, inclino o corpo e beijo sua bochecha.

— Você pode pensar o contrário, mas acredito que seria o melhor amigo que eu poderia ter. — Eu me afasto e abro a porta do carro. Com a ajuda da bengala, caminho em direção ao meu prédio. Com a cabeça repleta de perguntas e o coração acelerado.

CAPÍTULO 14

JOSH

*“There she stood in the doorway
I heard the Mission bell
And I was thinking to myself
This could be heaven or this could be hell
Then she lit up a candle and she showed me the way”
Hotel California – Eagles*

Fico observando Lillith caminhar até o prédio. Seus passos são determinados, não vacila em nenhum momento, acho que não se dá conta do que faz, e de como se comporta, mas eu me pego hipnotizado pela sua confiança.

A segurança que ela tem em si mesma é invejável. Um lento sorriso se forma no meu rosto quando a vejo entrar em segurança. Só então, eu ligo o carro e saio em direção ao meu apartamento.

Enquanto estou dirigindo, penso em tudo o que ela me disse. Foi uma conversa rápida, mas suas palavras não saem da minha cabeça durante todo o caminho até em casa.

Queria só pedir desculpas pelo que aconteceu, mas a nossa conversa foi muito além. Compreendia cada palavra que foi dita, conhecia os sentimentos e isso fez com eu me sentisse próximo dela, como há muito tempo não me sentia.

Quando chego em casa, olho ao redor e o silêncio se torna meu novo companheiro. Sem Gael resmungando no sofá, ou Hanna sorrindo com alguma piada minha. Sem o Braden concentrado em algum documento ou Micah dedilhando a guitarra. A saudade dos meus amigos começa a me incomodar e pego meu celular.

Vou para o quarto de hóspedes, tirando a roupa e largando de qualquer jeito pelo chão. Aqui também não tem a Sarah para cuidar das nossas coisas. *Droga*. Deito na cama e começo a mexer no telefone. Acho que *stalkear*

meus amigos pode ser um jeito de matar um pouco a saudade.

Sorrio quando vejo as fotos no Instagram. Troy paga uma pessoa para cuidar das redes sociais no que diz respeito a banda, mas nunca liguei muito para isso, e depois que Braden morreu, deixei de acessar a conta dele. Era ruim demais ver todas as mensagens deixadas pelos fãs. Mas todos nós temos nossos perfis pessoais, e agora estou olhando o da Hanna.

Depois que o relacionamento dela com Gael se tornou público, ela é praticamente uma celebridade. Ainda fico surpreso em como conseguiu manter sua origem em segredo. Não existem muitos assuntos que são proibidos naquela casa, mas os pais da Hanna definitivamente são um tema delicado. Ao contrário de seus irmãos, que sempre estão por perto.

Sorrio quando vejo uma foto dela com Gael e Gabe, não mostra o rosto dele, mas é óbvio o quanto estão felizes. Passo pelo Instagram do Micah, e há muitas fotos também. Ao contrário do Gael que procura poupar Gabe dos holofotes, Blue é praticamente uma modelo infantil. Sempre sorrindo nas fotos, inclusive as feitas *pelos paparazzi*, já não posso dizer o mesmo da mãe dela. Callie detesta qualquer tipo de exposição.

Passo um tempo olhando as fotos de todos, vendo tudo que perdi durante o tempo que fiquei internado, e também quando passava os dias – e noites – drogado ou bêbado demais para notar qualquer coisa. Antes que eu perceba, estou olhando as fotos do The Rock, devo admitir que a Callie e o gerente “cara de bunda” estão fazendo um excelente trabalho.

Milhares de seguidores, comentários, mas uma foto em particular chama minha atenção. Fico tempo demais absorvendo cada detalhe na imagem. Lillith está no palco, cantando. A fotografia destaca seu corpo, o jeito com que segura o microfone, os olhos fechados como se estivesse em outra dimensão é sexy pra caramba. Será que ela tem ideia disso?

O cabelo bagunçado com ar selvagem, a calça justa parecendo uma segunda pele e a camiseta branca fazem com que seja quase impossível não salivar. Um arrepio percorre meu corpo e largo o celular como se estivesse pegando fogo.

Estou há muito tempo sem sexo. *Tempo demais!* E ficar admirando o corpo de uma mulher que demonstrou querer ser minha amiga – poucas horas atrás – com certeza não é certo.

Merda! Quando foi que eu fiz alguma coisa certa nessa vida?

Viro de bruços e ignoro o celular. A cama do quarto de hóspedes não é igual à minha, mas vai ter que servir. Já dormi em lugares muito piores e

ainda não estou pronto para entrar no nosso quarto.

Há muitas lembranças lá, e mesmo sendo boas, ainda doem demais. Não preciso dessa dor agora.

Acordo com o sol queimando meu rosto, literalmente. Levo o braço até os olhos tentando cobrir a claridade, mas não adianta.

— Que droga! — resmungo ao levantar da cama. Vou até a janela e vejo que a cortina está aberta, só que não me lembro de tê-la aberto antes de dormir. — Legal, Josh... Agora você está ficando maluco.

Murmuro sozinho, não me dou ao trabalho de fechar a cortina e já que perdi o sono, vou até a cozinha tentar encontrar algo para comer. A geladeira está cheia, e tudo graças ao Troy, acho que preciso pegar mais leite com ele. *Não, isso é impossível, tirar sarro dele é a melhor parte do meu dia. Um aumento é o mais viável*, penso e dou risada. Pego alguns ingredientes para preparar panquecas.

Ligo o sistema de som da cozinha e começo a cantarolar junto com a música. Estou mexendo a massa quando uma voz me assusta.

— Você ainda tem gingado — diz Mag, sorrindo. Ela está com AJ nos braços.

— Porra, você me assustou. — Largo a massa e vou até eles. — E só para você saber... Nunca perdi meu gingado — brinco pegando AJ e me inclino para beijá-la. É algo natural, mas ela desvia o rosto delicadamente e minha boca beija sua bochecha.

Sorrio entendendo o recado, nada de beijos na boca, então.

— O que estão fazendo aqui? — AJ deita a cabeça no meu ombro.

— Queria saber se não gostaria de passar a manhã com seu filho. — Ela é direta.

— Sério? — Ela sorri com a minha reação idiota.

— AJ é seu filho, Josh. Tem um quarto cheio de coisas dele nesse apartamento, inclusive roupas novas. — Fico espantado, é claro que sei sobre o quarto. Braden e eu o decoramos, mas faz mais de um ano que AJ não vem aqui. — Pare de me olhar com essa cara, tá bom? Como a mulher precavida que sou, sempre passava por aqui para deixar as coisas dele em ordem e prontas para serem usadas.

— Eu não sabia — respondo com sinceridade. — Mas agradeço por isso.

— De nada. E então, topa ficar com ele essa manhã?

— Claro, se acha que não tem problema... — Ela se aproxima e toca meu rosto.

— Não tem problema nenhum. Vai ser bom para vocês dois passarem esse tempo juntos.

— Certo. — Dou de ombros. — Já tomou café?

— Ainda não, o que está preparando? — Ela olha para a bancada com os ingredientes.

— Panquecas.

— Uau, acho que tenho tempo para um café. — Ela sorri. — Hanna ficaria maluca se descobrir que está fazendo suas famosas panquecas, sabe disso, né?

— Eu sei. — Entrego AJ para ela. — Quando for lá, farei muitas para ela.

— E quando será isso? — Respiro fundo.

— Não sei, Mag. Ainda estou resolvendo algumas coisas, preciso me desculpar com todos eles, mas também quero que tenham o velho Josh de volta. Só que para isso, preciso resolver minhas merdas.

— Entendo, mas eles também te entendem. Reflita o tempo que precisar. — Sorri calorosamente.

Mag vai com AJ até o quarto e volta com alguns brinquedos. Ela organiza um tapete na sala e o coloca nele para brincar enquanto arrumo a mesa para tomarmos café.

— Sério que arrumou aquilo tudo de brinquedo na sala, com ele no colo?

— Nunca duvide das habilidades de uma mãe. — Ela olha para o nosso filho brincando e sorri.

— Ele está cada dia mais parecido com ele — comento. AJ está concentrado com alguns blocos, sua expressão é igualzinha do Braden.

— Sim, mas tem muito de você também.

— De mim? — Fico curioso.

— Sim, sua teimosia, por exemplo. — Ela dá risada. — Olha, juro que ele tem o DNA de vocês dois, sabia? Fisicamente ele é igual ao Braden, mas a personalidade dele... — Ela balança a cabeça ainda sorrindo.

Tomamos nosso café enquanto observamos AJ brincar. Conversar com ela nunca foi difícil, mesmo com a distância que surgiu entre nós por causa do meu afastamento, não parece nada estranho. Talvez seja porque aconteceria mais cedo, ou mais tarde.

Mag nunca foi minha, ou do Braden, nós sabíamos disso. Apenas torço que ela encontre alguém que a mereça.

— Alguma recomendação? — pergunto quando a levo até a porta.

— Não. AJ é uma criança tranquila, alimente e troque a fralda dele, e você

estará no paraíso dos bebês.

— TV? — pergunto, porque tem mães que não deixam seus filhos assistirem TV. Acho isso uma droga, mas como sou quase um desconhecido para o meu filho, não faço ideia de sua rotina.

— Com certeza! Como acha que consigo trabalhar em casa? Ele adora esses desenhos idiotas e coloridos.

— Tá bom. Qualquer coisa eu te ligo.

— Tudo bem, ligarei mais tarde para saber como estão. — Abro a porta e ela sai. — Tchau, Josh.

— Tchau, Mag.

Fecho a porta e olho para a sala, AJ ainda está brincando com os blocos coloridos, concentrado como se estivesse resolvendo um problema de física quântica.

Vou até ele e sento na sua frente, ele me encara um minuto e depois me entrega um bloco.

— Quer que eu brinque com você? — Mostro o bloco para ele.

— Papa — balbucia e meu peito se enche de orgulho.

— *Você* ia adorar ouvir isso — sussurro, olhando para cima. É um novo hábito que adquiri. Sei que Braden não vai me responder, mas também acredito que se existe céu e inferno, e é *lá* em cima que ele está.

Passo a manhã inteira brincando com AJ, e quando a hora do almoço se aproxima, Mag envia uma mensagem para me dizer o que ele costuma comer, então resolvo pedir nossa comida. É engraçado ver como ele pega no sono rapidamente depois que o estômago está cheio.

Pego meu filho nos braços e ele se aconchega. Inalo seu cheiro e deixo que esse sentimento de paz me invada. Caminho com ele até o quarto para deitá-lo no berço. No caminho, meu olhar se desvia para a porta do *nosso* quarto. Ela está aberta.

Paro e olho para o dentro. Tudo está igual, nada fora do lugar. Mas uma onda de tristeza ameaça se apossar do meu peito quando olho para a cama.

Estávamos na Inglaterra e tínhamos acabado de fazer um show, era o nosso primeiro show fora do nosso país e estávamos todos em êxtase.

Gael levou uma mulher para a suíte dele, assim como Micah. Eu tinha ficado no bar com o Troy e não percebi quando Braden também desapareceu.

— Vou indo. — Tomo mais um gole da minha bebida e Troy não vira na

minha direção, apenas só acena com a cabeça. Ele estava flertando com uma morena a noite toda, acho que está mais do que na hora de eu sair do caminho deles.

Deixo o copo no bar e subo para a suíte. Um segurança me acompanha durante o trajeto, e porra, ainda não me acostumei com isso, mas Troy disse que valia a pena investir já que nunca se sabe que tipo de maluco que podemos encontrar.

No andar onde fica nossos quartos, há mais três seguranças. O cara que estava comigo se junta a eles e sigo sozinho até o meu quarto, porém, um barulho me faz parar. Ele vem do quarto do Braden, e imediatamente vou até lá. Quando estou prestes a bater na porta, ela se abre.

E um cara – com um sorriso idiota no rosto e fechando o zíper da calça – sai.

Sinto minha pele pegar fogo com o que vejo. Conheço Braden há muito tempo e somos amigos, assim são Gael e Micah para mim. E sempre soube que ele gostava de homens, e de mulheres, mas nem sempre na mesma proporção.

Porém algo no sorriso presunçoso e satisfeito do cara, me fez querer dar um soco nele.

— Perdido? — Sua pergunta escorre sarcasmo. Que babaca.

— Nunca me perco. Cadê o Braden? — pergunto, olhando para dentro do quarto.

— Chuveiro.

— Que barulho foi aquele? — Cruzo os braços e aguardo sua resposta.

— Como? Aquilo? Eu tropecei na poltrona quando estava saindo. Não está achando que eu fiz algo com ele, está? — E sorri.

— Não se mexe. — Olho para os seguranças, e o que estava comigo apenas acena com a cabeça. Eles não vão deixar o idiota ir embora.

Entro no quarto e vou direto ao banheiro. Ouço o barulho de água e o vejo tomando banho. As tatuagens nas costas dançavam conforme se ensaboava.

Merda!!! Meu pau pulsa. Porra, já o vi pelado antes! Que diabos está acontecendo comigo agora?

Saio do quarto e libero o idiota, mas ao invés de ir para minha suíte, volto para o quarto do Braden. E, é a mim que ele vê assim que sai do banheiro. Com uma toalha enrolada no quadril e outra secando o cabelo, ele me encara curioso.

— O que houve? — pergunta, jogando a toalha.

— Só verificando se está tudo bem. — Dou de ombros.

— Tem certeza? Está com uma cara esquisita. — Sorri, e eu fixo o olhar em sua boca.

Estou sentado na cama, olhando para o cara que é meu amigo e tendo desejos que não entendo.

— Como descobriu? — pergunto.

— Do que você está falando, Josh? Quanto você bebeu? — brinca, e eu reformulo a minha pergunta.

— Que você gostava de homens, como descobriu?

— Tem alguma coisa acontecendo? — Ele senta ao meu lado.

— Sim, quero dizer, não. Não está acontecendo nada. — Tento me levantar, mas ele impede.

— Está se sentindo atraído por algum cara? — pergunta, mas o semblante brincalhão se foi, agora está com a expressão toda séria.

— Foi uma pergunta idiota, vou indo. Não atrapalharei mais a sua noite.

— Minha noite? — Ele volta a sorrir. — Tá falando daquele cara que saiu daqui e que eu nem sei o nome?

Dessa vez, sou eu que abre um sorriso.

— Você parece aliviado com o que acabei de dizer — comenta. E não é mentira, saber que ele nem se lembra do nome do idiota é bom, é sinal de que ele não foi importante.

Mas que porra está acontecendo comigo?

— Se você não se lembra do nome, não significou nada. — As palavras saem da minha boca com facilidade.

— E você ficou feliz por isso? — Ele parece intrigado.

— Sim — confesso,

— E por quê? — Ele levanta e eu faço o mesmo.

— Não faço ideia — respondo a verdade.

— Por isso a pergunta anterior — afirma e eu concordo. — O que você quer, Josh? Exatamente.

Não demoro muito tempo a responder porque a última coisa que consigo pensar é em como a sua boca tem um sabor incrível e em como os lábios dele se encaixam perfeitamente aos meus.

Porém ele se afasta, quebrando – o que possivelmente era – o melhor beijo da minha vida.

— Você bebeu. — Ele solta uma risada sem um pinga de humor. — Vá

dormir, Josh. E se quando acordar, sóbrio, ainda estiver com esses pensamentos, nós conversaremos.

Pisco algumas vezes atordoados.

O beijo.

O cara.

O ciúme.

O desejo que senti.

Saio do quarto com a cabeça girando, cada pensamento pesando como um bloco de concreto. Eu apenas me jogo na cama com a mesma roupa, no entanto, sei que quando acordar sem o álcool nublando as minhas ideias, ainda vou querer o Braden.

AJ se move e agito a cabeça, a lembrança veio e foi com a mesma rapidez. Fecho a porta do nosso quarto e vou para o do AJ, colocando-o no berço. Beijo o rosto do meu filho e volto para sala para assistir um pouco de TV.

Preciso me distrair, ver um pouco de baboseiras pode ajudar.

No final da tarde, estou verificando alguns e-mails e AJ está brincando com os dinossauros que encontrei no baú de brinquedos. É impressionante como ele não estranha o lugar, o moleque fica mais à vontade aqui do que eu. Estou respondendo um e-mail para o Troy quando a campainha toca.

Fecho o *laptop* e vou abrir a porta, Mag deve ter se esquecido da chave, porque se fosse alguém desconhecido o porteiro avisaria.

Mas não é a Mag que vejo quando abro a porta, e claro que o porteiro não avisaria dessa minha visita inesperada. Afinal, Callie tem entrada liberada aqui.

— Quando pretendia nos contar que estava de volta? — Ela despeja as palavras com raiva.

— Oi, Garota Malvada. — Tento sorrir, mas é em vão. Callie tem sangue nos olhos e desconfio que quer arrancar a pele de alguém, nesse caso, a minha pele.

— Oi? Você passa meses internado, sem quase se comunicar. — Ela entra no apartamento, vindo na minha direção como um sargento. — Volta para casa sem falar nada e é isso que você diz? *Oi?* — Ela me encurrala.

— Se puder falar baixo. — Aponto para AJ na sala, ela olha na direção dele e fica boquiaberta.

— O que... — Ela olha para AJ e para mim, sem parar. — Como?

— É uma longa história — respondo.

— Estou com bastante tempo.

— Certo, gostaria de tomar uma xícara de café? — Parece a coisa mais idiota de se dizer, mas foi o que consegui pensar numa fraca tentativa de abrandar as coisas porque parece que ela ainda quer me atacar.

— Não, Josh. Não quero café.

— Não tenho álcool — brinco.

— Também não quero beber. Mas quero um abraço do meu amigo, se for possível.

Eu, imediatamente, puxo Callie para um longo e apertado abraço. Ela choraminga um pouco, brigando comigo por não ter avisado, e me elogiando por estar bem.

— Como descobriu? Foi a Mag? — pergunto quando nos afastamos.

— Não, mas você não imagina como fiquei surpresa quando a primeira coisa que a minha funcionária me perguntou hoje assim que eu cheguei no The Rock, foi sobre você. Muita gentileza da parte dela querer saber como você estava! — Estremeço quando percebo a indireta dela ao dizer a última parte. Merda.

— Lillith.

— Exatamente. — Droga, eu me esqueci de pedir para não contar.

— Acho que não sou muito bom em guardar segredos. — Passo a mão pelo cabelo. — Micah já sabe?

— Ainda não, fui para o bar sozinha. Mas, Josh, não vou esconder dele.

— Não ia te pedir isso. — Seguro a mão dela e a conduzo até o sofá, nos acomodamos e ficamos olhando para AJ.

— Você está de volta... Aqui. — Ela olha ao redor. — E com o AJ? Não estou alucinando, né?

— Não está. É muito louco, eu sei, mas estou bem. Melhor até do que imaginava.

— Você parece bem. — Ela sorri.

— Eu me sinto bem, Callie.

— Porque não nos procurou?

— Não sei. — Penso um pouco — Fico dizendo o tempo todo que preciso resolver algumas coisas, mas, na verdade...

— Você está com vergonha. — Ela termina meu pensamento.

Apenas concordo, porque ela tem razão. Não admiti isso no início, porém é exatamente assim que me sinto. Com vergonha dos meus amigos, com receio de ver a pena em seus olhos, e principalmente, com medo de tudo que

sentirei quando estivermos todos juntos, outra vez.
Sem o Braden.

CAPÍTULO 15

LILLITH

*“Somebody said you got a new friend
But does she love you better than I can?
And there's a big black sky over my town
I know where you're at I bet she's around”
Dancing On My Own – Calum Scott*

Estou sentada em uma mesa isolada no The Rock, concentrada em um audiolivro. Foi a única maneira que encontrei para me distrair enquanto aguardo Callie voltar.

Não fazia ideia de que ela ainda não sabia que Josh tinha saído da clínica. Eles são amigos, afinal de contas. Sem pestanejar, perguntei por ele assim que cheguei.

Quanta burrice, Lillith!

A verdade é que, depois que Jannet saiu para o trabalho, fiquei me sentindo sozinha. Acho que toda a conversa de ontem me atingiu como um caminhão sentimental, e precisei sair de casa. Estava me sentindo sufocada pelos pensamentos e sentimentos.

“A liberdade, Sancho, é um dos mais preciosos dons que os homens receberam dos céus. Com ela não podem igualar-se os tesouros que a terra encerra nem que o mar cobre; pela liberdade, assim como pela honra, se pode e deve aventurar a vida, e, pelo contrário, o cativo é o maior mal que pôde vir aos homens.”

A voz de Dom Quixote ressoa nos fones de ouvido e dou um sorriso involuntário. Dom Quixote tem razão; no meio de sua loucura, acredito que desconheço pessoa mais lúcida. Mesmo que seja dentro dos livros.

Solto um suspiro frustrado, já estou na segunda parte do livro, o bar abriu e sinto que logo o fluxo de pessoas aumentará. Não sei o que ainda me segura aqui, já que não trabalho hoje, e Callie não fica por aqui quando o bar está aberto ao público.

Fecho o leitor e retiro os fones de ouvido, o barulho do bar penetra intensamente pelos meus sentidos e ofego de surpresa. Quando levanto para sair, eu me sinto um pouco atordoada. Não era para menos, depois horas sentada apenas ouvindo Dom Quixote.

— Oi, Lillith — Bettany me chama. Eu me viro na direção de sua voz e a aguardo se aproximar. — Tem um cara perguntando por você no bar.

— Um cara? — Fico surpresa. Ninguém costuma me procurar, principalmente um “cara”.

— Uhum. — É a sua resposta. Honestamente, Bettany é muito mais faladeira do que um simples “uhum”. — Quer ajuda para ir até lá?

— Não, pode deixar, mas obrigada. — Aguardo mais alguns instantes para me situar antes de seguir para o bar.

Ainda bem que conheço o The Rock como a palma da minha mão. Passo parte do meu tempo livre explorando o lugar, memorizando a localização de cada mesa. É um bom espaço, um lugar vibrante e já me perguntei várias vezes como seria vê-lo. Suas cores, que tipo de pessoas o frequentam. No final, eu sempre me dou conta de que, o importante não é enxergar o lugar, e sim o que sinto assim que coloco os pés aqui.

E não lembro de me sentir tão bem assim em outro lugar quanto no The Rock.

— Alan? — chamo a atenção do bartender e aguardo.

— Oi, Passarinho — ele me cumprimenta e eu sorrio. Alan e seu charme, a cada cinco palavras que saem de sua boca direcionadas a mim, quatro são cantadas.

— Bettany me disse que tem alguém me procurando.

— Alguém? — Ele ri. — *Esse* alguém deve ser o cara que está sentado no último banco com cara de quem não quer conversa.

— O quê? Do que você está falando? — questiono porque não conheço ninguém com tal descrição.

Será que pode ser o... *Droga!* Não pode ser ele.

— Olha, Lillith, não sou ninguém para te dar conselhos, mas se eu fosse você, ficaria longe desse cara.

Percebo quando Josh senta ao meu lado e a tensão no ar é quase palpável. Merda!

— Acredito que o Alan está te dizendo, *Passarinho*... Para você manter distância dele.

Alan pigarreia e sinto o rosto arder de vergonha, mesmo sem ter feito

nada.

— Olha, cara, eu não...

— Cai fora. — Josh é rude, Alan balbucia um pedido de desculpas antes de sair.

— Não precisava ser grosseiro. — Sento no banco, colocando a bolsa no colo.

— Ele mereceu — resmunga como se isso justificasse seu comportamento.

— Você estava me procurando? — Resolvo não prolongar o assunto.

— Sim, Callie me disse que estaria aqui.

— Por falar nisso... — Retorço as mãos em cima do balcão, mas paro quando sinto a mão dele em cima das minhas.

— Não precisa se desculpar.

— Eu não sabia. — Eu me refiro a ter dado com a língua nos dentes mais cedo.

— Eu sei, Lillith. — Ele afasta sua mão da minha. — Na verdade, eu vim te agradecer.

— Me agradecer? — Solto uma risada. — Pensei que queria me estrangular.

Josh também ri, e nesse momento, cada barulho parece desaparecer. É como se só valesse a pena escutar o som de sua risada.

— Quando eu sentir vontade de te estrangular, ficará sabendo. Pode apostar! — brinca.

— Que bom, porque não o verei chegando.

— Isso — ele se aproxima, quase encostando a boca na minha orelha —, não foi engraçado. — Suas palavras provocam arrepios, e ele se afasta.

— Estou esperando — digo, tentando me recompor.

— Esperando?

— Você dizer “obrigado”. — Sorrio — Comentou que veio agradecer, mas não disse a palavra mágica.

— Obrigado, Lillith. Obrigado por ter a boca grande. — Coloco as mãos no coração, fingindo estar magoada.

— Que ofensivo — brinco com ele.

— Esse sou eu. Se pretende ser minha amiga, tem que começar a conhecer tudo sobre mim.

— E quem disse que eu ainda quero ser sua amiga? — Estou vibrando por dentro, mas tento parecer desinteressada.

— Já mudou de ideia?

— Você meio que colaborou para isso.

— Certo. Vamos continuar sendo “não amigos”, então.

— Estou bem com esse acordo.

— Preciso ir. Estou morrendo de fome e pensando em pedir pizza. Já posso até sentir o queijo derretido. — Meu estômago ronca. — Seria bom dividi-la com uma amiga, sabe? Mas desde que você...

— Espera. — Levanto rápido, sem deixar que ele termine a frase. — Uma pizza não é má ideia.

— Está se convidando? — É evidente que ele está achando isso tudo muito divertido. *Palhaço!*

— Não tenho nada melhor para fazer mesmo. — Dou de ombros.

— Que lisonjeiro. — Dessa vez eu não consigo conter o riso, mas paro abruptamente quando sinto sua mão tocar meu braço.

— Vem, vamos comer a melhor pizza que essa droga de cidade pode oferecer.

Deixo que ele me guie até a saída do The Rock. Estranhamente, não parece que ele está ajudando uma cega; o toque é suave, mostrando o caminho. Bem diferente de como as outras pessoas fazem.

Quando atravessamos a porta, ele pede para eu esperar até trazer o carro. Aproveito a oportunidade para colocar meus pensamentos em ordem. Repito mentalmente que é apenas uma pizza com um amigo – ou melhor, um *não* amigo –, mas porque será que meu corpo está elétrico? E porque estou tão ansiosa para comer uma pizza?

Ouçó quando um carro para e a porta se abre, em seguida, Josh se aproxima. Sem dizer uma palavra, coloca a mão na parte inferior das minhas costas e me conduz até o veículo. Ele me ajuda a entrar e a prender o cinto de segurança.

— Não mudou de carro — afirmo assim que ele entra.

— Como sabe? — Ouçó o clique dele afivelando seu cinto de segurança.

— O cheiro ruim continua. — Sorrio.

— Acho que gosto dele — diz.

— Você tem gostos um tanto estranhos, Josh.

— Garota, você não tem ideia.

Viro a cabeça para o lado, na tentativa de esconder a satisfação.

— Para onde vamos? — pergunto depois de alguns minutos.

— Pedi a nossa pizza por aplicativo, passaremos para pegar e vamos para

o meu apartamento.

— Não vou para o seu apartamento. — Minha voz sai um pouco assustada e eu me bato mentalmente.

— Não vou abusar de você, relaxa.

— Não é isso, é só que...

— Se eu aparecer em uma pizzaria, será um caos.

— Não foi no The Rock. — Ele ri da minha resposta. Não, na verdade, ele solta altas gargalhadas.

— Tem alguma ideia das pessoas que frequentam aquele lugar?

— Claro que sim. — Mais ou menos.

— Acredite em mim, Lillith, seria um inferno assim que eu entrasse lá. Não dá pra arriscar, não seria bom para mim e nem para você. — Reflito suas palavras.

— E os seguranças? — Ele deveria andar com algum. Pelo que soube, todos eles possuem vários, como qualquer artista famoso dessa cidade.

— Oficialmente, ainda estou internado. Portanto, não quero chamar atenção.

— Isso é compreensível. Mas não posso ir à sua casa, me desculpe. — Ele fica em silêncio por um tempo. Quando penso que vai desistir de comer comigo, ele sugere o improvável.

— Podemos ir para o seu prédio e ficar no carro comendo, não me importo. — Josh parece sincero.

— Nesse caso, podemos comer no meu apartamento, se você não se importar.

Josh concorda, não demora muito para que o cheiro maravilhoso de duas pizzas invada minhas narinas, bem melhor que o fedor de antes. Ele parou, brevemente, dizendo que estávamos na frente do restaurante, e sem demora, alguém trouxe as pizzas. Agradeceu e pronto.

Ter atendimento diferenciado é mesmo fantástico.

Poucos minutos depois, estamos no elevador do meu prédio. Só espero que a Jannet não esteja em casa, com certeza ela não aprovaria isso. Mas que escolha eu tinha? Ou era isso, ou comer dentro de um carro, ou...

Tento não pensar no apartamento dele. Josh não parece o tipo de cara que leva garotas para casa apenas para comer pizza e jogar conversa fora. Na minha casa, eu estaria mais confortável, ciente do ambiente. Acho que foi por isso que tive essa ideia maluca, não gosto de me sentir desconfortável e dependente, e é exatamente assim que me sinto quando estou em um lugar

novo.

Abro a porta, acendendo a luz e Josh entra logo atrás. Ele não disse nada desde que chegamos, é um pouco desconfortável esse silêncio repentino.

— Você está bem? — pergunto.

— Sim, onde coloco isso? — Imagino que ele esteja se referindo a pizza.

— Vamos até a cozinha. — Caminho até lá. O lugar não é grande, ela é conjugada com a sala. — Pode colocar na mesa? Vou pegar os talheres e algo para beber, o que prefere?

— Talheres? — Ele parece confuso.

— Sim, para comermos.

— Não se come a melhor pizza da cidade com talheres, Lillith.

— Hein? — Cruzo os braços sem entender.

— Mulheres — resmunga. — Venha aqui. — Josh pega minha mão e me leva até a mesa, ele puxa a cadeira para eu me sentar, e um pequeno suspiro pelo seu gesto escapa dos meus lábios.

— A bebida está na geladeira? — pergunta.

— Sim. — Fico atenta aos seus passos, ouço quando ele abre duas latas de refrigerante e percebo quando volta à mesa.

— Coloquei o refrigerante bem na sua frente.

— Obrigada. — Normalmente, as pessoas pegam na minha mão e a levam até que eu possa sentir onde está, ele não faz isso.

— Agora abra a boca.

— O quê? — Isso me surpreende.

— Abra a boca, Lillith — pede sem paciência, e eu obedeço.

Assim que a massa quente e o queijo derretido tocam o céu da minha boca, eu gemo. Alto.

— Minha nossa — murmuro com a boca ainda cheia. Não é muito educado falar assim, mas que se dane, essa é a melhor pizza que eu já comi.

— Boa, né?

— É o paraíso. — E estava dizendo a verdade.

— Tem uma fatia enorme bem na sua frente. — Tateio os lados do prato e não encontro os talheres.

— Não pegamos os talheres — reclamo.

— É pra comer com a mão — diz simplesmente.

— Eu nem ao menos as lavei. — Ele dá risada. — Merda! Você também não.

— A Callie tem a boca suja, mas você, Lillith, poderia competir com ela.

— Meu rosto esquenta de vergonha, porque tento me controlar para não xingar, pelo menos não muito.

— Tudo bem, são anticorpos, certo? — ironizo, pego a minha fatia e a levo à boca.

— Isso mesmo, Porquinha. Vamos comer.

Comemos as duas pizzas em tempo recorde. Foi uma competição de gemidos, Josh pediu uma pizza inteira de queijos e a outra de pepperoni. Ele não sabia, mas pepperoni era a minha favorita. Acho que seríamos bons amigos, afinal de contas.

Amigos com péssimos hábitos de higiene, mas, ainda assim, bons amigos.

Quando terminamos, levei nossos pratos para a lava-louça e ele jogou as caixas e latinhas vazias no lixo. Fez algumas piadas sobre higiene enquanto lavávamos as mãos, eu não conseguia parar de rir.

— Você é sempre assim? — pergunto quando voltamos para a sala, sento no sofá e ele despenca ao meu lado.

— Assim como?

— Sei lá... Divertido.

— Quando me conheceu, acho que não fui divertido, né?!

— Não, você estava triste, para dizer a verdade.

— Triste? Não sei, mas talvez, fodido? Isso com certeza.

— E não está mais?

— Fodido ou triste?

— Os dois.

— Triste eu estou todos os dias, Lillith. — O tom da voz dele muda e isso me afeta. Mais do que eu gostaria de reconhecer.

— Por causa do cara que morreu, o baixista.

— Braden. O nome dele é Braden. — Ele soa um pouco ofendido. Eu e minha boca grande! A noite estava tão boa, eu deveria ter ficado calada, porém é quase impossível, para mim, sentir tanta tristeza irradiando dele e não fazer nada.

— O Braden era muito importante para você? — Sei que todos os integrantes da banda são amigos desde a adolescência, e por tudo que é veiculado na imprensa, sempre foram muito próximos. Mas Josh parece ser o único que está com mais dificuldades para superar a perda.

— Ele era mais especial para mim do que eu pensava. — Entendimento começa a se formar na minha cabeça quando percebo o que ele está tentando dizer.

— Você era apaixonado por ele — comento, ele se remexe um pouco no sofá.

— Era. Não, na verdade ainda sou, Lillith. Sinto que jamais deixarei de amá-lo.

— Ah. — Tento absorver o que ele disse. Então, Josh e Braden tinham um relacionamento? E como isso nunca foi divulgado na imprensa? — Nunca ninguém mencionou a relação de vocês, quero dizer, vocês sempre foram notícia; quando o Gael começou a namorar, saiu nos jornais do mundo todo, quando a filha do Micah passou por uma cirurgia, também. Mas, nunca ouvi nada sobre vocês, a não ser sobre o filho dele.

— É confuso, não é? — Ele ri, porém completamente sem humor. — Só que eu acho, minha *não* amiga, que esse é um assunto para outra pizza. — Ele bate no meu joelho e levanta.

— Desculpa, não quis ser intrometida. — Eu me levanto, também.

— E não foi, juro. — Sua mão toca no meu ombro, como se quisesse me assegurar de que estava tudo bem. — Vou indo. — Ele se afasta.

— Tem certeza? — pergunto mais alto do que pretendia.

— Que você não foi intrometida? — Tenta soar divertido.

— Não, isso tenho certeza de que fui, mas o que estou perguntando é se você quer mesmo ir embora.

Ele demora o que parece ser uma eternidade para responder.

— Não tem mais pizza.

— Que tal assistir a um filme? — sugiro.

— Ver um filme? — Ótimo, ele ficou confuso. As pessoas sempre ficam assim quando digo que assisto aos filmes.

— Sou cega, não idiota. Já te disse. — Cruzo os braços.

— Bom, nesse caso, isso é algo que eu gostaria de ver.

— O filme?

— Não, você *assistindo* a um filme.

Sorrio, ele se surpreenderia. Voltamos para o sofá e Josh pega o controle da TV e comenta sobre alguns títulos que estão no catálogo da TV a cabo. Começo a explicar minhas dificuldades com certos gêneros.

— Certo, então nada de filmes com muitos tiros — conclui.

— Sim, o barulho me confunde, e mentalmente, não é legal imaginar pessoas mortas. — Ele ri.

— Entendi.

Não sei se é por minha causa, mas o filme escolhido é “La La Land”. Fico

animada, só que não conto que essa não é a primeira vez que o assisto. Que tipo de musicista eu seria se não apreciasse um bom musical, afinal? E que tipo de mulher eu seria se não gostasse de um bom romance?

Passamos as próximas horas, perdidos dentro das canções do filme. E a sala da minha irmã, de repente, se tornou meu lugar favorito.

CAPÍTULO 16

JOSH

*“Would you help me to find a new way?
Would you guide me through all of this again?
Don't let me slip away
I need you here till the very end”
My Scape – Ravenscode*

PUTA MERDA!

Acordo gritando, e gemendo. Merda, minhas mãos automaticamente seguram a virilha. Levei um chute, um baita chute.

— Mas que porra! — Jogo a cabeça para trás ainda gemendo de dor.

— Minha nossa! Me desculpa. — Lillith parece nervosa, ela começa a me tocar tentando se desculpar, mas a mão dela acaba em lugares que não deveriam. — AI. MEU. DEUS!

Sim, ela está com a mão em cima das minhas e ambas estão segurando meu pau – meio morto.

— Desculpa, desculpa. — Ela começa a pedir desculpas sem parar, mas as mãos continuam lá. A dor passa a ficar em segundo plano quando me dou conta da situação. E começo a rir.

Nossa noite de filmes estendeu muito mais do que pretendíamos e acabamos dormindo no sofá. A TV ainda está ligada, mas não sei exatamente o momento que apaguei.

— Machucou muito?

— Lillith, faz ideia de onde está a sua mão? — Paro de rir, porque eu acho que ela ficou tão assustada com meu grito que não tem noção do que está fazendo.

— Pelo seu tom... Não está em um lugar muito bom.

— Ah, está sim. No melhor lugar, eu diria, uma pena não ser em circunstâncias melhores. — Ela retira a mão rapidamente e eu volto a gargalhar.

O que diabos tem de errado comigo? A garota praticamente incapacitou meu pau e eu não consigo parar de rir?

— Me desculpa, Josh, foi sem querer.

— Você me chutou sem querer ou segurou meu pau sem querer?

— Tecnicamente, minha mão estava sobre a sua.

— Que estava segurando meu pau.

— Aff... Desisto. — Ela se levanta. — Não estava com a mão no seu...

— Pau?

— Argh. — E sai andando até a cozinha, sem a bengala. Fico admirando seus movimentos; ela abre a geladeira e retira alguma coisa. *Será que ela tem ideia do quanto ela é foda por não enxergar, mas é capaz de fazer as coisas tão bem, e sem ajuda?* — Aqui. — Ela joga um pacote no meu colo, um pacote congelado.

— Vai com calma, mocinha. — Pego o pacote — Ervilhas congeladas?

— Sim, deve aliviar a dor. — Ela dá de ombros.

— Você não entende muito de paus, não é? — Sorrio.

— JOSH! — ela me repreende colocando as mãos na cintura.

Olho para Lillith por um segundo; seu cabelo está uma bagunça e as roupas, amarrotadas. Linda pra caralho. Pigarreio e levanto.

— Preciso ir.

— Não quer tomar café?

— Não, obrigado — recuso o café, mesmo que esteja morrendo de fome.

— Tudo bem — murmura desconfiada. Por mais que eu queira ficar, sei que não posso.

Lillith caminha comigo até a porta, e a dor que estava sentindo se foi, dando lugar a muitos pensamentos distorcidos e impróprios. Que pau filho da mãe e traidor.

— Obrigada pela pizza — agradece ao abrir a porta, mas suas palavras parecem dizer muito mais. Instintivamente, levo a mão em seu rosto, eu me viro para ficarmos frente a frente. Mesmo sabendo que ela não pode me ver, gosto de olhar para cada detalhe dela. Os olhos, o nariz, as sobrancelhas, a boca... E, sem querer, fico imaginando qual será o gosto dela.

Para, Josh! Para com essa merda agora mesmo!

— Obrigada pela noite — digo e me perco no sorriso gentil que surge em seus lábios. Sacudo a cabeça para acordar. *Cara, você precisa sair daqui, depressa.*

— Menos a parte da manhã? — Ela parece se divertir com a situação.

— A manhã foi um pouco...

— Dolorida?

— Ia dizer... Interessante. — Eu me aproximo e a beijo no rosto. — Obrigado, novamente.

E saio antes que ela possa responder, ou que eu acabe voltando atrás e aceite tomar o café da manhã. Gostei de passar um tempo com ela – mais do que deveria, talvez. Até conversar sobre o Braden não foi difícil, pelo menos, não tanto como pensei que seria.

Mas a alegria que senti, agora começava a incomodar porque me dei conta de que por algumas horas esqueci dos meus problemas. Foi apenas ela e eu, filmes idiotas e algumas risadas. E quem diria que dormir no sofá seria tão confortável?

Entro no carro e dirijo até o apartamento do Gael. Tenho certeza de que a Callie já deve ter contado que voltei, então acho que está na hora de encarar meus amigos de uma vez por todas.

E, também preciso de um banho, e um bom café da manhã.

Voltar a esse lugar me traz mais saudades do que meu próprio apartamento. A coragem que senti a poucos minutos, começa a se esvaír assim que desligo o carro. Fico parado na garagem, em uma das vagas do Gael.

Olho para os carros estacionados, estão todos em casa.

Merda.

Pelo visto, meu plano de passar pelo café da manhã ileso vai pelos ares.

Respiro fundo, saio do carro e caminho para enfrentar a realidade. Uma em que todas as pessoas importantes na minha vida estão, menos *ele*.

Abro a porta e o barulho habitual se faz presente. Entro e vou até cozinha. A ampla mesa está cheia. De comida, e de pessoas.

Hanna está sentada no colo do Gael, rindo de algo enquanto Callie e Micah estão conversando. As crianças estão brincando no chão, e Blue é a primeira que me vê.

— Dodô! — grita ela e faz com que todos os olhos virem na minha direção. Ela larga a boneca e vem até mim, eu a pego no colo e dou um abraço apertado.

— Oi, Princesa. — Ela sorri e a beijo no rosto. Olho para os meus amigos, Callie está sorrindo, e Hanna, com os olhos marejados.

Micah e Gael ficam me encarando. Tantas emoções se passam em seus olhares.

Respiro fundo, antes de voltar o olhar para as meninas.

— Tem lugar para mais um? — pergunto e Hanna é a primeira a levantar e vir na minha direção.

Desço Blue e ela volta para os brinquedos enquanto eu abraço minha Garota do Tempo. Minha nossa, como senti falta de todos.

— Senti tanta saudade, Josh. — Ela se afasta, me analisando da cabeça aos pés feito uma mãe preocupada.

— Eu também senti, Hanna. Mais do que imagina. — Ela sorri e me abraça de novo.

Micah e Gael se aproximam também, pelas expressões deles, não sei se querem me bater ou me abraçar. Eu sei que eles merecem uma explicação, e terão uma, mas nesse momento, a segunda opção é a que mais preciso.

— Você tem sorte que as crianças estão aqui. — Micah me abraça. — Bem-vindo de volta, moleque.

— Obrigado — retribuo sem fazer piadas.

— Você parece bem — diz, orgulhoso.

— Eu me sinto bem.

— Chega de sustos? — A voz do Gael é séria.

— Chega — respondo com toda sinceridade que merecem. Gael me abraça e murmura só para mim.

— Estamos muito orgulhosos de você. *Todos nós* estamos. — Eu o abraço ainda mais apertado porque sei o que ele quer dizer. O "todos nós" significa que Braden também está.

Caramba, eu estou em casa.

— Vem, vamos tomar café. — Ele bate nas minhas costas. Callie desocupa a cadeira que estava e passa para a próxima para que eu me sente ao seu lado, ela sorri e segura a minha mão.

— Quero que saiba que não disse nada sobre você ter voltado.

Isso me pega de surpresa, ela me dá um sorriso malicioso e volta a atenção para o café. Droga, eu pensei que todos já soubessem que eu tinha saído da clínica, e foi por causa disso que vim hoje. Que filha da puta.

— Quando você saiu, Josh? — Hanna é a primeira a perguntar, Callie vira o rosto e me encara.

— Sim, Josh, quando saiu da clínica? — A filha da mãe está sorrindo, satisfeita por me jogar na fogueira.

Respiro profundamente antes de dizer qualquer coisa. Será que pelo menos vou conseguir comer uma torrada antes da execução? Com certeza

não, porque quando começo a contar tudo, os olhares que recebo de Micah e Gael não são nada amigáveis.

Estou muito – e completamente – fodido.

Passamos bastante tempo na mesa do café, entre os caras me lançando olhares assassinos e as meninas me bombardeando com perguntas, consegui escapar sem nenhum arranhão. Sarah deu um grito histérico quando entrou na cozinha e me viu, veio correndo me abraçar e disse que ia preparar minha comida favorita para o almoço.

Eu estava sendo mimado, e como isso era bom.

— Você deveria ter ligado pra gente, Josh. Nós teríamos ido te buscar — recrimina Gael, ainda irritado, obviamente. Estamos entrando no estúdio de gravação de seu apartamento, não o usamos tanto nos últimos tempos, mas tudo parece estar do mesmo jeito.

As meninas subiram com as crianças porque era a hora da soneca delas enquanto nós viemos para cá. Ainda não faço ideia do que vim fazer aqui.

Os instrumentos estão todos organizados, o baixo que o Braden usava também estava a postos – era o favorito dele, raramente tocava com ele nos shows. Olho para minha bateria e sinto um aperto no peito, faz tanto tempo que não toco. Que não sinto as vibrações dos sons sob as minhas mãos e pés.

— Precisava desse tempo sozinho, Gael. — Meu amigo apenas me olha e assente, eu sei que ele me entende melhor do que ninguém. Quando sofreu aquele acidente e ficou em uma cadeira de rodas, ele só não virou um pé no saco – mais do que já é – por causa da Hanna. Mas no meu caso, não encontrei alguém... eu perdi.

— Sabe que o seu quarto está à sua disposição, né?

— Eu sei, mas sinceramente, estou bem no meu apartamento.

— Certeza? — Dessa vez é Micah quem fala. — Você pode ficar lá em casa também. — Dou um sorriso sem muito entusiasmo.

— Sério, pessoal, não sou mais criança e estou bem — digo, tentando fazer com que deixem esse assunto de lado. Sempre pareci uma bola de ping-pong, sendo jogado de um lado para o outro. Não mais.

— Quer tocar? — pergunta Micah quando se aproxima da guitarra, ele a tira do apoio e passa os dedos pelas cordas.

O som suave penetra em meus ouvidos, e correm pelo corpo.

— Eu acho que... — Dou um passo para trás.

— Um passo de cada vez? — conclui Micah e eu hesito. Levo as mãos à cabeça um pouco nervoso, olho ao redor como se esse lugar fosse me engolir.

— Acho que já aconteceu muita coisa em um dia só. — Gael bate no meu ombro. — Agora que estamos longe das crianças, vai explicar para nós o motivo de não avisar que voltou.

Droga.

Sabia que eles estavam pegando leve comigo, mas não esperava que iam tocar nesse assunto, pelo menos não agora, e muito menos nesse lugar.

— Podemos conversar em outro lugar? — pergunto como uma criança querendo fugir do sermão.

— Esse é o nosso lugar, Josh. Aqui nós discutimos, rimos. Nesse lugar somos nós mesmos, sem máscaras, sem julgamentos — diz Gael e eu fecho os olhos. Ele tem razão.

Eu os abro, finalmente, e vejo a minha bateria. Encaro o banco antes de ir até ele, pego as baquetas nas mãos, girando entre os dedos. Sento no banco e é como se nada tivesse mudado, mas ao mesmo tempo sei que jamais será igual, já que não consigo fazer mais do que girar as baquetas, elas não tocam os pratos, não fazem qualquer som.

Micah e Gael esperam, me dando todo o tempo que preciso para começar a me explicar. E por não saber o que dizer, decido falar o que a Callie me disse ontem.

— Acho que estava com vergonha, não sei. — Dou de ombros.

— Como? Não faz sentido — diz Micah, confuso.

— Tem certeza? Porque pra mim faz todo sentido. — Respiro antes de continuar. — Arrastei vocês junto comigo para o inferno, e não era o que eu queria.

— Somos seus amigos, Josh, sua família. Você não arrastou ninguém para lugar nenhum. — Giro novamente as baquetas.

— Fui imprudente, irresponsável e egoísta.

— Nada de novo, garoto. — Micah cruza os braços, sorrindo. Eu olho para ele e sorrio, também.

— É, só que não era por diversão, não dessa vez.

— E nós sabíamos disso, Josh, mas você precisava confiar na gente.

— Vocês me tratavam como uma criança. Ainda fazem isso. — Aponto a baqueta na direção deles. Micah e Gael se entreolham.

— Escuta, Josh. — Gael se aproxima com um olhar triste. — Nós já sabíamos da sua saída da clínica. — *O quê?* — Mas nós respeitamos a sua vontade e preferíamos dar todo espaço de que precisava.

— Como descobriram? — pergunto confuso.

— Isso não vem ao caso. E não, Troy não contou nada. Devo dizer que aquele filho da mãe sabe como guardar segredo — Micah responde.

— Não vem ao caso? — Levanto do banco e coloco as baquetas no lugar. Se não foi o Troy, então como descobriram?

— Não vai fugir como uma criança mimada de novo, vai? — Gael tenta me intimidar, só que ele sabe que isso nunca funcionou comigo.

— Nunca fugi — respondo mais ríspido do que pretendia.

— Não é o que parece, Josh. Mesmo depois de sair daquela clínica continuou fugindo.

— Nada escapa de vocês, né? — A raiva inicial foi substituída pela vergonha. Eu deveria saber que eles estavam de olho em mim. Quem eu estava tentando enganar? Eles estavam tomando conta de mim, da maneira que sabem. E, em vez de brigar, eu deveria agradecer por ter pessoas que se importam comigo.

— Esse é o verdadeiro significado da palavra “família”, Josh — diz Gael. — Tomamos conta da família, é o que fazemos. Você faz parte dela, querendo ou não. Já viu que a vida sempre pode e *vai* nos surpreender, bem ou mal. Muita coisa ainda virá pela frente e nós estaremos bem aqui. Ao seu lado.

Agora ele parecia o Braden falando. Respiro fundo.

— Mesmo não gostando de saber que saiu da clínica sem avisar, entendemos, Josh. — Micah tenta apaziguar. — Merda! Eu, mais do que ninguém, sei como é querer dar um tempo de tudo, porém quando a relação com meus pais ou a imprensa armando a porcaria do circo dela em torno da minha mulher e filha começa a ser demais, sabe o que eu faço, Josh?

— O quê?

— Pego a minha guitarra e toco, faço aquilo que eu nasci pra fazer. — Ele engole em seco e continua. — Começo a pensar na Cal, na Blue e na banda e tudo que isso significa. E é por essa razão que eu me mantenho firme, mesmo sentindo vontade de mandar tudo para o inferno em alguns momentos.

Olho para o meu amigo, refletindo e sabendo como ele tenta lidar com tudo. Callie sendo alvo de matérias maliciosas, ter se afastado dos pais, a perda do Braden. Nada disso é fácil de digerir. E nem preciso lembrar de tudo que Gael e a Hanna passaram e ainda passam.

— Porra! Eu me sinto um idiota. — Levo as mãos até o rosto, e sem ter forças para continuar de pé, encosto na parede e escorrego até me sentar no chão. Eles fazem o mesmo, sentando um de cada lado meu. — Estamos

parecendo três idiotas. — Tento aliviar o clima.

— Três idiotas que perderam muito — diz Gael com a voz embargada. — Mas que ganharam muito também. — E me dá um sorriso, como se estivesse tentando me assegurar de que tudo vai ficar bem.

— E nós precisamos manter tudo o que ganhamos, Josh. Blue, AJ, Gabe. As meninas, todos precisam desses três idiotas aqui. — Micah balança a cabeça sorrindo. — Nunca pensei que fosse dizer isso, mas eu sinto falta dos conselhos daquele filho da puta.

Eu sorrio, porque Micah tem razão. As crianças e as garotas precisam de nós, e eu também sinto falta dos conselhos dele. Olho para cima e fecho os olhos, respirando fundo.

Como você faz falta, Braden.



Passamos, pelo menos duas horas, conversando dentro do estúdio. Gael e Micah me atualizam sobre coisas importantes que perdi. Não sabia, por exemplo, que um canal de TV fez uma proposta a Troy. Querem produzir um documentário sobre a banda, e Micah pretende aproveitar a oportunidade para contar como ele e Callie se conheceram.

Ele disse que quer acabar de uma vez por todas com todas as especulações idiotas e eu concordo com ele. Já chega de *fake news* rolando por aí.

Porém esse documentário envolve a todos nós, e precisam da minha autorização para isso. Peço um tempo para pensar no assunto, e meus amigos concordam.

— Preciso de um banho. — Alongo o corpo e pego minha camisa do chão.

— Porra, acho que todos nós precisamos. — Gael tira a camisa e sorrio quando vejo o nome da Hanna tatuado em seu peito. Olho para o meu, estreitando o olhar quando vejo um espaço para uma nova tatuagem. — Caramba, faz tempo que não fico sentando no chão por tanto tempo.

— Vocês estão ficando velhos — digo e Gael resmunga.

— Só se estiver falando do Playboy ali. Ele mal consegue cantar a música que compôs para a própria filha. — Olho para Micah, espantado.

— Ele tá falando sério? — Micah nunca errou a letra, nem uma vez. Pelo menos não que eu me lembre, mas pelo olhar que ele lança ao Gael e o soco

que dá na costela dele, parece que é verdade.

— Puta que pariu! — geme Gael.

— Relaxa, Playboy. Não vamos contar a Callie — digo quando saímos do estúdio.

Micah vai na frente resmungando alguns palavrões enquanto Gael e eu não paramos de rir. Porra, é tão bom estar de volta.

Micah e Gael vão para os quartos e eu vou para o meu, ou melhor, o quarto que era meu e do Braden. Abro a porta devagar, como se algo de ruim estivesse me esperando assim que colocasse os pés lá dentro, o que eu sei que é besteira.

Quando Gabe nasceu, começamos a passar mais tempo em nossas casas. Gael foi bem sutil quando expulsou cada um de nós, sutil como um rinoceronte, mas não demorou muito para que velhos hábitos voltassem. Somente alguns, de qualquer maneira, já que depois que a Hanna veio morar aqui, as festas e o desfile de mulheres seminuas pelo apartamento haviam cessado.

A farra era boa, mas a mudança para algo familiar preencheu uma parte em cada um de nós que nem imaginávamos estar precisando.

Entro no quarto e evito olhar para a cama, mas não consigo evitar de ver algumas roupas dele no closet. Pego uma delas nas mãos, surrada pelo uso constante, porém me lembro exatamente do dia que ele a ganhou.

Estava autografada por Tom Brady – Braden era fã do cara, adorava esportes e era torcedor ferrenho do New England Patriots, eu o acompanhava muito mais por causa das festas e das modelos gostosas.

Deixo a camiseta no lugar e vou para o banheiro. Olho para o espelho e observo o pequeno espaço na minha pele. Penso por um momento até que uma ideia surge.

Farei uma nova tatuagem.

Saio do banho com a toalha enrolada na cintura e não me assusto ao ver a Hanna sentada na cama. Ela sorri quando me vê e bate no lugar ao lado dela, indicando para eu me sentar.

— Seu marido vai ficar uma fera quando souber que anda me espionando no banho.

— Gael já superou seu lado ciumento.

— Tem certeza? — Ergo uma sobrancelha, e ela suspira derrotada.

— Não, na verdade, ele está cada dia pior. — Ela ri.

— Gael ama você, Hanna. — Sento ao lado dela e seguro a sua mão.

— Tenho certeza disso. — Seus olhos brilham e vejo a mais pura felicidade refletida neles. — Vim saber se precisa de algo.

— Não, você veio saber se estou bem. — Seu rosto fica rosado de vergonha.

— Isso também — confessa. Olho em volta e depois foco em seus olhos. — Não mexemos no quarto, só cuidamos da limpeza.

— Obrigado. Meu apartamento também estava impecável, e acredito que o quarto que usava na casa do Micah também está do mesmo jeito.

— Está. Tudo está do mesmo jeito, Josh.

— Eu sei. Mas tudo mudou, também, não é?

— Mudou. — Ela suspira e olha para o teto por alguns instantes antes de voltar a me olhar. — Mas não significa que essa mudança precisa ser ruim.

Engulo em seco. Respiro fundo uma vez, duas, três vezes.

— É complicado... E, diferente.

— As coisas vão se encaixar, Josh. Apenas dê tempo e você verá.

— Já faz mais de um ano, Hanna, e ainda dói como se tivesse acabado de acontecer. — Ela aperta minha mão.

— Eu sei, Josh, porque todos nós também nos sentimos assim. Gael ainda tem pesadelos com aquela noite. Callie contou que algumas vezes, Micah está tocando e quando pensa que ninguém está vendo, ele chora. Estamos todos aqui, Josh, uns pelos outros, nunca esqueça disso, tá bom?

Concordo, e deito um pouco no colo dela e aproveito esse momento de carinho. Hanna fica alguns instantes passando os dedos nos meus cabelos. Relaxo, e quando sinto as pálpebras começarem a pesar, a porta do quarto abre.

— Estou tentando pensar em um bom motivo para não quebrar a sua cara agora mesmo, Josh. — Abro os olhos e dou de cara com Gael, de braços cruzados.

Envolvo os braços na cintura da Hanna e a abraço mais forte. Minha cabeça está deitada no colo dela, e estou só de toalha. Ele vai surtar em 3, 2, 1...

— Fala sério, porra! — Gael praticamente me arranca da cama.

Não consigo parar de rir, e a Hanna, também.

— Não tem graça.

— Tem sim — responde Hanna, enxugando as lágrimas do rosto. É, estávamos chorando de tanto rir.

— Ele está pelado, merda. — Ele aponta a toalha e eu faço um movimento

como se fosse tirá-la. — Não se atreva, idiota — grunhi.

— Vem, estressadinho. — Hanna pega no braço dele. — Preciso te mostrar uma coisa.

— Se não for seus peitos, o humor dele não vai mudar — provoco e ganho um olhar mortal dele.

Hanna beija meu rosto e eles saem.

Continuo rindo até que me lembro de tudo que a Hanna acabou de me dizer. Eu sei que meus amigos também sofrem com a perda do Braden, porém, fiquei tanto tempo afundado na minha própria tristeza que fiquei cego e não vi que estavam tão ruins quanto eu. Quanta ironia, porque me lembro de como Lillith é, mesmo sendo cega, ela enxerga muito mais sem a visão do que eu, que a tenho perfeitamente.

Porra, eu me sinto mal, até mesmo egoísta por não enxergar que somos uma família, que era óbvio que depois de já termos compartilhado tantos momentos felizes, também compartilharíamos a dor. Não sou o único que perdeu alguém importante, todos nós perdemos o Braden. E preciso me lembrar disso, para não sucumbir novamente.

CAPÍTULO 17

LILLITH

*“Sinking under the water
Holding all your breath inside
Fighting to find all the answers
But frozen hearts can be kryptonite”*
Never Gipe Up – Estealing Eden

Há um buraco na sala – figurativamente – falando. Depois que Josh saiu, meu celular tocou mostrando que era de casa. Meus pais não me ligavam com frequência, ou melhor, eu não atendia as ligações deles. Tanto faz, mas acho que devem ter sexto sentido sobre homens estranhos dormindo no sofá da sua filha, porque o *timing* foi perfeito.

— Mãe, você não precisa repetir — gemo. Minha mãe passa os últimos minutos falando da minha cirurgia, quer dizer, da oportunidade perdida. — Sei que está chateada, a Jannet também está. Mas estou bem com a decisão que tomei, e vocês precisam entender.

— *Você precisa parar com esse orgulho, Lilly. Aceite o dinheiro.*

— Não é orgulho, mãe! Só preciso fazer isso por mim mesma, é tão ruim assim?

— *Éramos contra, e você já sabe disso, mas desde que parece feliz com essa ideia, por que não nos deixa ajudar?* — Porque não quero voltar a ser um fardo, penso.

— Mãe, preciso fazer as coisas do meu jeito. Meu corpo, minha decisão. Se por acaso, eu mudar de ideia, conversamos novamente.

— *Tudo bem, Lilly. Me prometa que vai nos procurar?*

— Prometo.

— *E que vai atender nossas ligações.*

— Muitas promessas para um único dia, não acha?

— *Não é hora para ser engraçadinha, Lilly! Estamos preocupados com você.*

— Eu sei, mãe, me desculpe. Prometo atender.

Minha mãe aceita minhas desculpas, e então desliga. Aperto os dedos contra as têmporas, nossa, essa converiga. sa foi exaustiva e eu nem cheguei a tomar café da manhã.

Jannet chega por volta da hora de almoço, estou no quarto dedilhando no violão quando ela entra, e o barulho que a porta faz, é a indicação de que não está de bom humor.

— Por que o nosso porteiro está em êxtase perguntando quando vamos receber outra celebridade?

Ops!

— Não faço ideia. — Dedilho algumas notas, e de repente, ela arranca o violão das minhas mãos de forma bruta.

— Quem estava aqui, Lillith? — Seu tom me assusta, Jannet nunca falou comigo assim antes.

— O que há de errado com você? — Levanto da cama. Uma das piores coisas sobre a cegueira é que em ocasiões como essa, não faço ideia da expressão no rosto da minha irmã.

— Um cara passou a noite aqui, o porteiro não soube dizer qual deles, mas sabia exatamente o nome da banda. E desde que dois deles são casados e um morreu, aposto meu braço direito que o baterista da Originals esteve aqui. Agora, *Lillith*, você pode me dizer por que o Josh passou a noite aqui?

Meu Deus, ela estava furiosa, e eu nem precisava ver seu rosto. Cada palavra que saiu da sua boca era carregada de raiva. O que ela pensa que eu sou, uma adolescente virgem em perigo?

— Josh é um amigo, nós passamos a noite vendo filmes, só isso. — Ela ri, alto, desdenhosamente.

— Ele não é amigo de ninguém, minha irmã, e muito menos o tipo de cara que passa a noite com uma mulher assistindo filmes.

— O que você sabe sobre ele, Jannet? — Cruzo os braços, começando a sentir raiva.

— O suficiente para querer você longe dele! Não estou afim de atender minha irmã sofrendo de overdose por causa de drogas.

— O quê? Você enlouqueceu? — Não consigo acreditar no que ela acabou de dizer.

— Josh é uma bomba relógio, Lilly. — Ela suspira alto. — Eu já te disse isso antes, e volto a repetir: ele não é o tipo de pessoa para estar na sua vida. Não serve como amigo, nem para qualquer outra coisa.

— E eu já disse e vou repetir: não sou criança, Jannet. E você passou dos limites dessa vez.

— Você não sabe o que está dizendo. — Chega, já ouvi besteiras demais por hoje.

— Não, quem não sabe o que está dizendo é você. Pare de ditar com quem devo ou não ter amizade e me deixe viver a minha vida, ou... — retruco com a voz cada vez mais alta.

— Ou o quê? Está me ameaçando? — Ela também eleva o tom.

— Ou eu saio daqui, Jannet! Não saí da casa dos nossos pais, onde era tratada como vidro, para chegar aqui e ser tratada como uma criança que não tem noção das coisas.

— Lillith — ela abrandando o tom —, que tipo de benefício um cara como ele pode trazer para sua vida? — Não preciso nem pensar para responder.

— Sabe o que é engraçado, irmã? Não sei qual tipo de benefícios a que você se refere, mas me divertir por um tempo, comer uma pizza com as mãos e rir de bobagens, me parece um ótimo benefício. Um verdadeiro benefício para minha alma, se quer saber.

Tento conter as lágrimas que se formam porque não quero fraquejar, não depois de uma noite perfeita em que pela primeira vez em muito tempo, me senti à vontade e relaxada.

— Não diga que eu não avisei.

Ouçõ a porta bater. Ela sai, e eu volto para a cama, agarrando meu travesseiro para sufocar um grito de frustração.

Por que todo mundo tenta controlar a minha vida? Meus desejos, minha liberdade, e agora as minhas amizades? Fui questionada várias vezes do porquê de estar me arriscando com uma cirurgia já que estava tão bem adaptada à minha condição. Bem, este é um dos motivos.

Antes do acidente, ninguém se importava com que tipo de pessoas eu estava andando, ou a que horas eu chegava em casa. Jannet estava ocupada demais com o trabalho e meus pais em manter a casa em ordem e as contas em dia.

Então, desde quando minha vida, literalmente, virou de cabeça para baixo, minha família me trata como se eu tivesse cinco anos.

Grito de novo no travesseiro.

Mas o que ninguém — e quando digo *ninguém*, estou incluindo meus amigos — entendia, era que voltar a enxergar não se tratava apenas do risco de rejeição, ou qualquer um dos motivos ruins, era sobre ter minha vida de volta,

uma oportunidade que eu não ia deixar escapar por causa do medo. E entre viver uma vida baseada em “e se”, prefiro optar pela vida cheia de “vou tentar até conseguir”.

Jannet não conversa comigo pelo resto da semana. Ela me evitava quando estava em casa, e quando me levava ao The Rock, eu colocava os fones de ouvido e assim seguíamos nossos caminhos. Hoje não foi diferente.

Também não tive notícias do Josh, mantive a boca fechada no trabalho para não correr o risco de soltar algo que não deveria. Não queria arriscar e vacilar novamente com ele.

Agora estou sentada na beira no palco, as pernas balançando enquanto ouço Bettany tagarelar sem parar.

— Você ouviu os rumores? — pergunta, sua perna bate na minha chamando a atenção.

— Sobre? — Fiquei tão concentrada em ensaiar que não prestei atenção em nada ao meu redor.

— Os garçons estão comentando que a banda virá hoje. Não só o cara da outra noite, mas todos eles.

— De que banda está falando? — Não estou entendendo metade das coisas que estão saindo de sua boca na última meia hora.

— Caramba, Lillith! Em que mundo você vive? — *Um que não fico de fofoca*, penso. — O cara que veio te procurar na outra noite, e que por sinal deixou o Alan bastante irritado. Ele vem hoje, todos eles virão.

— A banda Originals? — Tento não parecer tão alegre.

— Sim!!! — ela dá um gritinho. — Eu sei que não devemos nos comportar feito fãs loucas, e que Dean me demitiria se agisse assim, mas... Minha nossa, Lillith, desde quando vim trabalhar aqui, eu nunca tive a oportunidade de vê-los juntos.

— Acho que lembro da última vez que estiveram aqui — comento, referindo-me ao dia que Josh surtou.

— Acho que aquele dia não conta. — Bettany ri. — Ouvi alguns seguranças conversando sobre as orientações que Dean e Callie deram, ordem expressas para não serem incomodados. Bem que o Dean podia me colocar na área que servirá a mesa deles. — Ela suspira. — Ei! — grita Bettany, e ouço um barulho, percebendo que ela pulou do palco. Ela pega minha mão e eu faço o mesmo. — Você bem que poderia me ajudar, né?!

— Eu? — pergunto surpresa.

— Claro, o baterista estava procurando você naquele dia, e vocês saíram

juntos daqui.

— O que isso tem a ver? E ele tem nome. É Josh — digo, ríspida.

— Sim, é *Josh*. — Ela enfatiza o nome dele só para me irritar. — Parece ser seu amigo, não custa nada você fazer esse favor para mim.

— Que favor? Especificamente. — Ela enlaça o braço com o meu e caminhamos até os fundos onde costumo me trocar.

— Peça ao Dean para me colocar na área da mesa deles, ele sempre te ouve.

— Só isso? — pergunto, desconfiada. Tenho dúvidas quando se trata dela e aprendi dolorosamente que as pessoas são capazes de tudo quando querem algo, aprendi isso da pior maneira possível.

— Eu juro. Pelo menos foi o que ouvi, eles estarão com as esposas, mas isso não impede a nós, humildes mortais, de olhar, né?

— É.

— Ai, droga! Me desculpe.

— Pelo quê?

— Sobre o lance de olhar, caramba, às vezes eu me esqueço disso. Desculpa, Lillith.

— Não se preocupe, você não me ofendeu ou feriu meus sentimentos. — Bettany abre a porta da sala dos fundos e entramos. — Eu me lembro de como eram no palco.

— Sim. — Ela suspira. — Todos com jaqueta de couro, sem camisa e aqueles jeans. Minha nossa, as mulheres esperavam pelo momento em que tiravam a jaqueta. Era como se esperassem um anjo descer do céu, ou algo assim.

— Lembro vagamente. Meu ex era fã, e no único show que fui, bem... Não estava focada no palco para ser sincera.

Enquanto me troco, fico ouvindo Bettany contar sobre as histórias da banda, em como os garçons mais antigos comentam do tempo em que vinham aqui com mais frequência.

Ela conta de Gael e a Hanna, Micah e a Callie, do Braden, mas quando ela fala sobre o Josh, eu fico mais atenta.

— Tem uma ruiva que sempre está com eles, a Mag. Todo mundo diz que ela namorava os dois. Tenho tanta inveja dessa mulher.

— Você queria namorar com dois caras? — pergunto sorrindo.

— Não são dois caras, Lillith, são *elas*. Nossa, as fotos que já vi em que os três estavam na pista de dança faz qualquer um pegar fogo, acredite em mim.

— Bem, disso eu não sei.

— Parece que ela continua com o Josh, mesmo depois da morte do baixista. Pelo menos a forma como eles dançavam da última vez parecia bem íntima.

— Você não precisa ir lá para frente? — pergunto na tentativa de impedir a enxurrada de informação desnecessária. Sêrio, às vezes ela parecia uma revista de fofocas falante. Semana passada passou horas falando de uma modelo que estava aqui com o novo namorado, acho que conheço toda a vida da bendita mulher, mesmo não fazendo ideia de quem ela seja.

— Na verdade, ainda não. Quero ver você se maquiar.

— Sêrio?

— Sim. — Ela parece animada. — Acho impressionante como consegue fazer uma maquiagem perfeita, sem...

— Sem enxergar? — completo, rindo.

— Sim, nossa, sou uma droga para fazer a própria maquiagem, mas você... é chocante. Já te espionei muitas vezes.

— Isso é meio estranho, sabe.

— Desculpa, mas sempre admirei a independência que você tem. — Nossa, suas palavras me pegam de surpresa.

Fomos de fofocas de celebridades para uma conversa profunda em menos de um minuto.

— Bem, eu... obrigada?! — Não sei o que responder.

— De nada, agora anda. Começa que eu quero ver.

Dou risada quando ela para de falar. Bettany fica em silêncio enquanto faço a maquiagem. Ela fica impressionada quando termino e conto que fiz cursos de maquiagem para mulheres cegas e digo que ainda fico um pouco insegura quando faço sozinha.

Quando terminamos, ela me faz prometer tentar convencer o Dean sobre ela ficar responsável pela mesa do pessoal da banda. E é o que tento fazer, mas encontrá-lo hoje está mais complicado do que eu esperava. Por isso sento no bar e peço ao Alan para me avisar caso ele apareça.

Estou distraída quando, de repente, sinto que estou sendo observada. Alguém deve ter sentado no banco ao meu lado, porque nossos joelhos se encostam ao mesmo tempo que sinto o perfume.

Não é normal sentir um perfume específico em um lugar como esse. Onde o cheiro de álcool e suor das pessoas dançando prevalecem. Mas eu sinto, e instantaneamente, um sorriso se forma no meu rosto.

— Então os boatos de que estaria aqui hoje, não eram mentira — digo, sem me mover.

— Uau, você sabe mesmo como impressionar um cara. — Sorrio, baixo a cabeça por um instante e depois giro o corpo para ficarmos frente a frente.

— Sou bem impressionante quando quero ser.

— Como sabia que era eu?

— Como não saber que *era* você? — Devolvo sua pergunta como resposta.

— Isso é bem foda, sabia? — Dou risada.

— Não, Josh. É instinto.

— Droga, e eu aqui achando que você tinha superpoderes. — Solto uma gargalhada.

— Se você mudasse o perfume, quem sabe, não consegue me enganar?!

— *Quem sabe?* Achei que eu era o presunçoso dessa relação.

— Confio no meu taco. — Dou de ombros.

— Bem, menina convencida, que tal uma bebida na minha mesa? Quero que conheça os meus amigos.

— Está falando de Micah e Gael?

— E das meninas também.

— Olha, não estou querendo desapontá-lo, mas eu já conheço seus amigos. Micah é meu patrão, caso tenha se esquecido.

— Para de cortar o meu barato, tá legal? Vem.

Josh pega minha mão e eu saio do banco. A bengala fica a postos, mas não preciso usá-la. Ele coloca minhas mãos no ombro dele para segui-lo, e o acompanho. Abrindo caminho entre as pessoas, tento acompanhar seu ritmo. Quando ele para, eu quase esbarro nele.

— Galera, essa é a Lillith — anuncia, segurando a minha mão. — Lillith, esses são os meus amigos.

— Oi, gente — cumprimento, tentando não rir da situação. Josh está me apresentando para pessoas que já me conhecem. Se isso não é bem louco, não sei o que é.

Um a um, eles me cumprimentam, e me concentro para distinguir como estão organizados. Bettany tinha razão; estão todos aqui, inclusive Troy, o empresário deles e a Mag. Sinto um calafrio quando ela me cumprimenta, mas percebo logo de cara que é bem simpática. Josh me ajuda na hora que vou me sentar, ele se acomoda ao meu lado. Estamos sentados em um sofá, e fico entre Josh e Callie.

— Então, Lillith, você vai cantar essa noite? — pergunta Hanna, viro o rosto na direção de onde veio sua voz.

— Sim, hoje é o dia que eu canto — respondo alegre. Essas noites são as minhas preferidas da semana.

— Sabe, a gente estava planejando vir amanhã, mas um certo alguém insistiu para que viéssemos hoje — brinca.

Ela está falando do Josh?

— Já ouvi você tocando piano, sabe tocar mais algum instrumento? — Gael entra na conversa.

— Ela toca violão, guitarra e violino, também — Josh responde por mim.

— Sério? — Gael parece admirado. — Sempre tocou? — Abro a boca para responder, e sou interrompida. De novo.

— Ela toca desde sempre. É autodidata — Josh responde tranquilamente.

— E, você, pelo visto está sabendo bastante a respeito dela, hein?! — comenta Micah e eu sinto o rosto esquentar.

— Ela me contou.

— Jura? E quando foi isso? — instiga Micah e eu gostaria que um buraco aos meus pés se abrisse nesse exato momento.

— Dá pra parar de responder por mim? — resmungo baixinho para que só ele escute.

— Qual é o problema? Foi você que me contou um monte de coisa, inclusive como se sentiu quando tocou violino pela primeira vez.

— Conteí? — pergunto tentando me lembrar disso.

— Sim, quando estávamos assistindo aquele filme “Um Coração no Inverno”, não se lembra?

— Não sei, já era qual? O terceiro filme? Eu estava mais dormindo que acordada — justifico.

— Você fala bastante quando está com sono, então — brinca e ri. De repente, noto que a mesa ficou em silêncio, estávamos falando alto e eu nem havia notado. Que maravilha.

— Não parem, por favor. Continuem, porque está ficando interessante — provoca Micah.

— Não liga para o Playboy, ele não sabe apreciar um bom filme.

— E desde quando você sabe, Josh?

— Acho que tive uma boa experiência algumas noites atrás.

Ai. Meu. Deus. Não tem como essa situação ficar mais constrangedora.

— Pena que quando amanheceu, fiquei um pouco dolorido.

— Não sei se quero saber como foi que ele acabou dolorido. — Em um tom de brincadeira, Mag fala pela primeira vez.

Quero morrer, agora mesmo.

— Eu, certamente, não quero saber — responde Callie.

A mesa explode em uma gargalhada. Certo, a situação havia ficado bem mais constrangedora.

— Lillith? — A voz do Dean me tira de dentro do meu buraco imaginário da vergonha. — Você está pronta? — Ele mal termina de falar e eu já estou em pé. Ao tentar passar pelas pernas de Josh, perco um pouco o equilíbrio, mas ele me segura pela cintura.

Suas mãos são firmes. Sem me soltar, ele se levanta e sinto nossos rostos próximos. Não consigo respirar.

— Ei, Garota Bonita... Cuidado. — Sua voz é gentil, mas divertida.

— Desculpa. — É a única coisa que consigo dizer, meu coração parece ter recebido uma descarga de um desfibrilador.

— Sobe lá e arrasa — diz e retira as mãos da minha cintura.

Agradeço e saio com Dean para o palco. Não paro de pensar em como Josh está diferente, ele parece verdadeiramente feliz. Seu tom de voz, os movimentos, não tem toda a tensão de antes. Gosto disso. Mas, querendo ou não, detesto pensar nele dançando com a Mag enquanto eu canto.

Dançar de forma íntima, como a Bettany fez questão de descrever.

Que beleza, Lillith!

Agora, você está oficialmente com ciúmes do seu amigo, ou melhor, do não amigo. Ou seja lá que diabos somos.

CAPÍTULO 18

JOSH

*“How is it that you can see through me now?
When I keep trying to hold the word out
It’s like you know who I am, who I was, who I could be
And you’re still standing here in spite of everything”
Darkness in Me – Fight The Fade*

Observo Lillith caminhar ao lado do Dean, indo em direção ao palco. Penso em como deve ser para ela, subir ali e cantar para tantas pessoas sem poder ver a reação no rosto de cada uma. Se há uma coisa que sinto falta é disso, de ver as expressões ansiosas quando a banda subia no palco. Pessoas com rostos vermelhos, gritando nossos nomes, chorando emocionadas quando Gael cantava algo mais romântico.

Sinto falta disso.

— Você está bem? — Hanna interrompe meus pensamentos.

— Sim, claro. Por quê?

— Gael também está com a mesma expressão no rosto. — Eu olho para o meu amigo e o vejo olhando para o palco. Seu olhar é melancólico, quase doloroso.

Micah está bebendo com Troy, e Callie e Mag estão conversando enquanto olham fotos nos respectivos celulares, provavelmente fotos das crianças. Parece que só a Hanna e eu que notamos o semblante de Gael. Lillith está linda, cantando, ela é muito boa nisso, porém ele está visivelmente longe, perdido em pensamentos. E tenho quase certeza de que foi para o mesmo lugar que os meus foram há alguns instantes.

Hanna não diz nada, mas noto quando segura a mão dele um pouco mais forte, e ele retribui. É a prova de que estão ali um para o outro.

— Ela é muito boa. — Troy senta ao meu lado e me entrega uma lata de refrigerante.

— Ela é. — Olho para o palco, os movimentos dela são tão naturais, está

sentada agora e parece muito mais intensa. Sexy pra caralho.

— Talvez eu possa fazer alguma coisa por ela. Um bom contrato, quem sabe? O que acha?

Tiro os olhos dela e encaro meu amigo. *Ele está falando sério?* Seria maravilhoso. Lillith tem talento para fazer sucesso, e um bom empresário como Troy faria a carreira dela explodir.

Nem fodendo!

Sucesso nesse meio significa que você pode se perder, esquecer seu propósito. O dinheiro é viciante, corrosivo. As drogas, o sexo. Não, nem pensar. Ela é tão... pura. Quantas pessoas poderiam se aproveitar de uma garota igual a ela? Lillith sorri como se nada a incomodasse, faz piadas sem graças de si própria. É alegre e autêntica.

Esse meio definitivamente acabaria com tudo que ela tem de bom.

— Esqueça isso — respondo a Troy.

— Por quê? Josh, ela tem potencial. Tem tudo para se tornar uma estrela.
— Coloco a lata de refrigerante na mesa, praticamente intocada.

— Esquece, Troy. Estou avisando. — Sou ríspido e isso parece chamar a atenção do Gael.

— Esquecer o quê? — pergunta curioso. Olho para Troy aguardando sua resposta, ele apenas levanta as mãos.

— Já está esquecido. — Gael olha confuso para nós dois e, em seguida, levanta.

— Quem está a fim de tocar? — Sua pergunta deixa todos em silêncio na mesa.

Gael fica em pé, e olha de Micah para mim. O Playboy parece mais confuso que eu.

— Vou deixar para a próxima, obrigado. — Pego meu refrigerante de novo e bebo, na tentativa de disfarçar para não precisar dar mais explicações.

— Micah? — Gael parece ansioso.

— Porque não? — Micah se levanta, limpa as mãos na calça e estala os dedos. Sorrio com o gesto.

— Tem certeza de que não quer ir? — pergunta Gael, mais uma vez.

— Estou bem. Podem ir.

— Nada de besteiras, tá legal? — Gael coloca a mão no meu ombro e eu aceno a cabeça, concordando.

Olho para os dois se afastando, indo na direção do palco. Puta merda, eles vão fazer isso mesmo?

— Essa eu preciso ver de perto. — Callie levanta. — Vamos, eles precisarão da gente o mais perto possível. — Mag, Callie, Troy e Hanna também se levantam.

— Vem, Josh. Vamos dar nosso apoio a eles. — Hanna estende a mão, e vários segundos se passam, enquanto permaneço no lugar pensando se vou ou não com elas.

Mas eu sei que ela tem razão, desde o acidente, nenhum de nós subiu em um palco. E mesmo que tocassem seus instrumentos – vez ou outra –, não era a mesma coisa. Não havia aquela adrenalina correndo nas veias quando a multidão gritava.

— Tudo bem. — Saio do meu lugar e seguro a mão dela.

Todos me olham como se eu tivesse sido abduzido, porém nenhum deles ousa comentar nada. O que é bom, porque posso não estar lá em cima, mas estou nervoso demais.

Chegamos próximo ao palco, e mesmo algumas pessoas notando a nossa presença, não somos incomodados, a quantidade de seguranças a postos garante isso.

Lillith parece ter feito um intervalo e quando ela volta, não está mais sozinha. Gael está segurando a mão dela e – minha nossa – a garota está radiante.

Porra, será que ela sabe o quanto é bonita?

— Como estão todos essa noite? — diz Gael no microfone e o bar inteiro silencia. Ainda não haviam percebido que eles estavam no palco. Mas agora, cada pessoa presente aqui está surpresa. — Parecem um pouco chocados. — Gael ri. — Confesso que nós também estamos, então dê um desconto para nós, se errarmos alguma letra. Podemos estar um pouco enferrujados.

O bar fica agitado, a vibração muda de repente, pessoas começam a gritar e a bater palmas.

— *Eles estão de volta?* — berra alguém e eu viro a cabeça assustado.

— *Meus Deus! É a banda Originals?* — pergunta uma voz bem próxima.

A banda Originals! A minha banda.

Meu coração começa a bater freneticamente. Olho ao redor, vejo várias expressões nos rostos das pessoas. Estão todas com os olhos curiosos grudados no palco, e quando volto meu olhar para lá, meus joelhos fraquejam.

Há três bancos. Lillith está sentada entre Gael e Micah, dedilhando o violão. Eles farão um dueto?

Hanna aperta minha mão e eu a olho. Ela sorri, mas não é um sorriso largo, é apreensivo. Então a música começa e eu acho que o meu coração vai sair pelo peito.

“The One That Got Away” é a porra da música que eles escolhem. Gael começa a cantar, a voz rouca – que é sua marca registrada – faz as mulheres gritarem em êxtase. Lillith canta a segunda parte, seu tom é descontraído, vibrante. Fico hipnotizado.

No entanto, quando o refrão chega, as três poderosas vozes se unem. Acordo do meu transe sentindo o calor de seus olhares e vejo que meus amigos estão olhando na minha direção. E mesmo sabendo que Lillith não me vê, sinto que os três estão tocando a música para mim.

The one

The one

The one

The one that got away

— Você está bem? — Hanna parece preocupada. Limpo os olhos com as costas das mãos, fungando. Falho, epicamente, em esconder que estava chorando.

— Estou — respondo, olhando em volta e vejo Troy com um dos braços jogado no ombro da Callie, e Mag do outro lado dele. Dean está atrás dela, quase encostado ao seu corpo. Ele olha ao redor antes de se inclinar e dizer alguma coisa em seu ouvido. Mag sorri, um sorriso que não vejo há muito tempo nela.

— Hum... Acho que alguém não vai dormir sozinha hoje!!! — brinca Hanna, e me cutuca no braço. Quando ela percebe que ainda estou olhando na direção deles, segura meu rosto com as mãos para chamar minha atenção. — Você sabe que ela não faria nada para te magoar, não é, Josh? — Respiro fundo e acho que ela entende errado, porque fica com o olhar aflito. — Me diga que sabe disso.

— Claro que sei, Hanna. Não estou chateado, de verdade. Posso dizer com toda a sinceridade que eu, do fundo do coração, desejo que a Mag seja feliz. Ela merece isso. Só que as coisas ainda são muito difíceis para mim. Não sou apaixonado por ela, mas nós três tínhamos algo intenso, sabe? — Tento explicar, é complicado quando nem você mesmo sabe direito o que está sentindo.

— Quer sair daqui?

— Não, vamos aproveitar o show. — Eu a puxo e beijo o topo de sua

cabeça, sentindo-a relaxar aos poucos do meu lado. Assistimos aos três cantarem mais duas músicas juntos.

Quando terminam, as expressões no rosto dos meus amigos é algo que jamais vou me esquecer. Eles estavam felizes.

E eu também.

Voltamos para a mesa, e logo Micah e Gael se juntam ao grupo. Não sei como eles estão se sentindo, parecem em estado de choque, mas felizes ao mesmo tempo. É engraçado de ver.

— Cadê a Lillith? — pergunto para o Gael. Quando o Show terminou ela saiu com eles do palco, mas não voltou para a mesa. Somos só a nossa turma de novo já que Dean voltou para o bar. Não sei bem o motivo, porém eu a queria aqui com a gente.

— Ela disse que ia tentar falar com a irmã — responde Gael, pegando uma cerveja.

Desde que voltei da reabilitação, é a primeira vez que vejo meus amigos bebendo. Gael tirou todo o álcool do apartamento. Não me incomodava, na verdade, eu sabia lidar com a presença de álcool. O que não conseguia na época era lidar com a dor, então qualquer coisa que me fizesse esquecer um pouco dela, eu me agarrava. Palavras do doutor Hunt, não minhas.

— Preciso ir ao banheiro. — Levanto e saio.

Quando estou saindo do banheiro, eu a vejo falando ao telefone. Sorrio e aguardo, observando o quanto Lillith parece alegre. Quando ela desliga, eu a vejo posicionar a bengala para sair e então eu me aproximo. Ela se assusta.

— Desculpa, não queria te assustar.

— Você precisa parar com isso — diz assustada com a mão no peito.

— É você quem precisa parar de ficar em lugares escuros.

— Estava no banheiro, Josh. — Ela fica uma gracinha quando cara de brava.

— Não, senhora. Estava no corredor, sozinha, e distraída no celular. — Ela não se contém e abre um amplo sorriso.

— Estava falando com uma amiga.

— Pelo sorriso, acho que a conversa foi boa.

— Com certeza. Já está indo embora? — Penso um pouco na sua pergunta. *Eu estava?*

— Não sei, acho que o pessoal está bem animado ainda para encerrar a noite. E você?

— Pronta para ir para casa, parece que corri uma maratona. Você viu o

que aconteceu no palco? — Ela parece apreensiva.

O corredor, de repente, começa a ficar pequeno demais. Quase sufocante.

— Josh? — Volto a atenção nela. Estamos no caminho que leva aos banheiros. É largo, mas ela está praticamente encostada à parede.

— Eu vi, foi muito foda. — Ela sorri, e caramba, é como se porra do corredor inteiro se iluminasse.

— Foi o melhor momento da minha vida. — Caralho! Suas palavras são tão sinceras que é impossível não sentir a felicidade dela me envolver.

Mas como é que cantar algumas músicas com Gael e Micah pode ter sido o melhor momento da vida dela? Isso é tão... tão fascinante.

— Fico feliz por você. — Toco seu rosto.

— Josh, posso... posso te pedir uma coisa? — Não sei qual expressão gosto mais, a cara de brava ou essa de agora, toda tímida e sem jeito.

— Claro. — Penso no que ela poderia me pedir. Quem sabe uma carona para casa?

— Será que eu posso te sentir. Quero dizer, saber como você é?

— Hã? — *Mas que idiota, Josh!*, penso quando percebo o que ela quer dizer.

Lillith toca a minha mão, mas não a segura. Seus dedos percorrem meu braço, e esse movimento deixa um rastro de chamuscas por onde passa. É estranho, porque estamos em um corredor mal-iluminado, consigo ouvir o burburinho das vozes conversando. A música no bar, mas conforme a mão dela faz seu caminho até o rosto, eu fecho os olhos.

Não enxergo mais.

Não ouço mais.

Eu só sinto.

Sinto as pontas dos dedos dela *conhecendo* meu rosto. O polegar passando pelos lábios, e um gemido involuntário me escapa, só que ela não para. Os dedos exploram suavemente a pele da minha face. Instinto assume o comando e as minhas mãos vão para o quadril dela, trazendo-a para mais perto.

Caramba, o seu toque... Como eu preciso desse contato.

— Você é lindo. — A voz dela sai quase sussurrada, rouca.

Merda, ela está excitada?

— Quem é linda aqui é você, Lillith. — Beijá-la é a única coisa que consigo pensar, e o meu maxilar trava sem saber o que fazer. Um caos entre a razão e emoção.

Alguns segundos depois, abro os olhos e – caralho! – ela também está de olhos fechados. Toco em seu cabelo, minha mão vai para sua nuca e encosto a testa na dela. A ponta dos nossos narizes se tocam. Ela respira fundo, e eu, também.

— É melhor a gente voltar para a mesa, Garota Bonita.

Lillith não diz nada, mas abre os olhos. A expressão dela muda, parece decepção? Culpa? Não consigo decifrar.

— Acho que a minha irmã já deve estar lá fora. Preciso ir. — Ela começa a se afastar e eu seguro seu braço.

— Viajarei amanhã para uma fazenda.

— Que... legal. — Ela fica confusa e não é para menos. Merda, até eu fiquei agora.

— Queria saber se quer ir comigo? — *Que porra é essa, Josh?*

— Ir com você? — Seu espanto triplicou.

— Sim, comigo e com o AJ. — As palavras parecem ter criado vida própria, aparentemente.

— Seu filho — diz e sorri.

— Ficaremos três dias em uma fazenda. Vem com a gente, Lillith. Vai ser divertido.

— Acho que estou precisando de um pouco de diversão mesmo. — *E eu tenho certeza de que acabei de me meter em uma baita confusão*, penso.

— Passo para te pegar amanhã cedo, às dez.

Lillith concorda com a cabeça, sorri de novo e sai. Fico a observando se afastar e, então, encosto na parede. Passo a mão pelos cabelos.

— Puta merda, o que foi que aconteceu aqui? — digo em voz alta, tentando entender o que deu em mim. A música, meus amigos no palco. Minha excitação evidente, a vontade desesperada de beijá-la. E o principal, estava tentando descobrir por que diabos a convidei para viajar comigo para a fazenda dos pais do Braden.

Porra, por que fiz isso? *Você sabe muito bem o porquê, Josh...*

Balanço a cabeça e volto para mesa ainda um pouco atordoado. Uma bebida agora cairia bem, algo forte de preferência. Merda.

— Onde você estava? — pergunta Hanna assim que sento ao seu lado.

— Banheiro — respondo sem olhar para ela, e já sei que não engoliu isso, mas não vai insistir no assunto. Se tem algo que admiro nela é que não me pressiona para conseguir informações. Hanna é do tipo que sempre deixa uma pessoa à vontade.

— Estávamos indo embora — avisa Gael, passando um dos braços sobre os ombros de Hanna. Ele está com uma cerveja na mão, e parece bem alegre. — Vamos continuar a festa em casa.

— Festa?

— Os meninos decidiram continuar a farra em casa.

— Bebida, música e as nossas mulheres. — Gael beija Hanna e sorri. — Vamos, Josh. Vai ser bom, estamos precisando disso.

Olho para meus amigos, vendo como estão felizes. Micah está abraçado a Callie, Troy e Mag estão me olhando, assim como Hanna e Gael, e estão apenas aguardando a minha resposta. Antes de tudo desabar, sempre fazíamos isso. Saíamos do The Rock e íamos direto para casa do Gael. Passávamos o resto da noite bebendo, cantando.

Só que agora, Braden não estaria conosco. Eu iria para o quarto sozinho quando a farra acabasse. Não ouviria a voz dele quando o sol comesse a nascer e continuássemos bebendo na varanda. Nada de ouvir ele dizendo que me amava antes de fechar os olhos e dormir.

Então, me lembro do corredor. Do que senti quando os dedos dela tocaram meu rosto, do carinho, como se o mais frágil ali fosse eu, e não ela. A sua voz, a maneira com que cantou no palco com Micah e Gael.

— Josh? — Callie me chama e eu nem tinha notado que ela estava na minha frente. — Está tudo bem com você?

— Sim, eu só estava pensando um pouco.

— Certo, então vamos? — pergunta e eu respiro fundo antes de responder e segurar a mão dela.

— Vamos — respondo enfim e parece que todos relaxam ao mesmo tempo.

Callie segura minha mão enquanto saímos do bar. Micah, Troy e Mag conversam atrás de nós. Hanna e Gael caminham à nossa frente. Quando estamos indo para os carros, vejo Lillith entrando no veículo que suponho ser da irmã. Ela não parece contente, e fico sem entender como foi que o humor dela mudou tão rapidamente.

Ela estava feliz há poucos minutos, não estava? Não perco mais tempo e peço para os meus amigos aguardarem um pouco e vou até ela.

Parece que quando se trata da Lillith, nem sempre a razão prevalece.

CAPÍTULO 19

LILLITH

*“I'm on your side
Through the darkest night
Don't be afraid
Gonna lift you up when the levy breaks
Cuz I'm on your side”
On Your Side – Gabe Dixon*

Minhas mãos ainda estão tremendo um pouco quando saio do bar para encontrar minha irmã, eu só não sabia dizer o motivo. Ou talvez, soubesse, mas não queria admitir.

A emoção de cantar com Gael e Micah era algo que não dava para explicar, foi incrível. Mas tocar o rosto do Josh? As palavras que ele me disse quando estávamos tão próximos? Aquilo foi além de sublime. Mesmo que aquele momento não tenha resultado em nada, nunca me senti tão conectada a alguém. Nunca desejei tanto um beijo.

A carga elétrica que corria pelo corpo quando ouvia alguns personagens dos livros, foi o que senti. Cada vez que meus dedos tocavam o rosto dele, algo dentro de mim se expandia com força, deixando-me sem fôlego.

Meus pensamentos são interrompidos pela buzina do carro da Jannet. Eu me apresso para encontrá-la, tentando esquecer dessa sensação no peito a cada passo que dou. Quando finalmente entro no carro, ela não me cumprimenta, o que não é novidade. Só que nossa pequena guerra particular é interrompida por um barulho na janela. Alguém bate no vidro e Jannet fala um palavrão.

— O que foi? — pergunto assustada.

— Não acredito nisso — diz, irritada.

— O que está acontecendo?

— O que esse cara quer dessa vez? Pelo amor de Deus! — resmunga e desliga o carro.

— Será que pode me explicar o que está acontecendo? De quem você está falando? — Mais uma batida no vidro, e começo a ficar assustada.

— Seu amigo. Parece que ele quer falar com você — responde e eu nem espero ela terminar de falar. Pelo seu tom, só pode ser uma pessoa. Saio do carro.

— Posso falar com você um minuto? — diz assim que fecho a porta.

— Pode. Aconteceu alguma coisa? — Josh não responde, mas pega a minha mão e nos afastamos.

O que ele quer afinal de contas?

— Josh, o que foi? Você está me assustando — digo, preocupada.

— Comigo não aconteceu nada. Mas quando estava saindo, eu te vi e queria saber se está tudo bem.

— Está sim, por que não estaria? — Fico confusa.

— Seu rosto não parece muito bom. — Sorrio, mas sem um pinga de humor.

— Jannet e eu estamos passando por um momento um pouco conturbado. — Tento explicar.

— Tem alguma coisa que eu posso fazer para ajudar?

— Não — respondo rápido demais. — Com certeza não, mas obrigada por perguntar.

— Nossa viagem ainda está de pé? — Pela insegurança que transparece em sua voz, percebo a necessidade que tem de saber se ainda irei ou não com ele, o que me deixa feliz, porque é a prova de que não me convidou da boca para fora.

— Mal posso esperar. — Sou sincera.

— O que é que você não pode esperar? — interrompe Jannet, e solto um gemido.

— Vamos viajar amanhã — responde Josh, colocando a mão no meu ombro. E lá se vai minha tentativa de ter uma conversa pacífica com a minha irmã.

— Vocês *o quê*? Que loucura é essa, Lillith? — esbraveja.

— Convidei a Lillith para viajar comigo, vamos a uma fazenda — explica de um jeito tão natural que preciso conter um sorriso.

— Não vão mesmo. Minha irmã não vai viajar com você, Josh.

— Desculpa, mas... — Josh gira meu corpo para ficarmos frente a frente.

— Você é menor de idade e não me contou?

Que beleza, agora ele está fazendo piada com a situação.

— Você sabe muito bem que ela não é, pare de ser babaca — diz Jannet.

— E, você, dá pra parar de ser tão rabugenta, *Enfermeira General*?! — Ops, isso não foi legal.

— Gente... Não sei se vocês se esqueceram, mas ainda estou aqui, tá legal? — digo mais alto que os dois. — Posso tomar minhas próprias decisões, Jannet.

— Viu, ela já é grandinha — zomba Josh.

— E eu também sei me defender, Josh — chamo a atenção dele. — Estou cansada e gostaria muito de ir para casa, agora. E sem brigas.

— Espero você no carro — resmunga Jannet e poucos instantes depois, ouço a porta do carro bater, com força.

— Então, te vejo amanhã? — pergunta Josh e eu suspiro.

— Acredito que sim.

— Sei que você sabe se defender, Lillith. — Josh segura minha mão. — Mas às vezes, uma ajuda não é tão ruim assim.

— Ela é minha irmã, Josh. Jamais me faria algum mal.

— Sei disso, e no lugar dela também não deixaria minha irmã mais nova perto de um cara como eu.

— Que bom que não sou sua irmã, não é mesmo? — brinco com ele. — Até amanhã, Josh.

Inclino o corpo para me despedir e beijar seu rosto, ele percebe o movimento, e logo sinto meus lábios tocarem sua pele. Sorrio pelo pequeno gesto dele.

— Lillith? — chama quando começo a andar, e eu paro. — Sua irmã, ela... — Ele hesita um pouco. — Ela pode ter razão.

Suas palavras me ferem mesmo que não as tenha proferido com essa intenção. Conheço Josh a pouco a tempo – eu sei –, mas sinto no coração que ele é muito mais do que a minha irmã, e até mesmo ele, dão crédito.

— A respeito da minha irmã e eu, você precisa saber de uma coisa.

— O quê?

— Em todas as nossas brigas, desde que éramos crianças, eu sempre tive razão. — Sorrio. — Boa noite, Josh.

Ele não diz mais nada, entro no carro me sentindo bem mais leve do que estava antes, mesmo sabendo que vou enfrentar um furacão quando chegar em casa.

Que venha o segundo round, então.

Durante o caminho, a gente não conversa. Tenho certeza de que ela está

pensando em todos os argumentos plausíveis para me fazer desistir de viajar, só que ela também sabe que nada vai funcionar. A não ser que o Josh cancele, mas desconfio que isso não vai acontecer.

Nosso silêncio acaba assim que entramos no apartamento.

— Não pense, nem por um momento que vou permitir essa viagem, Lillith.

— Estou tentando entender porque está se comportando assim, Jannet. Desde que descobriu que sou amiga do Josh, você simplesmente surtou. Qual é o seu problema?

— Adoro a Hanna, a Callie e até gosto de todos eles, Lillith. Não são, na verdade, pessoas ruins.

— Então, o que há de errado? Você tem alguma coisa contra o Josh? Já dormiu com ele ou algo assim? — As palavras começam a sair desenfreadas da minha boca, e quando me dou conta do que disse, eu me bato mentalmente. Mas, será que eles tiveram algo no passado? Josh teria contado, não teria?

— Pelo amor de Deus, não! Nunca tive nada com ele. — Ela se aproxima e segura as minhas mãos. — Homens como o Josh nunca fizeram meu tipo.

— Homens como ele? Roqueiros problemáticos? — Sou irônica.

— Bissexuais — responde sem rodeios. Retiro as mãos das dela e dou um passo para trás.

— Como é que é?

— Ficou chocada, né? Viu como tenho razão?

— Estou chocada com a sua atitude, Jannet! Com nojo para ser bem sincera.

— Lillith... Você sabe que nossos pais nunca aprovariam uma coisa dessas.

— *Uma coisa dessas?* — repito suas palavras.

— Tenho te observado, e se ainda não percebeu o que está acontecendo, minha irmã, você é mais tapada do que pensava.

— De que merda você está falando agora?

— Modere suas palavras para falar comigo, Lillith.

— Então pare de me tratar como se eu fosse burra! — berro.

— Você está se apaixonando por ele, será que não percebe isso?

— Não estou me...

— Ah, está sim. Acredite em mim. Esqueça essa droga de viagem, você não vai. — Ela me corta.

— Você não manda em mim.

— Sou sua irmã e responsável por você.

— Você é minha irmã, mas não é responsável por mim, ninguém é. Não mais.

Saio da sala e vou para o quarto. Jannet grita meu nome algumas vezes, mas não ligo, tranco a porta para que ela não invada a minha privacidade – mais do que já está fazendo.

Penso em ligar para meus amigos, tenho que sair desse lugar. Mas para onde iria?

Eu me troco e deito na cama, não tomo banho porque precisaria que sair do quarto e não quero correr o risco de esbarrar nela. Quando deito com a cabeça no travesseiro, as lágrimas contidas não hesitam a cair.

Começo a sentir o peso de tudo. A cegueira, a oportunidade perdida da cirurgia, a discussão com a minha irmã.

E Josh.

Estava me apaixonando por ele, Jannet tinha razão. E fico cada vez mais apavorada conforme essa verdade recai sobre mim.

Não tenho certeza de quanto tempo dormi, a noite não foi das melhores. Passei a maior parte chorando e tentando pensar como faria para me mudar. Essa seria a minha prioridade agora, ou melhor, quando voltasse da viagem.

Verifico o relógio e percebo que se não correr, vou me atrasar. Josh disse que viria às dez, já são oito e meia, e nem fiz as malas. Fora que não posso contar com a minha irmã para me ajudar. Suspiro e vou tomar banho, não posso viajar com o cabelo cheirando fumaça de cigarro.

Faço tudo a tempo, Jannet não me interrompe ou sequer faz comentários. Odeio que estejamos assim, mas não darei o braço a torcer, ela passou dos limites. Foi cruel, preconceituosa, coisas que jamais imaginei que seria.

Dez horas chega e passa, e eu começo a ficar nervosa. A mala está próxima à porta e estou na sala. Já nem sei quantas vezes ouvi a voz do aplicativo me informando o horário.

— Já passou da hora do almoço, Lillith. Você precisar comer alguma coisa, e se conformar que ele não vai aparecer.

— E parece que você está adorando isso.

— Não, não estou. Não fico feliz em te ver triste, Lillith. E nem adianta me dizer que não está, porque seu rosto mostra isso. Por outro lado, não estou nenhum pouco surpresa. Ele apenas está sendo o irresponsável que sempre foi. Vê se almoça. Vou trabalhar. — Escuto ela se movimentar, pegando suas

coisas para sair.

— E você não vai dizer? — Respiro fundo, tentando disfarçar minha decepção.

— Dizer o quê?

— Dizer: “eu te avisei”.

— Não preciso confirmar o que já sabe.

Engulo suas palavras e ouço quando ela sai. Deito no sofá me sentindo esgotada. No limite das emoções. E para completar, nem sequer tenho o número de telefone dele para tentar descobrir alguma coisa. Não quero falar com a Callie ou com Dean, e também não quero pensar se algo aconteceu ou se ele está apenas sendo como a Jannet disse.

Agora, eu só quero fechar os olhos e tentar descansar um pouco. E, quem sabe, esquecer o bolo que levei.

CAPÍTULO 20

JOSH

*“Every move you make
Every vow you break
Every smile you fake
Every claim you stake
I'll be watching you”
Every Breath You Take – Denmark*

Ninguém comenta nada quando entro no carro depois que falei com a Lillith, mas vejo alguns olhares da Hanna acompanhados de sorrisinhos.

Fico um pouco desconfortável com isso e me remexo no banco impacientemente.

A briga com a irmã dela também me incomodou. Só espero que ela não resolva trancar a Lillith em casa feito uma “princesa no castelo”. Sorrio com esse pensamento, porque apesar de ser feroz igual a uma guerreira, ela é doce como uma princesa.

Em casa, a festa continua como planejado. Inclusive com a presença de bebida alcoólica, o que não me perturba. Mas não bebo, toda essa confusão de hoje poderia me levar em espiral para baixo, então mantenho as mãos ocupadas com uma lata de refrigerante.

Quando as coisas começam a esquentar – e digo isso de forma bem literal – já que Micah e a Callie começam a se pegar na sala, sem qualquer pudor, decido ir para o quarto. Sem clima para voyeurismo hoje.

Acordo antes de todos, quer dizer, eu mal consegui dormir. Micah e Callie resolveram passar a noite no apartamento, mas Troy e Mag foram embora. Agora aqui estou, no meu antigo quarto, olhando para o teto e contando as horas para ir buscar Lillith e AJ, e cairmos na estrada.

Não avisei a ninguém dessa viagem, nem mesmo a Mackenzie, não sabia se teria coragem de ir, então evitaria decepcionar qualquer um deles. A babá do AJ nos acompanharia, mas tenho quase certeza de que ele será sequestrado

pelos avós assim que chegarmos lá.

Só espero que eles não estejam com raiva de mim por todo esse tempo que permaneci afastado. Ou, pelo menos, não muita.

Antes de sair, Troy me garantiu que o jatinho estaria pronto. Agora que todos já sabem da minha volta, não há motivo para viajar em voos comerciais. Graças a Deus.

Saio do quarto e esbarro em Hanna.

— Que droga — resmungo antes de perceber que é ela. Quando ela me vê, seus olhos ficam tão arregalados que até parece que viu um fantasma.

— Josh! Já acordou? — Que pergunta mais estranha.

— Acho que é meio óbvio, né, já que quase me atropelou. Onde ia com tanta pressa?

— Eu...

— Porra. Josh! Dá pra vestir uma roupa? — resmunga Gael. Hipócrita! Ele não está exatamente vestido, sem camiseta com a calça de moletom quase caindo da cintura. Porém, não está só de boxers.

— Onde é o incêndio? — Micah aparece, vestido igualzinho a mim. Rá.

— Porque você não reclama dele? — Aponto para o Micah, no mesmo instante, Callie aparece e joga o jeans para ele vestir.

— Merda, Playboy! Coloca isso — reclama, e Micah apenas sorri.

— Porque *ela* fez isso por mim — provoca Gael. — Agora vá se vestir, precisamos conversar.

— Quem conversa a uma hora dessas? — pergunto, bocejando.

— Josh! — todos gritam ao mesmo tempo e eu levanto os braços, rendido.

— Tudo bem, tudo bem. Vou me vestir.

— Adoro essas tatuagens nas costas dele. — Ouço Callie falar quando viro para entrar no quarto.

— Você *o quê*? — pergunta Micah praticamente gritando, não consigo deixar de sorrir.

Visto somente a calça. Vai ser bem legal deixar Micah nervoso, e já que a Callie está aqui, ele não vai se atrever a encostar a mão em mim.

Isso aí, meus amigos são dois paus-mandados.

Saio do quarto e todos estão na mesa com vários jornais espalhados nela.

— Vamos tomar café ou ler? E acho isso nojento — resmungo, afastando um dos jornais da frente. Sarah serve meu café e eu pisco para ela. — Eu te amo, Rainha do Café.

— Hum... Sei, você diz isso para todas — comenta, rindo.

— Mas nem todas fazem café como você. — Pisco e ela se afasta.

— Merda — diz Micah, abaixando o celular. Ele estava vendo algo enquanto os outros estavam com os jornais. — Temos mais problemas do que eu pensava.

— Problemas? Não estou entendendo. — Pego um pedaço de bolo, caramba, Sarah sabe realmente como pegar um cara pelo estômago.

— Aqui. — Gael me entrega o jornal. — É um dos nossos problemas. — Tiro o jornal da mão dele e leio a notícia.

“A banda Originals está de volta”

— Que porra é essa? — Micah me entrega outro jornal, há uma foto e mais uma manchete.

“Novo membro da banda atrai olhares do público masculino”

Começo a ler as matérias, há muitas, inclusive de primeira página. Linhas e mais linhas especulando sobre a volta da banda, e dezenas de fotos. Puta merda, muitas fotos dos três no palco. Da Lillith com a gente na mesa. Congelo quando vejo uma de nós dois no corredor, pelo ângulo da foto, era como se estivéssemos nos beijando. Minha cadeira cai no chão quando levanto abruptamente.

— Quem fez isso? — Pego um dos jornais e amasso. — Que merda está acontecendo?

— Nós vamos lidar com isso, alguém tirou fotos nossas e vendeu. Não é a primeira vez que isso acontece, Josh. — Gael tenta amenizar.

— Você leu o que estão falando? — Jogo o jornal no chão. — Estão dizendo que voltamos, que superamos a perda do nosso baixista. Estão falando do Braden, porra!! Mas que caralho!!! Como se ele fosse nada.

Levo as mãos à cabeça.

— Vocês tinham que subir naquela merda de palco, né? Tinhams que fazer aquilo — acuso e antes que eu possa continuar a despejar tudo o que estou sentindo neles, Micah e Gael se levantam e avançam na minha direção. As meninas estão muito chocadas para falar, ou saírem das cadeiras.

— Não superamos merda nenhuma e você sabe disso melhor do que ninguém, Josh — retruca Micah. — Mas o que *você* precisa entender é que nós também não morremos com ele.

Dou um passo para trás. O peso das palavras dele me atinge feito um caminhão.

— Dean está verificando quem tirou as fotos, resolveremos tudo.

— Depois que o mundo inteiro está acreditando que a banda está de volta?

Boa sorte pra vocês — desdenho.

— Você não precisa agir igual a um babaca, Josh. Todos nós estávamos nos divertindo ontem. — Callie sai da mesa e se junta a Micah. — Eles não são culpados se algum idiota vendeu uma notícia falsa.

Eu sei. No fundo, eu sei disso, mas ler essas palavras... porra.

— Ei. — Hanna toca meu braço, chamando minha atenção. — Vamos pensar em uma solução, tá legal? Juntos.

Eu não me conformo, mas procuro me acalmar.

Passamos o restante do café conversando sobre como impediremos que essa fofoca cresça ainda mais. Troy está enlouquecido, acionando advogados e solicitando que todas as notícias sejam retiradas dos sites, imediatamente.

Quando sinto que a raiva abrandou, lembro do meu compromisso com a Lillith. Cacete, eu marquei com ela às dez e já passava das onze. E como se isso não bastasse, nem o número do celular dela, eu tinha. Sei que não seria difícil de conseguir, já que a Callie e o Micah estão aqui, porém não contei que ela ia viajar comigo, então mantenho a boca fechada.

Espero quando não tem mais ninguém na sala, e saio. Arrependimento bate assim que coloco a cara para fora do prédio. Que merda eu estava pensando?

Flashes começam a pipocar na minha direção, e tenho que cobrir os olhos com o braço. Caralho, eu só ia pegar um táxi, mas não consigo nem atravessar a calçada.

— Josh, o que pode nos dizer sobre o retorno da banda? — pergunta uma mulher, enfiando um microfone no meu rosto.

— Como ficará a nova formação? — outra pessoa pergunta.

— Você e a nova cantora estão namorando?

— Agora que o baixista foi substituído, já tem data marcada para o show de retorno da banda? — Olho para o idiota que fez essa pergunta e só consigo pensar em uma coisa: baixista substituído.

Não vejo mais nada na frente até que meu punho acerta em cheio o rosto do cretino com o gravador na mão. Uma confusão começa e mais flashes disparam. Não estou nem aí. Eu só quero arrancar a cabeça desse babaca.

— Puta que pariu! — Escuto Micah gritar.

Algumas horas depois; Gael, Micah, eu e Jackson – segurança do Gael – acabamos na delegacia, presos.

— Boa maneira de resolver tudo, Josh — ironiza Gael, sentado na cela.

— Não era para vocês terem se envolvido — retruco.

— Ah, tá... valeu por avisar isso, *só*, agora — responde Micah.

Começo a rir, porque a situação é um tanto engraçada. Não é a primeira vez que algo assim acontece. Troy nem reclamou quando liguei e pedi que avisasse a Lillith antes de vir nos soltar. Pois é, mesmo depois daquela confusão toda, não me esqueci dela. Já fiz isso mais cedo, uma vez já é mais que suficiente.

Estou em pé, encostado na grade quando ouço a porta abrir. A voz do Troy é a primeira que ouço.

— Já estava com saudades dessas cenas. — Sorrio e viro para ele. — Mas vocês precisam parar de se meter em confusão. Esse tipo de merda não sai barato, pessoal.

— Virou muquirana agora? — brinco.

— Se eu não fosse assim, vocês já estariam falidos — resmunga e um guarda vem abrir a cela.

— Conseguiu falar com ela? — pergunto em voz baixa. Sou o primeiro a sair e o puxo para um canto enquanto os outros vão conversar com o advogado e assinar alguns papéis.

— Sim, conforme você pediu.

— Tudo bem, vou pra lá agora mesmo. Obrigado.

— Josh. — Ele segura meu braço. — Acho que isso não seria prudente, tem um monte de coisas que precisamos resolver o quanto antes.

— A única coisa que *eu* preciso resolver agora é buscar meu filho e a Lillith, e tirar alguns dias de folga na fazenda.

— Merda, quando vai me escutar? — reclama, exasperado.

— Continue tentando, meu amigo. — Bato a mão no ombro dele. — Quem sabe um dia, você não acaba conseguindo.

— Droga, lá vamos nós de novo.

Sorrio, porque sim, estou indo buscar meu filho e a “princesa no castelo”. E não existe repórter algum na face da terra que me impedirá. Nem irmã *cosplay* de madrasta má, também.

CAPÍTULO 21

LILLITH

*“There is a reason I'm still standing
I never knew if I'd be landing
And I will run fast, outlast
Everyone that said no”
All the king's Horses – Karmina*

Depois que recebi a ligação do Troy avisando sobre o que tinha acontecido com Josh, fui capaz de relaxar. O que é um tanto irônico, afinal, ele estava preso. Quem relaxa com uma situação dessas? Devo ter batido com a cabeça, só pode! É a única explicação sensata.

O que será que deve ter acontecido? Só não me apavorei mais ao telefone com Troy, porque ele me garantiu que Josh estava bem e logo falaria comigo. É claro que eu queria falar com ele, porém não pude deixar de me preocupar.

No entanto, a pequena parte insegura em mim – aquela que foi despertada mais cedo por causa da minha irmã – sabia o motivo de eu estar tão relaxada. Não levei um bolo. *Eu não levei um bolo!* Ele não me deixou plantada esperando. Um enorme sorriso se forma no meu rosto, e agora estou parecendo uma adolescente apaixonada.

Certo, com certeza, eu devo ter perdido o senso.

Já anoiteceu quando a campainha toca, o que é estranho porque a portaria não avisou. Será que a Jannet esqueceu as chaves?

Eu me aproximo da porta, mas não abro antes de perguntar quem é. Não sou idiota a ponto de abri-la, já que não enxergo através do olho mágico.

— Quem é? — pergunto com a mão na maçaneta.

— Lillith? Sou eu, o Josh.

— Josh! — Abro a porta e, sem pensar, eu me jogo na sua direção.

É, pode apostar que enlouqueci.

Josh ofega e me segura pela cintura, mas não diz nada. É claro que não diria, deve estar pensando que diabos estou fazendo. Sou atingida,

instantaneamente, por uma onda de vergonha e tento me afastar, só para ter meu corpo suspenso. Ele me envolve com os braços, me apertando forte tirando meus pés do chão. Estou quase sufocando. Quase.

Não sei quanto tempo ficamos assim, até que ele me coloca no chão e eu pergunto meio sem jeito:

— É... oi?

— Oi, Garota Bonita. — Josh segura meu rosto. — Senti sua falta também.

Eu engulo em seco e, consigo me conter para não o abraçar de novo. *Minha nossa, não sei o que está acontecendo comigo!*

— Está tudo bem? — Toco o seu rosto enquanto ele ainda está com a mão na minha bochecha. Tudo isso era para ser a coisa mais estranha, eu pular em cima de um cara que conheço há tão pouco tempo, porém nunca senti algo tão bom quanto o que estou sentindo agora. Parece que consigo finalmente relaxar.

— Inteiro. E com um monte de explicação para te dar, não é mesmo?

— Acho que passar o dia na cadeia já te exime de qualquer explicação. — Sorrio.

— É, aquilo foi um saco. — Ele fica em silêncio por alguns segundos antes de continuar. — Não desfez a mala — comenta, provavelmente porque a viu próxima a porta.

— Não tive tempo, na verdade.

— Mas que bonitinha. — Ele aperta minha bochecha como se eu fosse uma criança. — Que bom que não desfez, porque vim te buscar. — Josh se afasta, quebrando nosso contato.

Ele me guia até o sofá, eu me sento e ele faz o mesmo. Bem, acho que desaba ao meu lado, porque o sofá afunda com tudo.

— Veio? — Que pergunta idiota. Mas como eu disse antes, aquela pequena parte insegura...

— Claro, estou um pouco atrasado, mas nossa viagem continua de pé.

— A gente vai hoje?

— Na verdade, não. Iremos só amanhã, mas vim te buscar. Passaremos a noite na casa do Gael.

— Vou passar a noite com você? — Meu Deus, isso saiu errado. Totalmente errado — Quero dizer, posso ficar aqui e nos encontramos amanhã.

— E correr o risco de voltar a ser preso? Nem pensar.

— Não está planejando ser preso de novo, está?

— Nunca se sabe, acontece que Troy e eu achamos melhor te levar para lá. As coisas podem ficar um pouco caóticas por aqui. Caramba, nem acredito que ainda não começou.

— Do que está falando?

— Da chuva de repórteres que vai fazer plantão na sua porta, em breve.

Merda! Troy não me explicou direito a dimensão de tudo, só pediu que ficasse longe das redes sociais.

— Está tão ruim assim? — pergunto, preocupada.

— Digamos que você é a mais nova obsessão *dos paparazzi*.

— Droga — resmungo. Jannet já queria me matar, agora vai querer me esfolar antes.

— Você pegou tudo que precisa? — pergunta Josh.

— Sim, está tudo naquela mala.

— Uma garota viajando só com uma mala, gostei de você. Gostei muito.

— Ele bate na minha perna e levanta. — Vem, hora de irmos.

— Preciso avisar a minha irmã. — Saio do sofá e vou até a cozinha, pego o bloco de papel e a caneta que ficam pregados na geladeira.

— O que vai fazer? — Josh se aproxima.

— Vou deixar um bilhete — respondo e começo a escrever. Pois é, mesmo cega eu consigo escrever alguns bilhetes.

— Por que não liga? — pergunta, confuso.

— Não estou no clima para ouvir um sermão. — Termino de escrever o bilhete.

— Uau, isso é muito foda. — Ele pega o bilhete da minha mão.

— Pare de achar que tudo que eu faço é foda, Josh. É esforço, concentração.

— Não, é força de vontade, e você tem isso de monte. — Gosto das suas palavras. — Posso escrever um também?

— Nem pense nisso.

— Por quê? Só ia deixar um bilhete para *cosplay* de madrastra má. — Começo a rir.

— Você chamou a Jannet de madrastra má?

— Não, eu a chamei de *cosplay* de madrastra má. É diferente.

— É por isso, que não vai escrever bilhete nenhum. — Estendo a mão para que ele me devolva o papel.

— Estraga-prazeres — reclama e me devolve o bilhete.

Com a ajuda de um imã, deixo o bilhete grudado na geladeira. Josh pega minha mala e bolsa de mão e saímos do apartamento, seguindo direto para a casa do Gael.

Só quando chegamos, é que a realidade de tudo o que está acontecendo começa a me atingir. Primeiro, nossa entrada no prédio foi planejada, segundo Josh, havia alguns seguranças fazendo um cordão de isolamento para facilitar a entrada do carro na garagem.

Outros estão espalhados por lá, e nos acompanham quando saímos do carro. Sinto como se estivesse em um daqueles filmes hollywoodianos.

— Estou me sentindo a Whitney Huston — sussurro para Josh quando estamos dentro do elevador.

— Como? — pergunta ele, claramente sem saber do que estou falando. Homens.

— Daquele filme... “O Guarda-Costas”.

— Só pra você saber, não tem nenhum Kevin Costner aqui. — Interessante, não é que ele entende um pouco disso?

— Droga, lá se vai minha fantasia — comento e sinto ele se aproximar.

— Se você quiser, posso te ensinar *outras* fantasias que vão deixar Kevin Costner parecendo um macarrão instantâneo de tão sem graça — diz baixinho, tão perto do meu ouvido que sinto todo meu corpo arrepiar. E não passou despercebido como ele enfatizou a palavra “outras”.

O barulho do elevador parando, chama minha atenção e agradeço mentalmente pela interrupção, porque as reações do meu corpo estão começando a ficar – embaraçosamente – fora de controle.

Mas uma coisa é certa, sempre que eu me lembrar do maldito filme, não será no Kevin Costner que estarei pensando.



Quando as pessoas falam que sua vida pode mudar em uma fração de segundo, acredite. Sou prova disso, e as reviravoltas não param por aí.

Agora por exemplo, estou na sala de um apartamento que nem nos meus sonhos adolescentes – e mais loucos – imaginei estar. Sentada, e cercada de cuidados.

Ainda estava tentando absorver tudo o que tinha acontecido nas últimas

vinte e quatro horas. O pequeno show improvisado com Gael e Micah no The Rock foi um dos melhores momentos da minha vida. Porém, a pequena bolha de felicidade em que me encontrava, foi estourada por causa da discussão com Jannet.

Nunca tivemos uma discussão tão intensa, e não imagino como ela vai reagir quando ler meu bilhete.

— Tudo bem com você? — Hanna se aproxima.

— Sim, está tudo bem.

— Trouxe chá. — O aroma dele me acalma. Hanna coloca xícara na minha mão e provo um pouco. Assim que o líquido quente chega no estômago, percebo que não comi nada o dia todo.

Quando Josh não apareceu na hora combinada, Jannet parece ter ficado satisfeita, acreditando que ele tinha me dado um bolo, e eu também achei, confesso. Ansiosa pela viagem, acabei nem comendo nada e, conforme as horas passaram, isso acabou caindo no esquecimento de vez. Não parar de sentir que havia algo de errado com Josh, e no final ter certeza disso.

— Obrigada — agradeço a Hanna e noto que ela senta ao meu lado.

Todos parecem exaustos e o clima é bem tenso. Acredito que estão todos aqui, inclusive alguns advogados, que estão conversando com Micah em algum lugar do apartamento. Me assusto quando ouço Gael se exaltar com alguém.

— Não se preocupe, só estão nervosos — diz Hanna na tentativa de me acalmar.

— Tudo isso por causa das fotos? — Não entendo. — Esse tipo de fofoca não é comum? — Não conseguia entender o motivo de tanta tensão, não é a primeira vez que notícias falsas circulam, e com certeza, não é a primeira vez que acontece com eles.

— O problema não são as notícias, Lillith, mas o que foi envolvido agora. Você sabe o que aconteceu com o Josh?

— Da internação? — pergunto. Sabia alguma coisa, porém muito vagamente.

— Sim, Josh está tentando seguir em frente. Ele tem aguentado bem desde que saiu, estamos preocupados em como ele vai lidar com tudo isso.

— Ele parece bem. — Conto o que senti quando ele foi me buscar, que seu humor só mudou quando chegamos aqui e tivemos que passar por uma horda de repórteres.

— Parece mesmo, né? — Hanna suspira, em seguida segura minha mão.

— E eu gostaria de te agradecer por isso.

— Me agradecer? Mas eu não fiz nada, a não ser que dar trabalho a vocês, conte para alguma coisa. — Hanna ri um pouco.

— Você não fez nada, e no entanto, está fazendo muito ao mesmo tempo, Lillith. Sabe onde ele está agora?

— Disse que precisava resolver algo, e que não demoraria.

— Ele deve ter saído para buscar AJ, parece que a viagem ainda está de pé.

— O quê? — Não estava entendendo mais nada. — Ele saiu? Mas não é perigoso?

— Você está preocupada com a segurança dele?

— Claro, estamos todos trancafiados aqui, Micah até disse para ficarmos longe da janela. E daí, ele resolve sair? — Que situação mais confusa.

— Josh sabe se virar, acredite em mim. Mas pode ficar tranquila, ele saiu com alguns seguranças. — Ela pausa antes de continuar. — Você realmente se preocupa com ele, né? — Ela deve ter notado minha expressão.

— Sim, por que não me preocuparia? — Nossa, as pessoas aqui estão mais esquisitas do que o normal.

— Você tem razão, porque não se preocuparia, não é? — Ela dá tapinhas em minha perna. — Como eu disse, Lillith, obrigada por tudo que tem feito.

Hanna sai e fico pensando em tudo que ela disse, só que os gritos do Gael chamam minha atenção de novo e eu me encolho. Caramba, fico cada vez mais nervosa nesse lugar estranho, não ousa me mexer. Há muitas vozes diferentes, gritando, xingando. Depois da noite e manhã infernais, só tenho vontade de colocar a mão no ouvido e dormir um pouco.

Não faço ideia de quanto tempo se passa, só que já tomei duas xícaras de chá, comi alguns pedaços de bolo, e mesmo assim, meu estômago está roncando com o cheiro maravilho vindo da cozinha. Os gritos cessaram, e acho que todo mundo foi embora, todos menos Micah, Callie e eu. Continuo sentada no mesmo lugar do sofá, e duvido que consigam me tirar daqui. Minhas pernas estão formigando de câimbras.

Sobressalto com um barulho na porta, e minha curiosidade logo termina, pois escuto quando Hanna chama pelo AJ.

Josh chegou.

Acho que já posso levantar agora, ou pelo menos, tentar.

— Sarah, pode pedir para alguém levar essas coisas para o meu quarto? — Ouço ele falar. Sarah responde e ele agradece, não demora muito e sinto sua

presença perto de mim.

Suas mãos tocam meus joelhos, e sei que está ajoelhado na minha frente.

— Como você está? — pergunta, preocupado.

— Cansada — confesso. — E você? Deu tudo certo?

— Melhor agora, AJ está aqui.

— Como foi lá fora?

— Nenhum arranhão, e não fui preso — brinca. — Quero que você conheça uma pessoa.

— Quem? — Tento relaxar.

— Meu filho. — Eu sorrio. Josh me ajuda a levantar e eu quase solto um gemido, as câimbras estão me matando.

Ele caminha comigo até a cozinha, e mesmo com o braço entrelaçado ao meu, uso a bengala para me orientar melhor. Ouço Hanna conversando e brincando com AJ, impossível não rir com os barulhos que os dois fazem.

— Vai com o papai — diz ela. Josh afasta o braço do meu, e pelos barulhos, acredito que pegou o filho no colo.

— Ei, garoto, quer conhecer uma garota bonita? — Sorrio, não é a primeira vez que ele me chama assim. — Garota Bonita, esse é o AJ.

— Oi, AJ. — Estendo a mão e Josh coloca a mão do AJ na minha.

— AJ, essa é a Lillith, mas pode chamá-la de Garota Bonita. Talvez ela esteja mais para *garota linda*.

Fico um pouco surpresa com suas palavras, mas não demora para AJ balbuciar algo que nos faz rir.

— Se quiser pode tocar no rosto dele — avisa Josh. Fiz isso com ele noite passada, e foi tão intenso. Fico grata por ele ter se lembrado disso.

Perdi a visão há cinco anos, mais ou menos, porém não tinha o hábito de fazer esse tipo de coisa com muitas pessoas. Para ser sincera, isso só ocorreu na fase de adaptação, meu psicólogo indicou como uma forma de aceitação e para eu entendesse que não dependia somente da visão, haviam outros sentidos, igualmente importantes, e que a minha vida não precisava ser menos interessante por causa dessa nova condição.

— Obrigada — respondo e Josh pega a minha mão, ele a leva até o rosto do filho e começo a tocá-lo com cuidado para não o assustar. Ele tem as bochechas proeminentes, deve ser o tipo de bebê que dá vontade de apertar.

— Então, o que achou? — pergunta Josh quando me afasto um pouco.

— Seu filho é lindo, bochechas mordíveis. — Sou sincera. — Mas o nariz não parece com o seu — comento, rindo.

— Como assim? Esse garoto é a minha cara — brinca Josh. — Diz pra ela, AJ.

— Papa! — grita, e Josh começa a gargalhar.

— Preciso ensinar a esse garoto a falar outras coisas.

— Tenho medo dessas aulas. — A voz da Hanna me assusta, não sabia que ela tinha ficado aqui.

— Ei, sou um excelente exemplo.

— Ah, com certeza. Um exemplo que anda seminu pela casa e fala tanto palavrão que chega a ser impressionante. Ainda me pergunto como é que Gabe descobriu alguns bem cabeludos, e que nem eu tinha ouvido antes.

— Gabe sabe palavrões que nem mesmo *eu* sei pronunciar, Hanna. — Ela geme.

— Desconfiei. Com licença, pessoal, preciso ter uma conversinha com meu marido.

— Você pode levar o AJ lá em cima? A babá vai cuidar dele.

— Tudo bem.

— Então, Garota Bonita, está com fome? — pergunta Josh assim que Hanna sai.

— Morrendo. — Não minto, e ele cai na risada.

— Imaginei. Vem, vamos nos sentar. Tem uma refeição esperando por nós.

— Obrigada. — Josh me ajuda a sentar, e quando eu penso que ele vai se afastar, sua voz sussurra no meu ouvido.

— Você tinha razão, AJ não tem o nariz igual ao meu. Na verdade, fisicamente ele não se parece nada comigo.

— Sério?

— Sim, ele puxou ao pai dele, o Braden.

— Hum. — Fico sem saber o que dizer. Ele toca meu rosto, virando-o de lado.

— Não precisa ficar assim. Sabe, demorei para entender o presente que eu recebi, Lillith, e hoje valorizo isso mais do que a minha própria vida.

— Fico feliz por você.

— Sei disso, e obrigado.

— Vai me contar?

— Sobre?

— Sobre você e o Braden. — Seu polegar que acariciava meu queixo desaparece, Josh fica em silêncio por um momento.

- Tem certeza de que quer saber?
- Só se você quiser me contar.
- Então, acho que temos um acordo.

Josh vai para o seu lugar e comemos nosso jantar perfeito, em silêncio. Confesso que não é difícil, já que ambos estamos famintos. A comida recebe nossa total atenção.

Quando terminamos de jantar, Josh me leva por um lance de escadas depois por um corredor. Fico pensando se ele vai pegar alguma coisa, mas assim que abre a porta de um quarto, e a boca para explicar onde fica o quê ali dentro, eu começo a argumentar.

— Você quer que eu durma aqui? — O espanto é evidente na minha voz, e merda, deve estar estampado no meu rosto.

— O que tem demais? Tem um banheiro enorme só pra você, suas coisas estão aqui e vamos viajar amanhã cedo.

— Não posso dormir aqui, Josh. É o seu quarto.

— Você só não dorme, se não quiser.

— Não era nem para eu estar aqui, Jannet já deve ter surtado a essa altura.

— Já resolvi isso.

— Você o quê? — Sou pega de surpresa.

— Falei com ela, Lillith. Antes de pegar o AJ, passei na sua casa.

— Por que não me contou? O que ela disse? O que *você* disse? — Jesus Cristo, ele só pode estar de brincadeira. Josh segura a minha mão e me leva até na cama, e nós sentamos.

— Ela não disse nada diferente do que eu já sei, Lillith. — Ele aperta a minha mão e meu coração acelera. — Jannet só está preocupada com você, e eu garanti que ficaria tudo bem.

— Você não a matou e escondeu o corpo em uma cova profunda, né? — pergunto, tentando aliviar a tensão. A *minha* tensão, quer dizer.

— Não! Que horror, Lillith. Está pensando que sou um assassino de *cosplays*, agora? — Josh solta uma gargalhada.

— Sei lá. — Dou de ombros. — Você disse “já resolvi isso”, e meu caro — estendo o braço para jogá-lo sobre o ombro dele —, minha irmã só vai parar de surtar quando estiver morta.

— Está sugerindo mesmo que cometi um assassinato, mocinha? — É a minha vez de rir.

— Claro que não, seu bobo. Só estava brincando.

— Você é uma amiga muito estranha.

— Uma “não amiga”, você quer dizer. — Ele levanta e segura meu braço, puxando-me com ele, o que faz meu corpo colidir ao seu.

— Eu quero dizer muitas coisas, Lillith. Mas no momento, direi apenas que vá descansar.

Fico sem fôlego quando ele me solta. Josh entrega a minha bengala, e anda comigo pelo quarto para mostrar o lugar. Ele diz onde fica cada móvel, inclusive é paciente quando estou explorando o banheiro.

— Onde você vai dormir? — pergunto. Estou sentada na cama de novo e ele, ao meu lado.

— Micah e Callie foram embora, vou ficar no quarto deles.

— Eles têm um quarto aqui, também?

— Sim, todos temos. Esse... Esse quarto era meu e do Braden — conta Josh, melancólico.

— Posso dormir no outro quarto, você não precisa sair do seu.

— Não, pode ficar aqui. Não tem problema, além do mais, a cama é enorme. Aposto que você vai gostar.

— Obrigada — agradeço, mesmo me sentindo estranha. É como se eu estivesse invadindo um espaço. O espaço deles.

— Quer tomar banho? — Ele muda rapidamente de assunto.

— Acho que sim — respondo e ele ri.

— Pode ir. Ficarei esperando aqui até você sair do banho.

— Virou minha babá?

— Quem sabe um tarado que vai ficar pensando na garota tomando banho. — Seu tom é sério e intenso.

— Josh... — Não sei o que dizer.

— Vai logo para o banho, Garota Bonita. — Ele praticamente me enxota para o banheiro, rindo. Com certeza por causa da minha expressão de espanto devido a sua escolha de palavras.

Surpresa pelo que ele disse, e perplexa porque uma parte em mim queria que fosse verdade. Suspiro quando fecho a porta, a ideia de um banho frio nunca pareceu tão tentador.

CAPÍTULO 22

JOSH

*“You've been scared of love and what it did to you
You don't have to run, I know what you've been through
Just a simple touch and it can set you free
We don't have to rush when you're alone with me”
I Feel It Coming – Ali Brustofski*

Meus amigos ficaram felizes com a minha decisão de ir até a fazenda, eles sabem que é um passo importante para que consiga seguir em frente. E, também não se surpreenderam com a presença da Lillith nessa pequena viagem.

Ela ainda não sabe precisamente onde estamos indo, e agora pareço um garoto assustado com medo da sua reação. Para falar a verdade, estou com medo da reação de todos assim que chegarmos na fazenda.

Tentei convencer Troy a vir com a gente, pelo menos Mac não concentraria seu foco todo em mim. Tenho quase certeza de que o redirecionaria ao meu amigo, bem como a raiva. Ele recusou, tropeçando nas palavras ao tentar justificar o porquê de não poder vir junto. O que só aguçou minha curiosidade, ainda mais. Nenhum cara fica tão nervoso por causa de uma mulher se não teve – ou tem – alguma história com ela.

E por falar em mulher.

— O ar daqui parece diferente — comenta Lillith. Depois que pousamos, um carro com motorista estava esperando por nós, pegamos estrada e já estamos quase chegando ao nosso destino.

— É, esse lugar é espetacular. — Gostaria de dizer como é lindo; as árvores, o som do vento, o contato com a natureza. Esse lugar era como um refúgio para o Braden, algumas vezes, era o refúgio de todos nós.

Mas as palavras ficam presas na garganta quando olho para sua mão e a vejo segurar a bengala. Porra, se existe alguém que merecia ver tudo isso, esse alguém é ela.

— A fazenda é sua? — pergunta, e tenho minha oportunidade de contar a verdade.

— É da minha família.

— Oh! Seus pais estarão lá? — Percebo que ela fica assustada.

— Caramba! — Passo as mãos no rosto. — Não, não estarão, graças a Deus. — Respiro fundo antes de continuar. — A fazenda é dos Sanders, dos pais do Braden.

Sua boca abre como se fosse falar alguma coisa e fecha novamente. Abre, fecha... Ela repete esse mesmo movimento algumas vezes.

— Não precisa se preocupar, eles são as melhores pessoas que você poderia conhecer.

— Josh, não quero atrapalhar, eles não me conhecem, eu...

— Está tudo bem, não se preocupe. — Pego as mãos dela para acalmá-la.

— Estarei com você o tempo todo, e eu *quero* que esteja comigo, tá bom? — Faço questão de frisar o mais importante; a minha vontade de tê-la ao meu lado.

— Por quê? Por que me quer aqui com você?

— Desde quando o Braden se foi, estive em uma espécie de limbo, não sei explicar direito, mas parece que nada fazia sentido. Tudo era pesado demais... Asfixiante, sabe? Até as coisas mais simples como comer, e rir pareciam difíceis.

— Acho que te entendo um pouco.

— Então, a gente se conheceu e comecei a perceber muitas coisas, Lillith.

— Que coisas?

— Que gosto da sua presença. Por exemplo, você, sem nem tentar, me faz rir.

— Eu também gosto de você, Josh. — Ela limpa a garganta. — Quero dizer, de estar com você. — Meu Deus, ela fica uma graça toda tímida.

— Você é o tipo de garota que tinha tudo para ser depressiva e autodestrutiva. No entanto, só enxerga o lado positivo até mesmo das situações mais ferradas. — Ela dá risada.

— Só escolhi ser feliz, Josh. Independentemente do que acontecer, apenas quero ser feliz.

— Acho que eu também quero a felicidade.

Minhas palavras ficam no ar quando o carro para. AJ, que estava dormindo, acorda quando o motorista abre a porta. Assim que seus sonolentos olhos castanhos encontram os meus, ele abre os braços, pedindo

meu colo.

Olho para frente, para a imensa escadaria da fazenda. Com meu filho nos braços, eu seguro a mão da Lillith e me preparo para mais esse passo.

— Pronta para conhecer minha família, minha não amiga?

— Não, mas você me disse que não era um bom amigo, então acho que vai me levar do mesmo jeito. — Ela entrelaça nossos dedos.

— Pode apostar que sim.

Sorrindo, nós subimos. A cada degrau, meu coração acelera, essa porcaria parece não ter fim, ou é o nervosismo falando mais alto. Só sei que congelo no lugar assim que vejo a porta abrir, e uma senhora de cachos grisalhos e bengala na mão aparece.

— Já estava na hora de dar as caras, seu neto ingrato. — Mesmo parado no meio da escada, o sorriso que se forma no meu rosto é impossível de ser contido. Fico a observando descer os degraus, bem devagar, porém não me atrevo a ir ajudá-la. Minha cabeça recebeu uma bengalada da última vez que fiz isso.

— Onde você se meteu esse tempo todo? — esbraveja ela.

— Também senti saudades, vovó! — digo quando ela se aproxima, e olhos vermelhos e cheios de lágrimas me encaram de volta. Sorrindo, ela me abraça apertado, AJ resmunga um pouco, mas ela nem liga.

— Seu filho da mãe. Como você está bonito — ela me elogia, analisando-me.

— A senhora também não está nada mal. — E agito as sobrancelhas sugestivamente, brincando. Coisa que me arrependo na mesma hora.

Pam!

Ela acerta a bengala na minha cabeça.

— Olha os modos.

Pam!

Mais uma bengalada.

— Por que duas vezes?

— Uma pelo tempo que passou longe, e a outra por não me apresentar sua amiga bonita. — Ela sorri e olha para Lillith, ela está um pouco atônita, sem entender nada.

Scarlet, a babá do AJ se aproxima e o pega do meu braço, então seguro a mão da Lillith, puxando-a ao meu lado.

— Lillith, eu quero que conheça Aurora Sanders, avó do Braden. — Lillith sorri e estende a mão.

— É um prazer conhecê-la. — Vovó demora um segundo para compreender, ela olha na bengala da Lillith e depois para o seu rosto.

— O prazer é meu querida, seja bem-vinda. — Vovó dispensa o aperto de mão e a abraça. Lillith demora um pouco para relaxar, mas logo retribui o abraço.

— E o que esse imbecil aí esqueceu de dizer, é que sou avó dele, também. — Ela me lança um olhar furioso. — Vem, vamos subir, meu sexto sentido me avisou que hoje seria um dia especial e temos café e bolo esperando por nós.

Ela sobe com Lillith, mas não sem antes me dar um olhar carinhoso de aprovação.

Balanço a cabeça e sorrio. *Como pude ficar tanto tempo longe deles?* Quando entramos, a familiaridade do lugar me deixa saudoso. Há tantas fotos espalhadas pela casa. Inclusive dos caras, minha e do Braden. Sei que não posso fraquejar agora, ou voltar atrás, não com toda a família Sanders me encarando.

— Meu Deus! Josh! — Mackenzie é a primeira a vir me abraçar.

— Oi, Mac! — Passo as mãos em seus cabelos longos. Ela é mais velha que o Braden, mas parecem gêmeos; tem os mesmos traços, cor de olhos e cabelos.

— Estava com tanta saudade de você. — Ela me aperta, fungando um pouco.

Mesmo depois que ela se casou e mudou para a Austrália, nós sempre mantivemos contato, por telefone, e até pessoalmente. Braden nunca deixou de estar presente na vida da família dele, diferente de mim, que me afastei no primeiro problema que surgiu.

— Desculpa, Mac. — Lágrimas começam a cair dos meus olhos. — Me desculpa por tudo. — Eu a abraço forte, tentando conter todas as emoções que estão teimando em sair.

— Você não precisa se desculpar, meu irmão. Está aqui agora, é o que importa. — Todo esse carinho me deixa sem chão, porém ainda não se compara com o que sinto quando olho para os pais do Braden. O casal que me acolheu, antes mesmo de saber do meu relacionamento com o filho deles. E, ainda assim, quando Braden contou que estávamos juntos, nunca me olharam diferente, continuaram me tratando do mesmo jeito. Como pais olham para o filho. Com amor incondicional.

Melanie toma o lugar da Mac e me abraça, acho que nunca me senti tão

seguro e protegido quanto nos braços dela, os braços de uma mãe. Eu não a via desde o velório.

— Bem-vindo de volta, meu filho. — Ela limpa as minhas lágrimas. Olho em volta e percebo que a Lillith ainda está ao lado da vovó, que está sorrindo para mim.

— Espero que esteja pronto para me ajudar na fazenda. — O senhor Sanders se aproxima. — Sentimos sua falta. — Ele me abraça e bate nas minhas costas, um pouco mais forte do que o necessário. — Se sumir de novo, mando a vovó atrás de você — avisa, e eu estremeço. Sei que está falando a verdade, e você não quer Aurora Sanders no seu pé. Ninguém quer.

— Não vou sumir — prometo.

— Ah, mas não vai mesmo — grita vovó. — Vem, menina, vou acomodar vocês. Depois iremos comer aquele bolo que falei e prostrar um pouco. — Ela vira para mim. — Josh? Traga as malas.

— Tá bom.

— Mel, ensine bons modos a esse garoto, ele nem apresentou a Lillith — reclama vovó.

— Desculpa — digo para Mel, sentindo-me um pouco sem graça. Mac está encarando a Lillith com curiosidade, e eu tenho vontade de dar um tapa em sua cabeça.

— Então, quem é ela? — pergunta Mac assim que vovó some de vista levando Lillith a reboque junto com Scarlet e AJ. Mel ainda está segurando a minha mão, aguardando uma resposta. Nossa, não sei quem é a mais curiosa, a mãe ou a filha.

— Ela é uma amiga, espero que não se importem.

— Pode trazer quem você quiser, Josh. A casa é sua.

— Ela é... — Mac começa a dizer, mas eu a interrompo.

— Cega? Mac, você não é nada sutil, sabia?! Tenho certeza de que Lillith te notou olhando para ela, mesmo não enxergando.

— Desculpa, eu fui grosseira. Só que a culpa é sua, né? Quem mandou chegar sem avisar.

— E precisa ser grosseira?

— Crianças! — repreende Mel.

Porra, como é bom estar aqui.

— Onde estão seus diabinhos?

— Com o pai — responde.

— “Crocodilo Dundee” está na área? — É como eu chamo o ex marido

dela. Sendo um australiano, o apelido se encaixou perfeitamente, mas desconfio que ele nunca curtiu isso.

— Quando você vai crescer e parar de apelidar as pessoas, Josh? — critica Mac, mas seu sorriso não condiz com as palavras.

— E acabar com meu charme? Esquece.

— Preciso verificar o almoço. — Mel me abraça novamente. — Você não tem noção de como estou feliz. — Ela olha profundamente em meus olhos.

— Todos nós estamos — complementa Senhor Sanders, então os dois vão para a cozinha.

O caroço que senti na garganta por não saber se seria bem-vindo desaparece. Sem gosto amargo, sem incertezas, agora só existe alegria.

— Agora, irmãozinho, desembucha! — Mac cruza os braços. Falando desse jeito, ela lembra a filha de cinco anos.

Vamos até a sala, sento na poltrona e Mac ocupa o sofá, ela cruza as pernas e espera. Coço a cabeça, e bem... por onde devo começar?

— Eu estava ruim, Mac. Muito ruim.

— Não pensa que vai me enrolar, Josh. Ninguém aqui precisa de suas explicações.

— Você não quer saber por que eu sumi?

— Claro que não, nós sabemos o motivo. Mag trouxe AJ aqui algumas vezes, mamãe e papai também foram a Nova Iorque. Entendemos tudo pelo que passou, mamãe ficou doente quando soube da internação, mas Gael a mantinha atualizada de tudo.

— Não quis causar nada disso. — Sou sincero.

— Eu sei, todos sabemos. Mas, o que eu não sei é quem é *ela* e porque ela está com você em praticamente todas as revistas de fofoca.

Droga! Ela está falando da Lillith.

— Sério, Mac? Tanta coisa para perguntar e você quer saber das fofocas?

— Desde que a minha vida romântica é inexistente, sim, eu preciso saber das fofocas. De todas, inclusive dos detalhes sórdidos.

— Cadê a minha irmã sensata?

— Está de férias. — Ela inclina o corpo para cochichar algo, e eu curvo a cabeça para ouvir. — Junto com a vagina dela.

— PUTA QUE PARIU, MACKENZIE! Eu não precisava saber disso. — Bato nos meus ouvidos, e ela explode com uma gargalhada.

— A cara que você fez, Josh, valeu muito a pena. — Ela levanta e vem até a poltrona. — Não ouse sumir outra vez, ou contarei a você todas as histórias

que a minha vagina tem guardada — ameaça.

— É por isso que aquele jumento não quis vir comigo. — Levanto. — Você continua uma pentelha.

— Jumento? Que jumento?

— T-R-O-Y. Troy — soletro o nome dele tão devagar quanto possível, ela dá um passo para trás, e vejo seu rosto empalidecer. *Touché, Mac.*

Sorrio e saio da sala, subo as escadas correndo em direção aos quartos, rezando para que a vovó não esteja bombardeando a Lillith de perguntas.

Paro na porta quando ouço as risadas. Um sorriso involuntário se forma no meu rosto quando abro e vejo as duas conversando. Lillith parece animada, e a vovó está com *aquela* expressão no rosto... aquela que diz que a família acabou de ganhar um novo membro.

Oh, Deus, alguém precisa detê-la.

— Aí está você — diz vovó e, com certa dificuldade, se levanta. — AJ e a babá já estão acomodados no seu antigo quarto, pensei que você e a Lillith poderiam ficar com esse. O que acha? — Ela sorri feito o Gato de Botas. Velha esperta.

— Eu já disse que somos apenas amigos, Josh. Posso dormir no quarto com AJ, ou em outro lugar.

— E eu já respondi que não tem como, não temos outro lugar — resmunga vovó e eu a olho, perplexo. Essa casa tem mais quartos que um hotel.

— Mas aqui só tem uma cama. — Lillith tenta argumentar.

— Ah, minha querida, a cama é enorme. Nem irão se encostar, pode ficar tranquila. Bem, a não ser que faça frio. — Ela parece pensativa. — Oh, eu costumava dormir abraçada ao meu falecido marido, aqui mesmo nesse quarto. — E suspira alto.

— Certo, está na hora de ir, vovó.

— O que foi? Só ia dizer como as noites aqui são frias, *muito* frias. Todas as noites, você se lembra, né? — E dá uma piscadinha.

ELA. DÁ. UMA. PISCADINHA.

— Fiquem à vontade, crianças, vou ver meu bisneto.

Espantando, fico a olhando sair do quarto, Lillith está com cara de que perdida, também. Ela acabou de nos colocar no mesmo quarto que transava com falecido marido? Que maravilha.

— Ela não é do tipo que aceita um não como resposta — comenta Lillith.

— Jura? Quase não tinha notado. — Ela ri.

— Posso me ajeitar em qualquer lugar, Josh. Sério. Meu sono é pesado e durmo feito pedra, não importa onde.

— Ah, eu me lembro. Aquele sofá acabou com as minhas costas — brinco. Não me causou dor nenhuma, mas fiquei impressionado com a facilidade que ela apagou naquele lugar. Um sono pesado – diga-se de passagem.

— Nós já dormimos uma vez juntos e não vejo problema em repetir. Mas só se você estiver à vontade com isso, obviamente.

— Tudo bem, sua avó tem razão, a cama é grande. Temos muito espaço.

É, a vovó tem razão em tudo, na verdade. Principalmente com relação ao frio, a temperatura despenca durante a noite, e dormir abraçado é uma ideia tentadora demais.

Quando resolvemos o assunto “dormir juntos”, ajudo Lillith a se familiarizar com o quarto, exatamente como fiz na casa do Gael. É bem interessante a forma com que ela presta atenção em tudo, e me recordo de quando me contou sobre contar os passos mentalmente. Mais uma vez, isso é muito foda. Ela ri quando atrapalho sua contagem de propósito, ou quando a faço esbarrar no meu corpo só para ter a oportunidade de segurá-la.

Enquanto estamos rindo de uma dessas situações, uma das coisas que a irmã dela me disse, vem à cabeça.

— *Lillith não é um brinquedo, Josh. Não a use.*

Porém, agora olhando para o rosto dela corado por causa das risadas, eu sei – do fundo do meu coração – que jamais seria capaz de usá-la.

CAPÍTULO 23

LILLITH

*“Livin' life as if we had a choice
Anywhere, anytime
I would do anything for you
Anything for you
Yesterday got away”
Sing Me to Sleep – Angelika Vee*

Essa fazenda deveria ser a cura para todos os males, porque era assim que me sentia desde que coloquei os pés aqui. Não pensei na briga com a minha irmã, ou no caos que deixamos em Nova Iorque por causa das notícias. E Josh não mentiu quando disse que eles seriam as melhores pessoas que eu conheceria.

Ele estava certo. A família Sanders exalava boas vibrações, e presenciar Josh e Mackenzie discutindo igual a dois irmãos era revigorante.

Aurora, como exigiu que eu a chamasse, conseguiu constranger Josh mais vezes do que fui capaz de contar em uma única tarde. Ela foi responsável pela grande quantidade de informações no que diz respeito ao relacionamento entre Josh e Braden, ele não negou nada, pareceu até um pouco aliviado em conversar sobre o assunto.

Agora estávamos todos na sala, menos AJ que dormiu e foi levado para o quarto logo depois que terminamos de jantar.

Josh trouxe alguns cobertores, e a lareira estava acesa. Aurora começou a contar histórias do tempo em que o marido era vivo. Josh se acomoda ao meu lado, segura a minha mão e faz pequenos círculos entre os nós dos meus dedos. Não é a primeira vez que ele faz isso, parece um tanto íntimo e algo só nosso.

— Vocês deveriam cavalgar amanhã — sugere Mel. Eu me animo imediatamente, faz tempo que não chego perto de cavalos.

— Podemos? — pergunto ao Josh.

— Claro, vou te mostrar a fazenda.

— Nós ficamos com AJ. — Aurora se apressa. — Preciso apertar mais o meu bisneto. Acho que vou dormir. Mackenzie, Mel? Venham me ajudar.

— Posso ajudá-la. — Josh solta minha mão.

— Não se atreva a sair daí — grita Aurora e Josh para. — Aproveite a lareira, Lillith — diz ela com a voz gentil e todos se despedem de nós.

De repente, eu tenho a sensação de que queriam nos deixar sozinhos.

— Tudo bem irmos amanhã?

— Cavalgar? — pergunto, Josh voltou como estava e voltou a fazer círculos na minha mão.

— Sim, não precisa ir só porque a vovó sugeriu.

— Eu quero ir.

— Sabe cavalgar? — pergunta.

— Isso é regra?

— Tá brincando? Como aceitou passear de cavalo, se não sabe montar?

— Eu sei, bobo, só estou brincando com você. Apesar de que faz anos que não chego perto de um cavalo.

— Quantos anos, exatamente?

— Acho que não vai querer saber — brinco e ele ri.

Deito a cabeça no ombro dele, o clima está frio e estamos no sofá com o cobertor cobrindo nossas pernas, eu poderia dormir assim, facilmente.

Josh coloca música para tocar no celular, e uma melodia suave começa, fecho os olhos, e relaxo.

— Nós passávamos a maior parte da noite sentados aqui. — Josh começa a falar e eu permaneço em silêncio, porque sei que está falando do Braden. — Ele dizia que o dia em que a gente parasse de tocar, viríamos morar na fazenda.

— E o que você dizia?

— Que ele precisava melhorar o sinal de internet primeiro. — Sorrio. — Sabe do que mais sinto falta, Lillith?

— Do que?

— Da forma como ele segurava a minha mão. Parece tão idiota, mas ele sempre sabia o momento certo de fazer isso.

— Não é idiota, Josh. — Eu queria dizer que era justamente assim que me sentia quando ele fazia esses movimentos involuntários na minha mão.

— De tudo o que ele significou para mim, eu sinto falta da mão dele. É meio ridículo sim, você pode falar. — Ajeito a minha postura e levo a mão

até o rosto dele.

— Nada sobre o amor é idiota ou ridículo, nada do que o Braden fez e que você se sentiu bem, é idiota. — Ouço sua respiração ficar pesada, ele toca o meu braço, seus dedos percorrem a pele, alcançando a minha mão.

— Obrigado — Josh agradece. — Por tudo. — Sua voz está carregada de emoções, e a vontade que sinto de abraçá-lo agora é quase sufocante.

Antes que eu possa responder, uma música começa a tocar, e solto a primeira coisa que me vem à cabeça.

— Amo essa música — digo rápido demais, ele ri baixinho. Com certeza, quebrei o clima.

— Ela é legal — diz, soltando minha mão.

— Sim. É do tipo que dá vontade de sair dançando.

— Sério? — pergunta.

— Sim, você começa a se mexer e... — Ele se levanta e me leva junto. — Josh! O que está fazendo? — Começo a rir.

— Você disse que essa música dá vontade de dançar. Então, vamos dançar.

— Meu Deus! — Não consigo parar de rir. Josh começa a me conduzir ao som da música, mas quando sinto sua boca perto da orelha, eu gemo ao ouvir a sua voz.

Merda, estamos dançando, e ele está cantando “Por Pura Curiosidad” no meu ouvido.

*Por culpa de esa boca que estoy queriendo morder
Ya no duermo, ya no duermo
Por culpa de tus ojos y de tus curvas, mujer
Estoy enfermo de amor, no sé qué hacer
Ese vestido negro que te pones tú
Me tiene analizándote de norte a sur
Voy por la carretera, de tus caderas
Toda la noche entera*

Ele me gira, a voz dele no ouvido, o fogo crepitando na lareira. Estou tonta, com os sentidos todos em alerta máximo.

Suas mãos percorrem meu corpo e, durante a música, ele sussurra meu nome algumas vezes. Como se quisesse ter certeza de que sou eu em seus braços.

*(...) Yo que andaba aburrido
Y ahora contigo todo es divertido*

*Ya no pregunto qué día es hoy
Yo ya no miro ni el reloj*

A cada palavra da que sai de sua boca, minha pele formiga de desejo, Josh passava as mãos pela minha cintura, explorando a pele por baixo da blusa. Minhas mãos sobem por suas costas, seu corpo está quente, e por instinto, desço as unhas, arranhando sua pele.

*(...) Por pura curiosidad, cuando la luz se apagó
Yo me acerqué a darte un beso y a ti te gustó
Por pura curiosidad, así fue que nos pasó*

— O que estamos fazendo. — Minha voz falha, e tento voltar a razão, mas é difícil com nossos corpos colados, dançando em um ritmo só nosso.

— Não faço ideia. — Ele beija meu pescoço e esqueço o que estava pensando. — Você parece um instrumento sabia? — diz com a voz grossa, pressionando nossos quadris, e sinto sua ereção. — Eu... Caramba, Lillith, tenho vontade de tocar em você. De tocar cada centímetro seu.

— Você não está pensando direito. — Fecho os olhos absorvendo seu toque. Quem eu tentava enganar? Nem eu estava pensando direito.

— Acho que já faz muito tempo que a minha cabeça não fica tão clara, Lillith. — Ele beija minha orelha, mordendo a ponta.

Eu gemo.

— Me deixa te tocar, garota bonita — insiste, e eu não resisto mais. — Me deixa te beijar.

Seu tom de súplica me faz sucumbir, abrindo mão de qualquer razão. Nesse momento, eu esqueço onde estamos ou se isso é certo, e apenas me entrego. Entrego-me a um beijo como jamais fiz antes.

Josh acaricia meus lábios, provocando, até que eu abro a boca, dando total acesso. Meu Deus, sinto como se milhões de estrelas estivessem brilhando dentro da minha cabeça. É intenso, e nada gentil. Suas mãos seguram meu rosto como se fosse um porto seguro. Meu corpo não me obedece mais, porque estou entregue àquele momento de puro desejo.

— Você precisa me parar. Agora — implora ele, mas não quero escutar. Eu o quero tanto, não sei quais serão as consequências disso, só sei que preciso de mais. Mais beijos, mais toques, mais sussurros, mais... Josh. É como se eu tivesse acabado de despertar de um sono profundo e estivesse me sentindo viva pela primeira vez desde muito tempo.

— Não consigo. — Seguro seus cabelos com as mãos, e o gemido que sai de sua boca atravessa pelo meu corpo feito fogo.

Josh retribui, suas mãos apertam minha bunda e ele me ergue, envolvo as pernas na sua cintura. E logo estamos de volta no sofá, comigo deitada e ele por cima de mim. Beijando minha boca como se não houvesse amanhã.

A música continua tocando, mas já não a ouço, Josh pressiona sua ereção contra mim e meu quadril ganha vida, indo de encontro ao dele. O roçar entre as nossas roupas me deixa cada vez mais excitada.

Ele não para.

Não quero que ele pare.

Sua mão desliza pela minha barriga, e já não sinto mais frio. Muito pelo contrário, sinto uma necessidade ardente e visceral de senti-lo em mim, dentro de mim.

Deus, nunca desejei tanto poder enxergar. Gostaria de ver sua expressão agora.

— Você tem gosto de chocolate. — Sua língua explora o meu pescoço, saboreando a pele. Seus dedos cavam na minha cintura à medida que ele murmura palavras desconexas e cheias de desejos. — Amo o jeito que o seu corpo reage ao meu, adoro como a sua pele fica vermelha quando está excitada.

Ele ergue um pouco o corpo, e levanta minha blusa lentamente, sua mão alcança a borda do sutiã, deixando-me sem fôlego com a expectativa. Mas ele não toca em um dos lugares que mais quero ser tocada, meus seios estão pesados e sinto os mamilos endurecer. Ele continua seu ataque com a boca, plantando beijos por toda extensão do meu abdômen.

— Josh! — Eu me remexo.

— Eu sei do que você precisa, Garota Bonita. — Sua voz é baixa, terna. E, então, ele me beija intensamente.

O ar entre nós queima, por um momento essa intensidade me assusta.

Quando a música termina, ele interrompe o beijo, mas não se move. Estamos ambos ofegantes, meu coração bate em um ritmo frenético, exatamente como me senti na primeira vez que cantei no The Rock.

— Não posso fazer isso. — Ele se afasta — Eu...

— Por favor, não peça desculpas.

— Lillith...

— Josh, esse provavelmente foi o melhor beijo da minha vida. — Continuo deitada no sofá, sem mexer um músculo. — Não quero estragar esse momento com arrependimentos. — Sou sincera.

— Esse é o problema Lillith. — Percebo quando ele se levanta. — Não

estou arrependido.

Fico sem saber o que dizer.

— Vou te acompanhar até o quarto.

— Como? Você não vai dormir lá?

— Acho melhor não. — Suas palavras me ferem mais do que eu gostara de admitir.

— Mas... Aurora disse...

— Não leve tudo que ela diz a ferro e fogo, Lillith. Ficarei bem, acredite em mim.

Josh me ajuda a levantar e vai comigo até o quarto. Ele aguarda enquanto eu me troco no banheiro, e espera até que eu esteja deitada.

— Nos vemos amanhã.

— Boa noite, Josh.

— Boa noite, Garota Bonita. — Ele puxa o cobertor para me cobrir e beija meu rosto, suavemente. — Não posso fazer isso, não com você. Não assim. — Diz novamente, e me dá outro beijo no rosto. Alguns segundos depois, escuto a porta se fechar.

Vários pensamentos me atormentam nesse momento; a incerteza na voz dele, como se o nosso beijo tivesse sido seu maior erro. Mesmo deixando claro que não se arrependeu, a maneira como agiu e o tom de sua voz mostram o oposto.

Talvez ele quisesse esse beijo, só não queria que tivesse sido comigo.

Pego o celular na cômoda, e abro o aplicativo de música. Pronuncio o que quero escutar, e quando a música começa a tocar, coloco o celular ao meu lado. Fecho os olhos, e volto no tempo, no momento do nosso beijo. Ele disse que eu parecia um instrumento, bem, ele então era o maestro que regia o meu corpo.

(...) *Con este aguacero*
Que caiga la lluvia, estoy que me quemo
Con este aguacero
Deja que caiga la lluvia, mi cielo

CAPÍTULO 24

JOSH

*“Maybe it's time to heal,
Maybe it's time to try
Maybe it's time to deal
with all the pieces in my life”
Maybe It's Time – Sixx:A.M.*

Não sei se é possível congelar o tempo – pelo menos não na vida real –, mas o que eu estava sentindo agora, deveria ser comparado a isso. O tempo simplesmente parou quando a beijei.

Não havia passado.

Não havia futuro.

Éramos somente nós, entre beijos quentes e carícias. E agora, fechando a porta do quarto onde ela dormia, toco minha boca dolorida e isso me lembra que o beijo foi real. Porra! Tudo que aconteceu lá embaixo foi real.

Inclusive a vontade louca estar dentro dela. Enterrar-me tão profundamente até que fôssemos um só.

Merda! Bato o punho na parede, tentando conter o redemoinho de sentimentos que está vibrando na cabeça e pelo meu corpo.

Mas a única coisa que consigo pensar, é que não posso voltar naquele quarto.

Braden era como um sol na minha vida, iluminando meus dias, deixando-os mais leves, fáceis. E Lillith? Caramba, ela era como uma estrela solitária, brilhando no céu escuro que se tornou a minha existência desde que ele morreu.

Sem saber para onde ir, eu acabo batendo na porta do quarto da Mackenzie. Giro a maçaneta e ela está aberta. Entro devagar, o quarto está escuro e, se a conheço bem, vai querer me matar por acordá-la.

— Mac? — sussurro para não a assustar. — Mac? Tá acordada?

— Não — resmunga e vira de lado, me dando às costas.

— Chega pra lá. — Empurro e entro debaixo das cobertas com ela.

— Que saco, Josh! O que você quer? — reclama, meio sonolenta, mas não se mexe.

— Posso dormir aqui? — Não sei se é o que eu disse, ou se é o meu tom, mas ela vira tão rápido que quase bate o braço no meu rosto.

— Dormir aqui? Porquê? O que aconteceu? — Parece que aquele sono todo dela evaporou e foi substituído pela curiosidade.

— Nada. Só queria ficar aqui, tá bom?

— Tem milhões de quartos nessa casa, Josh! Por que você se enfiou na minha cama?

— Eu... — Não sei se consigo falar. O quarto está escuro, quase não vejo seu rosto, mas Mac não me deixa escapar, e acaricia meu rosto.

— O que aconteceu, irmãozinho? — Seu tom carinhoso me dá vontade de chorar, eu não mereço essa família. A família do Braden.

— Não quero ficar sozinho, Mac, não agora. Eu... estou tão fodido. — Chego mais perto e a abraço.

— Ei. — Ela retribuiu o abraço e afaga meus cabelos. — O que está acontecendo? Pensei que estivesse tudo bem, você até parecia feliz mais cedo.

— Eu fiz uma merda tão grande, Mac.

— Tenho certeza de que não fez, Josh.

— Em um segundo, nós estávamos falando dele, e depois... Porra, Mac, eu a beijei. — Ela não diz nada por alguns segundos, porém não se afasta, meus braços continuam a segurando e sua mão, no meu cabelo. Parece que passa uma eternidade até ela dizer alguma coisa.

— Está arrependido?

— E o que isso importa?

— Me escuta. — Ela se solta do meu abraço e vira para ligar a luminária ao lado da cama. A luz é fraca, mas consigo ver seu rosto. — Meu irmão te amava. — Sinto um nó se formar na garganta. — E você também o amava, Josh.

— Não como ele merecia — confesso.

— Você deu ao Braden o que tinha para dar naquele momento, e ele foi feliz assim. Agora precisa parar de se culpar por algo que só existe na sua cabeça. Mamãe, papai, vovó, todos nós vimos como vocês eram juntos, Josh.

— Ele merecia mais.

— Se merecia ou não, não seremos nós a dizer. Mas ele era feliz sim,

Josh. E quando AJ nasceu, meu irmão se sentiu completo. Braden me ligou tão entusiasmado quando soube que a Mag estava grávida. — Ela limpa os olhos com as costas da mão. — Você proporcionou isso a ele.

— Eu o amei, Mac.

— Eu sei disso, querido. — Ela toca meu rosto novamente. — Todos nós sabemos disso, e é por essa razão que te amamos tanto.

— O que fiz hoje foi errado, muito, muito errado. — Caralho, só de pensar no beijo, eu tenho vontade de voltar naquele quarto. — A lembrança do Braden, na casa de vocês... Porra, Mac, estou desonrando a memória dele. Não deveria tê-la trazido aqui.

— Vou perguntar de novo, Josh: você se arrependeu de ter beijado a Lillith?

Estava arrependido?

— Não, e é exatamente *isso* que está me matando.

— Meu irmão queria que você fosse feliz, Josh, e se beijar a Lillith, trouxe um pouco de felicidade para esse seu coração triste, tenho certeza de que o Braden aprova, onde quer que ele esteja agora.

— Você não acha que sou um filho da puta por ter vindo com ela aqui?

— Acho que você seria um filho da mãe se deixasse escapar a única pessoa que te trouxe um pouco de alegria depois de tanto tempo. Eu te vi sorrindo com ela, Josh. Observei a maneira como ela fica quando está com você. Apenas curta o momento, acredito que os dois merecem dar uma chance para o que quer que esteja acontecendo entre vocês.

— Eu a deixei no quarto e fugi como um covarde. Não sabia o que fazer, me deu vontade de beber, de me entupir de porcarias. Qualquer coisa para fazer aquilo desaparecer, esquecer daquele beijo. Esquecer que eu queria mais.

— Mas você veio para o meu quarto — afirma.

— Sim.

— Então, acho que o desejo de beijar a Lillith é mais forte do que o de usar drogas. — Ela sorri, eu também. — Estou orgulhosa de você.

— Obrigado. — Pego a sua mão e dou um beijo. — Obrigado por me ouvir, Mac.

— É para isso que servem os irmãos. — Ela apaga a luz e se aconchega nos meus braços. — Agora vamos dormir, acho que amanhã será ser um longo dia. — Boceja.

Passo alguns minutos pensando sobre tudo que ela disse. No fundo, eu sei

que Mac tem razão sobre Braden ter me amado, e por mais que doa admitir, ele teve o que eu estava preparado para dar. Mesmo que fosse pouco, era tudo que eu tinha na época.

— Mac?

— Hum.

— Se quiser conversar sobre o Troy, estou aqui para te ouvir.

— Não força a barra, Josh.

Ela encerra o assunto e eu sorrio. Mac dá uma cotovelada na minha costela, e eu gemo. Assunto encerrado, então.

Durmo abraçado com ela, vovó estava certa, aqui faz um frio do cacete a noite, e mesmo não gostando de dormir vestido, Mackenzie me mataria se me encontrasse pelado debaixo dos lençóis.

Acordo cedo, na verdade, *Mac* me acorda cedo. A expressão “acordou” com as galinhas é verdadeira. Ela realmente me fez acordar assim que o sol nasceu.

Era uma espécie de castigo. Eu a odiava nesse momento.

Decido usar óculos escuro para tentar proteger os olhos dessa claridade. Posso até estar longe do mundo do rock, mas como diz a lenda: somos como vampiros, esse lance de não acordar antes do meio dia é um pouco verdade. Estou próximo à cerca, olhando para os cavalos. O senhor Sanders está conversando com alguns trabalhadores e estou matando um pouco o tempo.

Quanta mentira, Josh.

Não é o tempo que estou matando. É o encontro com a Lillith que tentava evitar. Eu não apareci para o café da manhã, mas pedi para Mac emprestar algo apropriado para Lillith ir comigo andar a cavalo mais tarde.

Levei AJ para dar uma volta, assim Scarlet poderia fazer suas coisas. Ele adorava os pôneis, Braden comprou quatro quando AJ nasceu. O moleque tinha um fraco por esses bichos, chegamos a apostar uma vez sobre qual carreira ele escolheria. Veterinário ou músico.

Estou torcendo para que o Braden ganhe essa aposta, não sei se quero que ele siga o ramo da música.

Quando volto para o casarão, o almoço já tinha terminado. Sim, eu também não participei dele, peguei algo da cozinha e pedi para Scarlet avisar que fui dar uma volta pela fazenda.

— Josh! — grita vovó assim que piso no primeiro degrau da escada.

— Pensei que estivesse tirando um cochilo — comento e volto para a sala, ela está sentada em uma poltrona com rolos de lã aos seus pés e grandes

agulhas de tricô nas mãos. Parece bem fofa.

Inclino para beijar seu rosto, e quando estou levantando...

PAM.

— Porque fez isso? — Levo as mãos até a cabeça, ela me acertou com a bengala, outra vez.

— O que pensa que está fazendo. — Olho para ela assustado, sentindo todo sangue drenar do rosto. Será que ela me viu com a Lillith ontem?

— Vovó, eu... desculpa, eu não deveria ter feito aquilo.

— Não mesmo, você tem ideia de como aquela garota ficou?

— Não tive a intensão... Foi um beijo e aconteceu... — gaguejo e tropeço nas palavras, então eu olho para ela. A velha está sorrindo.

— Então, você a beijou. — Não é uma pergunta.

— Não foi por isso que me bateu? — pergunto, confuso.

— Claro que não. Foi por ter sumido a manhã inteira.

— Ah!

— Por que eu te bateria por ter beijado a garota? Eu, hein, você só pode ter batido a cabeça, garoto. E minha bengala não tem nada a ver com isso.

Putá merda! Eu simplesmente acabei de confessar que beijei a Lillith.

— E como foi? — pergunta, jogando os rolos de lã no chão.

— Como foi o quê?

— O beijo, Josh. Quer levar outra pancada? — Meu Deus, para onde foi a velinha fofa que tricota?

— Você não deveria estar contente com isso. — Sento no chão ao lado da poltrona.

— Não vejo o porquê de não estar.

— Posso enumerar os motivos e o primeiro se chama Braden.

— Vocês namoravam com a Mag, e até tiveram um filho. Por que eu ficaria com raiva de você por namorar aquela moça adorável?

— Não estamos namorando. — Fico chocado.

— Nossa, quanta lerdeza. — Ela me bate, dessa vez usando a mão. — Eu fiquei tão feliz quando chegou, mas confesso que fiquei ainda mais quando eu a vi ao seu lado. — Bem, isso me pega de surpresa, e ela não para. — Você já notou como ela é quando está com você?

— Vovó... não sei o que a senhora está insinuando.

— Josh, levante antes que eu te dê outra bengalada, e dessa vez, vou bater para criar um galo nessa sua cabeça dura. Ela é a cega, mas quem não ENXERGA um palmo na frente do nariz é você!

— O que foi que eu fiz agora? — Ela se levanta da poltrona.

— Quando você deixar de ser um jumento, e abrir esse seu cérebro do tamanho de um amendoim, verá como ela te *enxerga*, mais do que você imagina.

Jumento? Espera... Ela acabou de me chamar de jumento? E eu, que enchi o saco do Troy, acabei igual a ele.

Fico paralisado, sem saber o que dizer.

— Vó! — Vou atrás dela, a velha de repente começou a andar rápido. — O que disse é verdade? — Ela bufa.

— Não tenho mais idade para mentir, garoto, mas se precisa ouvir isso com todas as letras para ir logo lá em cima e encarar tudo de bom que a vida está te dando, então — ela se aproxima e segura minhas mãos, sua pele enrugada e as mãos trêmulas tiram um sorriso torto do meu rosto —, estou muito feliz por você ter vindo com ela. A vida está te dando uma nova oportunidade para amar e ser amado, não a desperdice. Meu neto não ia querer isso para você.

Depois dessas palavras, ela se afasta, e eu corro pelas escadas tão rápido que quase tropeço. Tenho que falar com a Lillith, pedir desculpas por ter sido um babaca — e o principal — preciso dizer a ela que eu quero beijá-la, de novo.

CAPÍTULO 25

LILLITH

*“Here and now, I'll make a promise
Once I have you
I won't let you go
Baby believe this”
I Won't Let You Go – Adam Tyler*

Passei boa parte da manhã com Mackenzie, ela me explicou um pouco sobre a fazenda, contou histórias do irmão e de quando eram adolescentes, cheguei até a ficar com coração apertado por causa da Jannet, minha irmã havia me ligado mais cedo para saber como eu estava.

E, nada do Josh.

Foi como se ele tivesse evaporado. Nem no almoço, apareceu. O que só fez eu me sentir pior. Afinal, ele veio passar um tempo com essas pessoas, sua família.

Mackenzie veio no quarto mais cedo e deixou uma roupa para que eu usasse, caso Josh aparecesse para cumprir o prometido, e me levasse para passear pela fazenda.

Agora, estou perto da janela, o sol esquentando a minha pele é o aviso de uma tarde bonita. Gosto de imaginar a paisagem, o azul do céu, as folhas balançando ao vento. Estava tão concentrada nessas memórias que não percebi quando alguém entrou no quarto. E quase gritei quando fui abraçada por trás. Mas assim que senti seu perfume, e ouvi sua voz, meu corpo relaxou.

Mesmo estando chateada com ele.

— Queria te dizer mil coisas agora — murmura Josh. — Mas ver você assim, sozinha nessa janela, me fez perder qualquer linha de pensamento.

— Estava tentando imaginar a paisagem — comento e ele me aperta um pouco mais forte, fazendo meu corpo grudar no dele, minhas costas em seu peito. Levo a mão até a dele e a seguro.

— O que imaginou? — pergunta com rosto colado ao meu.

— Muitas árvores, um céu sem nuvens.

— Você está certa, há muitos pinheiros pela fazenda. — Sorrio, foi o que imaginei pelo aroma que senti quando estava lá fora com a Mackenzie.

Josh me solta e gira para ficarmos frente a frente. Ele segura minhas mãos e as leva até a boca, beijando suavemente. O gesto é simples, porém tão íntimo e sincero que sinto vontade de chorar.

— Preciso te pedir desculpas.

— Não precisa, o beijo... ele foi...

— Foi maravilhoso, Lillith. — Fico surpresa. — Quero me desculpar pela forma que agi depois, e por hoje cedo.

— Fiquei pensando por quanto tempo continuaria se escondendo. — Ele ri baixinho.

— Sou bom em fugir, sempre fui.

— Mas você está aqui agora. — Ele aperta a minha mão.

— É porque eu acho que... — Ele respira fundo. — Eu acho que cansei, Lillith.

— Cansou?

— De fugir.

As palavras dele são carregadas de emoção, engulo em seco, porque não sei o que dizer nesse momento. Queria tanto poder vê-lo agora.

— Você não é o tipo de garota que foge. É tão forte. — Seus dedos passeiam pelo meu braço. — Tão decidida. — Ele os sobe até o pescoço. — Linda.

Levo a mão até o seu rosto, tocando em cada detalhe como fiz da última vez. Sinto sua boca que começa a se curvar, formando um sorriso.

— Você é lindo, Josh. — Sou sincera. Posso não me lembrar da fisionomia dele, como não me recordo de muitas pessoas, porém tocando-o assim, sou capaz de dizer do fundo do coração que ele é o cara mais bonito que conheço. — Até esse seu sorriso torto. — Sorrio.

Eu mal termino de falar e ele leva a mão até a minha nuca, puxando-me para um beijo de tirar o fôlego. Fico atordoada.

— Desculpa por ter sido um babaca — diz assim que nossas bocas se separam, ainda estou tentando controlar minha respiração ofegante. — Sou complicado, Lillith, mas estou cansado de fugir, de mentir. Estou cansado de sofrer.

— O que você quer, Josh?

— Não faço ideia, porém te beijar agora e não sair correndo, acho que já é um bom começo.

— Se corresse de novo, acharia que beijo muito mal — brinco com ele.

— Ah, Garota Bonita. — Ele envolve os braços na minha cintura e inclina meu corpo, beijando o pescoço. — Você não tem ideia do que o seu beijo fez comigo. — Quando endireito o corpo, descubro a dimensão do que o meu beijo fez com ele, porque nossos quadris estão praticamente colados e Josh ostenta uma enorme ereção.

— Nós vamos passear? — Faço a primeira pergunta que me vem à mente.

— Sim. Mac trouxe a roupa? — responde com nossos corpos ainda grudados, perto demais.

— Sim, pedi para ela colocar em cima da cama.

— Então, vem, deixa eu te ajudar. — Ele segura minha mão e sai andando.

— Não precisa, Josh. Consigo me vestir sozinha.

— Tem certeza? Posso ser muito hábil com as mãos. — Ele passa as mãos pela lateral do meu corpo, fazendo cócegas.

— Sim, eu tenho — respondo, rindo.

— Tudo bem, vou tomar banho enquanto você se arruma.

— Vai tomar banho aqui? — pergunto.

— Sim. E é onde as minhas coisas estão, também.

— Enquanto estou me trocando? — Ele ri alto.

— Não sou um tarado que vai espiar você trocando de roupa. Quando eu sair do banheiro, dou um grito para te avisar. — Ele beija minha testa.

— Confesso que se eu enxergasse, espiaria você.

— Não tem nada de interessante aqui, pode acreditar. — *Ah, disso eu duvidava.*

Josh beija meu rosto mais uma vez e vai tomar banho, e eu pego a roupa que a Mackenzie deixou na cama. Não são as que estou habituada, mas ela disse que vestimos quase o mesmo número, e que são de quando não tinha filhos, então deve servir.

Eu tiro a roupa em tempo recorde, nunca se sabe se o Josh vai sair do banheiro sem avisar. Visto a calça de montaria e camiseta sem dificuldade. Ela estava certa, caiu como uma luva. Como não consigo encontrar as botas, resolvo me sentar na cama e esperar Josh sair do banho.

Demora uma eternidade para ele sair, tanto que estou deitada com os olhos fechados quando o escuto me chamar.

— Esse banho foi o mais longo da história — reclamo assim que ele sai.
— Estava me vestindo, também.
— Com medo que eu desse uma conferida no seu *material*? — E abafo uma risadinha.
— Não tem graça.
— Nadica? — digo, sorrindo. — Em breve, farei uma cirurgia e vou poder espiar você sempre que eu quiser.
— Cirurgia? — pergunta confuso.
— Sim, existe uma possibilidade de eu poder voltar a enxergar, Josh.
— Não sabia. — Ele parece chocado.
— Não é algo que saio espalhando por aí, mas é verdade. Eu me mudei para Nova Iorque por causa disso.
— Uau, eu... Nossa.
— Não é ótimo? — pergunto, sem entender porquê do espanto dele.
— É muito bom, sim. Só fiquei surpreso. É isso que você quer?
— Desde que descobri que tenho uma chance, é o que eu quero.
— E essa cirurgia será quando?
— Quando der — respondo sem muitas explicações.
— Bem, parece um plano.
— É o meu plano. Agora, preciso das botas, não sei onde Mackenzie as deixou. — Mudo de assunto, não quero que ele comece a questionar sobre a cirurgia.
Josh me ajuda com as botas, o humor dele parece ter voltado ao normal quando saímos para cavalgar.
Quando descemos, a voz de Aurora logo se manifesta.
— Vocês estão perfeitos. — Josh está segurando a minha mão e dá um leve aperto.
— Preciso verificar os cavalos, já volto para te buscar — avisa e se afasta.
— Garota — diz Aurora, pegando na minha mão. — Como eu gostaria que você pudesse ver o que estou vendo.
— O que a senhora está vendo? — Fico curiosa.
— A bunda dele naquele jeans. — Abafo uma risada. — Sempre entendi o que o meu neto viu nele.
— Josh é uma pessoa maravilhosa — digo.
— Sim, maravilhosa por dentro e um espetáculo de homem por fora.
— Aurora! — exclamo entre risos.
— Apesar desse gosto duvidoso para roupas rasgadas e desbotadas, ele é

um bom homem. Você está em boas mãos, menina.

— Eu... — Fico sem palavras.

— Ele olha você de um jeito especial, confia em mim. Não errei quando percebi que o Braden estava apaixonado por ele, e não vou errar agora.

— Não sei o que dizer.

— Não diga nada, apenas dê a esse homem o que ele merece. Dê uma oportunidade a ambos, Lillith. Vocês dois merecem. — Ela aperta minha mão. — Se meu neto estivesse vivo, tenho certeza de que também ia gostar de você.

— Obrigada — agradeço suas palavras. Josh era namorado do neto dela, e mesmo assim, ela me recebe de braços abertos, impossível não ficar emocionada.

— De nada, e me faça um favor?

— Claro, qualquer coisa que precisar.

— Você não pode enxergar, mas sempre pode tocar. Dê uns bons apertos naquela bunda. — Ela dá um tapinha na minha mão e não tenho tempo de reagir, pois Josh volta e saímos para o passeio.

Caminhamos juntos até os estábulos, e ele vai descrevendo tudo ao nosso redor, sendo bastante detalhista. Fico encantada com a sua paciência.

O senhor Sanders me explica um pouco sobre o cavalo que vou montar – o mesmo que seus netos montam – e que foi treinado justamente para ser usado com crianças e iniciantes, então ele sempre segue um outro cavalo, que é qual Josh montará.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Pode ir comigo — pergunta Josh quando eu monto.

— Não vou mentir, estou nervosa, mas eu quero fazer isso. Quero muito, tudo bem?

— Seria um motivo para tocar em você durante todo caminho — diz baixinho e eu sorrio.

— Nada do que você disser vai me fazer mudar de ideia, sabe por quê?

— Por quê?

— Porque o que estou sentindo agora é uma sensação tão intensa, tão forte, que nada desse mundo vai me tirar daqui. — Tento conter as emoções, seguro as rédeas com força, e sinto as mãos dele sobre as minhas.

— Que sensação é essa?

— Liberdade. — Ele aperta minha mão.

— Então, Garota Bonita... Seja livre. Vou cuidar de você no caminho.

Sou incapaz de conter o sorriso. Josh se afasta, e acredito que para montar seu cavalo.

— Prepare-se — diz, e respiro fundo.

O cavalo começa a trotar devagar, e a cada avanço que dá, as emoções dentro de mim formam uma verdadeira avalanche. Quero rir, chorar, gritar — tudo ao mesmo tempo.

Porque mesmo sem enxergar, posso aproveitar tudo de maravilhoso que a vida tem a oferecer. Tudo que meus olhos não deram valor quando eram perfeitos, agora meu corpo dá.

E isso ninguém é capaz de tirar de mim.

Josh cavalga ao meu lado, sempre falando comigo, conversando sobre a paisagem. Ele me faz contar algumas coisas, também; sobre música, da minha infância. É divertido. Assim que paramos, ele me ajuda a descer.

— Como se sente? — pergunta quando estou no chão.

— Feliz.

— Simples assim? Feliz?

— A felicidade é simples, Josh.

— Sabe, Lillith. — Seus dedos entrelaçam nos meus. — Você tem toda razão. — Sorrio.

Josh me pede para ficar onde estou enquanto vai amarrar os cavalos. Antes de sairmos, Aurora entregou uma cesta com alguns lanches para fazermos um pequeno piquenique, e ele avisa que faremos uma pausa para isso.

Pouco tempo depois, estamos sentados e encostados em uma árvore. Comigo sentada entre as pernas dele, minha mão tocando seu joelho. E sinceramente, jamais me imaginei em um cenário assim.

Sentada entre as pernas de um roqueiro, em uma fazenda. É algo que nunca pensei que fosse viver.

— Você está calada. — Seus dedos percorrem meu cabelo, tão suavemente, que fico sonolenta.

— Só estou aproveitando o momento.

— Esse é o lugar mais bonito da fazenda. — Ele começa a divagar. — É onde a gente consegue ver melhor o pôr do sol.

— Vocês vinham muito aqui? — Não preciso elaborar mais a minha pergunta.

— Se eu te disser que não? Quando a banda começou a fazer sucesso, sempre estávamos na estrada ou ocupados demais para vir.

— Que triste, mas acredito que entendo mais do que pensa.

— Você mudou tanto assim depois do acidente?

— Mais do que você imagina, Josh. Às vezes, eu acredito que algumas perdas são necessárias para podermos amadurecer. Perdi a visão, em troca ganhei a vontade de lutar, de não receber nada de mão beijada.

— Eu perdi o Braden. — A voz dele é quase um sussurro.

— Nada vai substituir essa perda Josh, não existe comparação, mas sempre acreditei que tudo nessa vida pode nos trazer algo bom — digo na esperança de amenizar o que ele está sentindo, porém sei que isso é impossível. Ele perdeu muito mais do que eu.

— Gostaria de pensar assim.

Josh beija o topo da minha cabeça, e me abraça apertado. Passamos o restante do tempo assim, perdidos em nossos pensamentos. Aproveitando do silêncio confortável entre nós.

Já está tarde da noite quando todos finalmente resolvem se recolher. Amanhã, voltaríamos para Nova Iorque, assim estávamos aproveitando ao máximo a companhia um do outro.

Josh convenceu Mackenzie a ir conosco, ele disse que precisava dela – e não faço ideia do porquê –, porém, tive a impressão de que Mac entendeu porque ele não precisou explicar nada.

Ele também demorou a subir, já estava quase fechando os olhos quando escutei a porta abrir.

— Está dormindo? — sussurra.

— Não, e não precisa falar baixo.

— Desculpa. Estava conversando com a Mel.

— Não se preocupe. Como foi a conversa? — Sento na cama, alguns segundos passam até que sinto o colchão afundar e logo a perna dele encosta na minha embaixo das cobertas.

— Não muito boa. — Ele soa irritado.

— Por quê?

— Conversei com Troy sobre os bens do Braden, e foi isso que conversei com a Mel, mas eles não querem nada.

— Como assim? Não querem o dinheiro?

— Tudo, apartamentos, ações. Braden tinha muita coisa, é muito dinheiro, Lillith.

— O que ela disse?

— Querem que tudo continue como está, e que os bens são meus e do AJ.

— Nossa, isso é...

— Idiota.

— Não era o que eu ia falar. — Tateio a cama até encontrar a mão dele.

— Eles te veem como um filho, Josh. E você era o companheiro do Braden, também tem direitos, não é toda família que aceitaria isso. Muitas nem sequer reconheceriam a relação de vocês.

— A minha por exemplo — resmunga.

— O que vai fazer?

— Manterei o dinheiro que o Braden depositava mensalmente, mas vou dobrar o valor, e cuidarei da manutenção da fazenda. Os bens serão passados para o AJ, não tenho interesse no dinheiro dele, Lillith.

— Eu sei, todos sabem. Aurora estava certa.

— Sobre o quê?

— Você é um homem maravilhoso, Josh. — Beijo sua mão.

— Obrigado por ter vindo comigo.

— Não há nenhum outro lugar que eu queira estar agora — garanto a ele.

— Vamos dormir. — Ele beija minha mão. — Amanhã, Nova Iorque nos espera.

Suspiro, não estou nem um pouco a fim de voltar, ainda preciso resolver a situação com a Jannet, se mudo ou não do apartamento dela. Sinceramente, espero que as coisas não estejam tão ruins quando eu voltar.

Eu me cubro e Josh puxa o meu corpo para ficarmos de conchinha. Estou com um pijama de calça comportado, mas acredito que ele esteja usando...

— Josh?

— Hum?

— O que você está vestindo?

— Nada.

— Hein?

— Não estou usando nada, odeio dormir de roupa, por quê?

— Meu Deus do céu! Você está pelado? — pergunto e ele começa a rir.

— Sim, e dormiremos abraçados porque está frio pra caralho. Então, vem cá. — Ele me puxa quando começo a me afastar.

— Isso é... AÍ MEU DEUS.

— O que foi? Nunca viu um homem pelado?

— Não. Quer dizer, sim. Mas... isso, assim... — Nem sei mais o que estou dizendo.

— Lillith?

— Sim? — Mal consigo responder.

— Pare de surtar. Confie em mim, não te tocarei de nenhuma forma que não queira.

Suas palavras me fazem relaxar, então eu o deixo me abraçar.

— Boa noite, Garota Bonita.

— Boa noite, Josh.

Não demora para que a respiração dele fique mais pesada, seus braços me envolvem apertado como se estivesse com medo que eu fugisse. No entanto, mesmo odiando dormir assim, eu sei que essa será uma excelente noite, porque ele está me abraçando, e eu nunca me senti tão segura.

CAPÍTULO 26

JOSH

*“Oh, heaven knows I need this Oh,
wake me up I'm dreaming
Losing it all in the blink of an eye
I'm not ready to say goodbye
I'm not ready to say goodbye”*

Not Ready to Say Goodbye (Piano Version) – Awa

Acordo com um corpo quente colado ao meu. Lillith ainda está dormindo e eu não tenho a mínima vontade de sair daqui. Inalo o cheiro dela, seu cabelo tem aroma de flores, é relaxante.

Tive uma conversa difícil com a Mel e Stephen e ainda não conseguia acreditar que eles simplesmente abriram mão de tudo. Porra, não estava acostumado com esse tipo de cuidado. Estavam mais preocupados com meu futuro e do AJ do que com eles mesmos.

Levanto devagar para não acordar e vou até o banheiro. Olhando meu reflexo no espelho, penso em tudo que aconteceu. As palavras dos Sanders e a forma de me tratarem como se eu fosse filho deles, essa casa, as fotos do Braden, Lillith dormindo na minha cama.

— Caramba! — Jogo água no rosto. Preciso marcar meu retorno com o velho maluco antes que eu acabe estragando tudo.

Não quero fracassar, não dessa vez.

— Josh? — A sua voz me assusta e levo a mão na virilha, tentando me cobrir.

— Lillith, estou pelado. — Ela cruza os braços e desata a rir.

— Não que isso importe. — Ela aponta para os olhos. — Mas essa sua preocupação é bem legal.

— Droga — resmungo.

— Apesar de que não estava preocupado quando dormiu ao meu lado, *pelado*. — Ela dá ênfase ao final da frase.

— Espertinha. — Relaxo. — Vou tomar banho, quer vir? — Dessa vez ela cora de vergonha.

— Obrigada — recua sem hesitar. — Vou te esperar aqui fora.

— Na cama?

— Josh! — chama minha atenção, e eu fico rindo da sua expressão enquanto ela volta para a cama.

Depois do banho, deixo Lillith à vontade no quarto e desço, Mac já está com as malas prontas, ela vai me acompanhar para cuidarmos de algumas coisas do Braden, e irei nomeá-la para que fique responsável pelos negócios dele. Acredito que isso também será bom para ela já que não está trabalhando agora.

— Pegou tudo que precisa? — pergunto, olhando suas malas. Estamos sentados na sala verificando se está tudo em ordem para irmos.

— O necessário.

— E as crianças?

— Elas ainda ficarão com o pai por alguns dias, depois vejo como ficará. Pensaremos nisso quando chegar a hora, tudo bem? — Ela toca no meu ombro e eu concordo.

Enquanto andamos até a cozinha, paro próximo a escada quando vejo que a Lillith está vindo. Ela está sozinha, usando a bengala para guiar seus passos e está se aproximando da escada. Instintivamente, sinto um impulso de ir até ela, mas Mac me impede.

— Não faça isso — diz e eu a olho confuso.

— Só quero ajudá-la a descer. É perigoso, Mac.

— Eu sei, porém ela já desceu algumas vezes. Confia nela, Josh, não seja esse tipo de cara.

— Que tipo de cara? — Cruzo os braços.

— Do tipo que vai tirar a independência dela. — Suas palavras me pegam desprevenido porque nunca fui assim. Volto a olhar para Lillith, ela está descendo as escadas sem dificuldades, concentrada, e segura.

— Foi por isso que o seu casamento acabou? — Olho para minha irmã, e quando os olhos dela encontram os meus, tenho certeza de que foi exatamente o que aconteceu.



No início da tarde, estamos prontos para ir embora. Mel segura AJ no colo, Mac está se despedindo do pai, e Lillith e vovó estão lado a lado cochichando algo que não faço ideia, e seja lá o que for, deixa minha Garota Bonita corada. Espero até todos se despedirem e entrarem no carro, então volto para falar com as pessoas que se tornaram a minha família.

— Queria agradecer a vocês. — Pego a mão da vovó e dou um beijo. — Agradecer pela paciência, e por terem me recebido aqui.

— Estamos muito felizes por você ter vindo, Josh — diz Mel. — Ver você e o nosso neto foi maravilhoso. — Ela se aproxima. — Foi como ter um pouco do nosso filho de novo. — Sua mão toca meu rosto e vovó aperta minha mão.

— Você é sempre bem-vindo, Josh. Você e a Lillith — completa senhor Sanders, ele me encara com orgulho, do jeito que eu acredito que um pai deve olhar para o filho, como meu pai deveria me olhar.

— Obrigado, direi isso a ela.

— Não deixe essa menina escapar, Josh — pede vovó. — Mesmo não enxergando, é ela quem está te guiando, te trazendo de volta para nós. — Ela me abraça. — Você merece ser feliz, aceite isso de braços abertos assim como nós te aceitamos.

— Mesmo eu não merecendo — murmuro ainda abraçado a ela.

— Você é um neto rebelde, mas não o trocaria por nada nesse mundo. — O corpo dela vibra com a risada. — Eu te amo, meu neto descompassado. Todos nós amamos.

— Eu também amo vocês. — A gente se afasta. — Não vou mais fugir.

— Sabemos disso — diz Mel antes de me abraçar. — Volte sempre, querido.

— Chega de fugir — digo baixinho e olho para cima, o céu está sem nuvens, do jeito que a Lillith descreveu, e exatamente como o Braden gostava.

Eu me despeço de todos e entro no carro. Mac me olha com olhos marejados, mas não comenta nada, até Lillith está calada, tenho certeza de que ouviram toda a conversa. Fico em silêncio, contendo todas as emoções que esse lugar provoca em mim.

O voo é rápido, Mac conversa o tempo inteiro com a Lillith, parece que são melhores amigas desde sempre, AJ dormiu e só acordou quando pousamos. Aviões são como soníferos para ele.

Avisei Troy sobre a nossa chegada, ele está aguardando no aeroporto junto com alguns seguranças. Sou o primeiro a descer as escadas, e o vejo com um terno elegante e um sorriso idiota. O meu sorriso é maior, porque logo atrás de mim, aparece Lillith e Mac, talvez eu tenha “esquecido” de dizer que ela estava vindo com a gente.

Parece que meu amigo vai desmaiar a qualquer momento quando a vê. Por um segundo, eu me arrependo de não ter avisado. Mas esse sentimento logo passa, porque a Mac tem o mesmo olhar chocado, e essa era a certeza que eu precisava. Onde há fumaça, há fogo, e nesse caso está mais para um vulcão quase entrando em erupção.

— Como foi a viagem? — pergunta ele, saindo do transe e me cumprimentando.

— Melhor impossível. — Damos as mãos e vejo as meninas caminharem na nossa direção.

— Lillith — ele a cumprimenta.

— Oi, Troy. — Ela sorri.

— Oi, Mackenzie. — Seu tom é frio.

— Oi, babaca. — O dela é mais frio ainda. Sei que eu deveria me sentir mal, mas estou adorando tudo isso. Às vezes, um empurrãozinho faz toda a diferença. Ou, um solavanco mesmo.

— Já que todos terminaram os cumprimentos, que tal sairmos daqui? — Quebro a tensão. Mac não espera mais e vai para o carro.

— O que houve? — pergunta Lillith, notando a tensão no ar.

— Hormônios, querida. Muitos hormônios.

Jogo os braços sobre o ombro dela e caminhamos até o carro. Troy nos acompanha, resmungando algo que não faço questão de prestar atenção. Peço para o motorista levar AJ e a babá direto para o apartamento da Mag enquanto que eu, Lillith, Troy e Mac vamos no meu carro.

Ele dirige com Mac no banco do passageiro, eles não trocam uma palavra durante o trajeto até o apartamento da Lillith. Caramba, não sabia que os dois se odiavam tanto assim.

— Você parece triste — digo para Lillith na porta de seu apartamento. Ela não queria que eu subisse, mas nem morto que a deixaria subir sozinha com aquela mala, e eu queria beijá-la mais uma vez, e sem plateia.

— Voltar à realidade nem sempre é tão agradável — diz e abre a porta. — Foram dias maravilhosos, Josh. Obrigada pelo convite.

— Sou eu quem precisa agradecer, não sei se encararia essa viagem sem ajuda.

— Tenho certeza de que conseguiria, você é mais forte do que pensa. — Eu deixo a mala perto da porta e me aproximo. Pego a bengala de sua mão e coloco em cima do balcão da cozinha. Depois, seguro suas mãos e as coloco no meu rosto.

— Voltarei para mais noites de pizza. — Levo as mãos para o seu rosto e dou um beijo casto em sua boca. — Voltarei para mais filmes toscos. — Passo a língua em seus lábios, e ela geme. — Voltarei para mais risadas. — Beijo seu rosto e pescoço. Ela não se mexe. — E voltarei para passar mais noites com você. — E beijo na boca de novo, mas dessa vez não sou gentil. Ela o retribui na mesma proporção.

— Josh! — Meu nome sai como um gemido.

— E quando eu voltar para passar a noite — tiro as mãos do rosto dela, e levo o dedo indicador até seu decote, descendo apenas um pouco pelo vale entre os seios —, você não estará vestida. — Beijo seus lábios novamente. — Até mais, Garota Bonita.

— Até mais. — O rosto dela está vermelho e eu sorrio.

— Sua mala está ao lado da porta. — Pego a bengala do balcão e coloco em sua mão.

Saio do apartamento e vou direto para o carro com o coração acelerado. Minha nossa, como eu queria ficar ou levá-la comigo.

Deixo Troy no apartamento dele, e sigo com a Mac para casa. Ela está mais calada do que o normal, mas não dura muito. Assim que abro a porta e entro com as nossas coisas, minha irmã se transforma.

— O você tem na cabeça, Josh? — esbraveja.

— O que eu fiz dessa vez?

— Por que não me avisou que o Troy estaria nos esperando?

— Eu tinha que avisar? O Troy sempre vai pegar a gente no aeroporto, Mac! E desde que saiu as últimas notícias, ele tem sido mais cuidadoso.

— Você fez de propósito — acusa.

— E você está sendo dramática.

— Você não sabe de nada — diz, exasperada.

— Então me ilumine, porra! Qual o problema entre vocês? — Ela me encara por alguns segundos e quando penso que vai responder, respira fundo

e dá as costas para mim.

— Nunca mais tente forçar as coisas, Josh.

— Forçar o quê? Como posso fazer isso, se não faço ideia do que seja, Mac — retruco.

— Nesse caso, é bem melhor que não saiba mesmo.

Mac sai antes que eu possa dizer algo. Ouço a porta do quarto de hóspedes bater com força. Ótimo, não tive tempo de dizer que estou dormindo lá. Que beleza.

Ela não sai do quarto pelo restante da noite, não a incomodo e acabo dormindo no sofá. Quando acordo, dou de cara com ela me encarando.

— Por que dormiu aqui? — pergunta, confusa. Pisco tentando focar a visão, não tenho ideia de que horas são, mas se a conheço bem, ainda é madrugada. Tipo, umas oito da manhã.

— Gosto do sofá — resmungo sonolento.

— Sei... Você? O cara que adora dormir em camas *king size* e se cobrir com lençóis Egípcios? E nem vou mencionar os travesseiros... — Pego o travesseiro e cubro o rosto tentando abafar a voz dela.

— Você não tem nada melhor para fazer? — pergunto ainda com o travesseiro no rosto. Ela o puxa, e me força a encará-la.

— Tinha, fui no seu quarto pra me desculpar, mas o encontrei vazio.

— Dormi aqui.

— Estou vendo. — Ela olha o travesseiro e o cobertor infantil que peguei no quarto do AJ. — Só não entendo porque parece que aquele quarto está vazio desde...

— Desde que o Braden morreu — completo. Sento no sofá e ela faz o mesmo. Mac não diz nada enquanto espera eu começar a falar.

Mas será que eu quero conversar sobre isso? Cruzo as mãos e olho para a frente, tem uma TV enorme, dois consoles de videogame, um quadro com a imagem da banda. Eu o evitei por muito tempo, mas agora, é como se não conseguisse desviar o olhar.

— A gente se arrumou naquele quarto antes de sair para fazer aquele ensaio. — Aponto para o quadro e Mac acompanha o movimento. — Ele reclamou porque estávamos atrasados e que o Gael ia surtar.

— Ele não curtia atrasos. — Mac ri.

— Não mesmo. Mas quando ele começava algo, não parava até terminar.

— E naquele dia vocês começaram algo? — pergunta, divertida.

— Quer ouvir o que começamos?

— Tem sexo no meio? — Ela sorri.

— Não vamos falar de sexo. — Balanço a cabeça. — É nojento.

— Não me importaria. — Ela se aconchega, envolvendo seu braço no meu e descansa a cabeça no meu ombro.

— Eca, Mac.

— Ah, pare de ser puritano, Josh. Conte para você quando perdi a virgindade.

— Sim, mas é diferente. Não vou te contar como eram as transas com seu irmão.

— Então me conte como faziam amor. — Encaro seu rosto, ela sorri de um jeito tão terno. Penso em suas palavras e sorrio, ela tem razão, Braden e eu éramos muito mais do que sexo.

— Por mais que eu adore falar de sexo, esse assunto com você está fora de cogitação.

— Estraga-prazeres — resmunga.

— Você é doente. — Belisco seu braço e ela grita. — E só para deixar claro: você me contou quando, mas não contou com quem.

— É porque com quem não importa. — Seu tom muda, de alegre para triste e um alerta acende na cabeça.

Apostaria toda a minha fortuna em um só palpite: Troy.

Toda a animosidade entre eles, sem contar o estado que ele ficou no casamento dela, com cara de cachorro que caiu do caminhão de mudança. Até mesmo eu tinha que admitir, foi triste de ver.

Ele nunca contou o motivo que o fez aparecer na igreja no meio da cerimônia, bêbado. Estava completamente descontrolado, e Gael precisou sair com ele para que o vexame não fosse maior. Mas nem o excesso de álcool o fez soltar a língua.

Mas agora...

— Em algum momento vai precisa entrar lá. — A voz dela interrompe meu pensamento, e dessa vez é o meu humor que muda.

— Ainda não estou pronto, Mac.

— Mas está caminhando para isso, e estou muito orgulhosa de você. — Eu a olho e sorrio.

— Obrigado.

— Agora, acho que me deve um café.

— Eu?

— Claro, para compensar as histórias sexuais que não quer me contar.

— Vem, vamos tomar o melhor café da manhã de Nova Iorque.

— E onde é?

— Na casa do Gael.

Rimos enquanto vamos nos arrumar. Mac ainda não tinha desfeito as malas, por isso não viu que algumas das minhas roupas estavam no closet. Ela me fez prometer pensar sobre o quarto, e sabia que precisava dar esse passo. E, no fundo, foi por essa razão que eu a trouxe aqui, não podia fazer isso sozinho. Gostaria que ela estivesse comigo.

Braden era importante para mim, mas antes de tudo, era o irmão dela.

CAPÍTULO 27

LILLITH

*“When you see heaven's falling
When all your hopes are gone
There will be angels calling
True love awaits you
Someone who'll lend a shoulder
That you can lean upon”
True Love Awaits You – Nordic Union*

Quando Josh me deixou em casa, fiquei com os dedos nos lábios e o coração acelerado. Foram os melhores dias que tive em tempos; sem problemas, ou pessoas me tratando como se eu fosse incapaz. Todos me trataram normal.

Foi melhor do que qualquer terapia.

Sei que minha irmã não voltará agora, mas resolvo deixar um recado em sua caixa postal avisando que já estou em casa. Confesso que temo esse nosso encontro, não sei o que aconteceu durante esses dias que fiquei fora, e mesmo com o clima bem tenso que ficou para trás entre nós, foi bom me desligar um pouco do mundo. Ainda mais com tudo o que tem acontecido entre o Josh e eu – algo que não faço ideia do que seja, realmente.

Reflito sobre os beijos que trocamos, eles foram tão intensos, repletos de palavras não ditas e sentimentos conflitantes. Nossa conexão foi tão forte, que tive a impressão de sentir tudo que ele sentiu naquele beijo.

Josh estava confuso, assim como eu. E não conversamos sobre isso. Só espero que com o nosso retorno – depois de tudo que aconteceu – nossa amizade não sofra uma rachadura.

Penso em ligar para Sam antes de dormir, mas sei que surtará se souber do beijo, e acho que não estou preparada para contar algo que nem eu sei direito o que significa.

Dormir é outra tarefa difícil, nunca passei a noite com nenhum homem e

não contei isso a Josh. Essa viagem foi repleta de primeiras vezes, definitivamente. Então, relaxar não é fácil. Enquanto os minutos passam, fico revivendo nossas noites na fazenda, e principalmente, os beijos.

Não achava que meu corpo podia ficar tão agitado por causa de um beijo, mas tenho certeza de que não se trata apenas de um simples beijo. É mais, muito mais.

Estou tomando café da manhã quando ouço a porta abrir, não me movo porque sei que é a minha irmã. Portanto, aguardo pelo sarcasmo iminente já que isso se tornou um hábito nos últimos dias.

— Como foi a viagem? — pergunta assim que entra na cozinha.

— Ótima — respondo, desinteressada. Ouço a cadeira arrastar e a sinto sentado ao meu lado.

— Estava com um bom sermão preparado para você, assim que chegasse em casa. — Jannet pega minha mão. — Porém desisti no momento em que vi seu rosto, mesmo com essa cara emburrada — brinca, e eu tento conter o sorriso. — Você está feliz, Lillith? — Sua pergunta é sincera.

— Estou. — Suspiro — Estou vivendo como há tempos não fazia, Jannet. Não sei explicar muito bem, mas durante esses dias não fui a garota cega, consegue me entender?

— Sim, eu entendo. — Sua voz está embargada. — Não concordo com uma série de coisas, mas entendo que não posso te impedir de viver a sua vida da maneira que achar melhor, Lilly. Só não quero que se machuque, minha irmã.

— Acho que se não me machucar no processo, é porque não estou vivendo da forma certa. — Sorrio.

— Odeio quando você tem razão. — Ela funga e isso me diz que ela está chorando. — Não sei o que está acontecendo entre você e o Josh, no entanto, aquele homem é bem determinado quando quer. Ele te disse que conversamos?

— Disse, mas não entrou em detalhes. Vocês não discutiram, né?

— Ele se preocupa com você, é tudo o que eu precisava saber. O que foi dito não tem importância.

— Jannet...

— Tem café pra mais uma? — Ela muda de assunto. Já sei que não adianta pressionar porque ela não vai contar o que conversaram, mas se a conheço bem, Jannet disse tudo e mais um pouco.

O clima muda durante o café, e por um momento, tenho um vislumbre da

minha velha irmã de volta. Porém, mesmo assim, tenho certeza de que ela não aprovará se o Josh resolver cumprir o que disse sobre passar a noite aqui.



Já tem uma semana desde que voltei de viagem, Josh e eu não nos vimos, mas ele deixou recados no meu celular nas noites em que me apresentava, eram mensagens engraçadas e de duplo sentido que sempre me faziam rir.

Sam me ligou praticamente todos os dias desde contei do beijo com o Josh, ela ficou mais eufórica do que eu e começou a planejar um casamento, não o meu, claro. O dela com Ray.

Sim, meus amigos resolveram se casar, só não sabia quando.

Agora estou me trocando no camarim improvisado do The Rock, é noite de sexta e vou cantar. Está silencioso aqui já que não tenho a companhia da Bettany, que foi para o bar, e pelo que disseram estar lotado. Ela não deixou passar o fato de fotos minhas estarem estampadas nos jornais na semana passada, mas parece que alguma celebridade foi pega traindo o marido, então sou praticamente notícia velha. Minha irmã contou que quando os *paparazzi* descobriram que eu não estava em casa naquele fim de semana, eles dispersaram.

Porém, Callie disponibilizou um motorista para me buscar em casa e me trazer em segurança. Ossos do ofício, segundo ela.

— Lillith? — Uma batida na porta chama minha atenção.

— Pode entrar — respondo e logo a porta se abre e Dean entra.

— Pensei em te desejar boa sorte antes do show. — Eu me assusto ao ouvir a voz de Josh.

— Josh? Pensei ter ouvido o Dean — comento, confusa.

— Pedi para o gerente “cara de bunda” te chamar. — Ele me envolve com os braços e beija meu rosto. — Queria te fazer uma surpresa.

— Vou me apresentar daqui a pouco.

— Eu sei, vou te assistir da primeira fileira.

— Tudo bem. — Fico nervosa, não é a primeira vez que ele vai me ouvir cantar, mas dessa vez tem algo de diferente.

— Você está linda. — Ele passa a mão no meu rosto.

— Obrigada.

— Não me agradeça, Garota Bonita. Quero te ver arrasando lá em cima.
— E beija minha testa.

Josh me acompanha até o palco, ele sobe e me ajuda com os instrumentos. Ficamos uma semana sem se ver, mas é como se nunca tivéssemos nos separado.

— Vai tocar o violão? — pergunta. Estamos no fundo do palco, a banda que estava tocando já terminou e normalmente faço acústico com violão.

— Sim, vou tocá-lo.

— Quando vai tocar violino pra mim. — Ele me entrega o violão, e eu acho graça da pergunta.

— Não faço ideia, não sei se consigo.

— Acho que deveria tentar, um show particular não seria nada ruim. — Ele beija minha orelha.

— Podemos fazer um dueto, você na bateria e eu no violino. O que acha? — provoco.

— Acho que seria um desastre. — Ele ri. — Já faz muito tempo que não toco.

— Sério? Por que? — Sou surpreendida por sua resposta.

— É complicado. E, com certeza, não é algo para se explicar aqui em cima. Seu público te espera. — Beija meu rosto mais uma vez. — Estarei lá em baixo.

Josh me deixa sozinha, sinto a pele arrepiar pelo beijo na orelha e com suas palavras.

O show desenrola como de costume, toco um repertório novo dessa vez, incluindo uma música da banda Originals, só espero que Josh não ache ruim. Nem Micah, ou Gael. Droga, devia ter perguntado antes.

Quando termino, ouço os aplausos e uma voz se destacando, Josh está gritando igual a um fã louco, e acredito que meu corpo inteiro fica vermelho de vergonha.

— Você foi fantástica! — Sou arrebatada do chão assim que desço do palco. Josh gira meu corpo como se eu não pesasse nada.

— Você é louco — brinco, sorrindo.

— Foi a sua voz que me deixou assim. — Ele me põem no chão.

— O que achou da música? A que cantei da banda?

— Acho que você canta melhor que o Gael. — Sorrio, ele coloca o braço no meu ombro. — Vem, vamos pra mesa, estão todos querendo falar com você.

Caminhamos até o lugar que sempre é reservado para eles quando vêm no bar. Todos parecem animados, e Mackenzie me recebe com um abraço caloroso. Estamos conversando sobre as músicas que cantei quando somos interrompidos.

— Lilly? — Meu corpo inteiro fica tenso. Reconheço de imediato a voz, mesmo em um bar lotado, jamais deixaria de reconhecer a voz do Drew.

Meu ex-namorado.

— Drew! — Viro o rosto na direção de sua voz.

— Meu Deus, Lilly! Fiquei na dúvida se era você. — Sinto sua voz cada vez mais perto e fico sem saber o que fazer.

— Podemos conversar? — *Droga!*

— Acho que não, camarada — interrompe Josh.

— Josh? — Eles se conhecem?

— Oi, Drew. — A voz do Josh não parece amistosa.

— Porra, cara! Quanto tempo, hein? — Fico paralisada tentando compreender a interação deles.

— Quem é esse cara? — Mackenzie pergunta baixinho.

— Meu ex-namorado. — Consigo responder.

— Puta merda! — É, puta merda define bem a situação. Uma grandessíssima merda.

Os sons ao meu redor são abafados por tudo que estou sentindo nesse momento. Pelo que pude perceber, Drew conhece todos da banda, o que talvez não seja assim um absurdo, já que ele se tornou um grande jogador de hóquei.

A gente não se via desde quando terminamos, e encontrá-lo de repente, trouxe muitos sentimentos à tona, os quais pensei ter esquecido. Pensamentos assassinos estão entre eles.

Não o odiei por causa do acidente, mas pela forma que agiu comigo antes disso, e principalmente, pelo jeito que me tratou depois.

— Lilly, será que podemos conversar? — pergunta Drew novamente e eu quase pulo de susto da cadeira.

— Claro. — Não sei porque aceito, talvez por educação, ou pelo fato de saber que estão todos me encarando. É incrível o poder da percepção que temos, mesmo sem enxergar um palmo diante do nariz.

Mackenzie me ajuda a sair do lugar, e sinto as mãos um pouco trêmulas. Estou visivelmente nervosa e não posso acreditar nisso.

— Tem algum lugar que podemos conversar em particular? — pergunta

Drew quando me aproximo, e tenho uma vontade enorme de bater nele. Respiro fundo.

— Tem uma sala nos fundos, podemos ir lá. — Começo a caminhar, mas ele segura o meu braço.

— Eu te ajudo. — Meu estômago embrulha.

— Não precisa — Josh responde ríspidamente, desnecessário dizer que seu tom não é nada amigável. — Lillith conhece esse lugar melhor do que qualquer um, ela não precisa de ajuda.

— Bem, é que o lugar está cheio e ela é...

— E eu já disse que a Lillith não precisa de ajuda — interrompe Josh com raiva. Drew solta meu braço imediatamente, e logo sinto Josh atrás de mim, ele toca na minha cintura e fala. — Não demore. — Meu corpo gira com suavidade e ficamos frente a frente. — Ou vou te buscar. — Passa o dedo pelo meu lábio inferior, traçando o contorno, e sem aviso, ele me beija.

Josh me beija!

Na frente de todos, na frente de Drew.

Ele me beija sem qualquer pudor. Com uma mão na minha nuca, e a outra descansando no meu quadril. Ouço quando alguém diz algo, mas não faço ideia quem ou o que falou, porque a língua do Josh explora minha boca com fervor, fazendo com que qualquer razão seja esquecida.

Alguém pigarreia e Josh quebra o beijo, porém, faz isso tão lentamente quanto possível.

— Vou te esperar aqui — avisa e beija meus lábios uma última vez.

— Tudo bem. — Minha voz sai rouca, quase irreconhecível.

— Nossa! Alguém quer mais uma bebida? — Ouço Gael dizer quando me afasto acompanhada de Drew.

Com o auxílio da bengala, sigo facilmente, a maioria das pessoas que frequentam o The Rock, são clientes assíduos e já estão acostumadas comigo andando pelo lugar. Por isso não tenho dificuldades para chegar na sala dos fundos, onde costumo me trocar.

Ele não me toca durante o caminho todo, nem abre a boca, Drew me acompanha em silêncio e aguarda até que estejamos a sós para começar a falar.

— Acho que alguém estava bem possessivo lá fora — ironiza.

— O que você quer, Drew? — pergunto, cortando o papo furado.

— Apenas conversar, Lilly — Céus, odiava quando ele pronunciava meu nome daquela maneira. — Não precisa ficar na defensiva, tá legal? Sou só eu.

— Sei que é *só* você, e é exatamente disso que não gosto. — Caminho até onde fica a mesa, recosto-me nela e cruzo os braços, aguardando ele falar.

— Sei que fiz muitas merdas no passado, Lilly, mas quando eu te vi semana passada, eu...

— Espera. — Ergo a mão. — Você me viu semana passada?

— Sim, vi fotos suas nas revistas.

— Fofocas — corrijo, e ele ri alto.

— Sim, sei que são fofocas. Mas — sinto ele chegar perto de mim, e meu corpo se retrai —, eu te vi tão linda, e pensei...

— O que quer que tenha pensando, Drew, esqueça!

— Porque está agindo assim? É por causa daquele babaca do Riley?

— Está falando do Josh?

— Sim, Lilly. Estou falando do Josh, o cara que estava com a língua na sua garganta há cinco minutos. — Ele altera a voz.

— Já chega, Drew. Não temos nada para conversar. — Dou um passo e ele me detém, segurando meu braço.

— Sabe quanto tempo fiquei me culpando por causa daquele acidente? Pelo que fiz com você? — Ele parece sincero.

— Não te culpo — respondo a verdade.

— Então por que não me escuta e me dá uma chance de consertar as coisas?

— Porque não tem nada para ser consertado, Drew. Não depois de tantos anos. A gente terminou, fim de papo. E como eu disse, não culpo você.

— Mas sente raiva.

— Tenho raiva de tudo que aconteceu naquela noite, absolutamente *tudo* — digo me referindo a nossa primeira vez. Drew entende o recado porque seu aperto no meu braço diminui. No entanto, ele chega mais perto, tão perto que sinto sua respiração no rosto.

— Como eu disse, fui um babaca, Lilly. Mas eu mudei. — Não acredito que estou ouvindo uma baboseira dessas.

— Você é casado, Drew, pelo amor de Deus.

— E se não fosse? — pergunta quase suplicante.

— Não faria diferença, não é você quem eu quero.

— É o Josh que você quer?! — diz, incrédulo. — Sério mesmo? Você quer Josh Riley, o cara que nunca se contenta com uma boceta só? — E solta uma gargalhada sarcástica.

— Você está passando dos limites, Drew — aviso.

— E você deve ter perdido o juízo — retruca com o tom sério agora antes de se afastar. — Sabia que nós sempre nos encontrávamos nas festas, e toda vez, ele estava acompanhado de outro cara e uma mulher? Eles dividiam a mesma mulher, é o que você quer?

— Deve ser melhor do que dormir com um cara casado — cuspo as palavras com raiva. *Como ousa?* Ele não tem esse direito.

— Então é isso que você quer? Trepar com dois caras? — Ele ri. — Posso ser o segundo nessa cena, por mim não tem problema algum. — Ele chega mais perto e eu coloco o braço na frente, impedindo seu avanço.

— Vá embora, Drew. Não temos mais nada para conversar, principalmente com você nesse estado.

— Estou um pouco bêbado, confesso. Mas sei o que senti quando te vi naquelas fotos, Lilly.

— Não, Drew, você sabe o que *perdeu* quando viu aquelas fotos. — Minhas palavras parecem que causam efeito porque ele se afasta abruptamente.

— Caras como o Josh não ficam com mulheres iguais a você, Lilly. E quando enxergar isso, espero que não seja tarde demais. — Ouço seus passos se afastarem.

— E caras como você não mudam, Drew. — Sei que ele parou de andar porque ainda não ouvi a porta abrir. — Acredita que tenho raiva por causa do acidente, né? A verdade é que sinto ódio de como você foi asqueroso antes dele, e de como ainda é. Tenho raiva de mim por ter entrado naquele carro.

Termino de falar, despejando as palavras com muito amargura, parece que estavam me sufocando há anos. De tudo que ele disse; mencionar o acidente, ou insinuar que poderíamos ter algo, o que mais me abalou foram as coisas a respeito do Josh. Já sabia do relacionamento dele com Braden e Mag, mas ainda estava no escuro com relação ao relacionamento dele comigo.

— Nós éramos jovens, Lillith! Irresponsáveis, estúpidos — grita ele.

— Acho que você ainda é tudo isso, Drew. Menos a parte do jovem. — Sou irônica.

— Então será assim? Quer me punir porque a sua primeira vez não foi boa? Você estava tensa pra caralho, se me lembro bem.

— Por que continua aqui, Drew? Você é egoísta como sempre e um cretino.

— Mas você me amava.

— Como você disse antes, eu era estúpida.

— Na verdade, Lilly, você continua uma idiota já que acha que o Josh vai ficar só com você. Estava pensando, com qual dos dois que ele vai te dividir: Micah ou Gael? — Suas palavras saem venenosas, mas não tenho tempo nem de raciocinar porque sou pega de surpresa com o que escuto a seguir.

— A única coisa que eu vou dividir aqui, é a sua cara. Bem no meio quando arrebentar com ela na parede.

Josh!

No meio da discussão, não o ouvi entrar. Ele parece furioso, e a próxima coisa que escuto é um baque, seguido de um gemido de dor.

CAPÍTULO 28

JOSH

*“What if it makes you lose faith in me, what if it makes
you question every moment you cannot see
And what if it makes you crash and you can't find the key
What if it makes you ask how you could let it all go”
What If – SafetySuit*

Observo a mulher que eu beije a poucos segundos caminhando ao lado de um cara, indo para uma sala privada. A cena em si me incomoda, e não compreendo o motivo – ou melhor, entendo –, mas aparentemente ainda não consigo admitir.

Ciúmes não é um sentimento ao qual estou habituado. É algo difícil de digerir.

— Terra para Josh — Gael chama minha atenção e eu olho para a mesa, todos os meus amigos estão aqui, incluindo minha irmã. E estão com sorrisos idiotas estampando nos rostos.

Merda.

— Não comecem. — Sento na mesa com cara de poucos amigos. Sei que nenhum deles vai me julgar, mas também sei que são verdadeiros “malas” quando querem ser. Eu não sou diferente.

— Não ia falar nada — Gael se defende.

— Sei — resmungo e pego uma bebida, alguma porcaria sem álcool que a Hanna está bebendo, ela nem reclama quando tiro o copo da sua mão.

— Só estava curioso. — Ele volta a falar.

— Não vou comentar do beijo. — Micah abafa uma risada e eu o encaro bravo.

— Não era disso que ia comentar, mas estou curioso sobre algo. — Gael continua seu monólogo. — Queria saber como um cara que beija uma mulher daquele jeito, a deixa sair acompanhada com o ex-namorado.

— Ex-namorado? — pergunto tão rápido que quase engasgo.

— EX-NAMORADO — Micah responde alto, dessa vez as meninas é que tentam esconder o sorriso.

— Como você sabe disso? — questiono e Gael dá de ombros.

— Ouvi quando ela contou para Mac. — Ele aponta para minha irmã, que faz cara de inocente. Levanto da mesa.

— Com licença — digo e começo a me afastar, porém não dou três passos e Gael grita.

— Josh? — Viro para olhar nele. — Arrebenta a cara daquele babaca. — Por mais que a situação seja tensa, não consigo conter o sorriso no rosto.

— Gael!! — repreende Hanna.

— O que foi? Quebrei a cara de um por muito menos e quando estava na cadeira de rodas. Não é mesmo, Playboy? — Ele aponta para Micah, claramente, referindo-se a briga que tiveram por causa da Hanna quando Gael ainda estava na cadeira de rodas.

— Vai se foder, Gael — retruca Micah.

— Valeu pelo conselho — agradeço.

— Esse é o nosso garoto — diz Micah, e ele e Gael fazem um brinde. Reviro os olhos.

Saio antes que comecem a falar novamente e vou direto para os fundos. Quando me aproximo da porta, ouço vozes exaltadas.

— Na verdade, Lilly, você continua idiota já que acha que o Josh vai ficar só com você. Estou pensando, com qual dos dois que ele vai te dividir: Micah ou Gael? — diz Drew. Não me contenho e entro na sala.

— A única coisa que eu vou dividir aqui, é a sua cara. Bem no meio quando arrebentar com ela na parede — esbravejo.

O olhar do Drew é engraçado; ele é um cara grande, daqueles jogadores brutamontes, mas que se foda! Nem pensar que darei a chance de ele encostar a mão em mim.

Parto para cima, dando três socos seguidos bem no meio de seu rostinho bonito. Nada de fotos para ele por um tempo. Ele fica tonto e surpreso, porém se recompõem logo. Ele avança para cima me derrubando no chão, e eu o levo comigo.

Putá merda. Essa doeu.

Acerto o joelho no seu estômago e ele cai de lado. Levanto rápido e olho para Lillith. Meu Deus, ela parece desnorreada.

— Levanta essa bunda daí, Drew, e eu mato você. — Aponto o dedo para ele e vou até a Lillith.

— Está tudo bem? — Coloco as mãos em seus ombros, e ela limpa os olhos depressa. Porra, ela estava chorando? — Ei, Garota Bonita, está tudo bem. — Toco em seu rosto, ela parece tão triste e isso faz meu coração apertar.

— O que está fazendo aqui? — pergunta.

— Você demorou. — Não quero dizer que fiquei roxo de ciúmes quando soube que Drew era seu ex-namorado.

— Não demorei. O que aconteceu aqui? Os barulhos, eu...

— Ouvi um barulho de rato e fui atrás dele. — Olho para Drew. Ele se levantou e parece furioso.

— Vocês são dois babacas que se merecem. — Ele cospe sangue no chão. — Isso não vai ficar assim, Riley.

— Cai fora, Drew, ou você não conseguirá sair daqui com as próprias pernas.

— Idiotas — resmunga ele e chuta uma cadeira, Lillith se encolhe e eu a abraço. Drew parece bêbado, mas não é burro. Não perde mais tempo e sai batendo a porta.

— O que foi que ele fez? — pergunto. Olho para o seu rosto e o restante do corpo, ela parece bem, fisicamente.

— Drew não fez nada.

— Nada? O caralho que não fez.

— Não foi ele que me fez chorar, Josh. Não exatamente.

— Não? — Franzo o cenho, confuso.

— Como você conhece o Drew? — A sua pergunta me deixa ainda mais perdido.

— Sei lá, a gente se viu em algumas festas. O que isso tem a ver? — Eu me afasto um pouco para dar espaço a ela. — O que aquele idiota te disse? — *Além do que ouvi*, penso, mas não digo.

— Josh, por favor, estou exausta.

— Só quero saber que porra ele disse pra você ter ficado assim. — Milhões de coisas passam pela minha cabeça nesse momento. Drew já me viu muitas vezes, chapado, bêbado, e com mulheres a tiracolo.

— Ele disse que é questão de tempo para você... — Ela engole em seco. — Para você... Nossa, usarei as palavras dele, tá? — diz, receosa.

— Fala logo, Lillith. — Já estou irritado.

— Ele disse que é questão de tempo até que você chame outro cara para me foder, também — conta em um único fôlego.

Sinto como se tivesse levado um soco. Ouvi quando o babaca disse sobre Gael e Micah, porém escutar isso de sua boca tem um gosto amargo.

— Você sabe do meu relacionamento com Braden e Mag — digo me aproximando dela de novo, precisando tocá-la.

— Eu sei, mas e quanto ao nosso relacionamento, Josh? — Ela tira a minha mão do seu rosto e a segura firme, seu toque me diz tudo que seus olhos não podem. — Não sou do tipo que dá as rédeas à outra pessoa, no entanto, estou me sentindo assim. Em um barco onde você está conduzindo o leme. Estou no escuro no que diz respeito a nós. E não sei como me sentir quanto a isso — confessa. — Sou cega, Josh. Precisei me adaptar a essa condição, confiar em palavras já que não posso mais confiar nos meus olhos.

— E em ações? Você confia nisso?

— O que quer dizer com isso?

— Também estou no escuro aqui, Lillith. Tomando decisões que nunca precisei tomar. — Entrelaço nossos dedos. — Pela primeira vez, eu quero tomar conta e não ser cuidado. — Eu a puxo junto ao meu corpo, envolvendo um braço por sua cintura. — Não sou um cara de rótulos, Lillith, e aprendi isso com a melhor pessoa. Então, se quiser me chamar de namorado, eu não me importo, mas a partir de agora, a porra do mundo inteiro vai saber que você é a minha garota. A minha Garota Bonita. — Ela sorri. — É só o que peço. Confia em mim, e seja apenas essa pessoa que me faz rir das piadas mais sem graça. — Ela abre o sorriso mais bonito que já vi em toda a minha vida.

— Está me pedindo em namoro, Josh? — provoca.

— Não, estou pedindo por você. Por você, Lillith, e a sua confiança nas minhas ações. Quero a minha Garota Bonita comigo, me fazendo rir quando a vontade de me entupir de porcarias fica à espreita. — Ela respira fundo. Acaricio seus cabelos, passando os dedos entre os fios. Lillith tem cabelos castanhos e longos. — Confia em mim. — Beijo seu nariz, e ela fecha os olhos. — Me deixa te provar que eu posso cuidar de você. — Beijo seu rosto.

— E se não for isso o que eu quero? — sussurra.

— Então, repetirei o que já te disse antes. — Beijo seu pescoço. — Que eu te acho muito foda. — Mordo sua orelha. — Porém, não significa que vou deixar de dizer o quanto você é linda. — Passo a língua em seus lábios. — Ou o quanto me excita. — Faço com que ela sinta minha ereção. — Muito menos deixarei de fazer coisas que sei que te fazem sorrir.

Seguro o rosto dela com as mãos e a encaro. É impressionante como tenho

a sensação de que ela está me vendo agora. Sei que Lillith não enxerga a minha imagem; não sou um rosto, ou um corpo para ela. Sou muito mais.

— Josh. — Meu nome sai como um gemido e eu a silêncio com um beijo.

— Quer ir embora? — pergunto quando estamos os dois sem fôlego, ela não responde com palavras, apenas concorda com a cabeça. — E você também não me respondeu.

— Fez alguma pergunta?

— Viu só? Eu me abro, mas você não colabora. — Beijo-a mais uma vez, caramba, acho que estou ficando viciado em sua boca.

— Confio em você. — A mão dela toca meu rosto, e dessa vez quem fecho os olhos sou eu. — E se não respondi nada, é porque quero que você também confie nas minhas ações, Josh. E não só nas minhas palavras.

— Porra! — Eu a abraço, e logo estou gemendo de dor. Cacete, acho que machuquei as costelas. — Somos uma bela dupla. — Sinto o corpo dela vibrar com a risada.

— Parece que sim.

— Agora, vamos sair daqui.

— Para onde? — pergunta quando segura a minha mão.

— Pra sua casa. Preciso cumprir aquela promessa que fiz semana passada.

— A da pizza? — relembra, mas ela sabe que não é isso. Então, sussurro no ouvido dela.

— Não, a de dormir com você nua ao meu lado.

Observo o rubor tomar conta do seu rosto. Caramba, jamais tive pudores no que diz respeito a sexo, mas agora? Vê-la toda tímida só de ouvir as minhas palavras, fico excitado. Nunca gostei tanto da ideia de tirar a roupa de alguém, lentamente.

Faço algumas ligações e logo estamos dentro de um carro, sendo escoltados até o apartamento dela. Espero que a irmã má não esteja, não existe nada mais broxante do que uma irmã “general” batendo na porta.

— Preciso te contar uma coisa — diz ela assim que entramos no quarto.

— Estou ouvindo. — Sento na cama, a decoração é bem simples como o resto do apartamento. O quarto também é pequeno, pareço enorme dentro dele, mas, mesmo assim, tudo tem a cara dela.

Lillith se aproxima e senta ao meu lado. Juro que sempre que a vejo andar sem a bengala na mão, exalando aquela segurança toda, meu pau se contorce ao ponto de causar dor.

— Drew foi meu namorado, Josh. — Eu a deixo falar enquanto reflito se

conto que já sei, então, lembro que uma verdade pode ser bastante dolorosa, mas é sempre mais fácil de suportar do que uma mentira.

— Eu já sabia, Lillith.

— Como? Ele disse alguma coisa?

— Você ficou pálida quando ouviu ele te chamar, isso já é um indício. Porém, sendo bem sincero aqui, Gael me contou. Ele te ouviu falando com a Mac.

— Ah! — responde, mas não parece surpresa. — Não o vejo faz muito tempo. Drew e eu namorávamos na época da escola, ele foi meu... — Ela hesita.

— Essa cara fez merda, ne? — concluo, constatando o óbvio.

— Mais ou menos. Ele estava comigo no dia do acidente, Drew estava dirigindo o carro.

— Porra! — Fico em pé e coloco as mãos na cabeça. — Você só pode estar de brincadeira comigo — comento, incapaz de acreditar no que acabei de ouvir. Eu deveria ter acabado com a raça dele.

— Ele sofreu algumas escoriações, e eu.. Bem, você já sabe. Quem me dera que fosse brincadeira, Josh.

— Aquele babaca é o responsável por você ter perdido a visão. — Não é uma pergunta.

— Parei de culpar as pessoas faz muito tempo, Josh — diz, sincera.

— Ele estava bêbado? Drogado? Que merda, Lillith. — Fico enfurecido.

— O que aconteceu? — Eu me ajoelho na sua frente e coloco as mãos no joelho dela.

Lillith começa a me contar como foi a noite que perdeu a visão. Ela não deixa nenhum detalhe de fora, inclusive que a primeira vez deles aconteceu naquela mesma ocasião.

Merda, preciso respirar fundo e contar até dez porque tenho vontade de quebrar alguma coisa. De preferência a cara dele. Mas não quero aborrecê-la ainda mais.

— Estou exausta — murmura, e sei que tudo que aconteceu hoje foi demais para ela.

— Posso te colocar na cama? — Passo o polegar pelo seu rosto.

— Só colocar? — brinca com um leve sorriso.

— Nada de segundas intensões, prometo. Só quero fazer você dormir. — Ela concorda, porém, ofega quando a pego nos braços.

— O que está fazendo?

— Vou te dar um banho, e depois a colocarei na cama.

— Josh, não preciso de ajuda — reclama, irritada e isso me faz sorrir.

— Não é ajuda, é carinho. Você precisa saber diferenciar entre os dois, Lillith, porque pretendo fazer muito disso.

Ela sorri e me deixa levá-la. Quando abro a porta do banheiro, solto um gemido frustrado, e por um momento me arrependendo dessa ideia de banho. Onde está a banheira de hidromassagem quando uma mulher exausta precisa relaxar?

Eu a coloco em pé e entramos no banheiro, abro o chuveiro e verifico a temperatura da água.

— Vou tirar sua roupa, tudo bem? — aviso, ela morde os lábios insegura, mas concorda.

Então, começo a despi-la. E, nossa, preciso me concentrar para não perder a noção e atacá-la como um maldito animal no cio. Há quantos meses estou sem sexo?

Foda-se!

Nem que tivesse feito sexo há uma hora deixaria de ficar excitado com a visão bem na minha frente.

Ela é linda.

Única.

E é a minha Garota Bonita.

— Nunca tive tanto autocontrole em toda minha vida — murmuro e começo a passar o dedo indicador pelas curvas do seu corpo.

Laterais, braços, quadris, coxas...

— Porque está se controlando?

— Não faço ideia, só sei que quero ir devagar com você. — Suas mãos deslizam pelo meu corpo por cima da roupa, por precaução continuei vestido. A palma da sua mão alcança meu rosto.

— Quero tudo que você tiver pra me dar, Josh. — Fecho os olhos.

— A questão é que ainda não sei o que tenho para dar, Lillith — confesso.

— Vamos descobrir juntos, então.

Caralho! Suas palavras são a faísca que faltava para acender o fogo adormecido dentro de mim. Vou para cima dela com tanta fúria que não entendo como não caímos nesse banheiro minúsculo.

Ela começa a tirar minha roupa com a mesma pressa que eu a beijo. A camisa é jogada longe, e com as mãos trêmulas, ela começa a abrir meu jeans.

Encosto o corpo dela na parede para ter mais apoio, e não consigo afastar a boca da sua. Lilly se entrega para mim e eu a possuo, cada parte dela. Porque eu sei que ela confia em mim.

— Não quero estar dentro de você nesse maldito banheiro. — Consigo reunir a pouca razão que me resta ao mesmo tempo em que minha calça cai no chão.

— Então, está na hora de um banho frio. — Ela respira com dificuldade.

— Tem razão. — Encosto a testa na sua, e ambos tentamos controlar nossas respirações. Porém no meu caso, a coisa está um pouco complicada. A cada respiração profunda que ela dá, seus mamilos roçam no peito, e meu pau não demonstra um pingo de boa vontade para cooperar comigo, ele está pronto para a ação.

Quando sinto que vou mandar tudo para o inferno e fodê-la sem sentido aqui dentro, seguro sua mão e a levo para o chuveiro. Mudando a temperatura até que gritamos e rimos por causa da água fria.

Deixamos uma bagunça no banheiro depois do banho, não me dou ao trabalho de pegar minhas roupas. Lillith se enrola na mesma toalha que usei para me enxugar – já que só tinha uma no suporte – antes de irmos para o quarto. Eu a acompanho, pelado.

— Você não vai se vestir. — Agarro Lilly pela cintura e a levo para a cama assim que a vejo caminhar até o guarda-roupas.

— Josh! — Ela ri. — Não gosto de sentir frio.

— Meu corpo é seu para usar, abusar e esquentar. — Deito com ela. — Vem, deita a cabeça aqui. — Coloco sua cabeça no peito, e a mão dela no abdômen. Mais uma vez meu pau dá sinal de vida e arma uma barraca. *Ainda bem que ela não está vendo essa vergonha*, penso.

— Quer me tocar? — Pego a sua mão e começo a passear pelo meu corpo.

— Acho melhor não. — Ela ri e afasta a mão antes que a mesma invada o território sul, onde o soldado já está em prontidão. Que pena.

— Nada de explorar meu corpo nu, então? — Tento mais uma vez.

— Sem exploração, desculpa.

— Estou ofendido, não é todo dia que uma mulher me recusa, sabia?

— Não estou te recusando. — Ela é sincera.

— Não? — respondo, girando mudando nossas posições rapidamente. Fico por cima e meu membro roça no lugar que mais quero provar e estremeço. — Então, o que é que você quer fazer? — Minha voz sai rouca.

— Você vai dormir aqui? — pergunta, incerta.

— Posso dormir, posso passar a noite acordado com você. Você decide, Lillith. — Movo um pouco o quadril provocando um atrito. Ela geme, merda. E eu, também.

— Eu... passar a noite acordado? — pergunta com a voz ofegante.

— Não vamos transar, não depois de tudo que me contou hoje. — Beijo seu pescoço. — Você merece o céu, Garota Bonita. E quero te dar isso quando estiver dentro de você.

Ela fecha os olhos e se entrega as carícias.

— Mas posso te fazer se sentir bem, você quer isso?

— Como?

— Me diga que você quer e eu te mostrarei. — Beijo seus lábios devagar, torturando-a.

Torturando-me.

— Eu quero. Quero qualquer coisa que puder me dar agora, Josh.

— Boa menina — murmuro e possuo sua boca sem reservas, movimentando um pouco o quadril. O desejo cresce dentro de mim a cada movimento.

— Você me deixa embriagado, perdido nas curvas do seu corpo, Lillith — começo a falar tentando encontrar a razão, mas sei que a perdi naquele banheiro. — Quero provar cada centímetro seu. Se abra para mim, Garota Bonita. Me deixa te provar.

Empurro suavemente o joelho entre as suas pernas, incentivando-a para abri-las, ela obedece. Geme conforme eu desço, passando a língua pelo pescoço. Ombros. Seios. Ventre. E, finalmente, entre as coxas.

— Quero que me diga o que está sentindo, tudo bem? — pergunto.

— Tudo bem. — Ela mal consegue responder. — Josh!! — diz meu nome entre gemidos quando a minha língua atinge o clitóris. Porra, como posso explicar o que a reação dela está fazendo comigo?

— Fale, Lillith — peço novamente.

— Não quero que você pare. Está... eu nunca... Ah, meu Deus! — Vejo quando ela segura o lençol assim que o mordo e insiro um dedo em sua boceta. Ela está pingando. Cheia de desejo, e não sei por quanto tempo serei capaz de me segurar. O gosto dela da minha boca deixa meu corpo elétrico.

Nunca precisei me conter.

— Está pronta para gozar, não está? — provoco, fazendo movimentos circulares com o dedo. — Farei você gozar na minha boca.

— O quê? — As pernas dela fecham por instinto. Sorrindo, eu as abro

devagar. — Josh, não precisa. — Ela parece envergonhada.

— Eu disse que quero te provar. — Subo em cima dela novamente. — E muito, muito em breve, seus peitos se tornarão meus novos brinquedos — Ela se contorce e percebo que minhas palavras a excitaram. Minha Garota Bonita gosta de ouvir sacanagem. — Abre a boca, vou te mostrar como é gostosa.

Ela abre. E eu a beijo. Enfiando a língua profundamente, fazendo-a provar de si mesma.

— Abra as pernas — ordeno, quebrando nosso beijo.

— Você não vai...

— O que estou fazendo é para você, eu quero te dar isso, Lillith. E se eu for honesto e por tudo que me contou, quero ser o primeiro a te dar um orgasmo. — As palavras saem sem que eu me dê conta. Já sei que não sou o primeiro homem de sua vida, mas porra, serei o único a fazê-la se sentir bem.

Não o filho da puta do Drew.

Lillith não pensa mais, abre as pernas e geme alto quando desço a cabeça entre elas. Elevando seu quadril com as mãos, coloco as pernas nos meus ombros. Estou de joelhos no chão da beirada da cama e me sinto um esfomeado diante do melhor banquete já servido na história. Na verdade, estava me servindo.

Estava saboreando Lillith, de cada gota do seu orgasmo. Ela ainda tremia quando a abaixei na cama. Não me contenho e levo a mão até meu pau, só preciso bombear três vezes.

A visão dela nua espalhada na cama, satisfeita, me faz gozar.

Gozo, vendo meu esperma derramar por toda a sua barriga. Lillith não se importa, ou nem percebe. Ela ainda está na nuvem pós-orgasmo. E mais linda do que nunca.

— Acho que vamos precisar de outro banho — digo, observando o estrago. Ela sorri e estende a mão — Você está bem? — pergunto.

— Melhor do que nunca. — Ela me dá o sorriso mais lindo que já vi.

Eu a ajudo com o banho, mas dessa vez, sem toques sensuais. Limpo seu corpo com a esponja e noto como ela aprecia isso. Seus olhos se fecham relaxados enquanto eu a enxaguo.

— Está gostando? — pergunto quando termino.

— Sim, não vou mentir.

— Nesse caso, nosso próximo banho será em uma banheira, e não nesse banheiro de meio metro. — Sorrio.

— Talvez eu acabe gostando disso. — Ela dá de ombros.

— Talvez nunca mais queira outra coisa. — Dou um tapa em sua bunda e saímos do banheiro.

Sinto o coração ainda acelerado por tudo que aconteceu, não consigo explicar; as palavras dela, beijá-la na frente dos meus amigos, a minha admissão ao nosso respeito.

O gosto dela...

Porra, essa mulher é o paraíso e eu me sinto o próprio diabo disposto a profaná-la.

— Vem cá, e me abraça — digo e a puxo para mim quando estamos deitados.

— Josh, preciso confessar uma coisa — diz séria.

— O que foi?

— Odeio dormir de conchinha. — Ela mantém a expressão séria. Minha testa enrugada ainda absorvendo sua confissão.

— De onde você vem, mulher? — pergunto, chocado.

— Eu sei. Sou estranha, pode falar. — Ela ri.

— Nós dormimos abraçados na fazenda. — Eu a lembro.

— Você me abraçou e eu fiquei com vergonha de dizer.

— Minha nossa. Você não existe, mulher. — Começo a rir. — Só por isso, vai ficar de castigo.

— Castigo? Que tipo de castigo?

— Vamos dormir de conchinha. — Ela geme.

— Por que você não é como os homens normais? — pergunta com a mão no meu peito, eu a aperto mais.

— Porque não teria a menor graça. — Ergo a sua mão e dou um beijo na palma. — Não gosto do normal, Lillith. Sou meio louco, bati em um cara mais cedo e faria isso outra vez se ele sequer olhar na sua direção.

— Vai querer bater em todo mundo olhar pra mim?

— É um risco.

— Vai se meter em confusão. — Ela ri.

— Meu bem, uma coisa que você precisa saber é que confusão é meu nome do meio. — Beijo o topo de sua cabeça e sinto o corpo dela vibrar com a risada, o que me acalma. E, só assim, com ela segura em meus braços, fecho os olhos e durmo.

CAPÍTULO 29

LILLITH

*“And our worlds collide
And our hearts survive
And my spirits free now
That I've found you in my life”
Stay Here Forever – Nytrix*

Não faço ideia de como consegui apagar, acho que dormi ouvindo Josh falar, em algum momento da nossa conversa, eu simplesmente fechei os olhos. Exausta por causa das emoções, satisfeita pelo orgasmo, foi a noite mais intensa que já experimentei.

A minha cama não é nada comparada à que dormimos na fazenda, ou a da casa de Hanna, acredito que é pequena para o estilo “Josh de viver”. Apesar de ele me abraçar com tanta força que tenho a impressão de que ele não se importar nem um pouco com o espaço. Estava bom, mas droga, também precisava ir ao banheiro.

— Adoro sexo de manhã — murmura quando tento me afastar, ele me abraça mais forte, respirando no meu pescoço. Sua voz rouca por causa do sono faz os pelos do meu corpo eriçarem.

— Não iremos fazer sexo — digo.

— Ainda — responde, em seguida morde meu pescoço. Grito e tento sair de seus braços, mas ele me prende e começa a fazer cócegas em mim.

— Para, Josh! Preciso ir ao banheiro. — Consigo dizer.

— E eu preciso que você não se mexa, ainda é de madrugada. — Duvido disso.

— Você está mentindo sobre a hora, Josh? Para uma mulher cega? — Seu corpo enrijece e ele me solta, acho que a minha piada não teve o efeito que eu esperava.

— Desculpa, eu... merda, sou um asno.

— Ei! — Toco sua mão. — Só estava brincando com você.

— Droga, Lillith, não tem graça.

— Eu sei, desculpe. É que às vezes não consigo evitar. — Tento conter a risada.

— Como é? — pergunta e eu demoro um momento para entender. Ainda estamos sem roupa, e quando Josh está comigo, fico completamente atordoada.

Os pelos da perna dele roçando na minha, a textura da pele, o ritmo dos batimentos. Sei que mesmo não o enxergando, posso sentir sua essência perfeitamente. Ele desperta em mim muito mais sensações do que quando tinha a visão perfeita.

— Feche os olhos — peço.

— Estão fechados.

— O que você vê? — Ouço ele bufar.

— Nada, está tudo escuro.

— É assim que é, Josh. Não importa se o dia está claro e bonito, ou se é lua cheia. Não importa que cor de roupa está usando, eu sempre vejo preto.

— Você falou sobre uma cirurgia. — Respiro fundo, lá vamos nós.

— Quando fiquei cega, demorei um pouco para me adaptar a essa nova condição, mas não desisti. Eu me esforcei e comecei a perceber que precisava ser grata por tudo que estava recebendo. — Ele puxa meu corpo para o dele novamente e descanso a mão em seu peito. — Voltei a tocar e cantar, o que me fazia feliz. Realizada.

— O que mudou?

— Um dia vim para Nova Iorque visitar minha irmã, e conheci um médico. Ele me deu esperanças de que eu poderia voltar a enxergar.

— E é isso o que quer?

— Se você tivesse a chance de sair da escuridão, não se arriscaria?

— Acho que sim. Mas tem algum risco cirúrgico? — pergunta, receoso.

— Meu médico diz que o risco é mínimo, como todo procedimento cirúrgico. — Eu o sinto ficar tenso ao meu lado, seu coração acelera. — Josh?

— Sim? — Ele demora um pouco para responder.

— Quer ir comigo na próxima consulta? — Não sei porque o convidei, porém, algo em como o corpo dele reagiu a essa nova informação, me incomodou.

— Tudo bem. — Ele beija minha cabeça e continua em silêncio.

Josh não vai embora, passamos boa parte da manhã juntos, ele preparou

nosso café da manhã e fez panquecas – e, minha nossa – se já não estivesse me apaixonando, depois dessas panquecas certamente estaria.

Estamos no meu quarto, estou dedilhando meu violão sentada na cama com Josh deitado ao meu lado quando sinto a vibração de batidas rítmicas na madeira da cama, sorrio internamente porque tenho certeza de que ele não percebe o que está fazendo.

— Onde está o seu violino? — pergunta de repente e eu paro de tocar.

— No armário. — Dou de ombros, mesmo que não tenha mais tocado, sempre o guardo por perto como um lembrete de algo que desejo muito, da força que me inspira a fazer a cirurgia. Quero voltar a sentir cada emoção que me arrebatava quando tocava meu violino.

Sinto um movimento na cama, seguido de barulho de portas fechando e abrindo... fechando e abrindo.

— O que você está fazendo?

— Procurando seu violino. — E o barulho para. — Nossa, calcinha de lacinho?!

— Você está procurando meu violino na gaveta de calcinhas? — pergunto, incrédula.

— Não, mas aproveitei a viagem — provoca e eu gemo. — Lilly, quero que use essa na próxima vez que dormimos juntos. — Noto que ele se aproxima e coloca algo na minha mão, *a* calcinha. Perfeito. — Posso tirá-la de você com a boca. — Ele dá um beijo na minha orelha, que me faz estremecer, depois algo pesado é colocado nas minhas mãos.

Meu violino.

— Toque pra mim — pede com a voz gentil.

— Não posso, Josh. — Minha mão aperta forte o instrumento.

— Por que não? Você é perfeita quando toca violão e já te vi no piano. Violino era seu instrumento favorito, não era?

— Por isso mesmo que não consigo.

— Deveria tentar — diz de forma carinhosa.

— Quando comecei a tocar de novo, eu tentei, Josh, mas não consegui.

— Tentou quanto?

— Uma vez, e foi suficiente para nunca mais querer me sentir daquele jeito.

— Como você se sentiu, Lillith?

— Incapaz.

Josh não diz nada por alguns segundos, apenas fica ali, segurando a minha

mão. Ele também não pressiona por mais informações. Sempre soube do que era capaz de fazer, no entanto, na primeira vez que tentei tocar o violino, percebi que algo em mim havia mudado de verdade e não gostei de me sentir daquela forma.

— E se eu fizer uma proposta? — ele chama minha atenção.

— Que tipo de proposta?

— Já faz algum tempo que não toco minha bateria, que tal se fizermos essa nova tentativa juntos?

— Josh, eu não consigo. Você não entende.

— Ah, qual é, Lillith. — O colchão balança e ele não está mais ao meu lado. — Eu vi você andar naquele bar como se fizesse parte do ambiente, sem tropeçar ou vacilar. — A voz dele está um pouco alterada. — Eu te vi subir naquele palco e cantar com o coração sem se importar se havia pessoas prestando atenção. Confia em mim quando digo que conheço a sensação de estar no palco porque eu vibrava com cada olhar que recebia. E em nenhuma vez te vi com medo.

— Não é só medo.

— Então qual é o problema? — Ele fica entre as minhas pernas e coloca as mãos nos meus joelhos. — Tenho medo de tocar de novo, sabe? Não consigo me ver em cima de um palco sem o Braden. Não vejo a banda sem ele. Entende? — Aceno com a cabeça, concordando. — Até que te vi; toda linda, segura de si e, o principal, sem medo.

— E se eu não conseguir?

— Tentaremos de novo. E se *eu* não conseguir, Lillith?

— Estarei com você.

— Bom, era isso que eu precisava ouvir. Agora, vem, vamos num lugar.

— Ele me ajuda a levantar. — Leve o violino que eu levo a calcinha.

— O quê? Josh...

— Pra dar sorte. — Ele me beija, rindo. — Vai ficar no meu bolso, agora vem, Garota Bonita. Vamos até o estúdio.

— Que estúdio? — Paro.

— No apartamento do Gael.

— Você vai me fazer tocar na frente dos seus amigos? — Fico paralisada no lugar.

— *Nossos* amigos. Eles também são seus amigos, e não, será somente nós dois. Pode ficar tranquila.

— Difícil ficar tranquila com você — respondo baixinho, mas a risada

dele é um sinal claro de que me ouviu.

— Causo esse efeito nas pessoas.

Saímos do prédio rindo, Josh fala o tempo todo durante o caminho, sempre fazendo questão de me lembrar do que está dentro do bolso dele. Porém minhas mãos continuam suando frio e acho que posso acabar quebrando meu violino, mesmo dentro do estojo. Meu aperto é quase mortal sobre o coitado.

Quando chegamos no apartamento, somos recebidos por Gael, ele parece feliz em nos ver.

— Ia te ligar — comenta com Josh, a alegria na sua voz é contagiante.

— Aconteceu alguma coisa?

— Temos uma notícia. Só vou esperar o Micah chegar para contar de uma vez.

— Beleza, podemos usar o estúdio? — pergunta Josh e aperta de leve a minha mão.

— Fiquem à vontade, estarei com a Hanna no quarto.

— Tá bom, te vejo depois.

Eles se despedem e nós subimos para onde acredito que fica o estúdio. É meio que surreal alguém manter um estúdio de gravação em casa. Entretanto, eles são a banda Originals, parece que eles têm tudo o que desejam, afinal de contas.

— Chegamos. — Josh abre uma porta e nós entramos. O lugar cheira a limpeza. Josh pega o violino da minha mão e me ajuda a conhecer o ambiente.

Vou caminhando ao seu lado, tocando em cada instrumento até que paramos. Minhas mãos tocam nos pratos e sei que é a sua bateria.

— Você está diante de uma das minhas paixões — explica, ao meu lado.

— Acho que sei o que você quer dizer. — Minha voz falha um pouco, e quando penso em me recompor, Josh coloca o violino nas minhas mãos.

— Pronta?

— Não, e você?

— Nem um pouco. — Ele ri. — Então, o que iremos tocar?

— Que tal “Sweet Child O’ Mine”? — sugiro.

— Gostei. — Josh se aproxima e segura meu rosto com as mãos. — Esteja aqui e eu estarei também. Se errarmos, recomeçaremos, mas uma garota bonita está me ensinando a não desistir.

— Essa garota está apavorada.

— Essa cara, também. — Ele leva minha mão até seu peito, sinto o coração acelerado. Josh está tão nervoso quanto eu. — Vamos, Lillith. A gente consegue. — Ele beija minha mão e me ajuda a sentar no banco.

Meu corpo inteiro treme quando coloco o violino sobre o ombro, seguro firme o arco e espero seu comando. Tentando controlar meu medo enquanto sei que ele está tentando controlar o dele.

CAPÍTULO 30

JOSH

*“So, here I’m going
Trying to leave a broken dream behind
In the naked light I saw my demons dancing on the wall
So, here I’m going”
Going – Stockholm Syndrome*

Deixo Lillith com seu violino e caminho até a minha bateria. De onde foi que eu tirei essa ideia idiota de tocar, eu não sei, mas agora estava aqui e havia uma mulher igualmente nervosa ao meu lado. Nunca a tinha visto assim, e quando me confessou que se sentiu incapaz, porra, eu quis esmurrar algo.

Ela é a pessoa mais capaz que eu conheço, é quem mantém minha cabeça fora de pensamentos autodestrutivos. Sento no banco e pego as baquetas, Gael toma conta para que tudo permaneça em ordem, ele sempre foi maluco com organização no que diz respeito aos instrumentos.

Ele e o Braden.

Pensar nele me faz olhar para frente, perto da Lillith está o baixo dele. Fecho os olhos e tento me concentrar na música que ela sugeriu. Sei que ela é paciente e vai esperar pelo meu sinal para começarmos. Então eu me concentro em todas as vezes que já tocamos essa música.

— Porra, o que deu em você, cara? — pergunta Braden, tirando a camisa e passando-a no rosto, estamos cobertos de suor por causa dos ensaios. — Estava possuído ou algo assim? — diz e me passa uma garrafa de água.

— Sei lá, essa música é um clássico, gosto de tocá-la.

— Parecia que você ia destruir a bateria, isso sim — comenta Micah.

— Olha quem fala! Eu deveria ter gravado você, estava praticamente fodendo a guitarra.

— É, transo com ela quando toco — responde e eu me levanto do banco e faço movimentos com o quadril, todos riem.

— Enquanto vocês transam com os instrumentos, eu vou pra coisa de carne e osso — ironiza Gael e guarda sua guitarra.

— Vai acabar matando a Hanna desse jeito — brinca Braden.

— É uma ótima maneira de se morrer, não acham? — Gael pisca e sai do estúdio, não demora muito e todos nós também.

— Espero que esteja com a mesma disposição no quarto como estava na bateria — diz Braden no meu ouvido.

— Eu ouvi isso — grita Micah, ele está na nossa frente e atento igual a um fofoqueiro.

— Quer que a gente brinque com você e a Callie de novo, Playboy? — Ele para e vira tão rápido que Braden quase esbarra nele. — Só estava brincando. — Levanto as mãos, num falso pedido de desculpas.

Braden ri quando Micah sai pisando duro e nós vamos para o nosso quarto, preciso de um banho, mas sei o que terei antes.

Minha baqueta bate no prato antes que eu perceba. É o sinal que a Lillith esperava para começar a tocar. Eu a vejo respirar fundo até que uma explosão de sons toma conta do estúdio.

Seus pés se movimentam no ritmo, alguns segundos depois, começo a acompanhá-la. Caramba, toco ao mesmo tempo em que a observo. Cada som que a bateria emite, é como se meu coração estivesse pulsando de novo, e a cada nota de seu violino, eu a vejo brilhar.

Ela erra poucas notas, sei que é devido ao nervosismo. Agora eu, porra, parece que estou fundido a bateria.

Quando a música termina, ambos estamos respirando com dificuldade. Deixo as baquetas no banco e caminho até ela. Seu corpo inteiro está tremendo, ela está com o violino nas mãos — na mesma posição — como se ainda estivesse tocando. Seus olhos estão fechados, mas ela os abre assim que a toco.

— Você está bem? — Tiro o instrumento de suas mãos e o coloco no chão.

— Não sei. Como eu fui? — Seu tom transborda insegurança.

— Perfeita. Obrigado por não desistir da ideia.

— Obrigada por me encorajar. Eu não... Foi tudo tão intenso, você sentiu?

— Cada batida ainda vibra no meu corpo, Lillith. Vamos sair daqui antes que eu faça algo que me arrependa. — Seguro sua mão, porém, antes que eu faça qualquer movimento, ela me impede.

— Quais são as chances de alguém entrar aqui? — Sua pergunta me pega de surpresa.

— Ninguém entrará aqui.

— Tem certeza?

— Lillith, o que está acontecendo? — pergunto, preocupado.

— Não sei como dizer isso, provavelmente esse não é o lugar, mas... Eu nunca senti o que estou sentindo agora, Josh. Esse desejo todo, a adrenalina queimando nas veias.

— É muito intenso — completo, sabendo exatamente como ela se sente.

— Não sei a melhor forma de dizer, Josh, então serei bastante direta. Eu quero você. — Olho para o rosto de Lilly, depois meus olhos navegam pelo seu corpo, ela está visivelmente nervosa.

— Queria algo especial quando estivesse dentro de você, Garota Bonita. — Dou um beijo em seus lábios. — Eu queria que fosse diferente. — Sou sincero

— É diferente, Josh. Só estive com um cara e ele nunca me fez sentir como você faz. — Ela toca no meu rosto. — Você é como a música pra mim, Josh. É como o som do meu violino que me invade e leva para outra dimensão, e me deixa completamente sem fôlego.

— Tem certeza de que é isso o que você quer?

— Da mesma forma que eu tinha sobre tocar meu violino, mas você disse que foi perfeito, não foi?

— Você foi. Mas esse não era o lugar que eu imaginava quando a gente...

— Josh? — ela me interrompe. — Cala a boca e me beija.

Caralho!!!

Cada gota de autocontrole se esvai, meu pau que já estava pronto fica — inacreditavelmente — mais duro com a ordem dela. Eu a ergo, envolvendo suas pernas na cintura e ela abraça meu pescoço.

— Eu te quero tanto, Lillith. Você não tem ideia — murmura com a boca a milímetros da sua.

— Eu também. Preciso de você inteiro aqui comigo, Josh. — Lillith não hesita ao confessar seu desejo, ela sabe o que quer.

Ansiava por esse contato, e mesmo não me sentindo pronto, minha fome por ela estava crescendo a cada dia que passava, com mais e mais força. *Jesus, e o que aconteceu ontem naquele banheiro?* Eu tinha me controlado tanto...

— Você merece plumas e sedas, Garota Bonita. — Não me contenho e a

beijo de novo.

— Já quis esse tipo de coisa no passado, e quando tive, não foi o que eu precisava. O que eu preciso agora está me segurando; ele tocou comigo, e me encanta com seus gestos. O *algo especial* está bem aqui, Josh. Diante de mim e quando você faz com que *eu* me sinta especial. Entende a diferença?

— Puta merda, garota. — Ela está me matando com cada palavra que sai de sua boca. — Ignore qualquer barulho que escutar. — Chuto um banco que está no caminho. — Porque será apenas eu, fazendo amor com você da maneira que merece. — Beijo seu pescoço e ela geme.

— Josh? — Sua mão toca meu rosto, chamando a atenção. — Fazer amor, foder... não importa, desde que sejamos só nós dois, inteiros um para o outro.

— Sou seu, Lillith. Você me tem como nenhuma outra mulher teve antes. — Ela sorri e dou um beijo casto nos seus lábios, sorrindo junto com ela.

Olho em volta e vejo a mesa onde costumávamos deixar garrafas de água e comida, e ela está vazia. Perfeita. Caminho com a Lillith até lá e a sento em cima da mesa.

— Já te disse uma vez que você parece um instrumento, não é? — Ela ofega quando tiro a sua blusa. — Vou te tocar, cada centímetro seu, de todas as maneiras que conheço. — Tiro o sutiã, expondo os seios. — Deite-se — peço e ela deita devagar, seguro sua nuca para que não se machuque. Depois tiro seu jeans, descendo a calcinha junto. Sinto um sorriso se espalhar no rosto quando me lembro do que tenho guardada no bolso. — Não se mexa.

Aviso e vou até o banco onde está a bateria, pego as baquetas e as giro entre os dedos.

— Hora de brincar — digo, sorrindo admirando a mulher na minha frente. Minha nossa, ela está nua, a pele macia pronta para ser tocada.

Tocada por mim.

Com a baqueta na mão, eu percorro a ponta em seu corpo. Ela se assusta quando a madeira toca um dos seios, mas depois relaxa assim que começo a traçar os contornos de suas curvas.

— Sabia que eu fazia os arranjos musicais da banda? — pergunto, distraído vendo o caminho que a baqueta faz ao se aproximar de seu ventre. — Poderia fazer uma melodia inteira inspirado no seu corpo. — Passo a ponta da baqueta no clitóris, pressionando levemente.

Ela geme alto.

— Abra as pernas. — Ela as abre e eu esfrego a baqueta com um pouco mais de intensidade em sua abertura, mas sem inserir. A única coisa que

entrará em Lillith será o meu pau, nada mais. Percebo como está molhada, apenas me esperando. Coloco o objeto de lado, e levo a boca até no meio de suas coxas. No meu próprio paraíso na terra.

Lillith grita quando a penetro com a língua, massageando seu clitóris com os dedos.

— Josh... — Ofega. — Não quero gozar assim.

— E como é que você quer gozar, Lilly? — Beijo os lábios de sua boceta. Caralho, ela é muito gostosa.

— Com você, dentro de mim.

— Será um prazer — respondo e tiro a camiseta, minhas mãos se atrapalham com a calça. Caramba, pareço um adolescente prestes a transar pela primeira vez, e nunca fui do tipo nervoso quando sexo está envolvido. Porém sei que dessa vez é diferente, minha mente e corpo estão cientes disso.

— Não tenho preservativo aqui — confesso, frustrado. Droga, faz tanto tempo que não transo que acho que os que estão em casa já perderam a validade.

— Tomo pílula, Josh, e não estou com ninguém, bem... Desde que... — Aponta para os olhos.

Eu me inclino, e beijo seus olhos. Beijo cada um deles com ternura, amando cada parte de seu corpo.

— Então eu vou te fazer minha agora, Garota Bonita. — Digo e beijo seus lábios. Ela sorri ainda com nossas bocas coladas. Ela está concordando.

Graças à Deus.

— Vem. — Eu a puxo para se sente, e a trago até a borda. — Enrole as pernas na minha cintura. — Ela faz o que eu peço, seguro meu pau e o posiciono em sua entrada. — Farei você se sentir como nunca antes. — Levo a mão até o cabelo dela. — Segure-se, Garota Bonita, porque não consigo me controlar mais, eu preciso te sentir. Primeiro, vou te foder, mas depois irei venerar cada detalhe do seu corpo, alma e coração ao fazer amor com você.

Não sei quem geme primeiro, se sou eu ou ela. Mas assim que meu pau entra em seu corpo, só desejo mais. Mais dela, mais de seus gemidos, mais de suas mãos arranhando minhas costas.

A mesa bate com força contra a parede com cada estocada, Lillith está agarrada a mim, gemendo meu nome. Meu corpo parece estar fora de controle. Ou melhor, ele está sendo controlado por ela.

Pela sua voz no meu ouvido.

Toda vez que ela fala o meu nome.

E pelo grito que dá quando finalmente goza.

— Jesus, Lillith. — Seu nome sai da minha boca na forma de um grunhido. Observo o corpo dela ondular com os espasmos por causa do orgasmo. Ela é linda quando goza, selvagem.

Vê-la se contorcer é tudo que preciso para gozar, também. Eu a abraço forte conforme gozo dentro dela. Aqui e agora, sou capaz de admitir que nunca mais quero soltar essa mulher. Jamais quero estar dentro de outra pessoa.

Ainda ofegantes, eu me afasto um pouco para olhar seu rosto, afastando uma mecha de cabelo do rosto. Suas bochechas estão vermelhas e a veia no pescoço está pulsando, igualzinho quando ela estava tocando o violino mais cedo. É nesse momento que sinto a outra metade vazia do meu coração ser preenchida por ela.

— Oi, Garota Bonita — chamo sua atenção e ela abre os olhos. Se eu dissesse a alguém como o olhar de uma pessoa cega é intenso quando ela está sentindo algo extremamente forte, com certeza, ninguém me entenderia. Acho que até eu ficaria confuso se não estivesse presenciando essa experiência nesse exato momento. Seu olhar, mesmo que vago, revela tudo o que está sentindo agora. Ela não me vê fisicamente, eu sei. Mas, caramba, vovó tinha razão, essa mulher me enxerga de verdade.

— Oi, Josh — murmura com a voz um pouco rouca.

Meu pau ainda está dentro dela, se recusando a sair. Mesmo tendo gozado, ainda estou duro feito pedra. Cacete, há quanto tempo não fico assim? Há quanto tempo não me sinto tão conectado, física e emocionalmente, com alguém? Já sei a resposta, meu coração sabe, e meu corpo, também. Tanto que volto a me movimentar, porque não foi suficiente. E tenha certeza de que nunca me cansarei de Lillith.

— Josh... — geme.

— Shhh. — Coloco o dedo sobre a sua boca. — Eu mal comecei com você.

Afundo o rosto em seu pescoço enquanto ela me abraça. Começo um novo ritmo, lento e delicioso. Um que ela vai amar. Eu me embriago com a sensação de estar dentro dela, encharcado com nossos gozos, não paro de me mover.

— Incline o corpo novamente — digo.

— Mas...

— Faça, você vai gostar. — Ela deita e eu a puxo um pouco para fora da

mesa. Segurando sua bunda com as mãos, continuo o movimento. Vê-la se contorcer em cima da mesa, me deixa mais e mais excitado. Não quero gozar tão rápido dessa vez, quero aproveitar cada sensação. — Toque-se — peço.

Ela não questiona, e minha nossa, sua mão desce até a boceta e esfrega o clitóris.

— Puta que pariu, Lillith. Continue assim — digo, porém, a minha garota é esperta demais. Ela sabe se dar prazer, e estou adorando esse pequeno show sexy que está dando.

Lillith assume o controle sem nem perceber, comandando o próprio ritmo. Sempre adorei o sexo, em todas as suas nuances, mas ver uma mulher igual a Lillith fazer isso, é como descobrir o pote de ouro no final do arco-íris.

Jogo a cabeça para trás, movendo o quadril enquanto aumento a força do meu aperto em sua bunda. E ela tem uma espetacular. Não demora, e a boceta começa a apertar meu pau, levando junto toda a sanidade que me resta.

— Você está me matando — gemo, vendo-a gozar.

Fecho os olhos quando sinto que seu corpo começa a relaxar e, só então, atinjo meu próprio clímax, gritando o nome dela.

Pego as toalhas que estão dentro do armário e as uso para nos limpar. Normalmente, sairia da sala sem nem sequer me importar com as roupas, mas há algo aqui que eu quero preservar. Também a ajudo a se vestir, o que estranho, porque ela deixa sem questionar. Em seguida, sento na mesa ao seu lado.

— Essa mesa parece ser bem forte — brinca Lilly.

— Você não tem ideia. — Sorrio. — Preciso te perguntar uma coisa.

— Vá em frente.

— Já te beijei na frente dos meus amigos, entretanto, eles não têm noção da dimensão de tudo o que está acontecendo. E não quero que, ao sair dessa sala, eles pensem que você é só mais uma que eu beijei.

— E fodeu? — Seu tom é brincalhão.

— Acho que fizemos mais do que isso, não acha? Pelo menos para mim, foi mais.

— Para mim também, Josh. Não vou esconder nada de você, tudo que senti e disse aqui foi verdadeiro. E fico feliz que se sinta assim, também.

— Eu sei, por isso preciso saber de uma coisa antes de continuarmos com isso.

— O que você quer saber?

— Você sabe quem eu sou, conhece a minha história e os meus

relacionamentos. O que eu quero saber é se tem vergonha disso, porque não pretendo me esconder mais. Com certeza, Gael chamou todo mundo pra vir aqui, então tem grandes chances de entrarmos naquela sala e dar de cara com meus amigos que são minha família, meu filho e a mãe dele, com quem tive um relacionamento junto com o Braden.

— A Mag — confirma.

— Sim, a Mag. E todos saberão o que fizemos aqui. — Vejo seus olhos se alargarem e contenho o sorriso. — Ninguém vai te julgar, Lillith, não somos desse tipo. No entanto, todos notarão só de olhar em nossos rostos. Tenho a bela de uma bagagem, e preciso ter certeza de que não sentirá vergonha dela.

— Antes de te responder, posso fazer uma pergunta?

— Claro. — Seguro sua mão.

— Você ainda sente algo pela Mag? E não pense besteira achando que é ciúmes, é só que preciso saber o tipo de água em que estou prestes a mergulhar.

— São águas escuras, Lillith, mas confiáveis. Tenho respeito e admiração pela Mag, mas se você está querendo saber se eu a amo, a resposta é não. Só senti isso uma vez na vida. E a Mag também não me ama, caso esteja se perguntando.

— Você acha que o que temos é suficiente? — Caralho, isso me pega de surpresa.

— Se você está se referindo as palavras idiotas daquele babaca do Drew, posso te garantir que está errada. — Saio da mesa e me posiciono entre as suas pernas para ficarmos frente a frente. Lillith leva as mãos até o cabelo e tenta fazer um coque, que se desfaz na mesma hora e ela suspira frustrada. Ela é uma gracinha. — Cada casal tem uma dinâmica diferente, Lillith. O que eu tinha com o Braden era algo nosso, e a única mulher que permitimos fazer parte dele foi a Mag. Ela é especial e via apenas o Braden e o Josh e não os astros do rock, é a mãe do meu filho e sempre estará presente na nossa vida, mas nunca ficará entre nós. Entendeu?

— Sim. Me desculpe, mas precisava perguntar. Não faço ideia de como era o relacionamento de vocês, só sei dos seus sentimentos pelo Braden. Pode chamar de insegurança, porém, precisava dessa certeza.

— E você, está confortável em ficar comigo? Com um cara bissexual? Porque é isso o que eu sou. — As palavras que saem da minha boca são tão verdadeiras que me assustam. Nunca as disse tão abertamente assim.

— Gosto de você, Josh. — Pego a sua mão e a coloco no rosto, as pontas

dos dedos começam a percorrê-lo. — Bissexual, heterossexual, homossexual, não importa qual seja a sua sexualidade, porque sem caráter nada disso tem relevância. Não tenho medo de ser trocada por outro homem, ou de você se sentir atraído por um, só tenho medo de me entregar e um dia te perder, seja lá para quem for.

Porra! Minhas pernas vacilam.

— Você é muito foda. — Ela sorri. — E nunca vou cansar de dizer isso. — Seguro seu rosto com as mãos e a beijo.

Um beijo diferente de todos, porque aqui – dentro desse estúdio que já foi cenário de muitos momentos bons da minha vida – estou me entregando novamente para alguém.

Corpo.

Alma.

De todas as maneiras que importam.

— Josh? — Ela interrompe nosso beijo.

— Sim.

— Nós passamos de “não amigos” para “não namorados”?

— Sim, somos “não namorados” oficiais agora. Bem-vinda ao meu mundo, Garota Bonita.

Eu a ajudo a descer da mesa, e seguro firme a sua mão. Juntos, nós saímos do estúdio para encarar o que quer que esteja nos esperando do lado de fora.

CAPÍTULO 31

LILLITH

*“When, when you came home
Worn to the bones
I told myself: This could get rough”
Let's Hurt Tonight – OneRepublic*

Não importa o que dizem sobre as primeiras vezes, ou o quanto uma garota sonha com o conto de fadas. Eu fiz isso, sonhei cada detalhe da minha primeira vez. Com meu namorado, o cara que eu *supostamente* amava, uma cama enorme e pétalas de rosas. Só de pensar no fiasco que aquela noite havia sido, meu estômago revira.

Mas nada se compara ao que tive com Josh; deitada em uma mesa, dentro de um estúdio, em um apartamento cheio de gente. Meu Deus, foi a experiência mais emocionante que já tive. Josh foi o maior responsável disso.

E com ele, aprendi que sexo é muito mais do que cenário, que imagens são subestimadas e podem enganar os olhos mais hábeis. Porque foi na escuridão que me senti como uma mulher deve se sentir de verdade ao ser tocada. Ao ser amada por um homem.

Naquela tarde, não apenas transamos; nós nos entregamos, colocamos as cartas na mesa, enfrentamos os medos e nos entregamos ao desejo. Josh foi sincero comigo desde o início e isso me conquistou, ele não é um cara que lança palavras ao vento.

Como Josh suspeitava, Gael tinha algo importante a dizer, e fiquei feliz em fazer parte daquele momento. Hanna estava esperando o segundo filho deles e todos comemoraram. E sim, Josh estava certo quando disse que todos estariam presentes.

Troy, Mackenzie, Callie, Micah, Mag e AJ formavam uma turma animada, e estavam me recebendo de braços abertos, sem reservas.

— Você sabe que um dia precisará enfrentar isso, né? — Estamos deitados no quarto dele no apartamento do Gael. Josh pediu para passarmos a

noite aqui, e me confessou que estava dormindo no sofá de sua casa porque não se sentia pronto para entrar no próprio quarto.

— Eu sei, mas antes quero ir no meu médico maluco — comenta.

— Médico maluco? — Será que ouvi direito?

— Meu psicólogo.

— Você chama o seu psicólogo de maluco?

— Se o conhecesse, acharia isso um elogio. — Passo os dedos em seu peito, os movimentos me fazem lembrar da nossa tarde de ontem, a gente não transou quando veio para o quarto, estávamos ambos exaustos demais então ficamos só conversando.

Não sei se consigo descrever tudo que senti naquele momento. Josh me explicou que o objeto que ele passou pelo meu corpo eram as suas baquetas, e que agora, estavam guardadas como uma recordação da nossa primeira vez. Aquilo me excitou.

Mas o que mexeu mesmo comigo foram os gemidos que ouvia, e a forma com que me tocava. Delicado e ao mesmo tempo transmitindo exatamente o que eu tinha pedido.

Ele estava comigo por inteiro.

— Quer que eu vá com você?

— Não precisa, tenho que enfrentar essa etapa sozinho — diz, referindo-se ao quarto.

— Independente de como ou quando for lidar com isso, meus pensamentos estarão com você. Sempre.

— Obrigado. — Beija a minha cabeça. — Acho melhor dormirmos, o sol já está nascendo.

— Sério? — pergunto, curiosa. — Dá pra ver daqui?

— Sim. Tem uma pequena varanda, o sol bate bem ali, por isso as cortinas são escuras.

— Podemos ir lá?

— Agora? — pergunta, confuso.

— Quero sentir uma coisa — respondo e Josh não pede mais explicação, ele levanta da cama e coloca um cobertor grosso sobre os meus ombros por causa do frio. Juntos, vamos até a varanda. — Quanto tempo falta para amanhecer? — pergunto quando ouço a porta de correr, abrindo.

— Poucos minutos, acho.

— Quero ficar perto da grade.

— Lillith... a porra desse prédio dá vertigem só de olhar.

— Vem comigo, Josh. Só quero sentir uma coisa, por favor.

— O que?

— Quero sentir o sol nascer. — Minha voz sai embargada, lembrando-me de quantas vezes não dei valor a esse espetáculo da natureza. E o que eu não daria nesse momento só para ver o amanhecer com ele ao meu lado.

Josh não questiona mais, ele nos leva até a grade e eu a seguro com força. Ele fica atrás de mim, e usa o cobertor para cobrir a nós dois. Solto as mãos da grade e encosto nele enquanto seus braços envolvem minha cintura, transmitindo segurança.

E aos poucos, começo a sentir na pele o começo de um novo dia.



Duas semanas depois e Josh se tornou uma companhia constante, na verdade, ele praticamente está vivendo no meu apartamento. Jannet não está nada feliz de ter um homem que ocupa metade do lugar.

— Não temos empregados, você precisa falar para o astro do rock juntar as coisas dele — resmunga quando se senta ao meu lado, estou no sofá ouvindo um livro quando ela me interrompe.

— Porque não diz você?

— E acha que já não fiz isso? — reclama. — Lillith, eu acordo e dou de cara com um homem seminu rebolando na minha cozinha. — Abafo uma risada. — Fora a bagunça que ele deixa no banheiro. Sério, qual é o problema dele com relação a tampa do vaso? Custa baixar aquela droga.

— Vou conversar com ele, Jannet. — Tento tranquilizá-la. Conversarei com ele mais tarde, pois Josh tem uma consulta marcada para hoje com seu psicólogo, disse que precisava falar com ele antes e, só assim, conseguiria entrar no quarto dele.

Mackenzie se tornou uma grande amiga, ela veio me visitar algumas vezes, e é presença constante no The Rock quando estou me apresentando. Assim como Gael e Hanna. Ainda não me acostumei com essa atenção toda, mas aprendi a ignorar muitas coisas. Como, por exemplo, as fotos que foram tiradas sem a nossa permissão, dois dias atrás.

Estávamos saindo do meu prédio quando Josh segurou meu braço e disse para ficar perto dele. Em segundos, fui completamente cercada; três

seguranças sempre nos acompanhavam quando saíamos, e que também vigiavam a entrada do prédio.

Os vizinhos não reclamavam, afinal, tinham segurança extra e de graça.

— Mamãe está pensando em vir nos visitar. — Solto um gemido, minha mãe soube do meu namoro através da imprensa. Como estava envolvida com uma celebridade, meu rosto, aparentemente, estampou algumas capas de revistas de fofocas. Não preciso nem dizer como ficou insatisfeita com a notícia.

Já Sam e Ray, são outra história. Meus amigos estavam contentes só de saber que eu estava feliz. E quando conheceram Josh no The Rock, Sam me disse que eu finalmente encontrei o cara certo.

— Você disse que eu estava ocupada? — pergunto.

— Lillith, ela é nossa mãe e está preocupada. Não acredito que a está ignorando.

— Não estou, Jannet. Converso com ela pelo telefone e são sempre as mesmas cobranças, mesmas palavras. Ela está surtando à toa.

— Precisa parar de pensar que nossa preocupação com você é besteira — diz brava. — Estou saindo para o trabalho, e você trate de falar para o dono do mundo que: ou para com essa folga de deixar as coisas dele pelo apartamento todo. Ou irei queimá-las.

— Passarei o recado — aviso, mesmo sabendo que se ela queimar, Josh nem vai sentir falta.

Assim que ela sai, volto para minha leitura, porém, sou novamente interrompida por um barulho vindo da porta. Não preciso nem ouvir a voz para saber quem é, afinal, ele tem a chave. Droga, minha irmã tem razão, preciso colocar alguns limites.

— Lillith? — grita ele, e não sei por quê, já que estamos na sala e esse apartamento é minúsculo. Mas pode ser que ele não tenha me visto, já que estou deitada no sofá.

— Aqui. — Eu me sento e sinto um cheiro estranho. — Que cheiro é esse? — questiono.

— Yoda — responde ele.

— Quem?

— Você não sabe quem é o Yoda? O Mestre Yoda? — Ele parece perplexo.

— Eu deveria saber?

— Nossa, e pensando que tinha encontrado a garota perfeita. — Ele

desaba ao meu lado ao mesmo tempo que algo encosta na minha perna, uma coisa peluda.

Dou um grito e encolho as pernas em cima do sofá. Josh começa a rir.

— Você acabou de conhecer o Yoda.

— O que é isso?

— Nosso novo mascote. Diz oi pra mamãe, Yoda.

AU! Auuu!

Eu arregalo os olhos, estupefata. *Isso foi um latido?*

— Você trouxe um cachorro?

— Sim, não é demais? Sobe aqui, garoto. — O cachorro sobe e fica entre nós dois, e eu me encolho. — Vi hoje pela manhã, uma matéria com cães-guia e achei maneiro, então fui buscar um — conta, todo alegre.

— Você arrumou um cão-guia?

— Vai ficar me perguntando o óbvio?

— Estou espantada, honestamente.

— Estende a mão e toca nele, você vai gostar.

— Ele não vai me morder?

— Não. — Ele ri. — Ele é um cão treinado, foi reprovado em alguns testes, mas é um bom garoto. Só precisa de carinho.

— Você trouxe um cão-guia, que *não* passou no teste para ser um cão-guia? Será que eu entendi direito? — Meu Deus, só pode ser piada.

— Basicamente, então vai passar a mão nele ou não?

Estico o braço, Josh pega a minha mão e a coloca na cabeça do cachorro, acaricio seu pelo, é curto e macio. Minha mão afaga a cabeça dele, até que sinto algo.

— Que nojo! — Tiro a mão babada de perto dele. — Ele baba!

— Um pouco, é um boxer — justifica Josh. Eu nem sei que diabos é um boxer.

— Josh — endireito a postura —, não podemos ter um cachorro. A Jannet vai me matar. Além do mais, existe uma razão por eu jamais ter tido vontade de ter um cão-guia.

— Qual?

— A cirurgia, Josh. Quero voltar a enxergar e não tem sentido ficar com um animal que pode ajudar a outras pessoas, a menos que não dê certo, mas isso algo para se pensar depois.

— Então que legal que o Yoda não é *exatamente* um cão-guia exemplar. — diz e o humor desaparece da sua voz quando volta a falar. — Tenho que ir

para a minha consulta. Vem, garoto.

Josh chama o cachorro, porém ele não vai. E alguns segundos depois, sinto o pulo ao meu lado, e ele acomodando com a cabeça na minha perna.

— Vem, Yoda! — ele chama novamente, e nada.

Espera. *Argh, de novo, não!*

— Ele está babando na minha perna — gemo.

— Vem, cara, vamos voltar para o canil. — O corpo do animal fica todo tenso e não se move.

— Tudo bem — digo, derrotada. — Pode ir, eu fico aqui com ele.

— Eu te adoro. — Josh segura meu rosto e me beija com força ao mesmo tempo em que sinto mais baba na perna. — Ele vai ganhar um petisco quando eu voltar.

— Vocês tramaram isso? — Não posso acreditar.

— Volto logo. — Ele se afasta.

— É bom voltar mesmo porque seremos despejados quando a Jannet encontrar esse cachorro aqui — grito e o cachorro choraminga como se tivesse entendido o que eu disse.

— Maravilha porque quando eu voltar, será pra te buscar.

Josh fecha a porta me deixando sem palavras. O cachorro volta a latir, me assustando, mas logo volta à posição em que estava. Deitado, com a cabeça na minha perna.

— Você não pretende sair daí, né? — Ele solta um ganido.

Céus, estou conversando com um cachorro? Coloco a mão na cabeça dele e começo a fazer carinho, parece que ele gosta porque não se move. Enquanto isso, fico pensando no que o Josh quis dizer quando falou que voltaria para me buscar.

Mas nada aconteceria antes que eu tomasse um belo de um banho.

CAPÍTULO 32

JOSH

*“Upon the bridge, I hear a radio play
And it sounds like something you would say
And the feeling's ohh so holy
As I dive tonight alone
Singing, "you're gonna miss me when I'm gone"
Looking For Your Name – Gavin DeGraw*

Dizer que não estava nervoso com esse momento é mentira. Fiquei adiando a consulta, me esquivando porque sabia o que teria de enfrentar. Mas agora a minha realidade é diferente, e se quero algum futuro com a Lillith, sei que preciso superar a saudade que sinto do meu passado.

Braden foi minha rocha durante o tempo que ficamos juntos, mesmo quando éramos apenas amigos, e eu me perdi no momento em que se foi. Com Lillith, sinto que estou recomeçando e me tornando o homem que ela merece ter em sua vida.

Aquele que Braden sempre acreditou que eu fosse, mas que jamais consegui enxergar.

— Odeio quando você marca essas consultas em cima da hora — reclama Doutor Hunt assim que entro na sala.

Depois que saí do apartamento – deixando Lillith e Yoda sozinhos – vim direto para cá, matutando sobre o que ela contou o porquê de nunca ter arrumado um cão-guia. Mesmo levando tudo numa boa, algo naquela conversa me incomodou e não estava gostando nada dessa sensação.

— Por que não diz logo que estava morrendo de saudades? — brinco e sento na cadeira, ou melhor, eu me jogo nela ficando à vontade. Ele me dá um olhar lacônico.

— Em que posso ser útil? — Ele cruza as mãos sobre a mesa e me encara, eu imito a sua posição e inclino o corpo um pouco para frente, como se estivesse lhe confidenciando algo.

— Estou saindo com alguém. — Seu olhar não vacila e continua me olhando fixamente.

Tique-taque.

Tique-taque.

Tique-taque.

Ouçõ o compasso do relógio na parede, seu consultório no hospital é bem amplo e tem a própria recepção.

— Não vai falar nada? — Quebro o silêncio, ele continua me encarando sem nem piscar. Será que teve um piripaque, morreu e petrificou? — Não é agora que você me diz: “Que bom, Josh! Fico feliz que esteja seguindo com a sua vida? — Ele pisca.

— É o que você quer que eu diga?

— Não é o certo? — Fico confuso. — Não era para eu seguir em frente?

— Humm... Então imagino que correu tudo bem no cemitério? — Ele pega o bloco de anotações de cima da mesa e finge anotar alguma coisa.

— O quê? — *Merda*. — Não, droga. — Caio para trás.

— Não era *esse* tapinha nas costas que esperava, não é? — ironiza. — Vamos começar do início, Josh. Como está em relação à bebida?

— Não bebi nada desde que saí da clínica. Também não usei qualquer droga, se essa for a sua próxima pergunta.

— Teve vontade de usar?

— Algumas vezes — confesso.

— E como lidou com isso? Você não tem ido às reuniões do grupo de apoio. — Ele olha em alguns papéis.

— Grupo de apoio? Nem sabia disso. — *Ou sabia?*

— Josh, você prestou atenção em alguma coisa nas reuniões na clínica?

— Quando estava acordado, sim. — Sou sincero.

— Por que isso não me surpreende? Então, como está lidando com essas vontades?

— Mudo meu foco. A verdade é que... — Eu me inclino sobre a mesa. — Eu queria me chapar para esquecer o Braden, esquecer o quanto sentia falta dele.

— E agora? Não quer mais esquecer? — Respiro fundo antes de responder.

— Você já se apaixonou? — pergunto, mas não espero por sua resposta. — Eu amo o Braden. E não direi isso no passado porque não importa se ele está aqui ou não, isso não muda nada. Hoje eu sei que não adianta encher a

cara de bebida, ou me entupir de drogas, porque assim que ficar consciente, essa saudade e angustia por não o ter mais presente me atingirão com força descomunal. E ele não merece ser esquecido.

— Isso é bom. E a respeito da nova pessoa; como está lidando, é alguém que gosta de verdade ou apenas diversão?

— Lillith não é um passatempo. Desde o primeiro dia soube o que sinto por ela, porque conheço o sentimento, doutor.

— Ela sabe dos seus sentimentos?

— Lilly é bem esperta. — Ele ri.

— Então, Josh, acho que só falta visitar um certo lugar. Acredito que esteja pronto para isso.

— Sinceramente? Ainda não sei.

— Hipoteticamente falando, vamos imaginar você saindo daqui e sentindo a necessidade de usar drogas, o que faria?

— Iria para a casa de meus amigos ou da Lillith.

— Nesse caso, penso que já tem “o tapinha” nas costas que veio buscar.

— Sério?

— Sim. E, Josh, mais uma coisa.

— O quê? — pergunto ao me levantar.

— Durma na sua maldita cama — diz e eu o encaro, surpreso.

— Obrigado, e “que a Força esteja com você”! — Aponto o dedo para ele e recebo um olhar esquisito. Porém quando estou fechando a porta para ir embora, escuto:

— Aprendendo você está, meu jovem Padawan.

Abro um enorme sorriso, esse velho é esperto. Sabia que tinha um motivo para gostar dele, mesmo sendo o psicólogo mais sem noção que já conheci.

Saio do hospital com um novo objetivo em mente, Mac me disse que estaria em casa hoje, então é para lá que eu sigo.



Quando chego em casa, não sou recebido pelo silêncio. Depois que trouxe Mac comigo, meu apartamento sempre está com a TV ligada ou com música tocando. Gosto disso, entretanto, sei que ela irá embora em breve, Mac viajará para a Austrália para buscar os filhos.

— Mac? — grito seu nome quando não a vejo na sala. Escuto vozes exaltadas vindo do quarto de hóspedes, eu me apresso para ver o que está acontecendo e abro a porta. — Tudo bem por aqui?

A cena que vejo me dá uma vontade louca de rir, mas contenho esse lado e mostro somente o do irmão protetor. No meio de uma discussão estão Troy e Mac – e vestidos graças a Deus.

— Está tudo *ótimo* — responde Mac e Troy apenas a encara. — Troy já estava de saída, não é mesmo? — O olhar dela para ele é tão raivoso que até eu me encolho.

— Estava. — Derrotado, meu amigo concorda e sai do quarto.

— Não se mexa — aviso a Mac e vou atrás dele. — Troy — grito. Ele já estava abrindo a porta do apartamento para sair.

— Agora não, Josh. Não estou no clima para suas piadinhas.

— Não é isso. Só queria te dizer que a Mac viajará para a Austrália em breve.

— Eu já sei.

— Então meu amigo — toco no ombro dele —, você tem pouco tempo para impedir isso. Mac não tem que buscar os pestinhas, nós podemos resolver essa questão sem que a minha irmã precise chegar perto do “Crocodilo Dundee” de novo.

— Josh, a situação é mais complicada do que parece.

— Os gritos dela deixaram isso bastante óbvio. Essa reação não parece a de alguém que não tem qualquer interesse ou que não esteja mexida. Cara, ela deu um belo de um show, se é que me entende. E quanto a ser complicado, você é *o* cara, Troy! Aquele que resolve tudo sem pestanejar. Portanto, trata de resolver essa sua vida amorosa de uma vez por todas antes que seja tarde, *de novo*. — Troy me olha incrédulo. Estou me dando tapinhas nas costas por tamanha maturidade nesse momento, mandei bem, viu só? Sei ser uma pessoa madura. — Agora, pequeno gafanhoto, pode ir.

Meu amigo me dá um sorriso torto e sai, e eu fico com a sensação de dever cumprido e com a impressão de que preciso ocupar meu tempo ocioso, estou vendo filmes demais.

Corro para o quarto e encontro Mac sentada na cama com uma foto dos filhos na mão.

— Com saudade dos pestinhas? — Sento ao seu lado.

— Muita, falei com eles mais cedo. Mandaram um beijo pra você.

— Da próxima vez que ligar me avise, quero falar com eles também.

Como você está, Mac? — pergunto e nossos olhares se encontram. Droga, ela estava chorando.

Normalmente não era eu que fazia esse papel de consolar e conversar, eu estava mais para parceiro de crime quando ela aprontava algo.

— Sei que não sou igual o Braden, mas se quiser conversar, saiba que estou aqui para o que precisar, Mac.

— Você pensa tão pouco de si mesmo, Josh. — Ela coloca a foto de lado e gira para ficarmos frente a frente. — Sinto tanta falta dele, sabe?

— Eu também, Mac. Todos os dias. — Seguro sua mão.

— Braden me mataria se soubesse algumas coisas — comenta e dá um sorriso que não reflete em seus olhos.

— Ele não era esse tipo de homem.

— Não, mas era esse tipo de irmão. — Dessa vez quem sorri sou eu.

— Percebi que você e o Troy têm uma história, e pelo que vi há pouco, tive a impressão de que ela ainda não acabou. Não sei o que te espera no futuro, mas quero que saiba que te protegerei e cuidarei de você enquanto eu viver, de você e dos pestinhas. — Mac se joga nos meus braços e me abraça forte. — Eu só quero te ver feliz.

— Eu te amo, meu irmão postiço — murmura e bagunça o meu cabelo.

— Eu também te amo, Mac. — Puxo o rabo de cavalo dela e sou apresentado com um palavrão.

Ficamos deitados na cama e olhando para o teto por algum tempo até que crio coragem e faço a pergunta que me trouxe aqui.

— Preciso entrar naquele quarto — digo.

— Precisa, e está tudo esperando por você. Quer fazer isso agora?

— Ia te perguntar se poderia me acompanhar. — Viro o rosto para ver sua expressão.

— Pensei que nunca ia pedir.

Mac sorri e, de mãos dadas, vamos juntos até o quarto. Encaramos a porta por alguns instantes antes de entrar. É um momento difícil, mas segurando a sua mão, sinto que é tão difícil para ela quanto é para mim. Não estou sozinho nessa, e mesmo sendo triste, essa sensação é reconfortante.

— Tudo bem com você? — pergunto. Ela limpa os olhos com a mão.

— Tudo dele está aí dentro, né?

— Sim, tínhamos algumas coisas na casa do Gael, porém, a maioria está aqui. É por essa razão que não conseguia entrar, tem coisas que nem sequer vi.

— Então está na hora de enfrentar isso, certo?

— Certo. — Engulo em seco e entramos, olho para nossa cama e um sentimento de nostalgia me invade. O livro que ele estava lendo ainda está no criado-mudo.

— Dom Quixote? — Mac pega o livro. — A página está marcada. — Ela sorri enquanto abre o livro. — Quer que eu leia onde ele parou?

— Quero. — Sentamos na cama e ela começa a ler.

— Ele parou no capítulo 22, na parte 1, e em um dos meus trechos favoritos: “Embora eu saiba que não exista magia no mundo que possa mover e forçar a vontade – como alguns simplesmente acreditam –, é livre a nossa vontade, e não existe erva nem encanto que a force”. — Ela fecha o livro e coloca no lugar. — Lembro quando líamos esse livro juntos — conta, saudosa.

— Fique com ele, Mac.

— Posso? — Seus olhos se iluminam.

— Claro. — Levanto e pego o livro, ele parece desgastado, como se o Braden tivesse lido ele várias vezes, então me lembro de algo. — Vi a Lillith lendo esse livro uma vez, quer dizer, ela estava ouvindo o audiolivro, mas não me lembrava de ser esse o livro que o Braden estava lendo antes de sairmos para a turnê — comento, chocado.

— Lillith é uma garota especial, Josh. Essa coincidência só prova isso. — Mac levanta e segura minha mão. — Tem certeza de que não quer ficar com o livro?

— Não, Mac. Ele é seu, parece algo importante para você. Braden ia querer isso.

— Obrigada. — Ela beija meu rosto. — E agora?

— *Closet* — respondo e é para lá que vamos. Mac abre a porta e as luzes se acendem. Filas de roupa estão perfeitamente alinhadas; sapatos, caixas, tudo organizado.

— Uau — diz assim que entra, pisando com cuidado no tapete felpudo. — Minha nossa, esse lugar é maior que um apartamento.

— Acho que esse detalhe é minha culpa. — Passo a mão na cabeça sem graça.

— Dá para fazer uma festa aqui dentro.

— Certeza. — Dou um sorriso safado. *Porra, quantas vezes a gente transou aqui dentro?*

— Sem vergonha!

— Oras, não era você quem queria saber como era o sexo entre nós pouco tempo atrás? Bem, posso dizer que nós sabíamos como fazer. — Agito as sobrancelhas e ela bate no meu ombro.

— O que pretende fazer com as roupas? — pergunta, olhando às peças.

— Doar, porém anonimamente. Tem pessoas que fariam loucuras se soubessem que são dele.

— Tudo bem, e o resto. — Ela abre uma gaveta. — Puta merda! — Vou olhar o que chamou sua atenção.

— Seu irmão colecionava relógios. — Pego um em especial, dei esse relógio para ele no último natal que passamos juntos.

— Podemos fazer um evento beneficente e leiloar, o que acha? — sugere Mac, mas suas palavras saem inseguras.

— Acho que você é um gênio. Tive uma ideia. — Coloco o relógio no pulso, pego o celular do bolso e envio uma mensagem. Mac sorri.

— Para quem está mandando mensagem?

— Todo mundo — respondo ainda digitando. — Vamos separar tudo e colocar na cama, assim que chegarem, iremos conversar direito.

— Você chamou o Micah e o Gael?

— Sim, e o Troy, também. Espero que não se importe, mas quero que todos participem disso. Braden foi importante para nós, Mac, e acho justo que possam ficar com algo dele. O restante doaremos e faremos um leilão. O que acha?

— Acho que nunca estive tão orgulhosa de você. — Ela me dá um beijo no rosto e, em seguida, começamos a organizar as coisas.

Braden possuía uma coleção de relógios e um cofre com algumas joias, sem mencionar na coleção de baixos, incluindo um raro. Separei esse para dar ao AJ quando ficasse maior.

Meus amigos logo chegam, e juntos damos um verdadeiro passeio através das memórias.

— Tem muita coisa — comenta Mac, olhando para a pilha de roupas. — Tem peças ainda com a etiqueta.

— Podemos separar essas para o evento — sugere Gael, ele está com um pedaço de pizza na mão, e já é terceiro desde que chegou.

— Percebe que não parou de comer, né? — provoco.

— Estou comendo por dois — responde, dando de ombros.

— Acho que ele quer deixar a barriga igual a de Hanna — brinca Micah, rindo.

Todos rimos. Troy chegou um pouco depois, acredito que estava decidindo se vinha ou não, mas acho que a amizade falou mais alto do que qualquer discussão que teve com a Mac, ela também parece não se importar.

Ficamos boa parte da noite separando tudo, as meninas não vieram, então somos só nós. Quando terminamos de separar as coisas, Mac buscou seu *notebook* e fez uma planilha, quase um inventário – ideia dela essa coisa de catalogar. Segundo ela, isso facilitaria na hora de pesquisar os valores. Acredito que terá um pequeno ataque cardíaco quando descobrir o preço de tudo.

Estamos na sala, mexendo nos baixos quando ela chega com uma caixa na mão.

— Achei isso. — Ela a coloca do meu lado no sofá.

— O que é? — pergunto, pegando a caixa.

— Não sei, não olhei, mas parece algo pessoal. Preferi deixar para você abrir. — Merda, isso estava bom demais para ser verdade.

— Quer ficar sozinho? — pergunta, olho para cima e vejo todos os meus amigos me olhando apreensivos. Da última vez que vi um papel dele, era uma música e não reagi bem.

— Não, podem ficar, vamos ver do que se trata. — Abro a tampa da caixa e começo a mexer.

Tem um álbum de fotos do AJ; desde Mag grávida até o nascimento dele. Sorrio, Braden adorava guardar esse tipo de recordação. Até a pulseira que o AJ usou na maternidade, ele guardou.

Também tem um caderno, eu o abro e encontro apenas uma página preenchida:

Canto com sorriso no rosto,
E o pranto invade cada recanto
Do meu interior reverbera em minha alma
Que chora, calado, sorrindo, emocionado
A cada nota cantada retratando àquele Amor,
Àquela dor
As cordas vibram
Dão compasso ao coração,
Regem a pulsação...
Lembram os efeitos,
Sintomas de uma paixão¹

— Acho que ele estava escrevendo algo. — Mostro para Gael.

— Ele tinha algumas coisas rabiscadas lá em casa — diz, referindo-se aos documentos que vi naquele dia. — Será que uma música? — pergunta ele e passa o caderno para Micah.

— Talvez. Podemos fazer os arranjos, se quiserem.

Todos me encaram aguardando por uma resposta e observo que Mac fica com o semblante apreensivo. Não conversamos mais sobre a banda, eles sabem que toquei minha bateria, porém, souberam respeitar meu tempo, minhas escolhas. Olho para Troy e o vejo segurando um dos baixos do Braden. Minha mente estala.

— Você toca?! — Não era para soar como uma pergunta, mas foda-se, eu estava ficando ansioso. Levanto do sofá e vou até ele. — Você toca. — Dessa vez eu afirmo.

— E daí? — responde, confuso.

— Ele toca! — Viro para os meus amigos com um sorriso e eles entendem na mesma hora.

— Sim, ele toca. E o que está pensando em fazer com essa informação, Josh? — pergunta Micah, só que ele já sabe a resposta. Porra, todos eles sabem, inclusive Troy, que levanta da poltrona e larga o baixo no suporte.

— Nem fodendo, de jeito nenhum. — Ele se afasta.

— É perfeito — digo, e Micah e Gael levantam, também. Pego o baixo que Troy estava segurando e nós três caminhamos até ele, praticamente o encurralando.

— Bem-vindo à banda Originals. — Coloco o baixo em suas mãos.

— Não posso fazer isso, já tenho um trabalho na banda.

— Está demitido — diz Gael e Troy o olha incrédulo.

— É mesmo? E posso saber quem é que vai administrar a carreira de vocês, seus gênios? — pergunta, sarcasticamente.

— Eu — responde Mac e todos nós viramos para encará-la. — Quer dizer — engole em seco —, eu pensei que... poderia ajudar já que estou por aqui... Se vocês quiserem, é claro.

— Então, irmãzinha, pode começar seu trabalho informando que estamos de volta, e com a porra de uma música nova — digo e ela sorri.

— Tem certeza de que é isso que você quer? — pergunta Gael.

— Tenho. O Braden não ia quer o fim da banda, ele não deixou você se abater quando sofreu aquele acidente. Não posso destruir tudo aquilo que ele batalhou tanto para conseguir. — Respiro fundo quase não acreditando nas

minhas próprias palavras.

— É bom ter você de volta, garoto. — Micah me abraça, Gael faz o mesmo enquanto Troy ainda está paralisado no lugar. Não sei o que é mais aterrorizante para ele: tocar na banda ou trabalhar com a Mac.

Aposto na segunda opção. Porra, nós estamos de volta.

— A BANDA ESTÁ DE VOLTA, PORRA!!!! — grito, sentindo pela primeira vez que estou fazendo algo certo pela banda, pelos meus amigos.

CAPÍTULO 33

LILLITH

*“People like you always want back
The love they gave away
And people like me wanna believe you
When you say you've changed
The more I think about it now
The less I know”*

All You Had To Do Was Stay – Maddie Wilson

Dormi com um cão roncando no quarto. Yoda roncava alto e soltava alguns latidos esporádicos que eu acreditei serem causados por sonhos. Cachorros sonhavam? Balanço a cabeça com esse pensamento, Jannet chegaria a qualquer momento e não ia gostar de ter um cão em casa, e nem vou mencionar que ele deveria querer fazer suas necessidades.

— Onde você se meteu, Josh? — resmungo sozinha enquanto tomo meu café da manhã. Tentei falar com ele ontem, mas seu telefone só dava caixa postal. — Não acredito que ele sumiu e me deixou com você — digo para o cachorro que está deitado aos meus pés embaixo da mesa. Ele geme em resposta.

Esse cachorro é bem estranho.

De repente, um barulho na porta o deixa em alerta, Yoda levanta tão rápido que quase me derruba da cadeira. Eu o escuto correr e quando ele solta um latido alto, gemo porque sei que não é o Josh.

— Que tipo de brincadeira é essa? — esbraveja Jannet, vou até a porta e chamo o cachorro. Ele não me obedece e continua rosnando para minha irmã. Que ótimo. — Por que tem um cão aqui que não me deixa entrar em casa?

— Josh o trouxe, ele é um cão-guia. — Tento justificar, e mantenho o tom de voz o mais calmo possível.

— Um cão-guia? Você nunca quis um, e esse aqui está mais para cão de guarda. Parece que ele irá me atacar a qualquer momento — esbraveja e eu

me encolho.

Droga.

— Vem cá, Yoda. — Bato com a mão na minha perna para chamar sua atenção.

Nada.

— Para um cão-guia ele parece bem obediente.

— Josh disse que ele foi reprovado. — Dou de ombros.

— Que ironia — ironiza ela.

— O que está acontecendo aqui? — Josh. Graças a Deus!

— Josh, esse cachorro não quer deixar a Jannet entrar — digo, exasperada.

— Bom garoto. — Elogia o cachorro. — Vem cá, vamos deixar a titia entrar em casa.

— Titia? — grita minha irmã e eu abafa uma risada. — Vocês enlouqueceram, estou indo dormir e quando acordar não quero ver esse vira-lata aqui.

— Boxer — retruca Josh.

— Hein?

— Ele tem raça, é um boxer e não um vira-lata, mas não se preocupe, vim buscá-los. Hora de arrumar suas coisas, Garota Bonita — fala e eu fico sem entender nada.

— Minhas coisas? — pergunto mesmo sabendo que vou me arrepender da resposta.

— Sim, suas coisas. Vamos para casa — explica Josh tão naturalmente como se fosse algo cotidiano, e não o convite para morar com ele.

— Josh, o que você está querendo dizer?

— É, Josh, que merda é essa que você está falando? Porque juro que agora tem minha total atenção. — Minha irmã não parece de bom humor.

— Tinha alguns problemas para resolver e...

— Sério? — Jannet interrompe com ironia.

— Sim, e não precisa ser venenosa, tá certo? Tenho consciência das minhas merdas, acredite em mim. Estou resolvendo isso e quero a Lillith comigo.

— Você quer casar com ela? — pergunta Jannet e eu engasgo.

— O quê? — Josh parece tão assustado quanto eu. — Não... Quer dizer... eu... caramba!

— Minha irmã não é o tipo de mulher que sai de casa apenas para *morar*

com um homem. Não me interessa se você é dono do mundo, se não sabe que tipo de relacionamento quer com ela, Lillith não irá a lugar nenhum. — Minha irmã me deixa sem palavras. — Agora passar bem, e leve seu maldito cão com você.

Ouçõ quando ela sai da sala, e eu fico petrificada no lugar sem saber o que dizer. Josh parece igualmente perplexo.

Morar? Casar? Tudo isso é jogado em cima da gente em menos de cinco minutos.

AU! AUU!

Yoda late e chama nossa atenção.

— Acho que ele precisa sair para fazer suas necessidades — digo.

— É isso que vai me dizer? Que o cachorro precisa fazer xixi?

— Josh... — Ele pega minha mão.

— Vem morar comigo, Lillith — Josh leva minha mão até os lábios e beija. — Quero você ao meu lado sempre.

— É cedo demais para isso, Josh. Nós temos tantas coisas pendentes e...

— Estou resolvendo — ele me corta.

— Mas eu não, não posso simplesmente me mudar para a sua casa. Você vive num mundo que não tenho condições de acompanhar.

— Do que você está falando?

— Como pagarei o aluguel de um apartamento como o seu?

— Mas não moro de aluguel — diz, confuso.

— E eu não vou morar de graça, não quero ser um peso em suas costas.

— Lillith, que porra é essa que você está falando? — Ele solta minha mão.

— Estou economizando para a cirurgia, Josh. Guardo praticamente tudo que ganho, não posso sair daqui, pelo menos não por enquanto.

— Pelo amor de Deus, é sério isso? — retruca, rindo. — Não preciso e nem aceitarei seu dinheiro, Lillith. Que coisa mais ridícula! E quanto a cirurgia, eu pago! Problema resolvido, podemos ir agora?

— O quê? Como assim *problema resolvido*?

— Se o problema é dinheiro, eu tenho mais do que suficiente. Você sabe disso então por que o drama?

— Josh, você está se ouvindo? — Inacreditável. — Acha mesmo que não querer depender de você é fazer drama?

— O que foi que eu disse de errado? — Seu tom parece confuso.

— Nada demais, Josh. Você apenas disse que pode me comprar. — Começo a sentir o sangue ferver. — Só tratou o que venho batalhando há

meses como algo banal, como se fosse a porra de um sorvete que pode pagar quando quer.

— Lillith...

— Não fala nada, Josh! Só quero que fique ciente de que recusei a ajuda dos meus pais e da minha irmã. Jamais aceitaria seu dinheiro para pagar a cirurgia, mesmo sabendo que para você o valor dela e de um doce qualquer é a mesma coisa.

— Não foi isso que eu disse. — Seu tom de voz parece ofendido, o que é um absurdo porque a ofendida nessa história toda, sou eu.

— Mas foi assim que eu me senti. — Por mais que tente me conter, as lágrimas começam a rolar pelo rosto. — Acho melhor você ir embora.

— Lillith, eu não quis te ofender. Só não vejo nenhum problema nisso. Quero te ajudar, que mal há nisso?

— Você precisa entender até onde vai o seu espaço e onde começa o meu, Josh.

— Está falando como se eu estivesse te sufocando, ou algo assim. É desse jeito que você se sente? É por isso que não quer vir morar comigo? Porque sinceramente, só faltou me dizer que mal nos conhecemos.

— Saí da casa dos meus pais por um motivo, Josh. Não pretendo ir para sua só para cair no mesmo erro outra vez.

— Erro? Sou um erro pra você? — berra. — Só estou tentando te ajudar, caralho!

— Já chega, Josh. Você precisa ir — digo, derrotada. Não tenho mais fôlego para continuar discutindo.

— Não sou do tipo de cara que é mandando embora e depois volta, Lillith, portanto, pense bem no que está me pedindo.

Ouçó suas palavras, mas estou com tanta raiva agora. Ele não tem esse direito, de menosprezar meu esforço, como se todos os meus problemas pudessem ser resolvidos com o dinheiro dele. Não é certo, e muito menos justo.

— É melhor você ir — digo e sinto um nó na garganta.

— Lillith...

— VAI!!! — grito e o cachorro late, e segundos depois ele pula no meu colo, eu me desequilibro com o susto e caio sentada no sofá. *Maravilha.*

— Merda. Sai, Yoda. — O cachorro sai e Josh tenta me ajudar.

— Pode deixar que eu me levanto sozinha — digo quando ele toca meu braço.

— Me deixa te ajudar. — Seu tom é de pura tristeza.

— Não quero a sua ajuda, não quero o seu dinheiro! Eu só quero ficar sozinha. — Sou tomada pelas emoções, tantas que começo a chorar intensamente. Odeio me sentir tão fraca assim.

— O que está acontecendo? — Minha irmã entra na sala. — Lillith? — Ela vem até mim e me ajuda a levantar. — O que aconteceu? — pergunta, preocupada.

— Nada, e o Josh está de saída. — Limpo o rosto.

— Lillith, vamos conversar. — O tom dele quase suplicante é mais do que posso suportar agora.

— Me leva para o quarto, Jannet? — peço para a minha irmã.

— Tudo bem. — Sua voz é carinhosa, ela não fala mais nada e me ajuda a ir para o meu quarto. Nunca pedi ajuda para chegar nele, mas estou estressada e minha cabeça está dando voltas com tudo o que aconteceu.

— Quer conversar? — diz, sentando-se ao meu lado. Ouvimos a porta bater forte assim que saímos da sala. Josh foi embora.

— Ele disse que ia pagar a cirurgia — respondo, entre as lágrimas.

— E você não gostou?

— O que acha? — retruco irônica.

— Acho que não precisa ser uma megera por causa disso, minha irmã. — Ela chega mais perto e segura minha mão. — Deixe esse papel para mim, tá bom?

Sorrio.

— Não posso aceitar isso, Jannet. Você me conhece, sabe que estou trabalhando e, que pela primeira vez na vida, quero ser capaz de fazer algo por mim mesma.

— Eu sei, querida. Mesmo discordando, eu já sei. Porém os homens podem ser uns idiotas e nem sempre pensam quando abrem a boca.

— Você está defendendo o Josh?

— Mais ou menos. Eu vi a cara dele quando entrei na sala, e estava pior que a do cachorro. — Ela ri. — Você já parou para pensar que as coisas para o Josh são diferentes? Que ele não vê problema em gastar o dinheiro que sabe que tem de sobra?

— Mas eu não estou a venda.

— Ele não estava te comprando, Lillith. Você é mais esperta do que isso, minha irmã. Ele só queria ajudar, lidou com tudo de um jeito totalmente errado, mas a essência era uma só, te ver realizando seu sonho.

— O Josh quer que eu vá morar com ele, assim de repente. — Enxugo as lágrimas com as costas da mão.

— Lillith, eu conheço eles há bastante tempo; são impulsivos, irresponsáveis, agem como se fossem os donos do mundo.

— Está tentando fazer algum tipo de elogio?

— Me deixa terminar. — Ela dá um tapinha na minha mão. — Eles são tudo isso, no entanto, já vi eles juntos quando a Hanna teve o bebê, durante a cirurgia da Blue e na morte do Braden.

— Você viu? — Essa informação me pega de surpresa.

— Estava de plantão na madrugada que o acidente aconteceu. Vi todos eles.

— Não sabia.

— Acredito que nem eles se lembram disso, mas o que eu quero dizer, Lilly, é que por mais que tenham seus defeitos, esses caras quando amam alguém... são intensos e protetores. — Ela toca meu rosto. — Você sempre foi uma menina independente e se tornou uma mulher forte, dona de si. O que acha de experimentar um pouco de cuidado, hein? Dividir o peso com alguém não significa que vai se anular, Lilly.

— Acha que eu deveria aceitar o dinheiro?

— Penso que precisam conversar. E que juntos cheguem a uma conclusão, independente de qual seja.

— Então não tem problema se eu resolver ir morar com ele?

— Não abuse, mocinha. — Ela dá risada. — Se for isso que você quer, não impedirei. Só falei aquilo de casamento para ver a reação dele, e se enxergasse viria como ele ficou pálido.

— Isso não foi engraçado.

— Ah, foi sim, até você precisa admitir. — Tento me conter, mas é impossível. Poucos segundos depois estamos rindo.

Passo o restante do dia verificando meu orçamento, se Josh e eu íamos dividir o apartamento dele, eu teria que ser capaz de arcar com alguma coisa. Sem contar que devia um enorme pedido de desculpas, perdi o controle das emoções e passei dos limites. No início da noite, crio coragem para procurá-lo. Tento no celular várias vezes, porém só dá caixa postal, então resolvo ligar para Mackenzie.

— Oi, Lillith. — Ela atende no segundo toque.

— Oi, Mackenzie. Desculpa te ligar a essa hora.

— Imagina, está tudo bem?

— Sim. Queria falar com o Josh, será que ele está? — pergunto apreensiva, não quero parecer a namorada grudenta.

— Ele não está. Passou por aqui cedo, deixou um cachorro babão e saiu.

— Ah, tentei no celular dele, mas não consegui falar. Mesmo assim, obrigada.

— Olha, se ele não está aqui e nem com você, só existe um lugar que pode estar.

— Na casa do Gael.

— Isso mesmo.

— Obrigada, Mackenzie.

— De nada, espero que vocês se resolvam.

— Ele te contou? — *Ai, meu Deus, que vergonha.*

— Não, porém não estava com uma cara boa. Sabe como chegar lá? — pergunta.

— Sim, tenho o endereço.

— Então, boa sorte.

Agradeço mais uma vez e peço a Jannet para me levar até lá, ela resmunga um pouco, mas cede. Sei ser bem persuasiva quando quero.

Minha entrada é liberada na portaria, assim que entro sou informada que só a Hanna está em casa, não querendo dar uma de mal-educada, simplesmente subo.

— Que visita inesperada — Hanna me cumprimenta quando saio do elevador.

— Oi, Hanna.

— Vem, você só veio algumas vezes aqui, não deve estar familiarizada com o ambiente ainda. — Hanna toca de leve meu braço e me ajuda a entrar na sala.

— Você está sozinha? — pergunto assim que sento no sofá.

— Sim, os meninos saíram mais cedo. Sarah está de folga e senti uma vontade terrível de comer um doce que vende cinco quadras daqui, o segurança foi buscar.

— Desejos de grávida — brinco e ouço a sua risada.

— Sim, odeio ter pedido para ele ir lá, mas não estava mais aguentando e não consegui falar com Gael.

— Tentei falar com Josh também, só que caiu na caixa postal.

— Eles devem estar em algum lugar onde o sinal é péssimo — conclui. — Já que está aqui, podemos matar o tempo até eles voltarem. — Ela parece

animada.

— Só espero que o Josh não ache ruim de me encontrar aqui.

— Por que ele acharia isso? Ah, não, vocês brigaram?

— Eu briguei com ele, na verdade. Foi idiotice.

— Pelo pouco que te conheço, acredito que não deve ser o caso. — Suspiro, ela tem razão, meu motivo não foi idiota.

— Josh quer que eu vá morar com ele.

— Que notícia boa. — Seu tom soa bastante animado.

— E quer pagar pela minha cirurgia.

— Humm... Entendo. Agora acho que sei onde quer chegar. Ele nem conversou, apenas disse que faria isso e tudo resolvido, estou certa?

— Está. — Suspiro. — É algo que eu quero fazer, sabe? Uma coisa que venho sonhando há meses e estou quase conseguindo.

— E não quer que o Josh acabe com todo o seu esforço num estalar de dedos.

— Exatamente. Acha que estou errada?

— Vou te contar uma história. — Sinto o sofá afundar, Hanna senta-se ao meu lado. — Você acredita em contos de fadas, Lillith?

— Não — respondo rindo. — Acho que deixei de acreditar faz muito tempo.

— Então começarei essa história com o básico, era uma vez... Há muitos anos, nasceu uma pequena princesa, mas ela era diferente dos pais, e por essa razão, foi expulsa do imenso castelo. Entretanto, a princesa encontrou força em si mesma, enfrentou os dragões, só que enterrava seus medos. Até que um dia, essa princesa caiu, literalmente, no colo de um príncipe. Está me acompanhando, Lillith?

— Sim, continue.

— Certo, esse príncipe era rabugento, mal-humorado, mas tinha algo diferente nele que a princesa não sabia explicar. Suas tatuagens, talvez? Ou deveria ser aquele ar marrento.

— Você está falando do Gael? — interrompo a narração.

— Shhh. Me deixa continuar. — Ela ri e eu apenas concordo com a cabeça, rindo junto. — Eles se estranharam no começo, e como um pedido de desculpas, ele a convidou para jantar. A princesa inocente, aceitou o convite.

— Inocente? — pergunto, sem entender direito.

— Sim, muito inocente, e que estava há meses sem ter um bom sexo. — Gargalhamos e ela continua. — Enfim, desse jantar, os dois se tornaram

inseparáveis. Entre idas e vindas, a princesa aprendeu que adorava o príncipe e todos os seus defeitos.

— Isso é lindo — digo, feliz por ela.

— É, e sabe o que é mais lindo nessa história?

— O que?

— Eles ainda não se casaram, oficialmente, mas tiveram um bebê. E o príncipe arrogante ensinou a princesa que ela podia ser amada, e que o pequeno príncipe que acabara de nascer, até podia ser diferente dos pais, porém jamais seria expulso do castelo por causa disso.

— O seu bebê, ele...

— Ele é negro, Lillith. Assim como meus pais, um pouco mais claro que eles, mas bem mais escuro que eu e o Gael.

— Isso é possível?

— Sim, fui um caso raro, um bebê branco que nasceu de pais negros. Já Gabe, puxou aos avós, e com os olhos azuis do Gael. Meu marido é a minha rocha, Lillith, junto com Micah e o Josh, eles são a minha família. Se não fosse por eles, não sei se teria sido capaz de suportar tudo que aconteceu desde que Gabe nasceu. A maldade das pessoas não tem limites, e a internet não é só uma fonte de informação, infelizmente, ajuda a disseminar o ódio gratuito.

— Seu filho sofre preconceito — comento.

— Sofre, por ser negro, por ser filho de pais brancos, por ser rico. Sinceramente, às vezes acho que algumas pessoas abrem os olhos apenas com a intensão de machucar outras.

— Mas nem por isso vocês desistiram de ter outro bebê?

— Eu estava com medo, porém como eu te falei antes, Gael é a minha fortaleza. Ele não deixa que nada de ruim nos atinja, e quero que a minha família seja um exemplo para as outras. Até mesmo quando pensarem em adoção, ninguém deve se importar com a cor de pele das pessoas.

— É o caráter que conta.

— Sim, e esses caras têm isso de sobra, mesmo que em alguns momentos pareçam um pouco mandões, somos nós que temos a última palavra.

— Josh te contou da nossa briga, não contou? — Percebo, sorrindo.

— Ele pode ter dito alguma coisa. — Hanna ri. — Vou fazer um chá para nós duas, tudo bem?

— Tudo bem.

Hanna se levanta e eu fico pensando no que ela me contou, sua história

com Gael é linda, inspiradora. Já notei como ele costuma dar ordens, e que sempre muda de tom quando é algo referente a Hanna. Ela não se referiu só a ele, Micah e Josh eram tão especiais quanto, ela fez questão de enfatizar.

— Lillith! — Hanna chama meu nome, em seguida, grita. Um grito agudo, de dor. — Meu Deus! — grita novamente e eu levanto do sofá nervosa.

— Hanna!? O que está acontecendo? — Que direção mesmo é a cozinha? Foi para lá que foi, não foi? Droga!

— Meu bebê, acho que... Ai, meu Deus! — Hanna volta a gritar, porém sua voz está longe.

Apavorada, tento caminhar pela sala, e esbarro em outro sofá. Merda. No impulso, esqueci a bengala onde estava sentada, e agora não tenho tempo de voltar para buscá-la porque a ouço gemer alto.

Tento contar os passos que levam até a cozinha, onde acredito que ela está. Um, dois, três...

— Ai, saco! — Esbarro em um banco. Tinha um banco aqui? — Hanna? Onde você está? Pode falar comigo para que eu consiga chegar até você? — Tento manter a calma.

— Na cozinha — grita. — Não consigo me mover, Lillith. Dói demais! — geme, e volto a contar os passos.

Pego meu celular e ouço mais um grito. Fico desnorteada, meus dedos tremem e sou incapaz de ligar o aparelho.

Caramba, Lillith. Respira, você não pode falhar agora.

Com o celular na mão, dou passos controlados, consigo ouvi-la chorar e gemer. Quando a voz dela fica mais próxima, esbarro em uma mesa com tanta força que o celular voa da minha mão.

— Não, não, não. Hanna? — Não a ouço mais. — Hanna? — grito por ela.

Vou tateando a mesa até dar a volta, sei que a cozinha fica logo à frente, mas três passos depois, tropeço. Em algo grande. Sinto o sangue de todo o meu corpo gelar.

Ai, meu Deus, por favor, não. Não!!!

— Meu Deus. — Mal consigo escutar minha voz.

Começo a tatear, sinto seus tornozelos, e vou subindo até que sinto algo molhar meus dedos. Ofego e sinto o cheio de...

Sangue?

Não pode ser.

Meu celular começa a tocar, sabendo que não posso alcançá-lo, faço a

única coisa que sou capaz nesse momento.

Grito.

Grito por socorro.

Grito tantas vezes que perco a noção do tempo.

Grito até a voz falhar.

Então ouço a porta se abrir e a casa é preenchida por mais gritos que se misturam aos meus.

CAPÍTULO 34

JOSH

*“I don't wanna be the only one to stay for me
Look what you've said and done for me
No one in the world has a voice that speaks to me
Hear what you'd said and done to me”
When The Fever Broke – Stone Sour*

Tudo o que a Lillith me disse mais cedo ficou martelando na minha cabeça, então quando saí de lá, fiz o que pensei ser o certo. Procurei a única mulher que já tive um relacionamento. Mag não ficou do meu lado como imaginei.

— Não entendo o que eu fiz de errado — eu me queixo com ela, AJ está brincando com o cachorro na sala. Pelo menos ele gostou do Yoda.

— Josh, não sou a melhor pessoa para dar conselhos amorosos, mas acho que entendo um pouco a Lillith. Você não pode simplesmente chegar em alguém e dizer: “Vou pagar tudo para você pelo resto da vida, não se preocupe”. E praticamente arrastá-la para morar com você.

— Por que não? — Isso é tão confuso. — Por que não posso gastar o meu dinheiro do jeito que eu quiser? Você nunca reclamou quando te dávamos alguma coisa.

— Você e o Braden me davam presentes aleatórios. Não me tiraram da minha casa, nem do meu emprego. Foi diferente porque tínhamos algo sólido, Josh. Você e a Lillith estão começando uma relação agora e devem dar um passo de cada vez.

— Sou péssimo nisso — confesso e ela sorri.

— Você é o melhor pai e um excelente amigo, vai tirar isso de letra. — Tenta me consolar.

— Sério? — pergunto esperançoso.

— Não. — Ela dá risada. — Na verdade, estamos apostando para ver quanto tempo levará para você estragar tudo.

— Para! É sério isso?

— É sim. — Ela explode, gargalhando tão alto que até faz Yoda latir.

— Droga, Mag! Dá pra colaborar aqui, por favor?

— Desculpa, Josh. Foi inevitável. Falando sério agora, é bom te ver apaixonado de novo.

— Estou, não é? — Eu sabia que estava, porém ainda não me sentia confortável para falar isso tão abertamente.

— Pode parar já com isso — repreende e segura minha mão. — Seja o que for que essa sua cabeça começou a martelar, não pense.

— Nem sei no que estava pensando.

— Não é no que estava pensando, é em *quem*. Ele teria ficado satisfeito em te ver feliz, Josh. Não perca tempo pensando o contrário.

— E você, Mag? Como está? — Minha pergunta a faz recuar um pouco, seus ombros cedem e ela olha para AJ.

— Vivendo. — Ela dá de ombros.

— E o gerente “cara de bunda”? — brinco com ela. — Vi vocês juntos algumas vezes.

— Não sei se é possível unir duas pessoas como nós.

— Como assim? — Fico um pouco preocupado com o tom derrotado dela.

— Somos complicados demais, Josh.

— Você? Mag, você é a mulher mais extrovertida e mente aberta que já conheci. É uma pessoa especial. Aquele idiota não enxerga isso? — Ela me dá um sorriso triste.

— A visão das pessoas sobre dois homens que namoram uma mulher é bem diferente da visão de uma mulher que namora dois homens. Se é que você me entende. — Sinto o sangue esquentar de raiva, porra. Odeio que fomos responsáveis por isso.

— Se aquele babaca não enxerga a pessoa especial que você é, então ele não te merece. — Ela levanta do sofá.

— Josh, não tem a ver com o Dean. Estou com muita coisa para administrar agora, e honestamente, nem sei se tenho cabeça para tentar o novo relacionamento.

— O que está acontecendo?

— Nada que eu não possa resolver, agora você, Josh — ela olha para AJ e Yoda —, tem um namoro para salvar.

Sorrio mesmo sabendo que ainda temos muito o que conversar. Não pretendo deixar Mag desamparada, ela não é só a mãe do meu filho, é minha

amiga e merece ter o amor em sua vida outra vez, também. Ela merece amar e ser amada, de novo.

Fico mais algum tempo com eles, depois deixo Yoda em casa. Mac quase teve um colapso, mas relaxou quando eu expliquei que era um cão-guia para Lillith. Omiti o fato de que ele havia sido reprovado.

Passei o restante da tarde com a banda e até chegamos a improvisar um ensaio com Troy no baixo em um dos estúdios da nossa gravadora – foi um fiasco. Troy não conseguia acertar o tempo da música, foi divertido. Zoar com ele sempre era.

Ainda teríamos bastante tempo para fazer todos os ajustes e oficializar tudo. Mac precisaria trabalhar com ele, pois Troy era quem controlava tudo e tinha todos os contatos. Ceder esse controle a Mac não seria nada fácil para ele. Desnecessário dizer o quanto eu estava ansioso por esse momento. Será um duelo de titãs e estarei com a pipoca na mão.

— Ainda não acredito que você comprou um cachorro — comenta Gael. Estamos todos no carro indo para sua casa depois de um dia cansativo. Agora eu só quero um banho e pizza, não nessa ordem.

— É um cão-guia — justifico.

— E aí, qual é a de vocês dois? — pergunta. Olho para o banco da frente, Troy está dirigindo, Micah está ao lado dele e os seguranças no veículo de trás. — Você já sabe que eles estão ouvindo tudo, então fala logo de uma vez.

— Eu a chamei para morar comigo.

— Muito bom — ele me encoraja.

— Ela não aceitou — digo em tom de derrota. Todos eles tentam abafar a risada, e falham. — Vocês são tão crianças.

— Certo, e o que você fez? — Gael também estava tentando não rir. Droga, até eu tive dificuldade para me conter porque essa situação era no mínimo inusitada.

— Fui embora.

— Covarde — provoca Micah, tossindo ao mesmo tempo. Qual é o problema deles? Gael não diz nada e Troy finge estar concentrado no trânsito.

— Eu me precipitei em algumas coisas, e vou pedir desculpas.

— Mas que merda você fez agora? — Lá vamos nós outra vez.

— Nenhuma, só disse que pagaria a cirurgia dela.

— E o que tem isso de errado? — pergunta Gael. Viu só? Não sou o único a achar que ela exagerou.

— Se eu disser a Callie que pagarei a conta do seu celular, acabaria

dormindo no sofá. — Micah se vira para nós. — Nem toda mulher gosta de ter a vida controlada, pelo menos não fora do quarto.

— Não estou tentando controlá-la. — Eu me defendo.

— Ela te contou que guarda praticamente tudo que ganha? — pergunta Micah.

— Ela comentou, mas como você sabe?

— Sou o chefe dela, seu idiota. — Como se isso justificasse qualquer coisa. — Na verdade, a Callie me contou. Parece que foi algo que a irmã dela disse, essas coisas de mulheres.

— O que eu faço agora? — pergunto, e todos respondem em uníssono.

— PEÇA DESCULPAS.

Sorrio, porque já sei exatamente como fazer isso. Assim que entramos no prédio e saímos do carro, encontramos com Jackson cheio de sacolas.

— O que é isso? — Olho dentro e meu estômago ronca. Estou morrendo de fome e tem uma infinidade de doces ali.

— São da senhora Malloy — diz ele a puxando da minha mão, que grosso. Gael ri.

— É melhor não tocar nos doces antes dela, Josh.

— Nossa — resmungo, pegando meu celular. Ele estava desligado e assim que o ligo, vejo algumas chamadas não atendidas da Lillith. Um sorriso involuntário se forma no meu rosto, talvez eu não esteja tão ferrado assim. Tento retornar a ligação, e toca até cair na caixa postal.

Subimos até o apartamento; Gael está com uma sacola e Jackson com a outra, e eles não me deixam pegar nenhum. O cara é um armário, portanto acho melhor não insistir. Continuo reclamando até que as portas se abrem e ouvimos um grito rouco.

— Lillith?! — pergunto surpreso. Todos me olham, então ouvimos de novo.

— SOCORRO! — grita ela, mas sua voz falha. É o suficiente para sairmos correndo.

Gael larga a sacola no chão assim que entramos no apartamento. Dou de cara com uma das piores cenas que já vi na vida, e infelizmente tenho certa experiência nisso. Lillith estava sentada no chão da cozinha; chorando, tremendo e gritando. E Hanna parecia desmaiada ao lado dela.

— Hanna!? — Gael sai correndo em sua direção e eu faço o mesmo enquanto escuto Micah ligando para a emergência. Ignoro o resto porque Lillith está praticamente sem voz, gritando sem parar.

— Lillith. — Eu a puxo para mim ao mesmo tempo em que meu amigo pega a esposa nos braços. Hanna ela está pálida e tem manchas de sangue nas pernas.

— Merda, baby. Fala comigo, Hanna. — Gael a leva para a sala. Ele está chorando, tentando acordá-la.

— Ei, Garota Bonita? — Tento chamar a atenção da Lillith. Estou sentado chão com ela no meu colo, mas Lillith não me responde.

— S-Socorro — choraminga, seu corpo balançando.

— Ela está em choque, Josh. — Troy se aproxima. — Chamamos uma ambulância.

— O que eu faço? — digo sem saber o que fazer. Troy balança a cabeça, ele também não sabe. — Ei, Garota Bonita, eu preciso que você me escute, tá bom? — Seguro o rosto dela, Lillith para de falar. — Muito bom. Estou aqui com você e vai ficar tudo bem.

— Eu não... eu não... não pude ajudar — murmura. Ver seu rosto coberto de lágrimas, tão frágil, quebra o meu coração.

— Está tudo bem, Lillith. Estamos aqui. — Eu a abraço e esfrego suas costas. — Estou aqui com você. — Beijo sua cabeça.

— Porra, Hanna! Acorda! — O grito do Gael me faz estremecer. Coloco a mão no ouvido da Lillith tentando abafar o som, ela não precisa ouvir isso. Nem eu sei se aguento, porque esse tom de desespero conheço muito bem.

— Vai ficar tudo bem. — Fico sussurrando enquanto a embalo nos braços, não demora para que o apartamento seja preenchido por paramédicos.



Existem coisas que não desejamos a ninguém. E eu passei por uma delas, duas vezes. Vi a pessoa que eu amava morrer praticamente nos meus braços. Agora estava vendo – e sentindo – o desespero do meu amigo ao ver a esposa desacordada.

Parecia um pesadelo, como um círculo que teimava em nos atingir sempre que tudo começava a melhorar. Como uma maldição. Mas nem mesmo as maldições podem com milagres, e é exatamente isso que acontece.

Um milagre.

Hanna teve um princípio de aborto, precisou passar por um procedimento

para manter o bebê. Nesse momento estava sedada no quarto, e Gael estava com ela, ele não saiu um instante de seu lado. Micah e Troy também estavam aqui; assim como Mac, Mag e Callie. Mais uma vez, estávamos em um hospital. Só que dessa vez as coisas seriam diferentes.

Precisavam ser.

Lillith entrou em estado de choque, ela se recusou a ouvir. Sua mente assimilou que Hanna tinha perdido o bebê e não acreditava no contrário. Agora estava dormindo e eu tinha acabado de voltar do quarto da Hanna. Também não saí do lado dela, só a deixei para saber notícias da minha amiga, no entanto, pedi para Mac ficar enquanto estava fora.

Queria estar com ela assim que acordasse.

— Como ela está? — pergunto a Mac quando entro no quarto.

— Jannet acabou de sair. Lillith está bem, ela disse que é apenas questão de tempo para que o sedativo perca o efeito e ela acorde.

— Obrigado.

— Não precisa me agradecer — diz e levanta da cadeira. — Ela pediu para avisarmos assim que a Lillith acordasse. E avisou para ficarmos preparados porque a Lillith pode acordar agitada, Josh.

— Eu sei. — Suspiro. — Mas não sairei daqui, prometo chamar assim que ela acordar.

— Vou ver se o Gael precisa de alguma coisa. Quem sabe descansar um pouco — diz.

— Ele não saíra de lá. — Dou um sorriso fraco. — O médico disse que a Hanna vai ficar internada por pelo menos uma semana. Gael já mandou colocarem uma cama para ele ao lado da dela.

— Ele pode fazer isso? — pergunta como se não conhecesse o Gael.

— É a porra do Malloy, né?! Não há nada que ele não consiga, principalmente no que diz respeito a Hanna. — Ela sorri.

— Essas mulheres têm sorte de terem vocês. — Ela olha para Lillith com carinho. — Ficarei na sala de espera com as meninas. Se precisar de algo, me chame.

— Pode deixar. — Beijo seu rosto, depois vou até a poltrona e a arrasto até posicioná-la ao lado da cama.

Sento ali e coloco a mão por cima da sua. Respiro fundo e tento enterrar as memórias do que vi. O dia já amanheceu e não dormi nada com medo de fechar os olhos e ver o rosto dela, o desespero que vi na sua expressão, não se parecia em nada com a minha menina. Forte, fodona como costume dizer.

— Estou aqui, Garota Bonita. — Passo a mão pelo seu cabelo. — Estou aqui com você.

Passo um bom tempo só a admirando dormir, torcendo para que acorde logo e que perceba que tudo não passou de um maldito susto e que está tudo bem.

Acabo pegando no sono. Sei disso porque abro os olhos e sinto uma dor de cabeça latejante, fora a dor nas costas. Dormi sentado, merda. Levanto e alongo o corpo, mas uma voz me chama a atenção.

— Quem está aí? — Sua voz vacila um pouco, ainda está rouca. Nossa, ela gritou tanto.

— Oi, Garota Bonita. — Esqueço as dores e vou até ela. — Como está se sentindo? — Seguro a mão dela que está sem o acesso.

— Josh?! — diz confusa.

— Sou eu — respondo e beijo sua mão.

— A Hanna! O bebê... Ai, meu Deus, Josh! Não pude ajudá-la. — Lillith começa a se agitar.

— Está tudo bem, Lillith. Hanna está bem e o bebê, também.

— Não. — Ela balança a cabeça, negando. — Ela gritou, e depois desmaiou... O meu celular... — Meu Deus, ela está desnorteada. — Onde estou? — Ela mexe o braço com o acesso e eu a paro.

— Estamos no hospital, Lillith. Você precisa se acalmar.

— Ela perdeu o bebê, não perdeu? E a culpa é minha. — Lillith começa a chorar de novo e eu aperto o botão da enfermaria.

Logo, a sala é invadida por três enfermeiras, incluindo a irmã dela.

— O que aconteceu? — pergunta Jannet enquanto as outras começam a injetar algo no soro.

— Ela acordou ainda confusa e ficou muito agitada — respondo. Ela olha para Lillith.

— Vamos sedá-la mais um pouco, ela passou por muito estresse. Precisa descansar para realmente compreender tudo que aconteceu.

— Ela vai ficar bem? — pergunto, olho para ela e a vejo pegar no sono novamente.

— Vai sim, Josh. Ela ficará bem. — Jannet parece cansada. — Se quiser ir para casa descansar, pode ir. Vamos mantê-la assim por mais um tempo, eu te aviso quando ela acordar.

— Não vou sair daqui.

— Josh...

— Não me peça para ficar longe dela agora porque nem a polícia seria capaz de me tirar daqui, Jannet.

— Droga, vocês são teimosos — resmunga, com certeza se referindo também ao Gael. — Me avise imediatamente se ela acordar.

— Tudo bem.

— Vou pedir para trazerem algo para você comer, está parecendo um fantasma.

— Obrigado.

— Cuide dela, tá? — Ela dá uma última olhada na irmã antes de sair.

Volto para a poltrona, essas porcarias deveriam ser mais confortáveis. Poucos minutos depois, chega uma refeição e é devorada em tempo recorde. As meninas também passam por aqui, de hora em hora uma delas entra no quarto para ver como a Lillith está e me trazem notícias da Hanna.

Troy já havia mobilizado boa parte desse andar do hospital, e desde que Hanna e Lillith estavam no mesmo andar, foi mais fácil para manter a segurança. É a melhor parte de ser quem somos.

Lillith passou a maior parte do tempo dormindo, Jannet vinha checar seus sinais durante as rondas. Quando tentei brincar com ela, perguntando se era legal cuidar da irmã, ela me lançou um olhar capaz de congelar o inferno. Levei isso como um bom sinal.

Já é quase meia noite e estou navegando entre o sono e despertar quando a ouço falar novamente. E, porra, o que ela diz me faz sentir como um ganhador da loteria.

— Josh? — Sua voz está tão baixa, é quase um sussurro.

— Estou aqui. — Levanto da poltrona e pego a mão dela. — Estou aqui, Lillith.

— Me abraça? Por favor? — pede, e segundos depois começa a chorar.

Não sei quantas vezes um coração pode ser estilhaçado, mas desde que a vi naquele momento de desespero até agora, sinto que o meu já foi despedaço milhões vezes. Porém a cada vez que a vejo acordar e a ouço falar meu nome, ele se regenera.

— Chega um pouco pra lá. — Sei que é uma loucura, que estamos em um hospital, mas nada desse mundo vai me impedir de dar o que ela me pediu.

Por isso, assim que ela se move, eu deito ao seu lado na cama e a abraço. Sussurrando que estou aqui até que ela para de chorar e volta a dormir.

CAPÍTULO 35

LILLITH

*“Calling you now, but you're not picking up
Shadows so close if that's still enough
Light a match, light a match
Baby, in the dark, show me where you are”
So Far Away – Martin Garrix*

Acordo com o som de uma máquina; é baixo, porém bastante perceptível. Assim como a pessoa roncando ao meu lado. Sentir o perfume dele me acalma, seus braços me envolvem com força, mas a realidade de onde estou me atinge e meu corpo se agita.

Desde que fiquei cega tentei não me sentir impotente, no entanto, o que aconteceu com a Hanna me destroçou de uma maneira que não imaginei ser possível. Não ser capaz de enxergar era uma coisa, ver alguém precisando da sua ajuda e se atrapalhar – do jeito que aconteceu comigo – era totalmente diferente.

Nunca me senti tão impotente, nem mesmo nos primeiros meses que passei por todo processo de readaptação quando fiquei cega.

Um soluço rompe pelos meus lábios, e não consigo me controlar. Isso faz Josh acordar assustado.

— Lillith? O que aconteceu? Eu te machuquei? — Sua voz é preocupada. Eu apenas afundo o rosto em seu peito, deixando as lágrimas caíam livremente. — Ei! Não precisa ficar assim, está tudo bem.

Josh me conforta, mas como explicar o que estou sentindo? Tudo que senti naquele momento? Entrei em pânico; era tudo muito sufocante, esmagador.

— É verdade? — Sinto a garganta arder. — Está tudo bem *mesmo*? — pergunto. Eu preciso ter a certeza de que tudo o que foi dito antes é verdade porque ainda há uma parte dentro de mim que não consegue acreditar.

— Ela está bem, Lillith. Hanna e o bebê estão bem.

— Sou tão inútil. — Eu o abraço mais forte. — Tão imprestável.

— Pode parar. — Josh se afasta um pouco e segura o meu queixo, forçando-me a prestar atenção nele. — Nunca mais diga isso, ouviu? Você não é inútil.

— Não pude ajudar. Fiquei nervosa, tropecei. Foi tão horrível, Josh. — Não consigo parar de chorar, meus lábios tremiam junto com o corpo.

— Qualquer pessoa ficaria nervosa, Lillith, mas você estava lá com ela. Nós ouvimos você pedindo socorro.

— Poderia ter feito mais.

— Não, você fez o que pôde naquele momento. Pare se culpar por algo que não aconteceu.

— E se...

— Não existe “e se” nessa situação, Lillith — diz sério. — Está tudo bem, estão todos bem e vamos sair dessa merda de hospital o mais rápido possível.

Josh me abraça enquanto tento me acalmar, insistindo para que a minha cabeça aceite suas palavras. Só que é muito difícil abafar o som da Hanna gritando, ou a sensação de sangue na mão.

Durmo em algum momento, as palavras de carinho sussurradas por Josh embalam meu sono e agora já não sinto mais seu corpo próximo ao meu.

— Josh? — chamo, mas não é ele quem responde.

— Lillith? — responde Jannet. — Como está se sentindo? — Sinto seu toque suave na cabeça.

— Minha garganta ainda dói.

— É normal. Vou te dar algo para beber, tá bom? — Concordo e ela traz água, tomo devagar e o líquido gelado alivia o ardor.

— Obrigada, onde está o Josh? — pergunto, não estava sonhando com ele aqui.

— Aquele teimoso foi comprar um café. Depois que a enfermeira do turno da manhã flagrou ele dormindo na sua cama — diz ela com a voz divertida.

— Pedi para ele ficar comigo, espero não ter causado problemas.

— Não se preocupe com isso. Por incrível que pareça, eles são tratados como “deuses” nesse hospital. Lillith, preciso saber como se sente. Está mais calma ou ainda se sente um pouco confusa?

— Josh disse que está tudo bem com a Hanna e o bebê.

— Sim, ele não mentiu.

— É só que... é tão difícil, Jannet. Ouvir ela gritar, senti o sangue e... — Lágrimas teimam em cair novamente, droga. Jannet as limpa carinhosamente.

— Tudo que você ouviu aconteceu de verdade, mas a ajuda chegou a

tempo, minha irmã. — Ela limpa meu rosto. — Se quiser, temos pessoas qualificadas que podem te ajudar a compreender melhor, Lillith.

— Está falando de psicólogos?

— Exatamente.

— Estou tão ruim assim? — pergunto. Passei por uma psicóloga logo depois do acidente.

— Não, minha irmã. Porém, às vezes, conversar faz bem. E você precisa do acompanhamento por causa da cirurgia, lembra-se? — ela me encoraja. Eu sei que precisarei passar por um acompanhamento antes e depois da minha cirurgia, ela usa essa desculpa para que eu aceite a ideia de fazer terapia mais rápido.

— Tudo bem — digo derrotada. Estou cansada e sem um pinga de vontade, nem voz, para argumentar. — Posso falar com a Hanna?

— Pode. — Quem responde a minha pergunta é Josh. Ele entra no quarto acompanhado de um cheiro maravilhoso de café.

— Virou médico por um acaso? — questiona minha irmã.

— Não, mas passei no quarto dela antes de buscar o café. Hanna pode receber quem ela quiser.

— Estrelas — resmunga minha irmã.

— Trouxe café, Garota Bonita. — Ele beija minha testa. — Gelado pra você por causa da garganta.

— Tudo bem, vou trabalhar. Isso é fofura demais para o meu gosto — diz Jannet, tentando soar enojada e falhando epicamente. — Um médico vai passar por aqui mais tarde para te avaliar. Se tudo estiver bem com você, poderá sair hoje mesmo, viu?

— Tudo bem.

— Sobre o que conversamos antes, tomarei as devidas providências.

— Obrigada.

— De nada. Volto depois. — Beija o meu rosto e se afasta. — Comportem-se — grita antes de bater à porta.

— Sim, sargento — responde Josh e eu sorrio. — Olha só! Ainda não é o sorriso que eu quero ver, mas já estamos progredindo — brinca. — Chega um pouco pra lá, vou sentar com você.

— Josh...

— Que foi? Só vou te dar o seu café. E não é o café da cafeteria daqui — fala baixinho.

Ele senta ao meu lado na cama e me entrega o café — que está maravilhoso

a propósito – e agradeço assim que termino.

— Do que a sua irmã estava falando? Que providências são essas? É da cirurgia? — pergunta curioso, então eu me lembro do motivo que me levou até a casa da Hanna.

— Sobre isso. — Começo a falar ainda segurando o copo de café vazio. — Queria me desculpar com você. Fui grosseira e infantil quando discutimos — assumo.

— Normalmente quem pede desculpas por alguma coisa sou eu, e se quer saber, eu já estava pronto para fazer isso. — Ele pega a minha mão. — Lillith, não quis invadir o seu espaço.

— Eu sei. Mas eu não precisava ter agido daquela maneira. Então, me desculpa.

— Não precisa se desculpar, entendi o porquê que agiu daquele jeito. — Ele aperta a minha mão. — Mas como eu disse antes, não confunda excesso de cuidado com carinho, Lillith. É isso que eu quero te dar, mesmo achando que mereça as duas coisas em dobro. — Sorrio. — Prometo não ser invasivo de agora em diante.

— Obrigada, Josh. Você não tem ideia do quanto isso é importante pra mim.

— Conheço a sensação de se sentir sufocado, limitado. Não quero isso pra você. Entretanto, ainda quero que venha morar comigo, e sempre respeitarei suas decisões.

— Só se me prometer que dividiremos as contas.

— Posso fazer melhor. — O colchão balança e ele muda de posição. — Podemos voltar a conversar sobre a divisão de despesas depois que fizer a cirurgia. Até lá, você segue o plano original e continua guardando o que ganha no The Rock. O que acha? — Ele parece ansioso.

Um amplo sorriso se forma no meu rosto. Isso eu posso fazer.

— Só espero que você não seja do tipo bagunceiro — respondo e ele me rouba um beijo de tirar o fôlego, e levando meu coração junto.

Droga.

É oficial, a gente ia morar junto e eu estava perdidamente apaixonada.



Antes de sair do hospital, Josh me levou até o quarto que a Hanna estava, chorei abraçada a ela, ainda incapaz de acreditar em tudo que aconteceu. Ela também chorou, me agradeceu por eu ter ficado ao lado dela; Gael também foi maravilhoso. Porém havia aquela pequena parte em mim que continuava sem conseguir assimilar tudo direito.

Um dos psicólogos do hospital veio conversar comigo antes da alta e combinamos de fazer uma consulta por semana. Era um custo que não tinha previsto, só que eu sabia que aquela sensação ruim que rondava na minha cabeça não ia embora sem ajuda. Josh não tentou intervir, o que foi um grande bônus para ele.

Ainda passei uma semana em casa. Josh dormiu comigo todas as noites, e todas as manhãs, ele fazia a mesma pergunta: “É hoje que vamos para casa?”.

Jannet não se opôs com a mudança, e me fez prometer que conversaria com nossos pais. Minha mãe ligou todos os dias para saber como eu estava, mas ainda não estava pronta para contar que Josh e eu estávamos morando juntos.

— Acho que trouxemos tudo — diz Josh, sentando ao meu lado no sofá do apartamento dele. Mackenzie nos ajudou com a minha mudança; não tinha muita coisa, basicamente vestimentas e poucos objetos pessoais.

— Amanhã podemos arrumar suas roupas no closet, Lillith — sugere Mackenzie, ela me entrega uma lata de refrigerante.

— Pode ser — respondo. Só de pensar na palavra *closet*, eu tremo por dentro. Minhas roupas cabem dentro de um guarda-roupas normal, já faz muito tempo que mudei para estilo mais básico e confortável.

— Ah, quase me esqueci. — Josh levanta e sai da sala.

— O que foi? — pergunto a Mackenzie.

— Ele tem algo pra você.

— O que é? — Fico curiosa, posso ser uma pessoa prática, mas adoro surpresas.

— Dá boas-vindas à mamãe — pede Josh, voltando para a sala.

AU! AUU!

— Ah, não! — Dobro as pernas para cima do sofá. Esses dias foram tão loucos que nem me lembrava mais do cachorro.

Yoda quase pula no meu colo no sofá e eu solto um grito quando sinto a língua dele lambe meu rosto. Bem no meio.

— Tá bom, garoto, pode parar. Essa boca é minha. — Josh tira ele de cima de mim e eu limpo a baba escorrendo da cara.

— Você ficou com ele? — pergunto incrédula.

— Sim, mas se não quiser...

— Até que ele não é tão ruim — diz Mackenzie defendendo o “cão-guia”. Mas é claro, não é o rosto dela babado. — Ele está até com um laço engraçado na cabeça.

— Você colocou um laço no cachorro?

— Sim. Ele odiou, só que eu disse que era para você. Acho que ele entendeu e não tentou tirar. Aqui. — Ele pega minha mão e eu sinto um tecido aveludado.

Meus dedos tocam toda a extensão do laço, é enorme. Yoda não se move. Sorrio quando sinto um pedacinho do tecido diferente – um pequeno coração áspero.

— É rosa — comento, rindo.

Uso pequenos adesivos em formatos diferentes para distinguir algumas cores; triângulo para amarelo, círculo para azul, o coração para rosa e assim por diante. Josh deve ter se informado com a Jannet, ele não tinha como saber nada disso.

— Então, ele está aprovado? — A expectativa é evidente na voz dele. Mackenzie permanece em silêncio, inclusive o cachorro. Parece que estou naqueles concursos na TV, bem no momento em que todos estão aguardando o voto final.

— Você sabe que não preciso de cão-guia, né?! — respondo com cuidado.

— Eu já sei, porém *ele* precisa de um lar.

— Caso a cirurgia não dê certo, Yoda vai ter que aprender a ser um cão-guia de verdade então.

— Combinado. Mas tenho certeza de que ela dará certo. — Sorrio com a sua confiança.

— É bom que dê, caso contrário teremos dois cachorros na casa. — Josh dá um grito tão alto que me assusta. Yoda o acompanha latindo.

Nossa, espero que esse barulho todo não cause transtorno com os vizinhos porque pela farra, sei que aquela baba toda valerá a pena.

CAPÍTULO 36

JOSH

*"I'm alive and I'm burning inside
There's no room for the weakness we hide
You could beat me black and blue
I'll keep coming back to prove
I'm a fighter"
Fighter – Seasons After*

Viver com a Lillith sob o mesmo teto estava se provando algo totalmente diferente do que imaginava. Não era igual as visitas no apartamento da irmã dela. E, caramba, observá-la se adaptar ao novo lar é meu novo esporte favorito.

Isso e fazer amor com ela todos os dias antes de dormir.

É claro que pegávamos fogo juntos, mas o que fazíamos era amor. Sabia disso pela forma como ela se entregava a mim e a facilidade com que meu corpo, e o coração, aceitaram isso era familiar. Só me senti assim antes com uma única pessoa.

Pensar nele se tornou menos doloroso, e os dias difíceis mudavam assim que meus olhos pousavam nela. Sua coragem e força de vontade eram minha motivação diária. E o amor que ela transmitia era a prova de que eu estava no caminho certo

Mac me ajudou a reorganizar o apartamento, ainda havia fotos nossas espalhadas, mas não tantas como antes. Nossas memórias estavam guardadas principalmente dentro de mim, isso não tinha preço.

Eu que não estava mais acostumado com tantas pessoas aqui, de repente, tive a casa tomada por risadas femininas, cheiro de comida caseira e choro de bebê.

Mag trazia AJ sempre que podia, e Lillith adorava. Ela inclusive ganhou outro companheiro. Yoda não era um cão-guia tão displicente afinal. Lilly caminhava com ele todas as manhãs enquanto que eu fui só uma vez com

eles.

Estou deitado no sofá agora, olhando uma revista de música quando ela eufórica entra na sala. Pelo seu semblante deve ser algo muito bom, porque desde que nos conhecemos foram poucas as vezes que a vi assim. Uma delas foi quando contei do possível retorno da banda, se Troy conseguisse tocar uma música inteira sem ficar nervoso – é claro.

— Onde é o incêndio? — brinco com ela. Lillith também melhorou sua confiança. Depois do que aconteceu com a Hanna, ela passou a fazer acompanhamento psicológico semanalmente, eu a levo e espero a sessão acabar. Religiosamente.

Ainda assim, toda sexta-feira faz questão de visitar a Hanna, ela e Mac vão juntas. Lillith sempre passa a mão na barriga da Hanna, minha amiga diz que isso deve acalmá-la; uma prova física de que está tudo bem e que o bebê cresce saudável.

— Acabei de receber uma ligação. — Ela está tremendo e pulando ao mesmo tempo com o celular na mão.

— O que foi?

— Meu médico, ele quer conversar comigo.

— Que médico? — pergunto, confuso.

— Meu cirurgião, Josh. O oftalmologista — responde como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Sorrio.

— Ele disse sobre o que?

— Não, mas quer falar comigo o mais rápido possível.

— Tudo bem. Quando quer ir?

— Agora. — Adoro quando ela é assim, decidida.

— Tudo bem, Garota Bonita. Só vou vestir uma camisa. — Beijo seus lábios.

— Obrigada.

Corro até o quarto e pego tudo que preciso, envio uma mensagem para o motorista, avisando da nossa saída. Poucos minutos depois estamos no carro, indo direto para o hospital.

Lillith parece nervosa, apesar do médico não ter dito do que se trata, temos nossas desconfianças. Consegui fazer um acordo com ela, convencendo-a de que: caso recebesse essa ligação e ainda não tivesse o valor, emprestaria o restante que ela ainda não tinha. Lilly continua cantando no The Rock, e mesmo com o bar bem mais movimentado do que antes por causa dos curiosos a respeito o nosso relacionamento recentemente

descoberto, ainda não tem a quantia necessária.

Assim que chegamos no hospital, Jannet está a nossa espera. Ela já sabia da ligação e está com um sorriso enorme no rosto.

— O que você acha que ele quer falar? — Lillith pergunta a ela, eu as deixo caminhar na minha frente.

Jannet tem sido menos rabugenta sobre nosso relacionamento, já os pais da Lillith eram cem por cento contra. Sua mãe veio visitá-la na primeira semana que estávamos morando juntos.

Não foi uma conversa amigável, Lillith fez questão de dizer quem eu era, disse absolutamente tudo sobre mim, sem omitir detalhes. Nem se ela quisesse seria possível com algumas fotos minha e do Braden na sala.

Eu já estava acostumado a esse tipo de rejeição, sofri isso com a minha própria família. Agora, ver a Lillith se impor com a mãe dela, foi impressionante. Ela fez por mim o que não tive coragem de fazer pelo Braden, o que só me fez admirá-la mais e querer demonstrar isso de todas as formas; ali mesmo, na sala, com ou sem a mãe presente.

Às vezes meu lado imaturo consegue se sobressair.

— Você sabe o que é, Lillith. — A voz da Jannet me traz de volta ao presente, estamos na frente do consultório. — Pronta?

Olho para Lillith e a vejo concordar. Ela não fala, mas o sorriso é amplo, verdadeiro. Ela está feliz, e porra, estou vibrando por dentro.

A porta abre e somos recebidos pelo seu médico.

— É um prazer revê-la, Lillith — cumprimenta, apertando a mão dela.

— Igualmente, doutor.

— E você deve ser o Josh? — Ele vira para mim.

— O próprio. — Apertamos as mãos.

— É um prazer conhecê-lo, já ouvi muito a seu respeito. — *Só espero que não tenha ouvido pelos sites de fofoca*, penso.

— Idem, doutor.

— Bem, vamos pular as formalidades. Sentem-se. — Ele aponta para as três cadeiras vazias e nos sentamos. — Prefiro não me prolongar e ir direto ao assunto. Tenho boas notícias, Lillith.

— Sério? — Ela está ansiosa, coloco a mão no joelho dela e ela a segura firme.

— Sim, temos um doador compatível. — Ela aperta minha mão.

— Que ótima notícia. — Sorrio. Ela tenta não demonstrar a ansiedade que está sentindo, mas minha mão já está dolorida por causa de seu aperto.

— E a melhor parte é que nosso hospital recebeu um investimento para a área oftalmológica. Você poderá fazer a cirurgia sem qualquer custo, Lillith. Poderão passar pelo procedimento dois pacientes por mês, e você é um deles.
— O aperto na minha mão aumenta, Lillith parece não acreditar no que ouve. Jannet tenta conter as emoções

— Investimento?

— Sim, recebemos uma doação anônima para o nosso centro de pesquisa. Em breve, poderemos revitalizar toda a ala, também.

— Doação? — repete. — Anônima?

— Sim, não é ótimo? — O médico parece confuso.

— E fui a primeira da lista? Como isso é possível?

Droga, a mão dela solta a minha devagar quando a percepção da verdade começa a bater.

Isso não é bom.

— Receio não poder te passar esse tipo de informação, Lillith. Porém acredito que não podia ter acontecido em melhor hora; temos um doador compatível e podemos realizar a cirurgia.

— Não, doutor. Não podemos.

— O quê? — Jannet e eu falamos ao mesmo tempo.

— Qual o problema? — pergunta o médico e ela se levanta.

Merda.

— O problema é que o meu namorado financiou isso tudo e mentiu pra mim. — Eu também me levanto.

— Lillith, me escuta...

— Nem precisei perguntar, não é? — ela me interrompe.

— A gente pode conversar lá fora? — pergunto, mas ela se afasta.

— Não podia ter feito isso, Josh! Você não tinha esse direito. Por que fez isso, droga? — ela se exalta.

— Lillith, se acalme — intervém Jannet.

— Me acalmar? Ele me enganou, mentiu sobre algo que sabe muito bem como é importante pra mim, por quê? — ela grita novamente. — Por que fez isso, Josh?

— Porque eu te amo, caralho! — esbravejo. — EU TE AMO! — Eu me afasto da mesa, todos estão me encarando como se eu fosse um maluco. Foda-se, sou um. — Só quero te ver feliz. Isso é crime por acaso? Porque se for, me prendam, pois farei de tudo pra ver a mulher que eu amo feliz, mesmo correndo o risco de perdê-la no processo.

— Você não tem esse direito — acusa.

— Tenho! Eu tenho todos os direitos em ajudar quem precisa, e não é só você quem irá se beneficiar. Tem noção de como isso ajudará muita gente a voltar a enxergar?

— Te pedi... — ela tenta argumentar.

— Eu sei, mas quer saber de uma coisa? — Eu me aproximo dela, nossos rostos a um fôlego de distância. — Quando a Hanna deu a ideia de a banda fazer essa doação, eu não me opus ciente de que sobraria para mim por causa disso. Que se dane, Lillith! Eu sempre me ferro, mesmo fazendo a coisa certa.

Ela engole em seco com as minhas palavras. Saio do consultório batendo a porta porque estou cansado disso, de saco cheio de errar.

Ouçó quando Jannet grita meu nome, mas não me importo, saio do hospital e pego um táxi. Não sei como, acabo parando em frente ao cemitério.

Pago o taxista e desço. Tudo é silencioso, meus pés não vacilam ao chegar no portão, e nem as mãos ao empurrar para entrar.

Sei onde fica a sua lápide, jamais me esqueci. Não tenho dificuldades em chegar até ela e de cair de joelhos. Derrotado.

Olho a lápide e meu peito aperta; o nome dele está ali, junto com a data de nascimento e a maldita data de falecimento. A logo da banda abaixo das informações foi uma homenagem por tudo que ele construiu.

— Fiz merda e não sei como resolver, Braden. — Lágrimas borram meus olhos quando traço seu nome com a ponta dos dedos. — Era tudo tão mais fácil. Cara, como você aguentava? Como *me* aguentava?

Um trovão ressoa e estremeço.

— Chuva? Sério? — Dou um sorriso. Eu me sento cruzando as pernas e fico encarando a lápide. — Uma chuva agora seria bem dramático, até mesmo pra você — digo, enxugando os olhos. — Eu falei que a amo da pior maneira possível, foi um desastre. — Uma gota de chuva cai, molhando a letra B no mármore. — Ela não vai me desculpar, não depois que omiti algo tão sério. E você sabe o quanto eu odeio mentir. — Outra gota cai. — Mas tinha certeza de que ela não aceitaria a minha ajuda, é bem teimosa, sabia? Você ia gostar dela. — Sorrio. Ele ia amar a Lillith, sei disso. — E que tipo de idiota fala que ama a garota no meio de uma briga?

A chuva começa a cair forte. Olho para o céu e dou risada.

— Isso é alguma tentativa de me fazer ir embora? — pergunto. — É assim que sou recebido depois de tanto tempo? Já sei, eu mereço. — Estremeço. — Droga, mereço até um raio caindo na cabeça. — O barulho de outro trovão

me assusta. — Certo, essa parte do raio foi brincadeira. — Retiro uma folha que caiu na lápide. — Me perdoa por não ter vindo antes, e me perdoa por não ter dito o quanto eu te amava. — Eu me abaixo e beijo no nome dele. — E só pra você saber, a minha resposta era sim.

A chuva se transforma em uma tempestade impiedosa e eu me levanto para sair. Talvez o momento não tenha sido o ideal, mas vir aqui me fez perceber duas coisas. A primeira é que Braden para mim é inesquecível, ele foi a primeira pessoa que eu ameí. E a segunda é que a Lillith me mostrou que a vida pode nos dar uma segunda chance e eu lutaria por isso com unhas e dentes – dançaria pelado no meio da rua se fosse preciso –, mas conseguiria o perdão da minha Garota Bonita.

Estou ensopado quando entro no táxi, meu celular vibra no bolso e tenho dificuldades para atender. O taxista percebe e me entrega uma pequena toalha, eu seco o aparelho e finalmente consigo responder a ligação.

— Josh! — É Jannet.

— Oi, Jannet.

— Lillith vai fazer a cirurgia.

— O quê? Que porra é essa?

— Quando você saiu do consultório, ela conseguiu se acalmar e perguntou se a cirurgia podia ser feita logo, simples assim. Estamos no hospital, ela opera amanhã.

— Isso é possível? — *Ela está de sacanagem comigo, só pode!*

— É, Lillith tem todos os exames em dia e já estava preparada, só faltava o doador compatível e...

— Já sei. — Caramba, fico tonto com essa reviravolta. Será que ela pensou em não me dizer nada?

— Avisei nossos pais e eles estão a caminho.

— Estou indo — aviso.

— Josh?

— Sim?

— Ela não sabe que liguei pra você.

— Lillith não queria que soubesse? Ela não me quer aí? — Minha voz falha.

— Ela não disse nada, nem tocou no seu nome. Lillith estava muito estranha, nunca a vi assim, Josh. Estou sentindo uma angústia, um aperto por dentro que jamais senti.

— Toma conta dela até eu chegar aí.

— Pode deixar, e qualquer novidade eu te aviso.

— Obrigado, por tudo.

— De nada.

Jannet desliga e eu respiro fundo. Que diabos aconteceu para ela tomar essa decisão depois de tudo que me disse?

— Senhor? — o taxista me chama.

— Sim?

— O trânsito está lento por causa da chuva, vai demorar um pouco. — Isso me lembra de que havia passado o endereço de casa e não do hospital.

— Vamos para outro lugar — aviso e passo o endereço do hospital. Quando ele verifica no GPS, está tudo um caos; todas as ruas parecem congestionadas. Resmungo frustrado.

Preciso chegar lá, tenho que falar com ela antes que entre em cirurgia.

CAPÍTULO 37

LILLITH

*“When it gets real late
So late that it's not late anymore
And I'm alone, awake
Just creaking with the floors”
What Breaks (and What Doesn't) – Lauren O'Connell*

Josh me ama. Ele gritou para quem quisesse ouvir no consultório. Mesmo assim, esse amor acabou me machucando. Estou chateada como poucas vezes fiquei. Essa cirurgia é algo que somente eu queria ter controle. Já tenho tantas limitações e dependência de outras pessoas que isso se tornou algo extremamente importante para mim.

Mas o que mais me chateou foi que chegamos a um acordo; eu cedi em partes, permiti que ele me ajudasse com um empréstimo. Estava me sentindo enganada.

— Lillith? — Jannet entra no quarto. Depois do choque inicial, decidi fazer a cirurgia. Tinha um plano, um que envolvia devolver cada centavo ao Josh.

— Pedi para uma amiga buscar algumas roupas suas que estavam lá em casa — informa. Assim que demos andamento aos trametes para a cirurgia, resolvi passar a noite no hospital.

— Obrigada — agradeço. Estou em pé próxima a janela, com os braços envolvendo o corpo e me sentindo completamente entorpecida.

— Você tomou a decisão certa. — Ela toca meu braço. — Voltará a enxergar, minha irmã. Isso é maravilhoso.

— Eu sei, só não está acontecendo da forma como planejei.

— Lillith, você não planejou muita coisa e mesmo assim elas aconteceram. — Ela coloca as mãos no meu ombro. — Tudo que aconteceu com você nesses últimos meses foi ruim?

— Não — respondo com a vez embargada.

— E se arrepende de alguma coisa?

— Fiz tudo que queria fazer.

— Então não vejo motivos para não passar a noite com seu namorado hoje — diz em um tom amável.

— Ele mentiu, Jannet.

— Vem cá, Lillith. — Ela toca meu braço e caminhamos até a cama, Jannet senta ao meu lado, sem soltar a minha mão. — Fui contra esse relacionamento. Tentei mantê-los longe um do outro, mas percebi que era uma batalha perdida porque vocês se amam.

— Eu o amo de verdade, Jannet. E acho que é exatamente por isso que dói tanto, saber que ele foi capaz de esconder algo tão importante para mim. Tínhamos um acordo.

— Então por que cedeu? Por que não recusou como da última vez?

Congelo.

Ninguém, nem mesmo Josh sabia da conversa que tive com meu médico duas semanas atrás. Ele foi bem claro quando informou que se não surgisse um doador compatível logo, eu poderia perder a chance de voltar a enxergar.

— Fiquei com medo — confesso.

— Medo?

— Sim. — Engulo em seco. — Não posso mais brincar com o tempo, Jannet. — Minha irmã fica em silêncio. — Senti medo de nunca mais poder ver o rosto de vocês. — Sinto os olhos arderem com as lágrimas, e antes que eu possa continuar, somos interrompidas por um barulho na porta.

— Não podem me impedir de entrar. — A voz dele é imponente. — Ou você sai da minha frente ou derrubo essa porta com você junto.

Josh!

— Droga, ele vai acabar sendo preso. — Saímos da cama e vamos até a porta. — O que está acontecendo? — pergunta Jannet.

— Ele invadiu o hospital, avisamos que não é permitido visitas esse horário — uma voz feminina que não identifico é quem responde.

— Só quero falar com ela — pede, e o tom de sua voz me entristece.

— O senhor está todo molhado, precisa ir embora. Pode voltar amanhã. — A mulher tenta argumentar de novo.

— Qual a parte do “só quero falar com ela” que você não entendeu? Será que preciso desenhar, porra! — Josh diz irritado com a voz alta demais para ser proferida em um hospital, ele está fazendo um escândalo.

— Deixa ele entrar — aviso à Jannet.

— Emma, pode deixar ele entrar. Está tudo bem.

— Mas... As suas roupas, Jannet, ele não pode entrar desse jeito — argumenta a mulher, chocada.

— Providenciarei algo para ele vestir. Vamos deixá-los conversar. — Jannet segura a minha mão, chamando atenção. — Conversem, tá? — Ela beija meu rosto e escuto a porta fechar.

Giro para voltar à cama, mas a mão dele me detém. Está fria, porém seu toque é firme.

— Por que fez isso? Por que não me avisou? — Viro para ficarmos frente a frente.

— Você também não me avisou que passou por cima do nosso acordo. — Minha voz é fria.

— A ideia inicial não foi minha, Garota Bonita. — Ele se aproxima e passa a mão pelo meu cabelo. — É algo que beneficiará muita gente e se isso inclui você, qual o problema?

— Deveríamos ter conversado.

— Você não teria aceitado. — Ele tem razão. — A sua irmã me disse que irá fazer, o que a fez mudar de ideia?

Eu me lembro da pergunta que a Jannet fez há poucos instantes, mas dessa vez, sei que não serei interrompida. Todos os meus medos estarão na mesa. Fecho os olhos tentando conter as lágrimas e respiro fundo antes das palavras começarem a sair.

— Tive medo de que essa fosse a minha última chance de voltar a enxergar. De nunca mais ver o rosto da minha família, rostos que tento todos os dias não me esquecer — digo entre soluços.

— O que mais? — Seu polegar toca meu rosto na tentativa de limpar as lágrimas.

— Fiquei com medo de nunca poder te ver — confesso, o choro que antes era fraco, agora é intenso. Josh não diz nada, entretanto, o som de sua respiração e o toque suave no meu rosto, me deixam ciente de que está tão chocado quanto eu.

A mulher cega, independente e feliz, tem uma fraqueza como qualquer ser humano. Eu era tão grata pela minha vida, e sem perceber, queria mais. Talvez um desejo bobo diante de coisas mais importantes. Mas a cada dia que passava ao lado de Josh, queria vê-lo. Conhecer suas expressões, queria ter uma família, poder olhar nos olhos dos meus filhos e ver se pareciam comigo ou com o pai.

— E se não der certo? — pergunta Josh, ele sabe que existe a possibilidade de rejeição.

— Então vou tocar minha vida com novos sonhos e objetivos. Sem olhar para trás — respondo, sincera.

— E farei parte disso? — Noto algo novo no tom de voz dele.

— O que aconteceu? — Levo a mão até o rosto dele, passando pelo cabelo e percebo que está úmido. — Você está molhado — digo, tocando sua roupa.

— Estava na chuva — explica como se fosse algo corriqueiro. — Você não me respondeu.

— Vai acabar doente, Josh. — Ele ri.

— Estou doente. Só de estar nesse lugar de novo, eu... — Ele hesita. — Diz que vai dar tudo certo amanhã, Garota Bonita. Preciso ouvir de você, saber que ficará bem, que voltará pra mim.

— Josh — toco seu ombro e o puxo para mim, envolvendo os braços na cintura dele, molhando minha roupa no processo —, vai dar tudo certo. E quando tirarem os curativos dos meus olhos, quero que você seja a primeira pessoa que eu verei. — Ele me abraça e afunda o rosto no meu pescoço, respirando fundo. O corpo dele treme e sei que não é de frio. Ele está chorando.

— Desculpa por não ter conversado com você. — Sua voz sai abafada, ele continua me abraçando apertado. — Ainda farei muita burrada, meu amor. Só tenha paciência, tá bom? — Josh se afasta um pouco e passa a mão no meu rosto. — Eu te amo, minha Garota Bonita. E só para deixar uma coisa clara, mesmo que não tivesse me dito nada, ninguém no mundo seria capaz de me impedir de estar ao seu lado quando abrir os olhos.

— Eu também amo você. — Pego a mão dele e a beijo. — Mas se não for tão bonito quanto eu penso, está tudo acabado entre nós.

Uma risada alta ecoa pelo quarto. É o melhor som que já ouvi, porque é o som dele rindo.

— Você sabe como quebrar o clima — comenta ainda rindo e, de repente, sua boca está na minha. Possuindo tudo que sabe que é dele, e que sempre será.

— Vocês só podem estar de brincadeira. — Minha irmã entra no quarto.

— Desculpa, é *ela* que sabe como quebrar o clima — sussurra Josh no meu ouvido.

— Vamos, Romeu, trouxe uma roupa para você. E a senhorita vai tomar banho e trocar de roupa, também. O que deu em vocês? Molhados desse jeito.

Vai operar amanhã, Lilly! Não deve agir feito uma criança. — Ela está no modo enfermeira, é engraçado.

— Posso passar a noite aqui? — pergunta Josh.

— Se disser que não fará alguma diferença? — responde, irritada.

— Certeza que não.

Rindo, vou com Jannet até o banheiro. Depois que estou limpa e seca, é a vez do Josh. Ele não se demora.

— Espero que essas roupas não tenham sido retiradas de algum defunto — resmunga ao sair do banheiro. Minha irmã abafa uma risada.

— O que foi? — pergunto.

— Ele está muito sexy — comenta ela, rindo.

— Você fez de propósito — acusa Josh.

— É isso ou pode ir pra casa.

— Droga. — Sinto a cama afundar quando ele senta ao meu lado.

— Nada de dormir aí, espertinho! Vai ficar no sofá — avisa Jannet. — Lilly, você já sabe dos procedimentos. Sem comer nada, tá bom?

— Tudo bem — respondo um pouco mais animada.

— Tenho que verificar outros pacientes, a gente se fala depois. — Jannet beija minha testa e sai.

— Que roupa ela trouxe pra você? — pergunto a Josh.

— Calça cáqui e uma camisa xadrez — diz, desanimado. Posso não enxergar, mas sei que essa combinação não fica nem um pouco sexy.

— Ah, gostaria muito de ver isso — digo rindo e Josh resmunga.

Como previsto, ele não vai para o sofá, Josh deita ao meu lado. Seu sono é agitado, murmurando coisas que não compreendo. Estou nervosa e não consigo pregar os olhos. Quando uma enfermeira entrou para saber se eu precisava de alguma coisa, ela riu ao vê-lo na cama; ele estava abraçado ao meu corpo, enrolado parecendo uma cobra. Nem ela teve coragem de acordá-lo.

Quando Jannet entra o quarto, sei que está na hora.

— Mamãe e papai estão lá fora, querem ver você antes da cirurgia.

— Vou sair, Micah chegou e trouxe a *minha* roupa. Uma decente — reclama Josh e beija meus lábios. — Volto logo.

— Tudo bem.

Meus pais entram logo depois que Josh sai, acredito que não tenham se falado.

— Lilly. — Minha mãe me abraça. — Meu Deus, está acontecendo —

diz, emocionada.

— Sim, mãe. — Tento não chorar.

— Está nervosa? — pergunta ela. *Eu estou?* Nossa, e como, tenho que admitir.

— Sim. Mas estou confiante — respondo.

— Estamos todos confiantes, meu bem. — Quem fala é meu pai.

— Sua irmã explicou que é um procedimento rápido, mas será com anestesia geral. — Minha mãe começa a tagarelar nervosa.

— Sim. Vai ficar tudo bem, mãe, confio muito no médico.

— Sua irmã bem que podia entrar com você — reclama, mesmo sabendo que Jannet não pode. Ficamos conversando por um tempo até que sou chamada.

— Onde está o Josh? — pergunto a Jannet.

— Não sei. Ele foi trocar de roupa, mas não voltou ainda.

— Pode tentar encontrá-lo? Não quero entrar antes de falar com ele.

— Lillith, você precisa ir, não pode atrasar.

— Lillith! — Josh grita meu nome e Jannet se afasta. — Graças a Deus. — Ele está ofegante.

— Onde estava? — pergunto, nervosa.

— Tive um contratempo lá em baixo. Vim assim que pude. — Ele pega a minha mão e beija. — Já está na hora?

— Sim, estou indo para a sala agora — confirmo, tentando conter o nervoso. Meus pais ainda estão no quarto, mas não dizem nada.

— Diz pra mim que vai dar tudo certo. — Josh parece mais nervoso do que eu.

— Já deu. — Aperto sua mão, tentando transmitir um pouco de conforto e confiança. — E, muito em breve, verei essa sua cara feia. — Sorrio.

— Receio ter uma terrível notícia para te dar. — Seu dedo traça o contorno do meu rosto. — Sou bonito pra caralho, e você se apaixonará de novo.

Dou um largo sorriso e ele me beija.

— Eu te amo, Garota Bonita.

Suas palavras são a última coisa que penso quando entro na sala de cirurgia e apago com a anestesia.

CAPÍTULO 38

JOSH

*“And you taught me not
To take for granted
The time that we have
To show that we care”
Things Left Unsaid – Disciple*

Meu nervosismo estava além da compreensão. Acreditava já ter passado pelas piores provas, mas desde que Lillith entrou em cirurgia; toda angústia se fez presente, todos os medos voltaram à tona.

— Que horas são? — pergunto a Micah. Ele e Callie estão aqui comigo aguardando, os pais dela também, porém os olhares deles na minha direção não são nada agradáveis. Não sou bem-vindo, só que não estou nem aí. Ninguém vai me tirar daqui.

— Dez minutos a mais desde a última vez que perguntou — responde Micah.

— Josh, você precisa se acalmar. — Callie tenta me tranquilizar, sei que estou sendo exagerado, paranoico além da conta. Mesmo assim, não consigo desligar essa voz dentro de mim que insiste em me amedrontar.

— Por que sempre temos que acabar nesse lugar? — reclamo, me referindo ao hospital. — Por mim eu tacava fogo nisso tudo — resmungo.

— Nem tudo que aconteceu aqui foi ruim — diz Callie.

— Perdi o Braden aqui. — A mãe da Lillith me olha e balança a cabeça. Santo Deus, essas pessoas precisam parar com isso.

— Você sabe que não foi assim — Micah me corrige. — Braden já estava morto quando chegamos, Josh. — Passo a mão no rosto, me sinto tão cansado de tudo, desse lugar. — Blue foi salva aqui, e Gael também. Até mesmo nós dois, Josh.

— Eu sei — respondo baixo. — É que... está sendo mais difícil do que imaginava. — Callie aperta minha mão, sei que ela entende a minha angústia.

Olho em volta, os pais dela estão com a Jannet; sentados do lado oposto da sala. Todos parecem tranquilos, inclusive meus amigos.

— Gael está ligando. — Micah mostra o celular, Gael não veio porque precisou ficar com a Hanna. Ela não pode sair da cama por causa da gestação de alto risco, então ele não sai do seu lado.

— Como estão por aí? — pergunta assim que Micah atende e a imagem dele aparece na tela.

— Parece um pesadelo sem fim — digo.

— Josh está exagerando, só tem meia hora que ela entrou. É um procedimento que deve levar uma hora e meia, mas ele está surtando — explica Micah e Gael dá um sorriso contido.

— Nada de fazer merdas, tá? — avisa Gael. — Troy não está por perto para limpar a barra de vocês. — Bufo em resposta.

Pedi para Troy ficar com Mac para organizar algumas coisas em casa, só espero que não estejam se matando – ou pior – transando.

— Hanna quer falar com você, mandem notícias quando acabar. — Gael passa o telefone para Hanna.

— Oi, Josh. — Ela parece bem, e tranquila. — Estamos aqui, mas nosso coração está com vocês.

— Obrigado.

— Mude essa carranca, Lillith precisa ver como você é lindo quando sorri — ela me adverte e Gael geme. Dou risada. — Não hesite em nos chamar, Josh. Estamos aqui para você.

Agradeço e desligo, minhas mãos não param de se mover, até que Callie as segura firme, chamando atenção.

— Vai dar tudo certo. Vocês dois não merecem menos que isso, Josh. — Suas palavras são tão sinceras que me acalmam um pouco.

O procedimento que era previsto para demorar uma hora e meia, ultrapassa duas horas e quando estou pronto para botar abaixo o hospital inteiro por notícias, uma enfermeira entra na sala.

Jannet e eu nos levantamos ao mesmo tempo.

— Lillith já está sendo levada para o quarto, ainda está um pouco grogue por causa da sedação — explica ela.

— Foi tudo bem? — pergunta Jannet, não faço ideia do que aconteceu com a minha voz

— Tudo como previsto — informa e parece que respiro pela primeira vez desde que a cirurgia começou. — Ela está chamando por você. — A

enfermeira aponta para mim. — Podem entrar para vê-la, mas peço que não seja todos de uma vez para não a sobrecarregar. E não passem muito tempo lá dentro.

— Tudo bem, obrigada — agradece Jannet e a enfermeira sai.

Vou em direção a porta quando uma voz me detém.

— Somos a família dela, devemos ir primeiro. — Seu tom de voz me dá náuseas. *Como é possível que a Lillith tenha saído deles?* Pelo visto não sou o único a ter pais preconceituosos no fim das contas.

— Acredito que a enfermeira foi bem clara quando disse que ela estava chamando por mim — retruco, sentindo a raiva sobressair a razão.

— Josh — Micah segura meu braço —, agora não é hora disso.

— Minha filha só veio para essa cidade por causa da cirurgia. Assim que ela se recuperar, voltará conosco para casa — despeja.

— Mãe, por favor — intervém Jannet.

— Não, Jannet! Ele precisa saber que a minha Lillith não é assim, sua irmã não é uma qualquer que ele vai exhibir por aí junto com seus amigos promíscuos.

— Já chega, querida. — O marido tenta conter, mas a mulher não para.

— Ele não fará com ela o mesmo que fez com aquela outra. Vi as reportagens, ela tem um filho e eles nem sabem qual deles é o pai.

Dou um passo, Callie entra na minha frente. Ela coloca a mão no meu ombro e me impede de voar no pescoço desse ser desprezível.

— Nada que você disser mudará a cabeça dela, Josh — ela afirma e olha para a mãe da Lillith. — Pessoas como ela não valem nosso tempo, já sabe disso.

— Me tira daqui, Callie — peço para minha amiga, porém não tiro os olhos da pessoa que por uma infelicidade do destino é a mãe da mulher que eu amo.

Callie e Micah saem comigo, acho que não serei capaz de me controlar se ficar mais um segundo ouvindo tanta porcaria. No caminho, envio uma mensagem pedindo a Jannet para avisar Lillith que voltarei mais tarde, mas por hora, respeitarei o tempo dela com os pais.

— Pensei que fosse arrancar a cabeça dela, Josh — comenta Callie quando saímos da sala.

— Estou tentando me conter. — Minha voz é calma, no entanto só eu sei como estou me segurando para não fazer exatamente isso.

— Ela é uma bruxa, viu todo seu nervosismo, aquela...

— Cal, por favor — interrompe Micah.

— É verdade, Micah! Dá vontade de arrancar os cabelos daquela bruxa.

— Callie se exalta e aperta minha mão. — Mas estou orgulhosa de como está agindo, Josh. De verdade.

— Nosso garoto cresceu — brinca Micah, bagunçando meu cabelo. Solto um gemido.

— Não quero estressá-la. A Lillith acabou de sair de uma cirurgia, precisa descansar — digo, derrotado. Odeio esse sentimento.

— Vamos comer alguma coisa e ligar para o Gael — sugere Micah.

— Podemos comer aqui mesmo. — Posso não ter ido no quarto agora, mas não quero sair do hospital.

— Não vou comer a comida horrível daqui — reclama Micah. — Vou buscar algo decente pra gente. — Ele beija Callie e sai.

— Uma vez Playboy, sempre Playboy — ironiza enquanto olhamos ele se afastar. — Mas essa visão... — Ela aponta na bunda dele. — Vale o esforço. — Sorrimos e vamos até o café esperar por ele.

— Nós estamos ruins de sogros — comenta Callie quando entrego seu café.

— Podemos competir: eu, você e o Gael — brinco.

— Em contrapartida, você também tem os Sanders.

— Eles são minha família.

— E os seus pais? Não viu qualquer um deles?

— Cortamos relações, meu pai não é o tipo de homem que volta com a palavra e não irei até lá para ouvir merdas sobre o Braden. Estou feliz e não deixarei que nada arruíne isso, Callie.

— Nem mesmo a família da Lillith?

— Pode apostar que não, porra. — Ela sorri, orgulhosa pela minha resposta.

— Acho que farei de conta que os Sanders são os pais do Micah. — Ela suspira. — Se bem que vou adorar ver a cara da sogrinha quando souber da novidade.

— Não vai me dizer que está grávida? — pergunto, chocado.

— Ainda não, e para ser sincera, não nos sentimos confiantes para uma nova gravidez, Josh. Tudo que passei com a Blue me deixa nervosa só de lembrar.

— Isso não significa que vai se repetir. — Tento tranquilizá-la.

— Eu sei, mas então veio toda a complicação com a Hanna... Enfim,

Micah e eu estamos pensando em adoção. — Sorrio com essa notícia surpreendente.

— Acho isso o máximo.

— Sim. — O sorriso dela não cabe no rosto.

— E sua sogra vai morrer do coração. — Ela ri alto.

— Um brinde a isso. — Ela ergue o café e nós sorrimos.

Micah chega com a comida alguns instantes depois, mas minha fome se esvai quando recebo a mensagem da Jannet informando que está tudo bem. Lillith está dormindo, porém a mãe ficará no quarto.

Merda.

Só que isso não me impede de fazer plantão na porta do quarto.

— Josh? — Um sussurro seguindo de um leve toque no ombro me acorda. Estava dormindo sentado no banco do lado de fora do quarto. A mãe dela ficou lá dentro parecendo um cão de guarda.

Micah e Callie já foram, meu amigo achou melhor ir embora porque Callie não estava nem um pouco feliz por eu ter que ficar do lado de fora e comigo já nervoso, seria como jogar lenha na fogueira. Abro os olhos e Jannet está na minha frente.

— O que aconteceu? — Levanto assustado, olho a hora e são duas da manhã. — Como ela está? — Começo a ficar nervoso.

— Lillith está bem, Josh. Se acalme. — Caramba, meu coração parece que vai sair pelo peito. — Ela está acordada e quer falar com você.

— E a sua mãe?

— Tive uma conversa com ela. Minha mãe foi pra casa.

— O quê? — Fico surpreso. Jannet parece cansada.

— Vamos conversar. — Ela se acomoda no banco e eu sento ao seu lado.

— Meus pais não são pessoas ruins, gostaria que soubesse disso, Josh. Até eu te julguei muito mal e peço desculpas.

— Tudo bem. — Penso em dizer que já estou acostumado com esse tipo de merda, mas a deixo continuar.

— Lillith ficou triste quando percebeu que você não entrou.

— Droga! Ela pensa que eu não quis ir vê-la?

— Ela sabe que esteve aqui o tempo todo, fiz questão de deixá-la ciente disso. Lilly conhece nossos pais, entendeu a situação sem que eu precisasse explicar.

— Não quero que ela se aborreça.

— Fique tranquilo, ela não está. Meus pais foram embora tem alguns

minutos, eles te viram aqui. Tenho certeza de que isso significou algo para eles, porque significou pra mim como irmã. Não é qualquer pessoa que dorme em um banco duro, podendo estar em casa e confortável.

— Isso não é nada.

— Pelo contrário, Josh, isso é *tudo*. Mostra que se importa. Como eu disse, meus pais não são pessoas ruins, algumas coisas podem ser um pouco chocantes para eles absorverem. Sem contar que não entendem que a bebê deles cresceu. — Sorrio como ela compara Lillith a um bebê. Para mim, ela está mais para uma deusa. — E, também contei a eles que você foi o maior responsável por ela aceitar a fazer essa cirurgia agora. Minha irmã sabe ser bem teimosa quando quer.

— E eu quase estraguei tudo.

— Foi um risco. — Ela sorri. — Meus pais sabem o quanto você é importante para ela e vice e versa, acredito que é isso o que importa.

— Obrigado.

— Acho que você pode entrar agora. Só não fiquem muito tempo conversando, tá bom?

— Tudo bem. — Levanto.

— Esterilize as mãos antes de tocá-la. — Jannet me avisa antes de eu entrar no quarto.

Abro a porta tentando fazer o mínimo de barulho. Há poucas luzes acesas, e ela está deitada. Faço como pedido e limpo as mãos com álcool antes de me aproximar. Droga, tomaria banho com ele se fosse necessário.

— Quem está aí? — Ouvir a voz dela faz meu coração acelerar. Eu me aproximo da cama, seus olhos ainda com os tampões. Fico ainda mais ansioso.

— Oi, Garota Bonita — digo antes de tocá-la, não quero assustá-la. Lillith sempre reconheceu minha presença antes mesmo de ouvir a voz. Acho que o cheiro do álcool a confundiu.

— Josh! — Ela fala meu nome aliviada. — Pensei que estivesse se escondendo de mim.

— Eu? — Pego a mão dela e a beijo. — E te privar de ver meu lindo rosto quando tirar esse tampão?

— Você é muito convencido — provoca em tom de brincadeira. Porém eu a conheço, Lillith está tentando segurar suas emoções, assim como eu.

— Como está se sentindo? — Seguro a mão dela e sento na cadeira ao lado da cama.

— Cansada, quero ir para casa.

— Nossa casa? — pergunto, receoso ao me lembrar das palavras de sua mãe. *Minha filha só veio para essa cidade por causa da cirurgia. Assim que ela se recuperar, voltará conosco para casa.*

— Não tem outro lugar que eu gostaria de ir — responde e sorri. — Sei o que aconteceu mais cedo.

— Está tudo bem, Lillith. Sêrio.

— Só quero que saiba que eu te amo. Amo tudo em você, Josh. Até mesmo as partes que ainda não vejo e as outras que as pessoas julgam não serem merecedoras. Eu te amo porque tudo isso te faz ser quem é. E para mim, você é tudo.

Fecho os olhos, sentindo suas palavras me atingirem. Ela me ama sem reservas, sem medo. Porra, acho que não mereço isso, mas nunca estive tão feliz.

— E se a cirurgia não...

— Para mim não importa o resultado, Lillith — eu a interrompo. — O que importa é isso. — Aperto a mão dela. — Você aqui comigo, viva e bem. — Levanto da cadeira e inclino o corpo para falar no seu ouvido. — Porque depois dessa declaração, só me importo em te ver entrando de branco na igreja, com ou sem bengala.

Sou recompensado com o sorriso mais lindo que já vi, mas logo desaparece assim que a minha boca possui a dela.

CAPÍTULO 39

LILLITH

*“I’m baptized every time you say to me
To close my eyes; your touch becomes my everything
Dancin’ ’til we disappear”
David Cook – Ghost Magnetic*

Durmo com Josh acariciando minha mão, seus dedos fazem círculos suaves até que finalmente pego no sono. Sou levada para o mundo dos sonhos com o coração transbordando de felicidade.

Foi um pedido de casamento inesperado e diferente, mas não podia estar mais satisfeita. Nada que envolvia Josh era feito de maneira convencional, entretanto era tudo verdadeiro, e é o que importa.

Acordo com o aroma de café, e a mão dele ainda sobre a minha.

— Estou morrendo de fome. — É a primeira coisa que digo. O tampão me incomoda, só que Jannet foi bastante clara com as instruções. Não posso me descuidar no pós-operatório.

— Bom dia, Bela Adormecida — diz Josh com a voz alegre. — Quanto ao café da manhã, a culpa é toda da sua irmã.

— Você queria que uma cafeteria trouxesse o café dela. — Minha irmã resmunga.

— É mesmo? — pergunto rindo.

— Sim, sua irmã não deixou. Está tudo na recepção, acho que as enfermeiras estão se fartando.

— Sério que pediu?

— Claro, acha que eu deixaria minha noiva tomar o café sem graça daqui?

— Sua o *quê*? — Jannet praticamente grita.

— Noiva — eu que respondo. — Estamos noivos, Jannet.

— Quanto tempo eu dormi? — diz, mas conheço seu tom de voz; ela está feliz.

— Então, irmãzinha, que horas o médico passará? — pergunta Josh para

Jannet e contendo uma risada, tentando imaginar sua expressão ao ouvi-lo chamar de irmã.

— Não sou sua irmã — reclama. — Ele passará de tarde.

— Como está se sentindo? — Josh me pergunta.

— Estou bem, só o incômodo mesmo, Jannet disse que é normal.

— É verdade? — pergunta ele e minha irmã confirma. — Preciso sair para resolver algumas coisas, tudo bem?

— Estará aqui quando o médico vir? — pergunto, receosa.

— Não perderia isso por nada. — Ele beija meus lábios e sai.

Jannet fica comigo, conto do pedido de casamento durante a madrugada e, pela primeira vez, ouço minha irmã suspirar sonhadora.

Após o almoço, meus pais chegam. Não sei se Josh pretende fazer algum tipo de pedido oficial, então decido contar tudo e evitar uma situação constrangedora.

Minha mãe não recebe a notícia muito bem, diferente do meu pai. Suas palavras surpreendem e me emocionam. Preciso me controlar para não chorar, o que não é nada fácil. Mas me sinto orgulhosa quando ele diz que qualquer homem que faz por uma mulher o que Josh fez por mim, merece sua benção.

Sei que aos poucos, Josh conquistará o respeito deles assim como conquistou o meu amor.

Parece que as horas se arrastam. Tento dormir um pouco, mas não adianta, estou nervosa e sem notícias do Josh. O médico ficou de passar a qualquer momento para retirar o tampão, e quero que ele esteja aqui.

— Lillith? — minha irmã chama minha atenção. — Josh acabou de ligar.

— Onde ele está?

— No trânsito, tentando chegar. Parece que vai demorar.

— Avisou que o médico já está vindo?

— Sim, disse que podia tirar o tampão que te veria assim que possível.

— Mas... quero falar com ele — digo e estendo a mão pedindo o telefone.

— Nem pensar! Não vou deixar você tocar nesse aparelho imundo.

— Está sendo exagerada.

— Estou sendo cuidadosa. Sabe quanta bactéria tem nesses aparelhos? — Misericórdia, sinto vontade de esganá-la.

— Sua irmã tem razão, é melhor evitar o risco de infecção — comenta o médico, entrando no quarto. Meu coração acelera com a expectativa, mas se entristece ao mesmo tempo. Queria tanto o Josh ao meu lado nesse momento.

— Está pronta? — pergunta ele.

— Acho que sim — respondo incerta.

— Vamos diminuir a luz do quarto para que fique o mais confortável possível, tudo bem? Não enxergará com clareza ainda, mas já conversamos sobre isso, certo?

— Sim. — Sei cada estágio da minha recuperação.

— Tudo bem, vamos começar então.

Jannet ajuda a me posicionar, estou sentada na cama tentando conter o nervosismo. Minhas mãos tremem e quando sinto o tampão sendo retirado, o quarto fica em total silêncio.

— Abra os olhos, Lillith — pede o médico e eu os abro lentamente.

Vejo um borrão, pisco devagar tentando focar enquanto a cabeça dói. Está tudo um pouco embaçado.

Ainda confusa com as imagens tentando se formar no meu cérebro, eu me concentro na figura diante de mim.

Fico sem fôlego e meu coração dispara.

Não consigo expressar em palavras o que sinto nesse momento, então, faço a única coisa que me dá segurança. Estendo a mão para tocá-lo.

— Josh! — Quase não consigo falar o nome dele, é praticamente impossível controlar tudo que estou sentindo agora. Ele está bem na minha frente. Fiquei tão nervosa que não notei que foi ele quem tirou o curativo. — Meu Deus! — digo, emocionada.

Ele sorri com o meu gesto e deixa que toque seu rosto. Sua imagem ainda está embaçada, mas consigo ver os traços pretos das tatuagens se sobressaindo na pele; cobrindo seus braços. Minhas mãos parecem ter vontade própria e vão até elas, os dedos contornam os desenhos.

Não tem muita luz, só que o pouco que consigo ver significa tanto que mal consigo falar.

— Oi, Garota Bonita — murmura Josh e volto a olhar seu rosto. Vejo quando ele sorri, segura minha mão e a leva até nos lábios, dando um beijo suave. — Está gostando do que vê? — Seu tom é brincalhão, mas cheio de emoção.

— Você tinha razão — digo.

— Sobre o que?

— Acho que me apaixonei novamente por você. — Josh sorri, e me beija. E apenas quando nossas bocas se unem é que percebo que ele está chorando.



Precisei ficar mais um dia no hospital depois que tirei o tampão, minha visão ainda não estava boa, mas o médico já tinha me explicado sobre o processo de recuperação. Eu poderia demorar até dois anos para ter a visão normalizada, e mesmo assim, não era cem por cento garantido.

Apesar de tudo, estava feliz.

Voltar a ver o rosto dos meus pais e da minha irmã foi uma emoção à parte. Minha memória não era ruim, por isso acredito que tive mais facilidade em distinguir suas imagens. Jannet chorou vários minutos abraçada a mim.

Josh me levou para casa e me encheu de cuidados. Minha irmã explicou como seria o processo de recuperação, e ele anotou tudo. Foi engraçado. Também mandou Yoda para a fazenda enquanto eu estava no hospital. Fiz Josh jurar que traria cachorro babão de volta assim que possível.

Meus pais não podiam ficar mais tempo por causa do trabalho, mas Josh conversou com eles e garantiu que tomaria conta de mim. Minha mãe parecia um pouco mais conformada com o nosso relacionamento. Seria um caminho longo até a aceitação completa dela, porém estávamos dispostos a percorrê-lo.

As coisas iam se encaixar, tinha certeza disso. Meu mundo agora não é mais preto e branco. Ele tinha cor. E tinha o Josh, impossível nunca fez parte do meu vocabulário.



Já passou um mês e meio desde a cirurgia, Josh não havia me tocado nesse período, parecia um monge. Até na hora de dormir ele não me abraçava com medo de me machucar de alguma forma. Droga, não acredito que estava sentindo falta de dormir agarrada com ele.

— Disse alguma coisa? — pergunta. Devo ter resmungado alto.

— Nada — respondo, mas meu tom sai seco. Ele percebe.

— O que aconteceu? Está sentindo alguma coisa? — Josh deixa o

computador de lado e volta sua atenção para mim.

Estamos sentados no sofá da sala. Ele estava verificando algumas coisas da banda, parece que em breve voltariam aos palcos. Estive em alguns ensaios, Troy estava tocando bem e todos pareciam animados.

Eu ainda não tinha voltado para o The Rock, e isso era só uma questão de tempo.

— Estou bem. — Tiro os fones de ouvido, não estava prestando atenção mesmo. Não estou lendo livros para não forçar a vista, então continuo com os audiolivros.

— Não está, eu te conheço.

— Quando vai me tocar de novo? — Cruzo os braços, parecendo uma criança birrenta.

— Estou tocando em você — responde com a mão no meu joelho e a expressão cínica.

— Sua cara é puro cinismo, sabia?

— Jura? — Ele tira sarro do meu humor.

— Estou falando sério, Josh! Por que não me toca como antes? — pergunto.

— Você sabe o motivo. Não quero te machucar. — Ele massageia meu joelho.

— Não sou de vidro.

— Eu sei, mas ainda está se recuperando.

— Sabe que a minha recuperação completa pode demorar dois anos? — Levanto do sofá. Ele apenas acena com a cabeça, concordando. — Está disposto a não me tocar até lá? — É só o que faltava.

Ele levanta tão rápido do sofá que preciso dar um passo para trás.

— O que você quer, Lillith? — Josh caminha na minha direção enquanto continuo recuando. — Diga *exatamente* o que quer.

— Você.

— Precisa fazer melhor do que isso se quiser que eu perca o controle. — Um esboço de sorriso surge em seus lábios, fazendo minha pele se arrepiar toda. Sempre me excitou o ouvir falar, ou sentir seu toque, mas conforme os dias se passam e consigo enxergar com mais clareza — *minha nossa* —, nunca pensei que fosse achar tatuagens tão sexys.

Vê-lo agora, usando somente calça de moletom e exibindo aquele peito que é só meu, está me deixando excitada.

— Você quer que eu diga o que quero que faça comigo? — provoco.

— Cada palavra. — Ele me encurrala na parede e não tenho mais para onde ir. Inclino o corpo na direção dele, os seios encostam no seu peito. Ele baixa o olhar e lambe os lábios.

— Uma vez me disse que meus peitos seriam seus novos brinquedos — murmuro. — Você ainda não brincou com eles.

— Mas irei. Pode apostar nisso — diz sem tirar os olhos do meu decote. — Me dê a sua mão.

— O quê? Você quer a minha mão? — pergunto, surpresa.

— Me dê logo a droga da sua mão, Lillith. — Eu a estendo. — A esquerda. — Seus olhos continuam fixos no decote.

— Pronto. — Ele segura a minha mão e a levanta até a altura dos nossos rostos.

— Como sempre você consegue acabar com qualquer tipo de romantismo. — Josh desliza um anel pelo meu dedo. — Vou cancelar nosso jantar de hoje.

— Você... — Olho o anel, nosso anel de noivado.

— Eu o comprei no dia em que tirou o tampão, estava esperando que sua visão estivesse melhor para fazer o pedido como manda o figurino.

— Minha visão está melhor. — *Mais ou menos.*

— Mentirosa impaciente. — Ele ri. Ainda estou com a mão para cima, olhando para o anel.

Sim, ele tem razão. Minha visão não está perfeita, no entanto estou diante do anel mais bonito do mundo reluzindo no dedo.

— Antes de levar a minha noiva para a cama, e fazer todas as coisas safadas que eu sei que ela quer, preciso que me diga se ainda quer se casar comigo — diz e fica de joelhos.

Meu Deus do céu!

— Esse pedido era para ser feito em um restaurante, junto com nossos amigos e os seus pais, mas parece que alguém está com muita pressa. Então, Garota Bonita, agora que já pode enxergar, ainda quer se casar comigo?

Olho para ele, ajoelhado na minha frente e um olhar ansioso no rosto. Imito seu gesto e me ajoelho, também.

— Para você, sempre direi sim. — Acaricio seu rosto. — Porque mesmo quando meus olhos não enxergavam seu rosto, ou o corpo, meu coração te enxergava, Josh.

— Espero que ninguém se importe se não aparecermos nesse jantar, porque pretendo entrar naquele quarto com a minha noiva e fazer amor com ela até o sol nascer.

— E o que está esperando? — brinco.

— Estou esperando meu coração se acalmar e as pernas pararem de tremer. Porra! Vou me casar com a mulher mais linda do mundo e ainda não acredito nisso.

Sorrindo, puxo o rosto dele e o beijo até perdermos todos os sentidos.

Não importa o tato, o paladar, a audição ou a visão. A única coisa que importa agora é que o meu coração bate por ele, e não tenho dúvidas de que o dele também bate por mim.

EPÍLOGO

GAEL

*“How do I live without the ones I love?
Time still turns the pages of the book it's burned
Place and time always on my mind
I have so much to say but you're so far away”
So Far Away – Avenged Sevenfold*

NOVA IORQUE UM ANO DEPOIS

O Madison Square Garden está lotado, sem contar que os principais canais também estão transmitindo o show de hoje.

O show que marca a volta da banda Originals aos palcos.

Mesmo depois de mudarmos para Los Angeles há três meses, escolhemos essa cidade como palco do nosso retorno. Um que será memorável, à altura de Braden.

Troy tocará no baixo, ele tem ensaiado conosco há um bom tempo. O cara é bom, só precisa deixar o nervosismo de lado e deixar os dedos fazerem a magia. É engraçado como ele ainda tem dificuldades de passar o bastão de empresário para Mackenzie, os dois brigam como cão e gato.

Josh convenceu Lillith a cantar uma música conosco. Ela tem um talento raro, porém decidiu usá-lo para outros fins.

— Nervoso? — pergunta Hanna assim que abre a porta do camarim. As crianças estão aqui hoje; Gabe irá com ela para o camarote enquanto Annie ficará com a Sarah no berçário montado especialmente para ela.

— Agora não. — Coloco os braços envolta da sua cintura e a sento no meu colo, ela ri.

— Sabe, sentar no seu colo assim é como viajar ao passado — comenta, acariciando meus braços.

— Mas não estou sentando em uma cadeira de rodas — argumento.

— Você sabe o que eu quero dizer. — Ela olha em volta. — Parece um sonho, não é?

— Na verdade é como se fosse a realidade voltando ao normal. — Tento explicar o que estou sentindo. Esse tempo todo fora dos palcos pareceu uma realidade alternativa.

— Estou orgulhosa do que estão fazendo.

— Eu sei, e obrigado pela ajuda. — Hanna sorri.

Quando nos mudamos, ela colocou em prática o projeto de uma ONG para ajudar pessoas com deficiência. E em poucos meses, o Instituto Braden Sanders será inaugurado com a matriz em Los Angeles e uma filial em Nova Iorque, onde meu amigo está enterrado.

Hanna e Lillith são as responsáveis em Los Angeles enquanto que Mag ficou a responsável pela filial, já que sua vida está naquela cidade. Ela decidiu ficar e não a julgo por isso. Está refazendo a vida aos poucos e estamos felizes por ela. Eles estão aqui hoje: ela, AJ e Dean.

Lillith não pensou duas vezes quando recebeu o convite, vai ensinar música. Inclusive voltou a estudar e está fazendo faculdade. Sua visão ainda não está cem por cento recuperada, mas a garota é determinada. Josh não poderia ter escolhido melhor.

Eles ainda estavam noivos, só que esse status mudaria hoje. Josh resolveu fazer um casamento coletivo no palco. Todos nós nos casaríamos oficialmente, diante de milhões de pessoas. Inclusive das nossas famílias que estão aqui.

— Onde estão todos? — pergunta Hanna.

— Acho que estão fazendo o mesmo que eu nesse momento. — Levo a mão até seu vestido e começo a subi-lo.

— Gael... — Ela tenta me repreender. Porém falha com sucesso. — E o que eles estão fazendo? — Suspira quando tiro o vestido.

— Estão fazendo amor com suas mulheres. — Beijo sua boca e ela retribui. — Já disse que te amo hoje? — Interrompo nosso beijo.

— Acho que não.

— Nunca deixe que eu passe um dia sem te dizer isso. — Coloco carinhosamente uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. — Porque posso ter todos os defeitos do mundo, mas te amo cada dia mais, Hanna. — Ela sorri.

— Mesmo quando eu te irrita?

— Sim. — Abro um sorriso. — E você? Me ama mesmo quando te deixo

brava?

— Você me deixa brava todos os dias — provoca e eu belisco sua bunda.

— Ai! — grita Hanna e se levanta.

Olho para o corpo dela e para o vestido no chão. Mesmo depois de dois filhos, para os meus olhos, ela é a mulher mais perfeita que já vi.

— Ainda não disse que me ama — ressalto e começo a retirar a roupa.

— Gael... estamos no camarim. E se alguém entrar? — Ela olha na porta sabendo que não trancou.

— Ninguém se atreverá a entrar aqui.

— Como tem tanta certeza?

— Porque estou aqui. — Eu a alcanço. — Estou aqui com a minha mulher. — Beijo seu pescoço. — Nenhum filho da puta vai querer correr o risco de ter o nariz quebrado. — Ela ri.

— Você não muda.

— Não, mas eu amo você e tudo que me deu.

— Também te amo — murmura e eu tiro seu sutiã, expondo os seios.

— Vai dizer isso novamente. — Minha mão segura o seio direito e com a outra envolvo sua nuca. — Gritará que me ama quando eu fazer você gozar.

— Estou esperando, meu Roqueiro.

— Então chega de esperar, minha Pintora.

Beijo sua boca com fome, uma fome que parece nunca cessar. E a cada toque que sinto de suas no corpo, meu pau se agita querendo mais.

Desejando estar dentro dela.

Sei que o que sinto por ela é louco, mas que se dane, é assim que o amor tem que ser.

Ele tem que tirar o seu fôlego.

Fazer perder a razão.

BÔNUS

JOSH

*"I want to leave my footprints on the sands of time
Know there was something that, meant something that I
left behind
When I leave this world, I'll leave no regrets
Leave something to remember, so they won't forget"
I Was Here – Beyoncé*

Los Angeles
Sete anos depois.

Estou saindo da piscina quando o vejo passar correndo. Pego a toalha e enrolo na cintura, não me dando ao trabalho de secar o corpo devidamente. Com certeza, levarei bronca por isso. Mas não importa, porque meu foco está no garoto subindo as escadas parecendo um foguete.

Os cachos castanhos balançando conforme sobe os degraus. Sorrio, ele não deixa cortarem o cabelo. AJ tem uma personalidade única, e desde que nos mudamos de Nova Iorque para Los Angeles, ele vem tendo alguns problemas de adaptação.

— Ei, garoto? — Bato na porta do quarto e entro. Ele está colocando a mochila em cima da cama, suas bochechas coradas revelam que está com raiva. — O que houve?

— Nada. — Ele sempre foi um péssimo mentiroso.

— Um nada nunca deixaria você desse jeito, AJ. O que aconteceu? — Sento na cama e faço um gesto para que se sente ao meu lado. Ele olha para o meu corpo molhado e depois a toalha.

— Você está encrencado. — Sorri timidamente antes de sentar. *É, moleque, sei que estou*, penso. Só não posso contar que adoro arrumar problemas apenas para pedir desculpas. Fazer as pazes é sempre interessante.

— Então, o que aconteceu?

— Os garotos na escola são um bando de idiotas — diz com raiva.

— O que eles fizeram para você reagir dessa forma?

— Disseram que eu gosto de garotos porque tenho dois pais e por causa do cabelo.

Merda.

Desde bebê, AJ sempre soube do Braden; havia fotos, histórias da banda, vídeos. Pode não se lembrar dele, já que era um bebê quando Braden morreu, mas nunca omitimos a verdade.

Mag fez questão de dizer que ele tinha dois pais, e mesmo que nosso relacionamento possa ser confuso para alguns, nosso filho cresceu sabendo de suas origens.

— É verdade, pai? O que eles disseram?

— O que você é, AJ? — pergunto, olhando em seus olhos.

— Uma criança — responde com toda certeza do mundo, e isso me faz sorrir.

— E o que crianças fazem?

— Brincam, estudam. — Ele dá de ombros.

— Exato. Quando chegar a hora, seu coração saberá qual direção tomar. E a única coisa que importa é que você tem uma família que te ama, e que estará sempre ao seu lado. No momento, a única coisa que precisa se preocupar é em estudar e se divertir.

— Eles dizem que vamos todos para o inferno. — Droga, queria mandar todos para puta que pariu, porém meu lado responsável fala mais alto e me contenho. — Dizem que é feio ter dois pais. — Ele olha para a foto minha e do Braden o segurando quando nasceu, a foto fica ao lado da sua cama.

— Sabe o que é feio? — pergunto e ele presta atenção em mim. — É feio não respeitar as pessoas; julgar sem conhecer, falar coisas sem fundamento, mentir. Esses tipos de coisas são muito feias, AJ. — Sabe o que é respeito?

— Acho que sim.

— Vou te dar um exemplo, tá? — Ele acena com a cabeça. — Sua mãe, ela gosta de futebol?

— Não. — Ele ri. — Ela odeia.

— Mas sempre está nos seus jogos, certo?

— Sim. — Ele geme, pega um travesseiro e cobre o rosto. — Ela me fez passar vergonha no último jogo, não parava de gritar. — Dessa vez sou eu quem ri, essa é a Mag.

— E você gosta de futebol?

— Claro — responde, confuso.

— Isso é respeito, AJ. Sua mãe respeita seus gostos e será assim pelo resto da vida. E mesmo que ela não seja fã de futebol, te apoiará. Entende?

— Sim. — Ele sorri. — Pai? Detesto dançar, mas a Blue adora. Toda vez que ela me chama pra dançar, eu aceito. Isso é respeito, né?

— Acho que isso é outra coisa, na verdade. — Sorrio e bagunço o cabelo dele. — Só que essa é uma aula para outro dia. — *Ou anos*, penso.

— Tá bom. — Olha novamente para a foto. — Ele era legal?

— Braden? — Ele concorda com a cabeça. — Era o melhor, todo tempo livre que tinha, dedicava a você. — Ele sorri. Meu Deus, como se parecem.

— Então ele não brigaria se soubesse que quebrei o baixo dele, né? — pergunta um pouco receoso.

Sinto o sangue gelar no corpo. Dei um dos baixos do Braden para AJ, era o mais valioso da coleção. Não no sentido material, foi o primeiro baixo dele.

Agora estava quebrado. Puta merda.

— Qual o tamanho do estrago? — Quase não consigo perguntar. AJ desata a rir ao meu lado, ri tanto que chega a dobrar na cama.

— Não quebrei — responde entre risos. — Mas a Lillith disse que você reagiria assim se eu dissesse isso.

Que maravilha, meu filho e esposa tirando sarro da minha cara. Eles me pagam!

— Ah, é? — Levanto e coloco as mãos na cintura. — Vocês não sabem com quem mexeram. — Seus olhos arregalam. Eles sabem que quando fazem isso, tem troco. Da última vez coloquei pimenta na pizza deles.

— Pai, só estava brincando — fala na defensiva.

— Eu também estarei quando me vingar de vocês. — Vou para cima dele e começo a fazer cócegas, ele se contrai rindo. Sua risada é como música para os meus ouvidos. Acabo com o ataque e o ajudo a levantar. — Entendeu tudo que eu disse?

— Entendi — responde ofegante.

— Não importa o tamanho do seu cabelo ou se tem dois, três ou cinco pais, AJ — ressalto.

— Três pais e duas mães — diz, sorrindo. Ele tinha razão, Lillith era como uma mãe para ele, e bem, existia também o “cara de bunda” na equação.

— Isso, não são fatores externos que fazem um homem, são as atitudes dele. Seu pai Braden está na lista dos melhores homens que conheci, porque

ele sabia como tratar as pessoas, sem distinção. — Eu o abraço e beijo o topo de sua cabeça.

Nunca tivemos esse tipo de conversa em casa. Verdade seja dita, temas como sexo, homossexualismo sequer eram mencionados. Meus pais nunca me perdoaram, principalmente depois do primeiro show beneficente que fizemos, onde declarei para o mundo o que Braden significou para mim.

Naquele dia não precisei saber por suas bocas, soube no coração que havia morrido para eles. Não era bom, mas talvez tenha sido o melhor, porque não é a opção sexual que define quem sou, muito menos a influência que tive. É ridículo ver como pessoas temem quando uma foto ou um beijo gay em um filme possa influenciar na orientação sexual de alguém. No máximo, servirá como uma dose de coragem para aqueles que ainda têm medo.

Nem com toda educação rigorosa que tive, fui capaz de mudar meu coração.

— Eu amo vocês — diz AJ.

— Nós também te amamos. — Bagunço o cabelo dele de novo, ele se afasta e sorri.

Estamos saindo do quarto quando ele pausa e gira para falar mais uma coisa.

— Se vocês me amam, então acho que estou perdoado por ter quebrado a sua bateria — diz com o rosto sério. Procuro algum traço de que esteja fazendo piada.

— É mais alguma de suas brincadeiras? — AJ balança a cabeça de um lado para o outro. — Você tá muito ferrado, moleque — aviso e ele começa a correr pelas escadas.

— ADAM!!!! — grito o nome dele, mas já sumiu de vista. Se bem conheço, vai se esconder na casa do Micah ou do Gael. Sim, saímos de Nova Iorque e estamos todos morando em um condomínio fechado. Só falta a cerca branca.

Ele é rápido e quando alcanço o último degrau quase esbarro na Lillith e no Yoda. O cão não desgruda dela, ele a acompanha para todo lado – mesmo estando velho.

— Nossa, o que foi? — pergunta assim que envolvo os braços por sua cintura, impedindo nosso esbarrão.

— Vou matar aquele pestinha — reclamo e ela sorri.

— A bateria, né? — pergunta olhando nos meus olhos.

— Você sabia?

— A desculpa do baixo não colou? — Não acredito nisso.

— Você deu essa ideia para ele? De me dar uma notícia ruim para tentar aliviar a outra?

— Bem... — Ela se encolhe. — Está bravo? — Tento conter o sorriso e faço a melhor cara de bravo possível.

— Vocês dois merecem ficar de castigo. — Beijo o nariz dela.

— Ele te contou como quebrou a bateria?

— Não. — Pensar no estado atual dela me deixava deprimido.

— Ele estava tentando tocar. — Ela empurra meu peito levemente, colocando uma pequena distância entre nós. Lillith me olha da cabeça aos pés, passando a língua nos lábios. Porra, meu pau aperta dentro da bermuda.

— E como ele se saiu? — Minha voz já está cheia de desejo.

— Um desastre. — Ela ri. — Mas ele disse que um dia tocará igual a você. — Ela coloca o dedo indicador no meu peito.

— Ele será melhor do que eu, se isso for mesmo o que ele quer. — Eu a puxo e beijo seu pescoço. — Por enquanto, ele passará a destruir a própria bateria. — O peito dela vibra ao dar risada.

— Tenho uma coisa para te mostrar — comenta animada e tira o celular do bolso da calça e me entrega.

— Está vendo pornô no telefone? — brinco e ela revira os olhos.

— Liga — pede e eu aperto o botão. A tela brilha e uma página da internet está aberta, é de um laboratório. — O que você quer que eu veja?

— Está vendo o botão escrito “resultado”?

— Sim? Do que se trata?

— Clica nele. — Ela parece ansiosa, seus olhos estão cheios de emoção. Faço o que ela pediu, a tela demora um pouco para atualizar e quando leio o resultado, solto um grito.

— Puta merda!

— O que é? — Ela tenta puxar o celular da minha mão, mas não deixa.

— Você... Caramba — Eu mal consigo raciocinar. — Aqui mostra que você está grávida. — Ergo o celular. Estou sem palavras, ela abre um sorriso brilhante. — E já diz o sexo! — Estou fora de mim.

— Eu sei, quando descobri a gravidez, soube que podia fazer o teste de Sexagem Fetal, queria fazer uma surpresa. — Seus olhos ficam vermelhos e ela olha para minha mão.

— Ainda não sabe o sexo?

— Não. — Ela começa a chorar. — Queria que fosse uma surpresa para

nós dois. O que é? Menino ou menina?

Santo Deus, minha cabeça está dando voltas. Ela está grávida. Nós estamos grávidos.

— Devia deixar você de castigo, sabe? Pela bateria e por me esconder a gravidez. — Seu semblante desaba.

— Mas... era uma surpresa. Não gostou? — Olho para ela, depois para o celular. Porra, o maior sorriso que já existiu se forma no meu rosto.

A minha Garota Bonita vai me dar um filho.

Ou melhor, segundo o exame, uma filha.

— Parabéns, mamãe! Você é oficialmente a rainha da casa, porque agora nós teremos uma princesinha. — Ela cobre a boca com as mãos e começa a chorar.

— Meu Deus! Não acredito — murmura e eu a pego nos braços.

— Eu te amo. Tem noção do quanto? — Beijo seus lábios, estão salgados por causa das lágrimas.

— Também te amo — diz ela, colocando a mão no meu rosto. Fecho os olhos aproveitando o momento. Ela sempre faz esse gesto comigo, mesmo após a cirurgia. Explora meu rosto com a ponta dos dedos.

— Então me prove o quanto. — Coloco as mãos em seu quadril e a puxo para mais perto, a toalha cai e ela pode sentir minha ereção.

— Não posso — diz rindo.

— Por que não?

— Porque AJ foi chamar todo mundo para comemorar a notícia. — Ela dá um sorriso sem graça. — Desculpa.

Não tenho tempo de responder, pois a porta abre e a casa é invadida pelos meus amigos gritando e batendo palmas. AJ está ao lado de Gabe, Blue está segurando a mão do Micah, Gael está com Annie no colo. Callie e Hanna também estão aqui. Logo atrás entram Mag, Dean, Troy, Mac e meus sobrinhos “aborrecentes”. Sorrio quando os vejo. Hanna é a primeira a caminhar na minha direção para me cumprimentar.

— Ah, não. Nem pensar! — grita Gael, ela para e vira para o marido.

— O que foi? — pergunta, surpresa.

— Nem fodendo vai abraçá-lo desse jeito. — Ele aponta para o meu pau que está pronto para Lillith, até que fomos interrompidos.

Ops!

AGRADECIMENTOS



Passei mais de três anos com esses personagens, e agora chegou a hora de dizer adeus. Não é fácil. Foram eles que me tornaram a escritora que sou hoje, e por isso, essa série sempre terá um lugar especial no meu coração.

Durante essa jornada contei com a ajuda de muitas pessoas. A primeira delas; Dri Harada, que mesmo do outro lado do mundo – literalmente – é quem sempre está comigo, sendo a voz da razão quando teimo em enviar os quotes mais bizarros. Peço desculpas por isso. Ou não...

Samantha Silveira, que desde o início acompanha essa jornada louca e atura minha falta de foco como nenhuma outra, obrigada por ter se tornado mais que uma parceira de trabalho. Obrigada por ter se tornado minha amiga.

Ao grupo “Leitoras CriCris”, amo vocês, meninas. Obrigada por tudo; por me acompanhar, aconselhar, puxar minha orelha quando necessário e por serem sempre sinceras comigo. À Anastacia Cabo que embarcou comigo nessa jornada de última hora, obrigada por topa esse desafio louco.

Aos leitores, obrigada pelo carinho e pela paciência, e espero que vocês tenham chegado até aqui sem querer me matar.

Aos Blogs, que sempre estão dispostos a ajudar, mesmo com tantos problemas que nosso meio literário enfrenta a cada dia. Vocês são FODAS demais.

Agradeço a minha família, que respeita meu tempo, meus sonhos e me perdoa pelos momentos de ausência – física e mental. Amor, você não vai ler, mas deixa registrado o quanto é importante para mim.

Obrigada a todos, por mais essa viagem. Sei que foi tudo um pouco INSANO, e que em alguns momentos fui INSENSÍVEL, porém, espero que essa série seja para vocês, o que ela foi para mim. INESQUECÍVEL.

PLAYLIST

INESQUECÍVEL

Don't Leave Me Behind – We Are The Fallen
Come To Me – Sebastian Ekstrand
Miss You – W.A.S.P
Not About Angels – Birdy
Love The Way You Lie – Eminem ft. Rihanna
Breakdown – Saliva
One Life – Wrethov
Skipping Stones – Claire Guerreso
You Are The Reason – Calum Scott
You Better Believe – Train
Wasting my time – Bridge to Grace
Somewhere Over The Rainbow – Israel Kamakawiwo'ole
Forgettable – Olivia Project 46
Chained to the Rhythm – Boyce Avenue
Make It Right – The George Twins
Reason Why – Nastasia
Hotel California (Remastered) – Eagles
Dancing On My Own – Calum Scott
My Escape – Ravenscode
Never Give Up – Stealing Eden
Darkness in Me – Fight The Fade
The One That Got Away – Katy Perry
On Your Side – Dixon
Every Breath You Take – Denmark
All the King's Horses – Karmina
I feel it Coming – Ali Brustofski
Sing Me to Sleep – Angelika Vee
Por Pura Curiosidad – Fonseca

Maybe It's Time – Sixx: A.M.
I Won't Let You Go (Piano Version) – Adam Tyler
Not Ready to Say Goodbye (Piano Version) – Awa
True Love Awaits You – Nordic Union
What If – SafetySuit
Stay Here Forever – Nytrix
Sweet Child O' Mine – Guns N' Roses
Going – Stockholm Syndrome
Let's Hurt Tonight – OneRepublic
Looking For Your Name – Gavin DeGraw
All You Had To Do Was Stay – Maddie Wilson
When The Fever Broke – Stone Sour
So Far Away – Martin Garrix
Fighter (Acoustic) – Seasons After
What Breaks (and What Doesn't) – Lauren O'Connell
Things Left Unsaid – Disciple
Ghost Magnetic – David Cook
So Far Away – Avenged Sevenfold
I Was Here – Beyonce

BIOGRAFIA

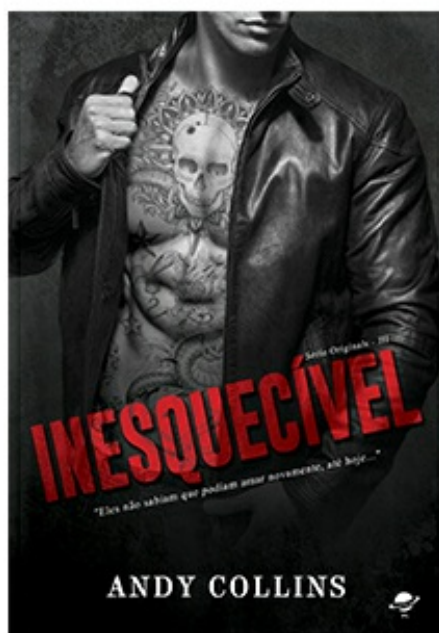
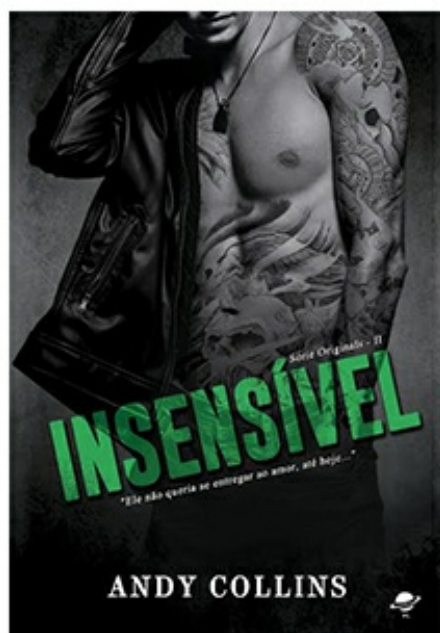
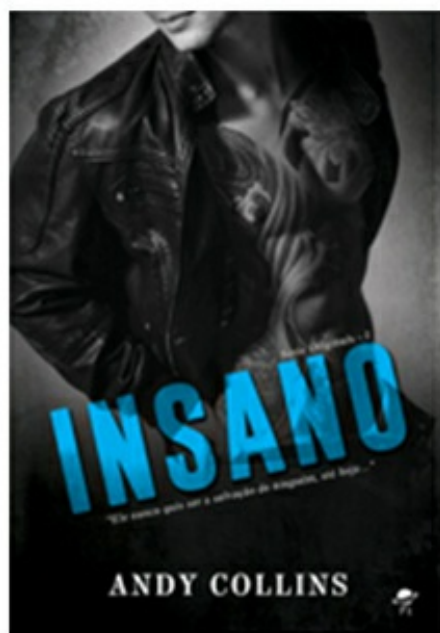
ANDY COLLINS

Andy Collins é um pseudônimo usado pela Patricia Gurjão.

Sua primeira obra publicada foi INSANO, primeiro livro da série Originals, que começou a ser postado na plataforma Wattpad e depois passou a ser publicado pela Editora PL.

Desde então, a autora já publicou de forma independente várias obras. Entre elas está FENOMENAL, COLATERAL e SENSACIONAL – que fazem parte da série Willers Family – e o conto dark ELA ESTÁ SOZINHA, e romance dark CAGE, que também teve seus direitos adquiridos para publicação.

OBRAS



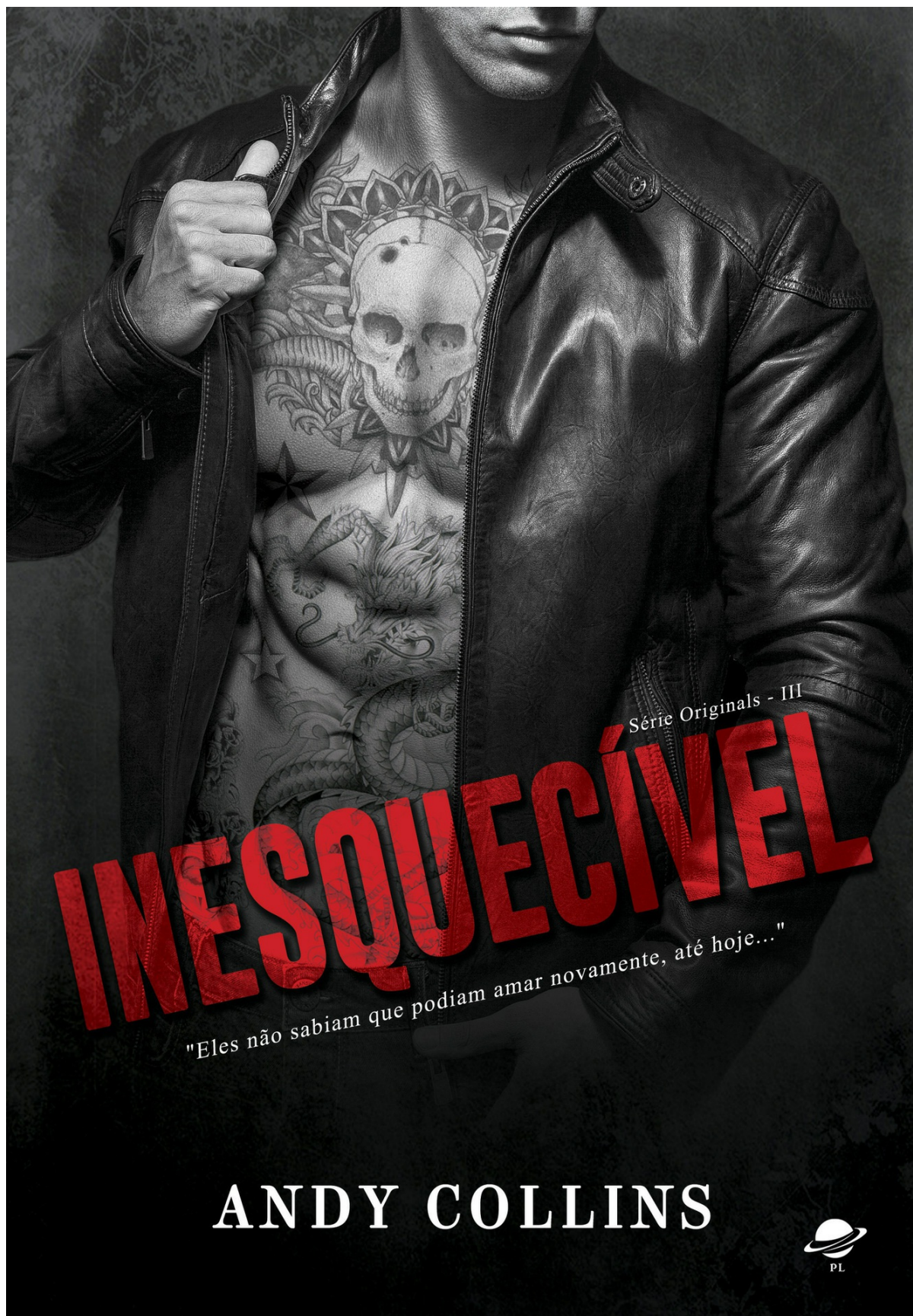


**Acesse o site da editora Ponto Literário para saber mais informações
sobre esse e outros livros:**

www.editorapl.com

1)

Poema escrito por July Galvão. [↵](#)



Série Originals - III

INESQUECÍVEL

"Eles não sabiam que podiam amar novamente, até hoje..."

ANDY COLLINS

